

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA

O CINEMA AMAZONENSE NO SÉCULO XXI (2000-2020)

Manaus – AM

2023

WALTER FERNANDES BOUÇAS JUNIOR

O CINEMA AMAZONENSE NO SÉCULO XXI (2000-2020)

Defesa de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Linha 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto

Manaus – AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bouças Junior, Walter Fernandes
B752c O cinema amazonense no século XXI (2000-2020) /
Walter Fernandes Bouças Junior . 2022
154 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na
Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Cinema. 2. Audiovisual. 3. Cultura. 4. Amazonas. I.
Vasconcelos Neto, Agenor Cavalcanti de. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

O CINEMA AMAZONENSE NO SÉCULO XXI (2000-2020)

Defesa de Dissertação em Sociedade e Cultura na Amazônia, do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas. Linha de pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimento.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto (Presidente)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Professor Doutor Sérgio Ivan Gil Braga (Membro)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Professor Doutor Gustavo Soranz Gonçalves (membro)

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. Universidade Estadual Paulista (FAAC/UNESP)

Professor Doutor Sávio Luís Stoco (Suplente)

Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES/UFPA)

Professor Doutor Harald Sá Peixoto Pinheiro (Suplente)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Manaus, 28 de abril de 2023.

*Dedicado a minha mãe Regina Glória,
a minha esposa Talita,
e ao meu filho Daniel,
que nasceu durante o processo.*

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que participaram do processo da (re)instauração da produção cinematográfica amazonense, no início do século XXI, que se dispuseram a relatar sua experiência por meio de depoimentos como: Chicão Fill, Gustavo Soranz, Ivano Cordeiro, Izis Negreiros, Junior Rodrigues, Marcos Tupinambá, Michelle Andrews, Saleyna Borges, Sérgio Andrade, Thiago Morais e Veralúcia Ferreira de Souza.

À Prof. Dra. Selda Vale da Costa que, com muito carinho, sinceridade e sabedoria, me ajudou a desenvolver com mais clareza o meu objeto de pesquisa e, também, a encontrar, com a sua preciosa indicação, o meu orientador, Prof. Dr. Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto.

À Andressa Yamamoto, responsável pela Divisão de Documentação do Museu Amazônico (UFAM), pelo acesso ao acervo de material jornalístico impresso que cobria o período abordado.

À Áurea Leite, do Museu da Imagem e do Som do Amazonas, pela gentileza e confiança em me ceder temporariamente as fitas VHS mofadas, que continham os primeiros filmes realizados em Manaus no novo século, para que fosse realizada uma limpeza e, posteriormente, uma transcrição para DVD.

À Saleyna Borges e Thiago Morais, por fornecerem diversos recortes de notícias de jornal com informações sobre os festivais de cinema e os principais acontecimentos relacionados ao cinema amazonense da época abordada.

Ao Prof. Dr. Gustavo Soranz, por me presentear com os livros de sua autoria sobre o cinema amazonense e, também, por me recomendar outros livros sobre cinema de outros autores.

Ao Junior Rodrigues, pelo acesso aos diversos curtas metragens realizados nas oficinas de cinema e exibidos nos festivais de cinema que produziu e coordenou.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) por ter me concedido uma bolsa de estudos que possibilitou a minha dedicação a essa pesquisa.

RESUMO

O objetivo dessa dissertação consiste em estabelecer a construção de uma história do cinema amazonense contemporâneo iniciada no século XXI. A abordagem da pesquisa foi constituída, principalmente, a partir de depoimentos, catálogos de festivais, informativos e notícias jornalísticas, fundamentada no conceito da obra “A tônica da descontinuidade: cinema e política em Manaus na década de 60”, de Narciso Lobo. Considerando o salto tecnológico que simplificou a funcionalidade dos meios comunicação proporcionando o acesso à tecnologia digital para a produção de filmes, é necessário reconhecer e analisar as contribuições, tanto as de iniciativa própria, quanto as que compreendem as políticas públicas, para que a cultura cinematográfica no Amazonas se intensificasse e se destacasse em âmbitos nacional e internacional.

RESUME

The purpose of this research is to establish the construction of a history of contemporary Amazonian cinema that began in the 21st century. The research approach was constituted, mainly, from testimonials, festival catalogues, newsletters and journalistic news, based on the concept of the work “The tone of discontinuity: cinema and politics in Manaus in the 60s”, by Narciso Lobo. Considering the technological leap that simplified the functionality of the means of communication, providing access to digital technology for film production, it is necessary to recognize and analyze the contributions, both those of its own initiative, and those that comprise public policies, so that cinematographic culture in Amazonas to intensify and stand out at national and international levels.

Lista de imagens do anexo:

1. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica sem data identificada. Acervo: Junior Rodrigues.
2. Matéria jornalística publicada no jornal A Gazeta Mercantil Amazonas em 25 de julho de 2000. Acervo: Junior Rodrigues.
3. Matéria jornalística publicada no jornal A Crítica em 14 e 15 de maio de 2000. Acervo: Junior Rodrigues.
4. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica 27 de julho de 2000. Acervo: Junior Rodrigues.
5. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica em 16 de março de 2004. Acervo: Saleyna Borges.
6. Matéria jornalística publicada no jornal Amazonas Em Tempo em 23 de novembro de 2004. Acervo: Saleyna Borges.
7. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica em 24 de setembro de 2003. Acervo: Saleyna Borges.
8. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica 28 de setembro de 2005. Acervo: Saleyna Borges.
9. Matéria jornalística publicada em 2003 sem informação de data e identificação do veículo de comunicação. Acervo: Saleyna Borges.
10. Matéria jornalística publicada em 2004 sem informação de data e identificação do veículo de comunicação. Acervo: Saleyna Borges.
11. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica em 19 de novembro de 2003. Acervo: Saleyna Borges.
12. Anúncio impresso do evento *Around the Amazonas in 80 minutes* realizado em 2003 na Universidade do Texas. Acervo: Saleyna Borges.
13. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica em 08 de junho de 2004. Acervo: Saleyna Borges.
14. Matéria institucional publicada na revista Amazonas Cultura, da Secretaria de Estado de Cultura, em agosto de 2005. Acervo: Saleyna Borges.
15. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica em 12 de janeiro de 2005. Acervo: Saleyna Borges.

16. Matéria jornalística publicada sem informação de data e identificação do veículo de comunicação. Acervo: Saleyna Borges.
17. Matéria jornalística publicada em 2003 sem informação de data e identificação do veículo de comunicação. Acervo: Saleyna Borges.
18. Matéria jornalística publicada no jornal A Crítica em 09 de janeiro de 2004. Acervo: Saleyna Borges.
19. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica em 02 de março de 2008. Acervo: Saleyna Borges.
20. Matéria jornalística publicada no caderno Bem Viver do jornal A Crítica em 28 de outubro de 2012. Acervo: Saleyna Borges.
21. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 04 de novembro de 2004. Acervo: Hemeroteca Digital.
22. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 01 de dezembro de 2004. Acervo: Hemeroteca Digital.
23. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 01 de dezembro de 2003. Acervo: Hemeroteca Digital.
24. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 04 de junho de 2004. Acervo: Hemeroteca Digital.
25. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 16, 17 e 18 de outubro de 2004. Acervo: Hemeroteca Digital.
26. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 31 de agosto de 2004. Acervo: Hemeroteca Digital.
27. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 02 de dezembro de 2004. Acervo: Hemeroteca Digital.
28. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 18 de outubro de 2005. Acervo: Hemeroteca Digital.
29. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 07 de julho de 2005. Acervo: Hemeroteca Digital.
30. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 07, 08 e 09 de maio de 2005. Acervo: Hemeroteca Digital.
31. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 17 de janeiro de 2006. Acervo: Hemeroteca Digital.
32. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 22 de fevereiro de 2006. Acervo: Hemeroteca Digital.

33. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 25 de abril de 2006. Acervo: Hemeroteca Digital.
34. Matéria jornalística publicada no Jornal do Commercio em 26 de setembro de 2001. Acervo: Hemeroteca Digital.
35. Recorte da apresentação do catálogo do evento *Around the Amazonas in 80 minutes* realizado em 2003 na Universidade do Texas. Acervo: Saleyna Borges.
36. Recorte da apresentação do catálogo do evento *Around the Amazonas in 80 minutes* realizado em 2003 na Universidade do Texas. Acervo: Saleyna Borges.
37. Matéria jornalística publicada no jornal A Crítica em 2006. Acervo: Saleyna Borges.
38. Capa do catálogo da 1ª Mostra Amazônica do Filme Etnográfico realizado em 2006. Acervo: Saleyna Borges.
39. Catálogo da 1ª Festival Curta 4 realizado em 2005. Acervo: Saleyna Borges.
40. Material institucional publicado em 2005 sem informações de data e veículo de comunicação. Acervo: Saleyna Borges.
41. Material institucional publicado em 2005 sem informações de data e veículo de comunicação. Acervo: Saleyna Borges.
42. Informe promocional com a programação do Festival Amazonas Filmes 1 realizado em 2002.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O RENASCIMENTO DO CINEMA AMAZONENSE NO SÉCULO XXI	16
2. OS PRINCIPAIS FESTIVAIS DE CINEMA NO AMAZONAS	45
2.1 AMAZONAS FILM FESTIVAL (2004-2013)	45
2.2 FESTIVAL UM AMAZONAS (2002-2016)	74
2.3 MOSTRA AMAZÔNICA DO FILME ETNOGRÁFICO (2006-2011).....	83
3. O ENSINO DO AUDIOVISUAL NO AMAZONAS	88
3.1 PROJETO JOVEM CIDADÃO (2007-2014)	88
3.2 PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA NA UNINORTE (2010-2012)	90
3.3 CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (2013-2017)	91
4. OS ESPAÇOS DE EXIBIÇÃO PARA O CINEMA ALTERNATIVO	95
4.1 CINE CASARÃO.....	95
4.2 CINE & VÍDEO TARUMÃ.....	96
5. AS POLÍTICAS CULTURAIS E O PERCURSO DE PRODUTORAS E COLETIVOS AUDIOVISUAIS DE MANAUS	97
5.1 COLETIVO DIFUSÃO	100
5.2 GRUPO PICOLÉ DA MASSA	100
5.3 ARTRUPE	102
5.4 LEÃO DO NORTE AUDIOVISUAL	102
5.5 EPARRÊI FILMES	103
6. AS PARTICULARIDADES DE UM NOVO CINEMA AMAZONENSE	104
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
9. REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS	117
ANEXO – INFORMES, MATÉRIAS JORNALÍSTICAS e IMAGENS DE CATÁLOGOS	119

INTRODUÇÃO

A cultura cinematográfica brasileira ainda se situa plenamente influenciada sob uma conexão unilateral com o predominante cinema produzido e distribuído pelos Estados Unidos. Todo o interesse dos distribuidores e exibidores nacionais gira em torno, copiosamente, do cinema norte-americano ou, em menor escala, do europeu, mantendo o mercado brasileiro saturado pelo produto estrangeiro. A consequência é que os filmes nacionais são obrigados a enfrentar a absoluta falta de interesse do circuito comercial, conseguindo exhibições somente devido a política da cota de telas – um mecanismo que obriga a exibição, por parte das salas comerciais de cinema, de filmes de longa-metragem brasileiros. O mercado cinematográfico brasileiro não revelou ser capaz de construir uma grande demanda comercial constante e não apresentou uma política de resistência às imposições culturais dessa hegemonia (GOMES, 1980).

Historicamente, a distribuição cinematográfica no Brasil demonstra que apenas as companhias distribuidoras de filmes estrangeiros mantiveram a sua posição intacta, ao longo dos anos, no mercado nacional. A falta de políticas eficientes como medidas de apoio e de proteção à indústria nacional voltadas para a produção, a distribuição e a internacionalização do cinema brasileiro é o aspecto considerado responsável pela ocupação do cinema norte-americano nas salas de cinema do circuito comercial brasileiro (GATTI, 2008).

Segundo a ANCINE, o painel de dados gerais dos resultados do cinema brasileiro que dá conta dos valores arrecadados em bilheterias nas salas pelo país mostra que, de 2022 até fevereiro de 2023, os filmes nacionais arrecadaram quase R\$ 80 milhões enquanto os estrangeiros somaram mais de R\$ 2 bilhões. Diante desse contexto econômico relacionado ao cinema nacional, que até agora perdura, consideram-se como estão postas as dificuldades de estabelecer uma cultura cinematográfica com características próprias em um estado periférico como o Amazonas.

Inicialmente, na história do cinema brasileiro, temos a personalidade de Silvino Santos¹ (1886-1970) como um dos precursores. A maior parte de sua produção foi realizada no estado do Amazonas. Mesmo assim, o cinema amazonense não se

¹ Silvino Simões Santos Silva (1886-1970) foi um fotógrafo e cineasta português que se estabeleceu em Manaus. Pioneiro do cinema brasileiro, realizou diversos filmes, sendo que o mais importante foi o “No Paiz das Amazonas” (1921).

desenvolveu como se imaginava e, por muito tempo, essa produção cinematográfica permaneceu quase que totalmente paralisada. Sempre há a frustração de uma expectativa sobre uma produção regional regular e relevante. E a frustração se deu num plano mais amplo, resultado de um fortalecimento estratégico de concentração do poder político e econômico do centro-sul (LOBO, 1994).

O professor e escritor Narciso Lobo (1994) identificou em sua obra “A tônica da descontinuidade: cinema e política em Manaus nos anos 60” esse processo cultural interrompido, da invisibilidade de Silvino Santos e dos cinéfilos do movimento cineclubista que se aventuraram na produção de filmes e acabaram esquecidos pelas novas gerações. Ao mesmo tempo em que a cultura cinematográfica no Amazonas parece padecer, como se viesse em ondas, que se quebram e se misturam novamente, com a entrada do século XXI e a tecnologia digital prevalecendo progressivamente no cotidiano de qualquer pessoa, de qualquer lugar, pode se esperar que essa descontinuidade na produção cinematográfica amazonense não aconteça novamente. Ao final do livro, Narciso Lobo parece prever melhores dias quando afirma, em sua última frase, que, no entanto, nem tudo está perdido: “o uirapuru está cantando” (LOBO, 1994).

A metodologia da pesquisa foi inspirada e estabelecida pela reconstituição da memória e da história aplicada por Narciso Lobo em “A tônica da descontinuidade: cinema e política em Manaus nos anos 60”. Diante da escassez de uma bibliografia básica para a fundamentação de como uma cultura cinematográfica ressurgiu de forma mais contundente no Estado do Amazonas durante o período abordado (2000-2020), procurei como fontes básicas para a pesquisa, matérias e entrevistas publicadas em jornais impressos e portais na internet, como o Jornal do Commercio, o Amazonas em Tempo, o suplemento Bem Viver do jornal A Crítica e o portal Cine Set, além da consulta aos catálogos das mostras e festivais realizados em Manaus.

Durante a pesquisa em busca de informações para o desenvolvimento do primeiro ao quarto capítulo, sobre como começou esse “renascimento” do cinema amazonense a partir do ano 2000, motivado pela iniciativa das oficinas de cinema utilizando equipamentos de vídeo analógico e digital e com a implantação da Amazonas Film Commission nesse período, decidi também coletar depoimentos de algumas pessoas que participaram desse processo inicial, como, Junior Rodrigues, Veralúcia Ferreira de Souza, Sérgio Andrade, Chicão Fill, Ivano Cordeiro, Saleyna Borges, Izis Negreiros, Thiago

Morais e Gustavo Soranz. O resgate dessa memória cultural ainda não escrita, mas parcialmente documentada por meio de notícias dos jornais impressos daquele período foi reveladora ao apresentar personagens até então pouco conhecidos no ambiente cinematográfico amazonense contemporâneo.

Para desenvolver a ideia desse renascimento do cinema amazonense a partir do ano 2000, do primeiro ao quarto capítulo coloco a questão de como foram as circunstâncias para a ideia e a viabilização dos festivais de cinema que aconteceram em Manaus nos últimos vinte anos, lançando um olhar para alguns filmes amazonenses que sugerem o (re)início de uma cultura cinematográfica que se tornaria mais madura e que está em pleno vigor nos dias de hoje.

Mesmo que boa parte da produção de filmes independentes no Amazonas seja ainda realizada de forma caseira e amadora, até pelas facilidades tecnológicas, as políticas culturais, em todas as esferas, exercem o papel de incrementar e dar suporte a uma produção cinematográfica no Amazonas mais profissional através de editais de fomento à cultura, o que está dando resultados positivos em níveis nacionais e internacionais.

Essas inferências das políticas culturais dentro do panorama do cinema amazonense atual é o assunto do quinto capítulo, onde é possível apontar a organização e a profissionalização das pequenas produtoras de audiovisual estimuladas a partir do lançamento de editais federais, estaduais e municipais. A trajetória emergente dessas produtoras é marcada pelo encontro de profissionais do audiovisual que estão ligados ao passado das oficinas e dos festivais de cinema.

No sexto capítulo, desenvolvo algumas particularidades centrais dos filmes que foram selecionados e premiados em diversos festivais de cinema no Brasil e no exterior. Sem haver qualquer interrupção no processo de desenvolvimento de uma cultura cinematográfica no Amazonas e sem uma “tônica da descontinuidade” que force sempre um novo começo partindo do zero, surge um “novo” cinema amazonense que está em transformação constante, e a cada ano que se passa, consegue se aproximar de um conceito tão discutido e desejado que é ser amazônico. Mas como “o uirapuru está cantando”, esse cinema será amazônico e universal.

A hipótese é que o desenvolvimento da cultura cinematográfica no Amazonas no século XXI deu-se, com mais consistência, a partir do surgimento das oficinas de cinema,

com o retorno da produção de filmes realizados por amazonenses. As características desses filmes, analisadas em conjunto, permitem observar que as suas qualidades estéticas, associadas ao contexto histórico, contribuíram tanto para a criação de festivais de cinema no Amazonas, quanto para o crescimento de artistas audiovisuais locais. Apesar da precariedade desses filmes, a repercussão dessa produção é subestimada e desvalorizada, e ainda não é percebida por completo em sua importância histórica para o cinema amazonense. Trata-se de resistir ao esquecimento eventual que geralmente é destinado a essas produções, que são precárias, não comerciais e realizadas por pessoas sem vínculo acadêmico.

1. O RENASCIMENTO DO CINEMA AMAZONENSE NO SÉCULO XXI

No decorrer do século XX, o cinema realizado no Amazonas teve como particularidade específica a intermitência nas atividades da produção cinematográfica. Do final dos anos 1920, com as produções institucionais e documentárias do cineasta Silvino Santos, patrocinadas por empresários da região, até o início dos anos 1960, com o surgimento de cineclubes mais atuantes, liderados por jornalistas e intelectuais, que estimularam livres iniciativas na produção de curtas metragens nos formatos Super 8² e 16 mm³ e na realização de festivais de cinema em Manaus, houve uma enorme lacuna relacionada à produção cinematográfica no Amazonas. O cinema produzido em Manaus nesse período ainda não é incluído com relevância na história do cinema brasileiro como parte da série de ciclos regionais de pequena duração (Recife, Porto Alegre, Cataguases). Todos esses ciclos possuem histórias semelhantes: entusiasmo inicial, realizações precárias, algum sucesso local, dificuldades num mercado dominado pelo produto estrangeiro, final prematuro. Conforme afirma Escorel:

O que os historiadores chamam de “ciclos” nada mais é do que o intervalo de tempo, em geral relativamente curto, entre as grandes expectativas e as crises que têm pontuado a história do cinema brasileiro. É um eterno recomeçar que viveu um dos momentos de expectativas mais positivas, posteriormente frustradas, nos anos 70 e que estaria então, ainda uma vez, vencendo uma doença terminal. A reincidência desse processo deveria servir como um sinal de alerta. A lição da história indica que a euforia pode ser passageira. Afinal, as crises parecem ser um traço definidor do nosso caráter subdesenvolvido. (SCOREL, 2005, p. 14).

Os cineastas amazonenses revelados durante os festivais de cinema realizados em Manaus, como o Festival de Cinema Amador do Amazonas (1966)⁴ e o Festival Norte de Cinema do Amazonas (1969)⁵ não seguiram uma carreira mais duradoura dentro da

² É um formato cinematográfico lançado nos anos 1960 pela Kodak como um aperfeiçoamento do antigo formato 8 mm.

³ É um formato cinematográfico que foi introduzido pela Kodak em 1923 para o mercado de cinema doméstico. Durante décadas foi a bitola mais utilizada por cineastas independentes em documentários e filmes experimentais.

⁴ Realizado em Manaus entre os dias 17 e 23 de novembro, no auditório Alberto Rangel, localizado na Biblioteca Pública do Estado.

⁵ Realizado em Manaus entre os dias 19 e 26 de outubro, no Cinema Odeon, em comemoração ao Tricentenário de Manaus.

produção cinematográfica. Ivens Lima⁶, Normandy Litaiff⁷, Felipe Lindoso⁸, Guilherme Santos⁹, Raimundo Feitosa¹⁰, Aldísio Filgueiras¹¹, Geraldo Russo¹², Almir Pereira¹³ e Terezinha da Silva Manguiera¹⁴ realizaram somente curtas metragens. Apenas Roberto Kahané¹⁵, que seguiu uma trajetória que inclui produções para a TV e trabalhos de restauração da obra de Silvino Santos, e Márcio Souza¹⁶, escritor de dezenas de livros sobre a Amazônia, e sobre o próprio cinema, além de peças de teatro, conseguiram produzir mais filmes incluindo realizações de médias e longas metragens. Segundo Narciso Lobo (1994, p.180):

Silvino simboliza muito bem a descontinuidade do processo cinematográfico no Amazonas. Assim como o seu trabalho permaneceu inacessível, por muito tempo, aos jovens que realizaram cinema nos anos sessenta, o mesmo fenômeno se verifica, hoje, com as obras realizadas por Kahané, Ivens, Litaiff, Márcio e outros. (...) Assim, a produção artesanal de Silvino, nos anos vinte, tem caráter diferente, é financiada por empresas, nos anos sessenta, as produções são livres iniciativas, mais politizadas. O salto para o industrial é que não se dá.

Esse polo industrial voltado para a cultura nunca foi criado, mesmo com a cidade de Manaus passando por um processo de modernização industrial com a implantação de um modelo de produção de bens de consumo como a Zona Franca de Manaus¹⁷. Pelo menos podemos dizer que esse período (1960-1990) marca também o surgimento de uma

⁶ Radialista, cineclubista, crítico de cinema e apresentador de televisão, foi um dos nomes mais importantes da história do cinema amazonense. Apresentava o programa “Cinemascope no Ar”, na Rádio Rio Mar e realizou o curta-metragem “Harmonia dos Contrastes”.

⁷ Fotógrafo e realizador do curta-metragem “Carniça”, que foi o vencedor do Festival de Cinema Amador do Amazonas em 1966.

⁸ Jornalista, tradutor e editor. Realizou curtas metragens em parceria com o cineasta Roberto Kahane.

⁹ Filho de Silvino Santos. Realizou o curta-metragem “A enchente de 1953”.

¹⁰ Realizou o curta-metragem “Plástica e movimento” em parceria com o cineasta Roberto Kahane.

¹¹ Poeta, jornalista e compositor. Um dos fundadores do Teatro Experimental do SESC (TESC).

¹² Realizou o curta-metragem “Riscos”.

¹³ Realizou o curta-metragem “Claustro escuro”.

¹⁴ Realizou o curta-metragem “Nonata”.

¹⁵ Realizou os filmes “Igual a mim, igual a ti”; “Um pintor amazonense”; “Plástica e movimento”; “Silvino Santos, o fim de um pioneiro”, “Fragmentos da terra encantada”, “1922 – A exposição da independência”, “Vale quem tem” e “A propósito de futebol”.

¹⁶ Jornalista, dramaturgo, editor, roteirista e escritor. Realizou o primeiro longa-metragem de ficção do Amazonas, “A selva” (1972).

¹⁷ É um modelo de desenvolvimento econômico implantado pelo governo federal com o objetivo de viabilizar uma base econômica na região amazônica, além de tentar promover a melhor integração produtiva e social dessa região ao país.

consciência cultural sobre a representação da Amazônia, no sentido de um interesse em interpretá-la a partir de um ponto de vista interno (SORANZ, 2022).

Esse período que engloba o fim dos anos 1960 até o fim do século XX não foi tão improdutivo quanto o intervalo entre a última produção de Silvino Santos e o advento dos filmes produzidos para os festivais de cinema realizados em Manaus. Mesmo com todas as dificuldades encontradas para se produzir um filme no Amazonas, numa época em que a produção cinematográfica era completamente centralizada entre Rio e São Paulo, alguns cineastas conseguiram tal feito. Alguns dos filmes de cineastas amazonenses que obtiveram uma repercussão nacional foram “A Selva” (1972), de Márcio Souza, uma adaptação do romance do escritor português Ferreira de Castro e o primeiro longa-metragem de ficção do Amazonas, e “O Cineasta da Selva” (1997), de Aurélio Michiles¹⁸, que fez parte do movimento da Retomada¹⁹ do cinema brasileiro após o esvaziamento do arcabouço estatal, que sustentava a maior parte da produção cinematográfica nacional, promovido pelo governo Collor (1990-1992).

Até o início do século XXI, a cultura cinematográfica em Manaus vinha se desenvolvendo não apenas por meio da programação de filmes na TV e do cinema comercial, mas também pelos cineclubes, que proporcionaram exibições de filmes que estavam fora do circuito comercial de exibição, pelas locadoras de vídeo e pelos críticos de cinema locais que publicaram seus textos em jornais e revistas. Toda essa cinefilia foi amadurecendo com o passar das décadas e se alterando de acordo com as mudanças tecnológicas que acabaram por modificar a forma de assistir e produzir filmes. Segundo Antoine de Baecque (2010, p. 32-34):

nossos predecessores fetichizaram filmes e autores. Quanto a nós, lastimamos o fim das salas de cinema e das paixões cinéfilas vividas pelos nossos predecessores. Por conseguinte, tudo mudava: não se tratava mais de sacralizar apenas cineastas, mas também críticos, não apenas filmes, mas também textos,

¹⁸ Realizador de longas metragens documentários como “Que viva Glauber” (1991), “A agonia do mogno” (1992), “Lina Bo Bardi” (1993), “Davi contra Golias, Brasil Caim” (1993), “O cineasta da selva” (1997), “Teatro Amazonas” (2002), “Tudo por amor ao cinema” (2014) e “Segredos do Putumayo” (2020). Sua obra em cinema e televisão tem como foco a região e os povos amazônicos.

¹⁹ Retomada é a expressão usada para designar o cinema feito no Brasil entre 1995 e 2002, quando, após um período de quase estagnação, a estruturação de um sistema de incentivos fiscais favorece uma nova fase de fomento à produção cinematográfica (Enciclopédia Itaú Cultural).

não apenas o cinema, mas a cinefilia. (...) A cinefilia, considerada como maneira de assistir filmes, falar deles e em seguida difundir esse discurso, tornou-se então uma necessidade, para mim a maneira correta de considerar o cinema em seu contexto. (...) Se o cinema é a metáfora das relações comunitárias no século XX ocidental, a cinefilia seria sua versão clandestina, seu prolongamento individual sob a forma de um ritual íntimo.

No entanto, o ressurgimento da produção cinematográfica no Amazonas ocorreu no início do século XXI de forma bem mais consistente do que nos períodos anteriores. Por meio de algumas iniciativas livres de pessoas que trabalhavam ou desejavam trabalhar com o cinema e o momento da proliferação das câmeras digitais a preços acessíveis, começaram a despontar as oficinas de vídeo digital com a intenção de estimular o surgimento de novos cineastas locais oferecendo a possibilidade da realização de diversos curtas metragens.

A personalidade central desse movimento, que inaugurou de forma empírica o início de um novo ciclo de produção no cinema amazonense, foi o ator, produtor e diretor Junior Rodrigues. Nascido no município de Anori, interior do Amazonas, começou a trabalhar aos quinze anos no filme alemão “A canoa, o peixe e a serpente - uma viagem fluvial na Amazônia” (1984), de Herbert Brödl²⁰, realizado em Barcelos. Após essa produção realizou outros filmes com esse mesmo diretor na função de assistente de direção. Junior Rodrigues não possuía as características comuns de um cinéfilo da cidade, como frequentar cinemas, comprar revistas especializadas e ler críticas. O mundo do cinema chegou a ele por acaso, conforme afirma em entrevista:

“Eu fui passar umas férias em Barcelos e acabei encontrando uma equipe alemã que estava fazendo um longa-metragem. (...) Quando eu vi essa equipe eu não me interessei nem um pouco por isso (...) E um cara me vendo, me chamou para ajudar na equipe (...), para ser o assistente de produção. Estava sem grana, fui lá e acabei topando a parada. (...) E fui fazendo essa escola na prática sem nunca ter pensado na vida em ser cineasta. O start da minha carreira mesmo foi em 1995, quando a gente foi fazer um filme na África. (...) nesse filme da África eu descobri que era possível, pela primeira vez, fazer cinema com pessoas que nunca fizeram filmes, pessoas que, pela primeira vez na vida, tinha ouvido falar de uma equipe de filmagem, de uma câmera.” (RODRIGUES, 2013)

²⁰ Herbert Brödl, nascido em St. Pölten, Áustria, em 1949, estudou Filosofia na Universidade de Viena de 1969 a 1973. Desde 1976, escreveu e dirigiu filmes no Peru, Itália, África do Sul, Vanuatu, Benin, Zimbábue e São Tomé e Príncipe, além de oito filmes no Brasil. Seus filmes habitam a região de fronteira entre o documentário e o ficcional, mesclando atores amadores com profissionais. De 1993 a 2007 trabalhou em seis filmes com locações e histórias em regiões equatoriais (IMDB).

Em entrevista concedida para o portal Cine Set em 2013, Junior Rodrigues afirma que é um cineasta autodidata e nunca foi um cinéfilo porque passou boa parte de sua vida numa realidade que não permitia essa oportunidade. Tornou-se um trabalhador da área cinematográfica, atuando nos departamentos de produção e direção. Com a experiência adquirida nesses filmes internacionais percebeu que era necessário transmitir o seu conhecimento para as pessoas da sua região, do seu estado, da sua cidade. Com o exemplo de Junior Rodrigues, verifica-se que o cinema amazonense não retornou por meio de pessoas com formação acadêmica e intelectual e reconhecimento na sociedade. A arte do cinema proporcionou o acolhimento e o desenvolvimento das ideias e vivências de Rodrigues, mesmo sem uma formação clássica na área. O interesse por incentivar um início de uma nova produção cinematográfica em sua região confirma a sua função social. Para Gramsci (1932, p.6):

Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais. Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão-somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso (...) todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar.

Junior Rodrigues pertence à classe trabalhadora e nos intervalos entre uma produção e outra do cineasta austríaco Herbert Brödl se ocupava trabalhando como técnico de eletrônica (aprendeu a consertar televisão), caixa de supermercado, entre outras atividades menos valorizadas pela sociedade. Posteriormente tornou-se professor indígena para a etnia Waimiri-Atroari, localizada entre Roraima e o Amazonas. Mesmo sem uma formação acadêmica e com um conhecimento menos aprofundado sobre a estética cinematográfica, embora tendo como referência intelectual o escritor Jean-Claude Bernardet²¹, do qual tornou-se amigo após conhecê-lo durante a filmagem de “A cor dos pássaros” (1989), de Herbert Brödl, Junior Rodrigues começou a produzir oficinas de

²¹ Nascido na Bélgica, veio para o Brasil com a sua família aos 13 anos, naturalizando-se brasileiro em 1964. É um pesquisador de cinema, crítico cinematográfico, cineasta e escritor.

cinema em Manaus com o intuito de estimular, principalmente nos jovens, a ideia de uma visão da Amazônia de “dentro para fora” na perspectiva cinematográfica. De acordo com os novos prismas relacionados a um novo pensar sobre a Amazônia, Ioris & Ioris (2022, p.15-16) dizem que:

Ao invés de ser um mundo à parte, a Amazônia foi, desde sempre, *locus* privilegiado da história do capitalismo e área de cobiça de sociedades estrangeiras que ali se dedicaram a explorar as vidas e as riquezas locais. (...) A um passado precariamente reconstruído e violências associadas, frequentemente demais aceitas em nome de uma suposta “civilização”, somam-se interpretações reducionistas e utilitaristas que continuam a inspirar processos de privatização, proletarização e especulação. A Amazônia precisa, pois, ser novamente pensada, questionada, percebida e invocada de novas formas e maneiras, em especial quanto aos impactos da modernização e da (perene) colonialidade. (...) Tarefa que se torna ainda mais urgente dada a necessidade de entender a sinergia criada pela interação entre os velhos e os novos desafios colocados pelo século XXI.

De certa forma, esse conceito de ressignificar o imaginário amazônico já havia sido colocado em prática na produção de curtas-metragens já na década de 1960 como “Carniça”, de Normandy Litaiff, “Um Pintor Amazonense”, de Roberto Kahane, e “Harmonia dos Contrastes”, de Ivens Lima. Esses três curtas metragens foram contemplados com prêmios no I Festival de Cinema Amador do Amazonas e colocavam em discussão assuntos sociais, políticos e econômicos no âmbito da cultura amazonense. Imprimiram uma linguagem cinematográfica mais moderna, e ao mesmo tempo regional, escapando das narrativas mais convencionais do cinema norte-americano. Só que não houve continuidade dessa produção. Em artigo publicado no Jornal do Comércio (1987), o escritor Renan Freitas Pinto²² avalia que

“os tempos são mesmo outros. As questões e as lutas se dão por caminhos bem distintos daqueles que foram trilhados, no caso de Manaus da década de 60. (...) A defesa de uma autonomia cultural regional parece mesmo uma utopia se considerarmos todas essas forças e movimentos em conjunto. Mas algo nos faz crer que ela renasce dos gestos de querer transformar as particularidades locais e regionais em elementos substantivos da Nação, como na verdade tem sido, de um ou outro jeito.”

²² Pesquisador e professor titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Junior Rodrigues teve a oportunidade de viajar para a Europa para trabalhar com o cineasta Herbert Brödl, que o incentivou a estudar cinema na Alemanha e na Itália, mas não conseguiu se adaptar aos costumes de outra cultura e, também pela dificuldade de aprendizado do idioma estrangeiro. Após três meses no exterior, retornou para Manaus, mas, pouco tempo depois, foi morar em São Paulo e participou de algumas oficinas de cinema em centros culturais de São Paulo sob a tutela do amigo Jean-Claude Bernardet.

Em 1998, trabalhou novamente com o cineasta Herbert Brödl, na produção alemã “*Früchtchen - Am Äquator ist alles möglich*” (“Frutinha - No Equador tudo é possível”)²³, realizada em São Tomé e Príncipe, na África. Lá se encantou com a capacidade de trabalho de um não-ator que fazia parte do elenco do filme, e que também era analfabeto. Além disso, percebeu que o trabalho no cinema tinha o poder de abrigar qualquer pessoa, de qualquer cultura, sem preconceitos. No ano seguinte, a parceria entre Junior Rodrigues e Herbert Brödl continuou dentro de outra produção cinematográfica, o longa-metragem “*Bad Boy*” (2000), a ser realizado em Anori, no Estado do Amazonas. Nessa produção, o diretor Herbert Brödl solicitou a contratação de profissionais de cinema locais que pudessem chegar a 80% da equipe completa. Junior Rodrigues, que trabalhava como produtor local, descobriu, conforme seu relato, que não havia profissionais ligados ao audiovisual no Amazonas que estivessem devidamente preparados para assumir a competência e a responsabilidade que uma produção internacional exigia²⁴.

Esse deslumbre com a ideia de que para trabalhar com o cinema não era necessário ter uma formação escolar básica, combinada com a pequena experiência como aluno em oficinas de cinema em São Paulo, e a absoluta ausência de profissionais de cinema na região amazônica, fez com que o autodidata Junior Rodrigues pensasse que o formato de oficina ou *workshop*, mais curto e voltado para a prática, seria o estímulo ideal para uma iniciação na formação de cineastas em Manaus. Atingindo majoritariamente um público mais jovem e sem qualquer tipo de experiência anterior relacionada ao audiovisual, a proposta era formar pessoal que posteriormente pudesse também servir de mão de obra qualificada para o trabalho no ramo cinematográfico.

²³ Tradução livre. Esse filme não foi lançado comercialmente no Brasil.

²⁴ Informações registradas em depoimento de Junior Rodrigues gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

Paralelamente à iniciativa de Junior Rodrigues em levar o conhecimento da linguagem cinematográfica para Manaus, ocorria um outro movimento, o qual também implicaria nessa base do ressurgimento do cinema no Amazonas no início do século XXI, que foi a criação da *Amazonas Film Commission*.

Em entrevista concedida para o portal Cine Set em 2015, a ex-assessora da Secretaria de Estado de Cultura (SEC), Saleyna Borges, disse que a

“*Amazonas Film Commission* foi estabelecida em 2000, mas as negociações para a criação dela começaram em 1998. Na época, quem era a gestora do Museu da Imagem e do Som era a professora Veralúcia Ferreira, historiadora e antropóloga. Um dia, pesquisando sobre uma exposição, ela descobriu que existia uma instituição internacional própria para lidar com produções, para dar apoio. Ela deu a ideia de criar esse setor dentro da SEC para atender essa demanda de produções de TV e cinema aqui na região. Ela reconheceu que era uma forma de levar a imagem do Estado para o mundo inteiro, não só gerando trabalho para os técnicos da área audiovisual, mas também para incrementar a economia e o turismo. Já tinha acontecido o *Anaconda* (1997), e ele também serviu como estímulo para a criação da AFC. Foi rodado na região do Ariáú, uma produção de 60 milhões de dólares e que empregou mão de obra local. Ali, viram que era rentável para o Estado receber essas produções, mas tinha que ser algo legalizado. (...) Para inaugurar, houve um seminário para os empresários e órgãos que geralmente são requisitados quando chega uma produção: INPA, Alfândega, Porto... Esse seminário foi o pontapé inicial.” (BORGES, 2015, Entrevista)

Veralúcia Ferreira de Souza havia retornado a Manaus em 1997, depois de um período de quatro anos trabalhando em um museu nacional em Roma. Em 1999, a convite do Secretário de Cultura, Robério Braga, exerceu os cargos de Diretora de Difusão Cultural e Coordenadora do Complexo Cultural Palácio Rio Negro desenvolvendo paralelamente o projeto do Museu da Imagem e do Som do Amazonas (MISAM) e a *Amazonas Film Commission*, que nasceu como um setor do MISAM. A partir daí, ficou resolvido que a melhor forma de comunicar este tipo de instituição aos interessados (atores, produtores, técnicos etc.) seria realizar um seminário para explicar o significado de uma *Film Commission* e sua importância para o desenvolvimento da região. (DE SOUZA, 2023).

O seminário foi realizado nos dias 12 e 13 de novembro de 1999, no auditório Kilde Veras (atual Cine Teatro Guarany), da Vila Ninita. As palestras foram realizadas por autoridades da *Rio de Janeiro Film Commission* e do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica.

Segundo Veralúcia Ferreira de Souza (2023), estava sendo definido o cenário de um novo momento para o cinema amazonense:

O resultado de público foi surpreendente, lotando o auditório nos dois dias do seminário. E o mais surpreendente foi a participação de muitos jovens, o que nos fez entender que deveríamos ter um foco nesse público, ávido de conhecimentos, de apoio e com muita vontade de ingressar no mundo do cinema, mas que ainda não tinha um norte. Nesse meio tempo, a chegada de Junior Rodrigues à cena foi importantíssima, pois com as suas ideias, entusiasmo e ousadia, passou a despertar e conduzir essa geração de jovens com oficinas e cursos diversificados além dos festivais de filmes de um minuto. A chegada de Sérgio Andrade na equipe nos possibilitou ampliar a vertente de atração de produções nacionais e internacionais. Assim tínhamos dois focos de trabalho, um de apoio às produções locais e outra voltada para fora. Desenvolvemos várias outras atividades para estimular o interesse e a troca de experiências e ideias a nível local como exposições temáticas, mostras de cinema internacional em parceria com consulados e embaixadas, apoio a cursos, encontros, debates. Era um período de grande efervescência cultural e a participação do Junior Rodrigues, do Sérgio Andrade e, logo em seguida, do Chicão Fill, com o total apoio do secretário Robério Braga, foi fundamental para o desenvolvimento da Amazonas Film Commission, nos seus primeiros anos. Foi implantado um banco de dados para servir de apoio a qualquer tipo de produção audiovisual, com o cadastro de mais de 150 itens, indo de profissionais liberais a empresas, lojas, prestadores de serviços, repartições públicas etc. Estivemos à frente da Amazonas Film Commission no período de 2000 a 2003, depois disso a SEC tornou a Amazonas Film Commission um setor independente, desvinculando-a do MISAM.

Como organização, a *Amazonas Film Commission* cumpre as funções de atrair produções audiovisuais para o Amazonas, promover os municípios do interior apresentando locações, valorizar a mão de obra, apoiar na logística operacional, orientar as produções audiovisuais em desenvolvimento e estimular a criação de cursos e oficinas de capacitação da mão de obra. “Uma instituição com essas características geralmente atua como um agente centralizador do relacionamento das entidades do governo e do setor privado junto com os sindicatos para assegurar o bom funcionamento de todo o processo de uma produção audiovisual na locação solicitada. Atua como ponte entre a comunidade, os órgãos públicos e a produção, no sentido de minimizar os transtornos causados à região, ao mesmo tempo em que procura maximizar os ganhos que essa mesma região possa obter com um número crescente de produções audiovisuais. Torna-se necessário avaliar o que a captação de determinada obra pode contribuir ou interferir na imagem de determinada localidade. Desse modo, a atuação de uma *film commission* não deve se restringir apenas a promoção das locações para as produtoras, mas também no cuidado com os conteúdos a serem produzidos” (SOLOT, 2015; SILVEIRA, 2017).

Durante a produção do longa-metragem luso-hispano-brasileiro “A Selva” (2002), de Leonel Vieira, uma outra adaptação do romance de Ferreira de Castro, procurava-se uma locação onde houvesse um seringal antigo, do início do século XX, período em que a borracha era a principal atividade econômica da região amazônica. Inicialmente pensou-se em filmar no município de Humaitá, interior do Amazonas, mas por causa da logística impraticável solicitaram uma locação em Manaus que possuísse certas semelhanças de ambientação e na qual pudesse ser construído um cenário, na verdade uma pequena vila cenográfica, que representasse aquele seringal. O governador Amazonino Mendes autorizou a SEC (Secretaria de Estado de Cultura) a ceder o local escolhido para a produção do filme que, posteriormente à filmagem, tornou-se o Museu do Seringal Vila Paraíso, uma atração turística importante em Manaus. Esses episódios ocorridos na pré-produção desse filme promoveram a institucionalização da *Amazonas Film Commission*.

Mas apesar de todo o esforço para a criação da *Amazonas Film Commission* e o relativo sucesso alcançado nas suas intenções em atrair produções estrangeiras para a realização de suas obras e, por consequência, fomentar os setores do mercado audiovisual amazonense e do turismo regional, ainda está muito distante de alcançar o ideal desejado pela instituição. É um problema que reflete a falta de efetividade das políticas públicas federais de incentivo fiscal para a cultura. Conforme explica Solot:

É necessário lembrar que, nos casos de muitos produtores estrangeiros, a escolha de locações é uma decisão corporativa, resultado de recomendações de executivos de produção dos estúdios e advogados tributaristas internos. Assim, de modo geral, os sofisticados incentivos oferecidos para a produção de cinema nacional não são relevantes para convencer um grande estúdio a rodar um filme estrangeiro no Brasil (...).

A criatividade tributária brasileira, que gerou os mecanismos tão elogiados e significativos das leis de incentivo à cultura (Audiovisual e Rouanet), juntamente com a criação dos FUNCINES e do novo Fundo Setorial do Audiovisual, poderia ser aplicada às FCs, o que colocaria o país no mapa global de locações para filmagens internacionais de uma vez por todas. Porém, todos os incentivos podem ser minados pela taxa de câmbio, caso essa resulte no encarecimento excessivo da produção, que tem base em moeda estrangeira. Nesse quadro, o Brasil ficaria fora da competição, a menos que os incentivos fossem melhorados ainda mais para compensar a taxa de câmbio desfavorável. (...) A decisão final de filmar em locações brasileiras depende da taxa de câmbio e de incentivos. (...) Sem uma política pública agressiva nestas áreas, o Brasil não tem chance de competir no mercado global de locações. (SOLOT, 2015; p. 79-80).

No dia 4 de abril de 2000²⁵, alguns alunos de jornalismo da UFAM (na época UA) estavam produzindo um seminário chamado Semana da Comunicação. Marcos Tupinambá²⁶, que era um dos alunos que estavam na organização do evento, desenvolvia um projeto de extensão sobre cinema na Amazônia pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob a orientação do professor Narciso Lobo, que o apresentou aos filmes do cineasta austríaco Herbert Brödl. Coincidentemente, Herbert filmava seu primeiro longa-metragem de ficção no Amazonas (“*Bad Boy*”) com Junior Rodrigues trabalhando na produção local. Ao entrar em contato com o próprio Herbert Brödl, por causa da pesquisa sobre os seus filmes, acabou por conhecer Junior Rodrigues, que posteriormente foi convidado para participar da Semana da Comunicação por ser “um amazonense que tinha um monte de filmes e que morava no Amazonas”²⁷. O convite era para ministrar um pequeno workshop, durante dois dias, somente para os alunos de Comunicação Social participantes da Semana de Comunicação. O desejo de Junior Rodrigues em ensinar cinema no Amazonas acabou sendo realizado a partir da emergente demanda dos jovens, principalmente universitários, interessados tanto em saber como manusear uma câmera, quanto de ter um conhecimento mais profundo sobre a linguagem cinematográfica.

Após a repercussão de sua participação na “Semana da Comunicação”, a primeira oficina de cinema ministrada por Junior Rodrigues, com a duração de duas semanas, foi realizada no Cine Teatro Guarany, com o apoio do Museu da Imagem e Som do Amazonas, que estava sendo inaugurado, representado pela diretora do museu Vera Lúcia Ferreira de Souza, que se estabelece também como uma personalidade fundamental no setor governamental para esse renascimento do cinema amazonense no início do século XXI.

Esse projeto foi nomeado como Curta Escola pelo seu caráter elementar de iniciação cinematográfica. Para a inscrição na oficina foi cobrada uma taxa e comportou quarenta participantes. Os equipamentos de câmera, luz, som e edição foram adquiridos por meio de uma parceria com a TV Cultura do Amazonas que apenas exigiu como contrapartida a inscrição gratuita de três funcionários da emissora. A oficina oferecia ao

²⁵ Data confirmada por Junior Rodrigues em entrevista ao portal Cine Set em 2013.

²⁶ Produtor audiovisual e realizador do curta-metragem “O Bagre, a Menina e o Rio”.

²⁷ Uma autodefinição declarada pelo próprio Junior Rodrigues em depoimento gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

participante, além do aprendizado prático com os equipamentos, a produção de um filme de curta-metragem e a exibição pública desse próprio curta-metragem ao término da oficina, junto com a entrega dos certificados. Havia o propósito de seguir uma espécie de tripé no projeto da oficina: formação, produção e exibição²⁸.

Mesmo com o sucesso da oficina de cinema e a realização de um filme de curta-metragem como conclusão do aprendizado dos alunos – “Boca da noite” (2000), gravado em vídeo no formato Betacam²⁹ – não houve a continuidade imediata do apoio governamental para os desdobramentos de outras oficinas ou cursos de cinema em Manaus. “Boca da noite” é sobre um homem desempregado da Zona Leste que vem para o centro de Manaus em busca de emprego, mas que acaba perdendo o último ônibus para voltar para casa. Assim, é obrigado a passar a noite no Centro e ser alvo de vigaristas. Ao ser assaltado e espancado, o homem é acolhido por um transexual que acaba sendo assassinado pelo vigarista que o roubou. O filme procura uma abordagem realista ao retratar a vida noturna no Centro, com imagens de bêbados desmaiados na rua, de crianças brincando de brigar, dos pontos de prostituição, dos viciados em drogas e dos ladrões à espreita esperando uma oportunidade. O curta-metragem tem uma decupagem clássica, com planos e contraplanos, com a intenção de elaborar uma narrativa de forma eficiente para o entendimento do público. Em alguns momentos, o filme apresenta pequenos traços de humor, que acabaria sendo a principal característica, a marca, dos filmes de um minuto realizados posteriormente nas oficinas de cinema de Junior Rodrigues. A direção é compartilhada por quatro pessoas: os alunos Custódio Silva, Fábio Lins, Katt Anne Pereira e o instrutor da oficina, Junior Rodrigues.

Naturalmente, Junior Rodrigues representava um olhar caboclo sobre a linguagem cinematográfica com muita autoestima e consciência do próprio valor. Logo no início desse empreendimento pessoal com o objetivo de ensinar cinema em Manaus, Junior Rodrigues sentiu uma desconfiança dos próprios amazonenses em relação a sua capacidade de saber sobre o assunto, associado a tecnologias contemporâneas, tão distante de uma “realidade amazônica”, por possuir características étnicas do caboclo²⁸. Sobre a origem da problemática que envolve os conflitos e os preconceitos da política e

²⁸ Informações registradas em depoimento de Junior Rodrigues gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

²⁹ É um formato de vídeo profissional criado pela Sony em 1982.

da sociedade contemporânea com os povos indígenas, Violeta Loureiro (2022, p. 26-27) avalia que:

(...) a ideia, ora clara, ora disfarçada, de que a forma de vida na moderna sociedade ocidental é mais desenvolvida, melhor e, por isso, hierarquicamente superior à das minorias étnicas, e que, assim sendo, ser assimilado pela sociedade nacional significa “evoluir”, “progredir”, passando a integrar o mundo moderno, podendo, então, gozar dos avanços da civilização. E, se os indígenas não aderem ao progresso inevitável da moderna sociedade de consumo que essa linha defende, num embate entre as duas culturas, uma “civilizada” e a outra supostamente primitiva e arcaica, a forma de vida da sociedade ocidental e moderna tem prevalência sobre a das minorias étnicas (...). O mesmo sucede com relação ao caboclo da Amazônia, cuja raiz etimológica é *caa boc* = o que vem do mato, segundo alguns autores, ou *cari-boka* = filho de homem branco com índia, segundo outros. O importante é que o termo caboclo acabou representando uma categoria social inferiorizada, alguém que é rude, ignorante, desconfiado (...).

Essa incredulidade sobre o conhecimento cinematográfico de Junior Rodrigues, mesmo com toda a sua experiência em longas metragens internacionais, se refletiu durante toda a sua trajetória no cinema amazonense que sempre teve um investimento governamental em suas oficinas e festivais de cinema muito inferior em relação às outras produções artísticas financiadas pelo Estado como o próprio *Amazonas Film Festival* (2004-2013). Segundo o conceito de identidade da cultura cabocla, onde a sociedade amazônica precisa de uma consciência de si mesma, mas sem se confundir com o sentido de superioridade ou de um nacionalismo acentuado para poder se conectar à consciência na própria inserção no conjunto da sociedade nacional, João de Jesus Paes Loureiro (1995, p.33) afirma que:

(...) a cultura cabocla tornou-se expressão das camadas populares das cidades, fundindo-se, assim, numa argamassa cultural – a da cultura popular. E nisso reside uma das contradições fundamentais da cultura cabocla: ela é dominante no sentido de pertencer à camada social que abrange a maior parte da população, mas é também marginal, na medida em que é rejeitada ou não reconhecida pelos poderes instituídos e geralmente ignorada pelas políticas públicas. E ainda pelo fato de que as manifestações artísticas próprias dessa cultura se fazem fora dos espaços culturais que o poder público constrói e destina – quase que exclusivamente – à cultura não cabocla.

Pode-se dizer que esse dilema da cultura cabocla, em especial no recorte dedicado à cultura cinematográfica, é reproduzido, de um modo geral, nesse novo cinema amazonense, com a representação de seus costumes e o seu cotidiano. De qualquer forma, para atender a demanda, principalmente entre os jovens, de obterem o conhecimento cinematográfico para a realização de obras audiovisuais de baixo custo foi necessário articular parcerias no setor privado, como foi o caso da Editora Valer (Rua Ramos Ferreira,

1195 – Centro, localização na época), uma editora voltada para a produção literária do Amazonas, sob a coordenação do escritor Tenório Telles. Ao contrário da anterior, essa oficina era gratuita e não tinha restrição de idade. As inscrições chegaram a constar mais de cem pessoas, o que provocou a necessidade de abrir uma outra turma no turno da noite. Como as duas turmas envolviam em média de trinta a quarenta pessoas, houve uma seleção por meio de sorteio, sem critérios pré-estabelecidos. As duas turmas produziram em conjunto, em uma semana de filmagem apenas, um curta-metragem chamado “Pobredor” (2001), que conta a história de Tapioca, um ex-presidiário albino que tenta mudar de vida³⁰. “Pobredor” (2001) foi realizado em locações no entorno do Igarapé do Emboca e do Igarapé Cajual, no Morro da Liberdade, onde hoje é localizado o Prosamim (Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus). Com isso, esse curta-metragem torna-se também um registro documental sobre uma área da cidade que foi completamente transformada com as obras do governo do Estado. Assim como “Boca da noite” (2000), o primeiro filme realizado em oficinas de cinema, “Pobredor” (2001) é um drama que também possui uma estrutura narrativa voltada para o realismo, mostrando as condições precárias dos moradores. Não existe nenhuma forma de humor e há um aspecto trágico e cruel, reforçado por uma frustração amorosa, que persegue o personagem Tapioca por todo filme, mesmo que ao final, Tapioca comece a tornar-se um comerciante bem-sucedido. Nota-se na equipe desse curta-metragem alguns nomes de profissionais que ainda hoje trabalham com o audiovisual, como: Sávio Stoco, na direção de produção, Marcos Tupinambá, na assistência de direção e Emerson Medina, na direção de arte. Essa produção também iniciou uma longa parceria com a editora de vídeo, Michelle Moraes, da produtora de cinema e vídeo M3.

Para se ter ideia da falta de recursos, em outra oficina de cinema sediada na Editora Valer, ainda sem os recursos ideais, houve a necessidade de reutilizar a fita Mini DV do filme “Pobredor” (2001) para realizar o curta-metragem “Bem Mal” (2002), que também só foi possível porque havia uma aluna, Maria do Perpétuo Socorro Salazar, que tinha comprado uma câmera digital para filmar procedimentos cirúrgicos – ela era médica, mas

³⁰ Informações registradas em depoimento de Junior Rodrigues gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

sonhava em fazer cinema – e a emprestou para a produção do filme. Posteriormente, essa câmera digital acabou sendo doada para Junior Rodrigues conseguir dar prosseguimento em suas aulas nas oficinas de cinema. “Bem mal” (2002) é uma comédia com uma história inusitada de uma mulher que sofre de prisão de ventre e acaba se envolvendo com um pastor evangélico e o tráfico de drogas. O filme tem a intenção de fazer uma crítica com humor ao poder de persuasão da televisão e da religião. O humor mais escrachado, que permeia todo o filme, pode remeter às chanchadas brasileiras – filmes de comédia popular realizados nos anos 40 e 50 – que possuíam um atmosfera que mesclava ingenuidade e vulgaridade, de insuspeito caráter popular.

Ainda em 2001, Junior Rodrigues ministrou uma oficina de cinema no município de Barcelos (405 km de Manaus), sendo a primeira oficina de cinema realizada fora da capital. Uma iniciativa pioneira que futuramente se ampliaria para diversos municípios do interior do Amazonas, como Itacoatiara, Maués, Anori, Manacapuru, Parintins, entre outros. Nessa oficina foi produzido o curta-metragem “Curupira” (2002), de Junior Rodrigues, que ganhou o prêmio de melhor vídeo de curta-metragem de ficção no X Festival de Vídeo de Teresina, no Piauí. “Curupira” (2002) conta a história de um menino e a sua avó cega em seu dia a dia. O filme desenvolve uma narrativa que explora o lado mais lúdico do cotidiano da população ribeirinha, ao mesmo tempo que não abandona o realismo, mostrando crianças matando passarinhos por diversão, bêbados caídos num bar de rua e cachorros famintos comendo pipoca. Um dos recursos da linguagem cinematográfica usados no filme é o *match cut*³¹ relacionando o plano do xixi do menino escorrendo da rede ao chão, por causa do medo da história do curupira que a avó contou, com o plano da água escorrendo da própria rede pendurada no varal do quintal para secar ao sol após ser lavada. Esse mesmo recurso foi utilizado também, de forma menos sofisticada, no curta-metragem “Bem Mal” (2002).

Nas oficinas seguintes, que foram dedicadas a produção de filmes de um minuto, foram revelados os futuros cineastas Anderson Mendes, Izis Negreiros, Roberto Roger e o diretor de fotografia e empresário Yuri César, dono da 602 Filmes, uma produtora de cinema e vídeo ainda na ativa no mercado audiovisual.

³¹ É um corte na edição de filmes que faz a transição entre dois planos que são correspondidos de alguma forma, seja por algum movimento ou assunto, assim deixando o espectador fazer a conexão óbvia entre as duas.

Junior Rodrigues propôs à Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC) um projeto de exibição desses curtas metragens nas escolas da rede pública que se chamava Mostra Itinerante do Cinema Amazonense. Na época, a SEDUC estava implantando atividades complementares em sua grade curricular. A repercussão entre os alunos foi muito grande pelo impacto de assistirem filmes que mostravam a cidade de Manaus e o cotidiano amazonense. Para aqueles alunos era inimaginável ver um filme que não se passasse em alguma cidade dos Estados Unidos. A programação da Mostra consistia em cinco curtas realizados no Amazonas entre 2000 e 2002: “Boca da noite”, “Pobredor”, “Curupira”, “Bem mal” e “Surpresa de nove meses”.

“Surpresa de nove meses” (2002) é um curta-metragem que foi resultado de duas oficinas de cinema que não tinham relação com as oficinas promovidas por Junior Rodrigues. No primeiro momento, o roteiro foi elaborado durante a Oficina de Criação de Roteiro Cinematográfico realizado pela Fundação Villa-Lobos³² entre novembro e dezembro de 2001. No segundo momento, o roteiro foi filmado em uma Oficina de Produção promovida pela Pontodois Produções, na Universidade do Estado do Amazonas, em 2002. Essa oficina foi ministrada pelo produtor William Hinestrosa, amazonense radicado em São Paulo, que mais adiante foi professor da primeira turma no curso de Tecnologia em Produção do Audiovisual da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), assim como Abrahim Baze Jr., que participou da produção do curta-metragem, foi o coordenador acadêmico desse próprio curso. O cineasta Heraldo Daniel Moraes também participou da produção do filme, sendo aqui o único elo de ligação com o Junior Rodrigues, já que era um participante de suas oficinas. Na direção constam os nomes de Deborah Cirino e Helen Corrêa.

Com o decorrer do tempo, essa Mostra mudou de nome para Curta Mostra do Cinema Amazônico e tornou-se um festival, que oferecia prêmios de um júri popular e de um júri oficial, com o mesmo caráter itinerante e abrangendo somente algumas escolas públicas³³.

³² Em 2007, é decretada a extinção da Fundação Villa Lobos, seguida da criação do novo órgão cultural, a Secretaria Municipal de Cultura. Em 2009, devido à reforma administrativa, a Secretaria Municipal de Cultura e a Fundação Municipal de Turismo são fundidas e, assim nasce a Fundação Municipal de Cultura e Turismo – Manauscult, conforme a Lei nº 1.321, de 16 de abril de 2009 (Manauscult - Nossa História).

³³ Informações registradas em depoimento de Junior Rodrigues gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

Deste modo, no Amazonas, as relações entre cinema e escola seguiram uma constante envolvendo diversos projetos de ensino similares dentro dessa linha de de público, fortalecendo uma cultura cinematográfica que envolvia uma valorização das produções realizadas no Amazonas. Geralmente, esses professores eram cinéfilos e ex-alunos das oficinas de cinema promovidas por Junior Rodrigues onde tiveram a sua primeira experiência na produção audiovisual.

Que o professor seja também um *cinéfilo* é algo que a práxis pedagógica acaba por revelar como desejável (...) pois aí o *iniciador de cultura* (que o professor deveria ser, e o *mestre* o é – nos termos de Gusdorf) tem um forte aliado na literatura, na dança, no teatro e nas artes plástico-visuais-musicais, na medida em que o cinema (...) é a grande síntese das artes e a mídia mais próxima da dinamicidade do Imaginário (...) que acompanha o movimento e, ao mesmo tempo, o informa. Obra aberta ao tempo e ao espaço em que a topografia do cotidiano nos faz viajantes e peregrinos cúmplices da construção humana. (ALMEIDA & FERREIRA-SANTOS, 2014; p. 17).

Em 2001, de acordo com a criação da *Amazonas Film Commission*, Francisco Ferreira Pinto Filho, mais conhecido como Chicão Fill, um amazonense nascido em Itacoatiara, que passou a década de 1990 morando no exterior, entre Los Angeles e Lisboa, mas com idas e vindas para Manaus, dentro desse período, para visitar a família. Assim soube e presenciou a repercussão na cidade durante as complicadas filmagens de “Anaconda” (1997) realizadas no ARIAÚ Amazon Towers, em Iranduba, o primeiro hotel de selva da floresta amazônica. Dali em diante, Chicão começou a perceber que poderia ser uma oportunidade de negócio no segmento audiovisual em Manaus.

Antes de Chicão Fill se interessar em abrir uma empresa especializada para fornecer serviços para produções cinematográficas estrangeiras, havia o engenheiro agrônomo Ivano Cordeiro, que também atuava como produtor local e gerente de locação para essas produções realizadas no Amazonas. Ele atuou, principalmente, nas décadas de 1980 e 1990. Segundo Ivano Cordeiro, ele próprio tinha sido um paciente em estado grave do irmão de Chicão, Dr. Manuel Matias Ferreira Pinto, que é urologista. Como o tratamento de saúde de Ivano foi bem-sucedido, tornaram-se amigos. Após comentar com o irmão de Chicão que ele próprio não podia se dedicar integralmente ao trabalho de produtor cinematográfico, pois também era funcionário público do SEPROR (Secretaria de Estado de Produção Rural), o irmão apontou que Chicão gostava muito de cinema e parecia ter em sua personalidade o perfil de produtor que Ivano possuía. Assim, Ivano orientou ao Chicão que procurasse pela Vera Lúcia Ferreira na SEC (Secretaria de Estado

de Cultura), responsável pela criação da *Amazonas Film Commission*.

A partir desses fatos, Chicão ficou convencido da oportunidade que se abria com a demonstração de interesse do Estado no desenvolvimento do cinema na região, então ele fundou a *Amazon Film Productions*³⁴. Segundo Chicão Fill, Ivano não o estimulou a abrir a empresa, afirmando categoricamente que seria um fracasso. Com o decorrer do tempo, por ironia, Ivano passou a trabalhar esporadicamente como autônomo para a *Amazon Film Productions*, que era uma empresa, uma das únicas na região, voltada para suprir a carência na produção de serviços cinematográficos no Amazonas para as produções nacionais e internacionais. Naquele momento, ainda não havia uma reflexão entre essas pessoas, que começavam a trabalhar com a produção cinematográfica, sobre a forma na qual grande parte dessas produções cinematográficas externas ainda observavam a Amazônia, sempre fincado no imaginário baseado em certos estereótipos e clichês perpetuados pelo século XX, conforme Amancio:

A Amazônia tem sido vista pelo cinema como um espaço natural privilegiado. Não é raro se localizarem lá obras que tratam da recuperação de antigos mitos, como os dos animais exóticos, da natureza exuberante em oferta à utilização humana, dos grupos indígenas ainda não contaminados pela civilização ocidental. Vale a pena se deter um pouco em cada uma dessas perspectivas, para que se perceba a sua recorrência, e sua consolidação no imaginário universal, pelo filtro da representação cinematográfica.

Indubitavelmente, o Brasil sempre esteve incluído na categoria dos países exóticos, seja pelo seu caráter periférico frente aos centros impulsionadores da economia capitalista ocidental ou pela sua extensão geográfica que abriga uma enorme variedade de gentes, de cenários, de histórias, melhor dizendo, de possantes virtualidades imaginárias. Dentro desta perspectiva, a Amazônia desempenha um papel de especial relevância para a manutenção de uma mitologia baseada em alternativas potencialmente ambíguas, de trânsito simbólico entre o real e o maravilhoso. (AMANCIO, 2000; p. 82- 83).

Aproveitando todo o marketing elaborado pela *Amazonas Film Commission* para trazer as produções cinematográficas estrangeiras para o Amazonas, a *Amazon Film Productions* era a opção mais útil e organizada para fornecer serviços que se apresentavam naquele início da primeira década do século XXI. Assim sendo, Chicão Fill começou a atuar como *location man*, mapeando toda a região com o objetivo de demarcar locais amazônicos com enorme potencial para filmagem e estabelecendo toda a logística operacional, incluindo a segurança e a sazonalidade ambiental, para atender as produções de cinema ou TV de qualquer porte.

³⁴ É uma produtora prestadora de serviços de produção cinematográfica fundada em 2001. Localizada em Manaus, mas com escritórios também no Rio de Janeiro, São Paulo e Los Angeles.

Até aquele momento, as produções cinematográficas que vinham para o Amazonas passavam por inúmeros problemas de logística e de produção. Os produtores do longa-metragem “Anaconda” (1997), de Luis Llosa, visitaram as locações amazônicas durante o período da seca e voltaram para a filmagem durante a cheia. Consequentemente, as filmagens foram interrompidas diversas vezes e o prejuízo foi enorme.

O *know-how* de Chicão Fill e a *Amazon Film Productions* formalizada para atender a demanda internacional acabaram com esse tipo de problema para as produções cinematográficas que desejavam a Amazônia como cenário, mas também necessitavam de um conhecimento especializado sobre a logística geral e as condições climáticas da região. Havia também uma preocupação na formação empírica dos trabalhadores empregados como ajudantes promovendo a interação da mão de obra amazônica com os profissionais experientes que vinham tanto de produções estrangeiras quanto nacionais. Aos poucos foi se formando uma mão de obra amazônica profissional com um nível aceitável para atender essas produções com grandes orçamentos que vinham de fora do Amazonas. Com isso, aumentou muito o custo-benefício para essas produções. O valor do custo da contratação de um técnico que vinha de fora do Amazonas implicava no que seria a contratação de três técnicos em Manaus.

O sucesso do empreendimento de Chicão Fill incomodou tanto as produtoras de outros estados, principalmente as do eixo Rio-São Paulo, por não serem mais solicitadas para prestar serviços para as grandes produções estrangeiras realizadas no Amazonas, que chegaram a formalizar uma denúncia no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Cinematográfica (STIC) de suposta ilegalidade de Chicão Fill com a atuação da Amazon Film Productions no atendimento a essas produções estrangeiras de grande porte dentro do mercado cinematográfico brasileiro. Atualmente, a Amazon Film Productions é a maior referência em filmagens na região amazônica, atendendo em escritórios em Manaus, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Los Angeles³⁵.

Em 2002, Junior Rodrigues teve a ideia de produzir um festival de filmes de um minuto, inspirado no Festival do Minuto, realizado em São Paulo, desde 1991, pelo diretor de cinema Marcelo Masagão. Como foi um festival de cinema idealizado somente para a

³⁵ Informações registradas em depoimento de Chicão Fill gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

exibição de curtas metragens amazonenses com um minuto de duração, obviamente era necessário que esses filmes fossem produzidos. A partir daí, as oficinas de cinema eram direcionadas para fazerem curtas metragens com a duração de apenas um minuto com o intuito de serem exibidas nesse festival. Na primeira oficina com esse perfil foram realizados quatro filmes. Dentro dessas turmas iniciais havia alunos que eram cinéfilos e já possuíam algum conhecimento como alunos de cursos livres sobre cinema fora de Manaus. Alguns desses alunos levaram adiante a ideia de manter uma continuidade no desenvolvimento do cinema em Manaus. A seguir, elencam-se algumas dessas pessoas que se destacaram nessa rede que surgia a partir dessas oficinas.

O publicitário Anderson Mendes, que em 2001 já realizava vídeos universitários inspirados em filmes de artes marciais orientais, formou um coletivo chamado Hyperfilmes, que era dedicado a produzir curtas metragens que adaptavam e satirizavam as séries de super-heróis japoneses exibidas na televisão, seguindo uma estética do *trash movie*³³, e que agradavam a um público infanto-juvenil. Mais tarde, atuando como coordenador do Núcleo de Cinema e Transmissões da Amazon Sat, desenvolveu diversos projetos de documentários sempre enfocando cinebiografias amazonenses, com destaque para os filmes “A incrível história de Coti: Rambo do São Jorge” (2007) e “Picolé do Aranha” (2009).

Nesse período, também se destaca o advogado, com especialização em marketing, Roberto Roger, possuía uma cultura cinematográfica estimulada pelos pais ao ganhar de presente uma câmera Super 8. Aos 18 anos, Roberto conseguiu fazer seu primeiro filme ao capturar imagens do Cacique Juruna, quando este esteve em Manaus, em 1970. Coordenou o Festival Amazonas Filmes 1 (2002) e foi o diretor geral do Festival Amazonas Filmes – FAF Curta Brasil (2003). Realizou sete curtas metragens, entre eles, “Manô de mil contrastes” (2001), que consta nos créditos finais um agradecimento especial ao Junior Rodrigues “que deu asas aos nossos sonhos”, e o “O brilho da estrela” (2014).

A escritora Izis Negreiros tinha concluído um curso de roteiro no Rio de Janeiro em 1999, que era baseado nos conceitos e metodologias do norte-americano Syd Field, e quando voltou a Manaus se deparou com as oficinas de cinema implementadas por Junior Rodrigues. Apesar de encontrar na oficina ministrada por Junior Rodrigues informações muito básicas, e que eram redundantes ao conhecimento adquirido sobre o assunto no

curso que frequentou no Rio de Janeiro, segundo seu depoimento, foi uma oportunidade de encontrar pessoas em sua própria cidade que estavam interessadas em realizar filmes. Formada em Letras, ainda fez uma pós-graduação em Cinema e Linguagem Audiovisual. Realizou diversos curtas metragens e um longa-metragem independente, nunca exibido comercialmente, com o título “Sete palmos de terra e um caixão” (2006).

Como se pode ver, no decorrer das oficinas ministradas por Junior Rodrigues, consolidou-se esse grupo de cinéfilos que desejavam ir mais longe, tanto no âmbito da realização de filmes quanto na idealização de festivais de cinema que facilitassem a comunicação com a produção nacional. Sendo assim, em 2002, criaram uma organização não-governamental, a AMFIELD (Amazonas Filmes Digitais).

Sobre a influência e a participação de ONGs no cinema brasileiro, Juliana Toledo (2011) diz que:

“um dos maiores desafios das ONGs na estruturação de seus projetos e de sua rede de relacionamentos é encontrar a linguagem mais adequada e abrangente de comunicação de resultados, a fim de demonstrar que as metas sociais estão sendo atingidas. (...) Reconhecendo a amplitude e as inúmeras possibilidades de comunicar no tempo e no espaço que o cinema propõe, as ONGs passaram a incorporar o cinema aos seus instrumentos de diálogo aberto e amplificado, seja com o público em geral, ao comunicar a causa e as iniciativas em torno dela, dando aos beneficiários de seus projetos a possibilidade de serem vistos e ouvidos, seja com seus apoiadores e investidores, ao evidenciar os resultados atingidos. A presença clara do olhar do cineasta que propõe o engajamento do cinema e a afirmação do seu papel social, transformou a produção audiovisual em importante elemento para o fortalecimento de iniciativas sociais das organizações da sociedade civil. (...) São demonstrativos de que o cinema encontra sempre novas possibilidades no tecido social. Numa importante simbiose, retira do contexto seu alimento ideológico e criativo e apresenta a sua contrapartida como instrumento de diálogo para a sensibilização, mobilização social e fortalecimento de instituições e iniciativas. É desnecessário fazer qualquer análise crítica se forem subentendidas a clareza de propósito e coerência de linguagem. (...) As entidades do Terceiro Setor de natureza cultural e educacional desempenham um importante papel de fortalecimento do setor audiovisual ao promover projetos de geração de conteúdo, capacitação e profissionalização de jovens e projetos de inclusão social e cultural e ao democratizar o acesso ao cinema, recuperar e restaurar obras, manter e promover o acesso a acervos importantes para a história do cinema brasileiro. Os projetos de itinerância permitem que o cinema chegue a lugares distantes, onde ainda não existem a estrutura de salas de cinema e a cultura da produção audiovisual.”

Sobre o assunto, o pesquisador de cinema e escritor Ismail Xavier (2003) diz sobre como interpretava o cinema brasileiro daquele período:

O cinema brasileiro tem hoje uma afinidade com aquilo que é o ideário das ONGs, é um cinema-ONG. Ele coloca os personagens nesta encruzilhada: ou eles encontram a arte ou vão para a violência (...) Claro que o cinema está fazendo isso porque a sociedade vive o mesmo processo. Não estou querendo cobrar que o cinema dê recados pedagogicamente simples numa situação como a nossa. Mas é interessante ver como as estruturas dramáticas estão muito mais ajustadas para expor mecanismos de expressão de projetos de vingança ou de uma saída a partir do assistencialismo do que de qualquer outra forma de encaminhamento das coisas.

A funcionalidade das ONGs ligadas à produção cinematográfica ainda continua sendo um assunto controverso no panorama contemporâneo do cinema brasileiro. No caso da AMFILD (Amazonas Filmes Digitais), ela também procurava uma articulação com o governo e a prefeitura para que fossem implementadas políticas públicas para o setor do audiovisual e assim promover uma produção cinematográfica mais profissional e coerente com a realidade em Manaus. Essa organização de cineastas diletantes chegou a ter doze integrantes, entre eles, Izis Negreiros, Junior Rodrigues, Roberto Roger, Anderson Mendes, Alexandre Serrão, Heraldo Guerreiro, Lunay Pereira e William Cajueiro. Alguns desses nomes não deram prosseguimento a carreira profissional no audiovisual e seguiram em outras atividades.

Com a AMFILD foi possível conseguir viabilizar, com o apoio da Secretaria de Estado de Cultura, a realização do festival de cinema que Junior Rodrigues tinha idealizado após a realização de suas primeiras oficinas. Ainda no ano de 2002, após trinta e três anos da celebração do último festival de cinema no Amazonas, o Festival Norte de Cinema Brasileiro (1969), surge o Festival Amazonas Filmes 1, que exibia 51 filmes de um minuto de duração, resultado das oficinas de Junior Rodrigues. Esse festival foi realizado pela AMFILD, no Largo São Sebastião, em frente ao Teatro Amazonas, sob a coordenação de Junior Rodrigues e Roberto Roger. O evento foi um sucesso de público.

Em 2003, após divergências sobre questões relacionadas ao desenvolvimento e a programação do próximo festival de cinema, há um rompimento dentro da AMFILD e seus integrantes se dividem em dois grupos: um composto por Izis Negreiros e Roberto Roger que criaram a FAF – Festival Amazonas Filmes – Curta Brasil, direcionado não apenas para filmes amazonenses e ampliando a programação para curtas-metragens nacionais, e outro por Junior Rodrigues que persistiu com o festival dos filmes de um minuto de duração e dedicado somente aos filmes amazonenses, só que agora com o título

de Um Amazonas³⁶. Na época, havia um questionamento de que o festival do minuto promovia um cinema menos técnico e ambicioso como linguagem e que se resumia a ingênuas comédias despretensiosas, o que gerou um termo pejorativo para aqueles filmes: “o filme piada”.

O Festival Amazonas Filmes – Curta Brasil (FAF-2003) teve como premiados na categoria curta-metragem amazonense, os filmes “Feitiços de rua”, de Liduína Mendes, e “Goldman”, do coletivo Hyperfilmes, além da Menção Honrosa para o filme “Aventureiros das Águas”, de Mara Campello. Além das premiações, o Festival Amazonas Filmes – Curta Brasil (FAF) também trouxe oficinas de cinema com cineastas de outros estados como Rosemberg Cariry, do Ceará, e, também membros da Ancine (Agência Nacional do Cinema) que estava começando a debater as possíveis políticas públicas para as regiões fora do eixo Rio-São Paulo sob uma categoria específica do Fundo Nacional de Cultura, o FSA (Fundo Setorial do Audiovisual), destinada ao desenvolvimento da indústria audiovisual no Brasil.

O sucesso na organização desses festivais, ao lado de Roberto Roger, colaborou para que Izis Negreiros conseguisse realizar o curta-metragem “Rio Sozinho” (2003), que foi a primeira coprodução audiovisual da Amazon Sat³⁷, canal que pertence ao Grupo Rede Amazônica. Essa produção teve a participação de alunos e ex-alunos das oficinas de cinema.

Manaus, enquanto as produções de curtas metragens estimuladas pelas oficinas de cinema aumentavam, agora também contava com a iniciativa dos festivais de cinema que passaram a oferecer oficinas gratuitas com convidados de outros estados. Naquele momento, não havia nenhum longa-metragem amazonense sendo produzido, mesmo com

“o cinema brasileiro atingindo uma participação de mercado recorde, chegando a 21,4%. Ainda que em níveis inferiores aos da época áurea da Embrafilme, quando, em meados dos anos 1970, a participação de mercado do filme brasileiro atingiu 30%, o ano de 2003 foi interpretado por muitos como o início

³⁶ Informações registradas em depoimento de Izis Negreiros e Junior Rodrigues gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

³⁷ É uma rede de televisão brasileira com sede em Manaus pertencente ao Grupo Rede Amazônica, que mantém a Rede Amazônica e as rádios CBN Amazônia e Echos da Amazônia, além do Portal Amazônia.

de um novo período de desenvolvimento da indústria cinematográfica brasileira.” (IKEDA, 2015; p. 79).

Esse fator gerou uma certa euforia na produção cinematográfica brasileira, pois aconteceu apenas um ano após o funcionamento da Ancine (Agência Nacional do Cinema). Acreditava-se que esse mercado ocupado pelos filmes brasileiros crescesse com o decorrer dos anos.

(...) esse expressivo aumento na participação de mercado na verdade não foi consequência da implementação das políticas previstas pela Ancine na regulação do mercado audiovisual. Recém-criada, com pouca autonomia para promover de fato uma política desenvolvimentista, ela simplesmente administrava as leis de incentivo, mais no sentido de coibir distorções do que de implementar uma política setorial definida.

Os níveis de recorde de 2003 justificam-se por dois fatores básicos, que serão descritos a seguir: a) as mudanças implementadas pela MP nº 2.228-1/01 em um dos mecanismos de incentivo, o art. 3º da Lei do Audiovisual; e b) a atuação da Globo Filmes, possibilitando uma intensiva ação de *marketing* para os *blockbusters* brasileiros. (IKEDA, 2015; p. 79)

A combinação do sucesso das oficinas de cinema com a produção de curtas metragens culminado em exposições públicas em festivais de cinema realizados em Manaus, além de um suposto crescimento progressivo de público no circuito exibidor do cinema brasileiro, fez com que o Estado passasse a se interessar indubitavelmente pela cultura cinematográfica. Segundo o Secretário de Cultura, Robério Braga (2020),

quando a Secretaria de Estado de Cultura foi instalada, em 1997, foi elaborada uma proposta de trabalho que culminou em inúmeras atividades e ações, entre elas, um programa de realização de festivais. A partir da experiência do Festival Amazonas de Ópera foram estabelecidos marcos temporais para a realização de festivais das várias manifestações artísticas. Era necessário dar uma resposta à história do Amazonas com o cinema, afinal, o Estado teve clubes e instituições que debateram e discutiram cinema, críticos publicando análises nos jornais da cidade diariamente ou aos fins de semana, além de diversos cinéfilos e cineastas. Tivemos a oportunidade de ‘agasalhar’ por aqui o Silvino Santos com uma produção muito significativa no século passado.

Apesar da eficiência da *Amazonas Film Commission*, ainda não existia nenhuma ação significativa do Estado relacionada à produção e à difusão de filmes locais. Entre 2003 e 2004, a Secretaria de Estado de Cultura, que já tinha participado como apoio cultural na realização do Festival Amazonas Filmes 1 (2002) e das duas edições do Festival Amazonas Filmes – FAF Curta Brasil (2003 e 2004), começou a considerar a

realização de um evento cinematográfico na cidade que pudesse também ser útil para o fortalecimento da propaganda turística. Dessa lógica começou a surgir a ideia que resultou no *Amazonas Film Festival* que teve a sua primeira edição realizada em novembro de 2004.

Tratando-se da relevância que um festival de cinema pode proporcionar a formação de uma imagem cinematográfica do próprio Amazonas, tendo como exemplo histórico o festival de cinema mais antigo do mundo, podemos notar que:

A ideia da criação do Festival de Veneza, em 1932, tinha o objetivo claro de promover as indústrias cinematográficas da Itália e da Alemanha, procurando fortalecê-las e divulgá-las. Retomada, após a II Guerra, a ideia transformou-se. Não se tratava mais de promover uma cinematografia, mas seus elementos, no caso, os autores dos filmes. Foi também, depois da Guerra, que o filme curto passou a receber um incentivo mais acentuado, pois, através dele, se favorecia o aparecimento de outros autores. Chegamos então a um ponto em comum: tanto os festivais como o filme de curta-metragem contribuíram e continuam contribuindo para o surgimento de novos talentos para o cinema. E, integrado os dois, o estímulo torna-se muito mais forte, com resultados bem mais positivos. (...)

Festivais de cinema são, principalmente, um tema controvertido. Os admiradores serão tão numerosos quanto os detratores. Alguns defendem a realização desses eventos como oportunidade de um intercâmbio artístico de alto valor cultural. Outros lhes apontam os interesses subalternos a que estariam presos. Segundo estes críticos, a organização desses festivais estaria hoje inteiramente subordinada ao jogo de interesses das grandes empresas produtoras, que disporiam de poder para manobrar e impor jurados, distribuir premiações e, até mesmo, conseguir exclusões de filmes considerados marginais à linha oficial desses certames. (ALENCAR, 1978; p. 29-30)

Em 2004, também houve o segundo Festival Amazonas Filmes – Curta Brasil (FAF), que mudou de nome para Cine Curupira, que teve apenas duas edições. Junior Rodrigues foi homenageado na segunda edição do Cine Curupira demonstrando que apesar das diferenças de visões sobre o desenvolvimento da atividade cinematográfica havia muita admiração pela iniciativa pioneira no ensino da arte do cinema no Amazonas.

Vale também registrar outras iniciativas dessa comunidade cinematográfica que estava centralizada na cidade de Manaus. Durante esse processo entre um festival e outro, Izis Negreiros, Roberto Roger, Lunay Pereira, Anderson Mendes e Carlos Garcia elaboraram um projeto de exibição de curtas nacionais e locais chamado “Janela para o

Brasil”, que percorreu vinte e duas escolas públicas e quatro universidades em Manaus. Havia debates com os alunos após as sessões, o que remetia ao formato de cineclube³⁸.

Simultaneamente ao Cine Curupira, havia o desenvolvimento de um projeto pioneiro de oficinas de audiovisual em Manaus, o “Cinema e Vídeo na Educação”, por utilizar o cinema e a linguagem audiovisual como ferramentas pedagógicas de inclusão, ao retratar a realidade dos alunos da Escola Estadual Maria Madalena Santana de Lima, localizada no bairro Armando Mendes. (AZEVEDO & OLIVEIRA & SANTOS, 2020; p. 272). Em princípio foi uma iniciativa sem recursos financeiros governamentais conduzida por Izis Negreiros, Robert Roger, Lunay Pereira e Carlos Garcia. Desse modo, esse renascimento do cinema amazonense que aqui vem se descrevendo é também a formação da imagem social do Amazonas a partir do cinema. Pode-se fazer uma relação, em paralelo com a formação do pensamento social na Amazônia, do cinema como ferramenta para formatação de uma imagem cultural de si próprio :

De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1979), a experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de “competência para ver”, isto é, uma certa disposição, valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. Entretanto, o autor assinala que essa “competência” não é adquirida apenas vendo filmes; a atmosfera cultural em que as pessoas estão imersas – que inclui, além da experiência escolar, o grau de afinidade que elas mantêm com as artes e a mídia – é o que lhes permite desenvolver determinadas maneiras de lidar com os produtos culturais, incluindo o cinema. (...)

Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais. (DUARTE, 2002; p. 13-17)

As atividades do projeto “Cinema e Vídeo na Educação” duraram quatro anos, gerando doze oficinas por semestre englobando todos os departamentos de uma produção cinematográfica como produção, roteiro, direção, fotografia, som, direção de arte, figurinos e edição. Havia também oficinas para a formação de atores e atrizes que ampliaram o escopo do conhecimento cinematográfico para as artes cênicas. Nos dois anos com o patrocínio foram produzidos quatro curtas-metragens. A peça “Os estatutos do homem”, de Thiago de Mello, totalmente encenada por alunos do projeto, foi apresentada na abertura do Cine Curupira, realizado no teatro da UNINORTE (Centro

³⁸ Informações registradas em depoimento de Izis Negreiros gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

Universitário do Norte), e inaugurando pela primeira vez no Amazonas uma interseção entre cinema e teatro na esfera desse cenário de aprendizado nas oficinas de cinema realizadas até aquele momento³⁹.

O projeto “Cinema e Vídeo na Educação” durou cinco edições, sendo quatro edições como Ponto de Cultura⁴⁰ incentivado com recursos federais através do programa Cultura Viva⁴¹, vinculado ao Ministério da Cultura, estabelecendo parcerias com a iniciativa privada e pública em Manaus (AZEVEDO & OLIVEIRA & SANTOS, 2020; p. 272). Foi o primeiro projeto cultural em Manaus a se tornar Ponto de Cultura. Esses dados demonstram que o estreitamento das relações do cinema com a identidade cultural brasileira pode ser estimulante para reflexões dos alunos dentro da sala de aula.

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar (NAPOLITANO, 2003, p. 11-12).

O projeto acabou porque ao receber o patrocínio do Ministério da Cultura havia a imposição de ampliar a quantidade de alunos participantes das oficinas de quarenta e oito para quase noventa e que fossem cadastrados no Ministério do Trabalho, por meio de um convênio com o próprio Minc, para que recebessem uma bolsa de estudos no valor de R\$ 300,00, quase um salário-mínimo na época, que atualmente teria o valor em média de R\$ 1.200,00. Sendo assim, o projeto deixou seu caráter original e a triagem dos alunos passou a ser efetuada pelo Ministério do Trabalho e não mais pelos organizadores do projeto. Os alunos cadastrados deveriam cumprir um perfil social específico, o que ocasionou uma absorção de alunos com problemas pessoais e familiares como abuso sexual, vício em drogas e atividade na criminalidade, e que enxergavam no projeto uma forma de escapar

³⁹ Informações registradas em depoimento de Izis Negreiros gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

⁴⁰ São entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura para desenvolverem ações socioculturais em suas comunidades. Estas iniciativas já somavam, em abril de 2010, quase 4 mil, em 1.122 cidades brasileiras, atuando em redes sociais e políticas (SEBRAE).

⁴¹ É uma política cultural voltada para o reconhecimento e apoio às atividades e processos culturais já desenvolvidos, que estimula a participação social, a colaboração e a gestão compartilhada de políticas públicas no campo da cultura (Rede Cultura Viva)

dessa realidade brutal em que viviam. Havia dois pedagogos e um coordenador social no projeto que trabalhavam junto a esses alunos com grau altíssimo de vulnerabilidade social. Além do aumento desproporcional de alunos e da mudança de motivação em relação à procura das oficinas de cinema, o objetivo maior agora era a bolsa e não mais o valor do aprendizado que as oficinas proporcionaram (NEGREIROS, 2022).

Com o atraso de alguns meses do pagamento das bolsas, os alunos passaram a não frequentar mais as oficinas mesmo tendo a informação vinda diretamente do governo federal de que o pagamento iria ocorrer em algum momento. De oitenta alunos inscritos houve a queda para vinte e seis alunos que ainda frequentavam regularmente as oficinas de cinema. Quando o pagamento das bolsas foi efetuado pelo governo, houve um conflito sob uma questão ética se deveria ou não pagar somente aos alunos que realmente frequentavam as oficinas. Havia uma preocupação em não desmotivar os alunos que eram assíduos nas atividades quando percebessem que os alunos ausentes seriam contemplados com a bolsa da mesma forma⁴².

Historicamente a relação Estado x Cinema e a implantação de políticas públicas para o audiovisual no Brasil sempre foi marcada pela inconsistência formada por ciclos produtivos e hiatos. De acordo com o pesquisador Antônio Albino Canelas Rubim, “a história das políticas culturais do Estado nacional brasileiro pode ser condensada pelo acionamento de expressões como: ausência, autoritarismo e instabilidade.” (RUBIM, 2007, p. 102). Segundo o cineasta e ex-diretor da ANCINE (Agência Nacional do Cinema), Augusto Sevá (2020), o Brasil nunca conseguiu ter uma política de mercado cinematográfico autossustentável, como acontece nos EUA e na Índia, portanto,

quem sustenta são os Estados, em graus distintos de fomento e interveniência. Como os Estados estão sujeitos a vontades de governantes, a atividade está sujeita a caprichos e simpatias efêmeras destes e das situações econômicas. Como o cinema e o audiovisual não são tão lucrativos (...) tem um pé no mercado e outro da propagação de ideias e os agentes não são controláveis, a relação é de permanente atrito. Sempre tem alguém querendo fazer algo que governantes não gostam. Quando se consegue um movimento virtuoso, a atividade floresce. Mas sempre sujeita a uma próxima depressão. São os ciclos que se observam em quase todas as cinematografias. (RUBIM, 2007, p. 102)

⁴² Informações registradas em depoimento de Izis Negreiros gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

Em 2004, começa uma convergência entre esses dois movimentos de novos cineastas e produtores de audiovisual em Manaus que até então não se comunicavam entre si. Um ano depois da formação da organização não governamental AMFILD (Amazonas Filmes Digitais), foi criada uma outra entidade de cineastas: a ACVA (Associação de Cinema e Vídeo do Amazonas). Uma associação que incorpora tanto o emergente empresário na área cinematográfica Chicão Fill quanto os diversos integrantes das oficinas de cinema de Junior Rodrigues e de membros da própria AMFILD, além do experiente produtor de TV e Cinema, com trabalhos na Rede Globo, Jean Robert.

Muitas vezes, Chicão Fill, que foi presidente da ACVA, emprestou equipamentos para a viabilização dos filmes das oficinas de Junior Rodrigues. Com essa união de forças e interesses em comum, a ACVA facilitava o trâmite de alguns projetos que recebiam verba direta da SEC, e esse procedimento, que às vezes nem todos os associados ficavam sabendo, ocasionou sérios conflitos internos. Posteriormente, Junior Rodrigues chegou a ser expulso da ACVA, descrito em ata, por causa de problemas com a prestação de contas⁴³.

Durante alguns anos a ACVA conseguiu reunir os profissionais de audiovisual para organizar seminários, debater sobre formatos de editais e discutir as políticas públicas que foram implantadas pelo Estado e pelo governo federal. Chegou a se associar a ABD Nacional (Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas), uma antiga entidade fundada em 1973 e que “tinha como objetivo a defesa e orientação dos interesses dos profissionais do filme de curta-metragem, bem como da respectiva representação da classe perante os poderes Federais, Estaduais e Municipais”³⁹.

O encerramento das atividades da ACVA deu-se

após a tentativa de instalar novas eleições com a finalidade de eleger uma nova diretoria para o Biênio 2019-2022, durante a Assembleia Geral realizada no dia 23/03/2019, ficou decidido por unanimidade pelos presentes e registrado em ata (...) contados a partir dessa publicação divulgada pelos meios de comunicação virtual e impresso, será dado início à baixa e extinção da referida entidade como determina a Lei 169 do Código Civil Brasileiro. (ACVA, 2019).

⁴³ Informações registradas em depoimento de Chicão Fill gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

O sucesso de público alcançado por esses dois festivais de cinema: o Festival Amazonas Filmes 1 e o Festival Amazonas Filmes – Curta Brasil (FAF), depois Cine Curupira, podem ter encorajado a Secretaria de Estado de Cultura a investir, com um grande orçamento, em um festival internacional de cinema sediado no Teatro Amazonas.

Em seu texto de apresentação no catálogo da primeira edição do Amazonas Film Festival, o governador Eduardo Braga chama a atenção sobre o “fortalecimento de sua política cultural e propulsão da promoção nacional e internacional do Amazonas como polo das artes” e em outro trecho do texto diz que o festival “vem para valorizar e estimular o trabalho que é desenvolvido pelos artistas locais, como o Festival do Filme de 1 Minuto e o Amazonas Curta Brasil” alimentando o ponto de vista que houve uma influência significativa dos festivais anteriores para que sucedesse uma iniciativa do porte do Amazonas Film Festival.

Com a exceção do Festival Amazonas Filmes 1, que foi uma iniciativa executada com recursos próprios de seus realizadores, o Festival Amazonas Filmes – Curta Brasil e o Cine Curupira tiveram o patrocínio da Caixa Econômica Federal, por meio do Fundo Nacional de Cultura, pertencente ao Ministério da Cultura, com a aplicação de verba direta.

Em apenas quatro anos (2000-2004), o cinema amazonense foi amplamente reabilitado. Por meio de iniciativas próprias em conjunto com a colaboração da esfera pública foi possível dar início a realização de oficinas de cinema, a produção de curtas metragens, ao desenvolvimento de projetos sociais relacionados ao cinema e ao início de festivais, rompendo um longo intervalo, que culminou no lançamento do Amazonas Film Festival.

2. OS PRINCIPAIS FESTIVAIS DE CINEMA NO AMAZONAS

2.1 AMAZONAS FILM FESTIVAL (2004-2013)

A importância de um festival internacional de cinema realizado em Manaus relaciona-se com o fato de um desenvolvimento sociocultural da capital que começou a ser implantado com a revitalização arquitetônica e cultural do Centro Histórico. Em uma entrevista, Robério Braga (2020) dizia que

também era necessário recuperar o Teatro Amazonas como um espaço de cinema, afinal, em 1897, tivemos cinema nele. A criação do Amazonas Film Festival ainda está inserida como parte de uma reabilitação do Centro Histórico e reanimação dos setores criativos do Estado por saber que havia uma juventude promissora e capaz de trabalhar neste segmento de forma embrionária.

Nessa entrevista, a justificativa afirmada pelo próprio Robério Braga de que a ideia de um festival de cinema internacional estava na pauta de realizações culturais da Secretaria de Estado de Cultura desde 1997 é contestável, porque naquele momento, antes do início do século XXI, não havia essa “juventude promissora” e ‘capaz de trabalhar de forma embrionária’ de forma evidente no cenário cultural da cidade. Essa constatação do Secretário de Cultura faria sentido se fosse percebida a partir do ano 2000 em diante, já que as oficinas de cinema ministradas por Junior Rodrigues, onde a maioria dos alunos eram jovens, estavam repercutindo, além de também chegarem no interior do Amazonas. Junior Rodrigues conseguiu realizar algumas exposições do festival Um Amazonas, dedicado aos filmes de um minuto, em salas de cinema da rede Cinemark, no *shopping center* Studio 5. As sessões ficavam lotadas e a plateia, formada basicamente pelos alunos das oficinas e seus familiares e amigos, ficava emocionada ao “se ver” na tela grande de um cinema que estavam acostumados a ver exclusivamente os grandes filmes norte-americanos.

Não se sabe ao certo se Robério Braga chegou a ir em alguma dessas sessões no Cinemark, mas é pouco provável que não tenha sido informado por alguns de seus assessores sobre o sucesso daquele modesto festival somente com a exibição de filmes locais.

Em 2004, o governador Eduardo Braga recebeu uma proposta para fazer um festival internacional de cinema em Manaus. De acordo com o Robério Braga, a sua equipe na SEC já estava desenvolvendo “esta ideia há, pelo menos, 2 anos e meio” e que

dentro deste cenário, começamos a desenhar o festival de cinema. Fizemos toda identificação de orçamento, levantamento de recursos, convencimento político, pois, não seria possível realizar nada sem que o governador estivesse empenhado. Porém, antes que pudéssemos implementá-lo, recebemos a visita de um produtor amazonense e um dos dirigentes do órgão municipal de cultura e turismo, o Ivano Cordeiro, acompanhado de um belga, o Jean-Pierre Dutilleux. (...) O Jean-Pierre tinha experiência no setor e (...) deste contato, surgiu a *Le Public Système* (grupo francês de comunicação e produção audiovisual) com o Lionel Chouhan em sua vasta experiência de festivais internacionais, incluindo, Cannes. Ele veio a Manaus e, a partir daí, evoluímos para um evento de porte internacional. (CINE SET, 2020)

Segundo Ivano Cordeiro⁴⁴, ele conheceu o antropólogo e cineasta Jean-Pierre Dutilleux trabalhando como produtor local de alguns de seus documentários realizados no Amazonas. Quando surgiu a ideia de Jean-Pierre de produzir um festival de cinema internacional, Ivano sugeriu a Jean-Pierre deles irem conversar diretamente com o governador Eduardo Braga, pois eram amigos, sobre a possibilidade do festival se concretizar. Apesar de inicialmente parecer uma ideia extravagante, o governador Eduardo Braga resolveu abraçar a proposta. Ivano Cordeiro, a diretora do Teatro Amazonas, Inês Lima Daou (que falava francês) e o governador Eduardo Braga fizeram uma viagem à Cannes, na França, para selar o contrato de produção do festival com a empresa *Le Public Système*⁴⁵ e, também, para divulgar a própria realização do Amazonas Film Festival, que aconteceria em Manaus.

A versão da história de Ivano Cordeiro, de como surgiu a ideia de um festival de cinema internacional no Amazonas confirmaria uma conexão entre um realizador estrangeiro de documentários que trabalhava com um produtor local e um governo do Estado aberto a propostas pretensiosas, talvez desmedidas, sob o cenário de um suposto crescimento progressivo do cinema brasileiro. Essa articulação demonstraria que uma ação fortalecida pelo Estado, por meio da Amazonas Film Commission, para regulamentar as filmagens realizadas no Amazonas, resultou numa ideia, que foi materializada com êxito, provocada pela troca de experiências entre profissionais do cinema, no caso um do Amazonas e o outro da Bélgica. Jean-Pierre Dutilleux, em seu texto de apresentação no catálogo da primeira edição do Amazonas Film Festival, faz uma apreciação dizendo que “no começo, tudo era apenas uma questão de amizade entre homens de universos diferentes, que dividiam a mesma paixão por esta região do mundo, a mesma vontade de compartilhá-la a fim de protegê-la.” Dessa forma, consolida-se uma perspectiva de um objetivo alcançado: a interação entre profissionais amazonenses e estrangeiros.

Diz Robério Braga em entrevista ao portal Cine Set em 2020:

Todas as vezes em que vejo produções de amazonenses sendo feitas e se desenvolvendo observo que o Amazonas Film Festival teve uma participação importante neste processo até porque o evento não foi exclusivamente de

⁴⁴ Informações registradas em depoimento de Ivano Cordeiro gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

⁴⁵ Empresa francesa que produziu o Amazonas Film Festival de 2004 a 2009.

cinema em si restrito a apresentações de produções internacionais, nacionais e locais; houve também atividades pedagógicas com cursos, oficinas, workshops, palestras, além das bolsas de estudos para *Escuela Internacional de Cine y Television*, em Cuba e dos prêmios de roteiro do Banco Daycoval. O festival começou assim e durou 10 anos com uma programação de alta qualidade repleta de grandes artistas, produtores e diretores, permitindo que a juventude e os cineastas amazonenses trocassem os seus cartões com grandes profissionais do mundo todo, abrindo portas para muita gente.

Apesar de toda a preocupação da SEC com as atividades culturais e pedagógicas que o festival proporcionava ao público e aos realizadores locais, alguns profissionais do setor consideravam que não havia um interesse real para que as gerações seguintes pudessem desfrutar também o conhecimento que estava sendo compartilhado durante todas as dez edições do Amazon Film Festival.

Em entrevista ao programa de televisão independente “Sinergia” em 2006, produzido pelo Coletivo Difusão, Narciso Lobo considera

que um festival promovido pelo Estado deveria promover muitas oficinas, paralelamente às mostras dos filmes, deveria gravar todos os debates. E isso eu não vi que tenha sido feito ainda para que esse material fique disponível para as pessoas, para que as próximas gerações possam buscar em cima desse debate, dessas informações, recuperar. Hoje nós temos a tecnologia do vídeo e tudo isso pode ficar arquivado, tudo isso pode ser colocado na internet. Tudo isso poderia ser a qualquer momento consultado. Acho que nossos festivais, promovidos pela Secretaria Estadual de Cultura, deveriam ter a grande preocupação de documentar. Documentar não é fazer takes, é documentar integralmente todas as mesas redondas, os seminários, para que vocês, a geração de vocês possa ter acesso a todo esse debate. Vem gente de todos os lugares do Brasil (...) Pessoas que tem toda uma experiência na produção cinematográfica e reconhecimento, seja nacional ou internacional. Não podemos perder essa chance de absorver todo esse mundo que está posto aí. Pra fazer igual? Não, porque nunca a gente vai conseguir fazer igual. A gente sempre vai colocar a nossa digital nessa história. A nossa maneira de ver e fazer. Não podemos fazer bom cinema se não tivermos acesso direto a essas produções. (apud STOCO, 2016; p. 25-26)

Uma das contribuições mais expressivas da primeira edição do Amazonas Film Festival, certamente foi a programação com filmes que não eram exibidos no circuito comercial da cidade, proporcionando ao público um acesso a outras cinematografias, de outros países, de outras culturas. Em seu catálogo da primeira edição, constava na programação da Mostra Competitiva filmes do Canadá, Peru, República Centro-Africana, Irã, Coreia do Sul e Suécia. Na Mostra Panorama eram exibidos alguns filmes realizados na Amazônia, mas pouco vistos no Brasil como: “Amazon Forever” (2004), do próprio Jean-Pierre Dutilleux e “A selva” (2003), do português Leonel Vieira.

Uma curiosidade em relação aos títulos dos filmes estrangeiros apresentados no Amazon Film Festival é o fato de estarem no catálogo apenas no original em inglês com a tradução para o francês entre parênteses. Não houve qualquer preocupação em traduzir também para o português para ficar mais compreensível e o público poder se interessar por aqueles filmes. Havia um desprezo pelo público local e o formato do festival não parecia acolher o cinema amazonense. Esse sinal de elitismo ficou fortalecido após alguns casos de pessoas serem barradas na entrada do Teatro Amazonas em algumas das sessões do Amazonas Film Festival⁴⁶.

Os curtas-metragens brasileiros foram exibidos na Mostra Paralela, com a inclusão de filmes amazonenses, sendo que os mais expressivos foram: “Falsa escrita” (2004), de Izis Negreiros, “Curupira” (2004), de Junior Rodrigues, “Infância Perdida” (2003), de Saleyna Borges, “Identidade” (2004), de Cristiane Garcia e “A menina que encantou o boto” (2004), de Bosco Borges, um realizador de Itacoatiara que participou das oficinas de cinema de Junior Rodrigues.

Além dessa mostra houve também a Mostra Um Amazonas, uma seleção de setenta filmes de um minuto dos festivais de 2002 a 2004 que foram exibidos em terminais de integração de ônibus e feiras públicas de Manaus. O filme “Curupira”, inicialmente, foi produzido durante uma oficina de cinema em Barcelos, município no interior do Amazonas, e o fato de ter a assinatura do próprio instrutor como diretor do filme no catálogo do festival implica um contrassenso na concepção original de projetar novos cineastas amazonenses por meio de oficinas de cinema. Com o decorrer dos anos, essa metodologia aplicada em algumas vezes nas oficinas de Junior Rodrigues, onde os alunos participam de um filme em que o roteiro e a direção são do próprio instrutor, será questionada, como veremos.

Apesar da organização do evento colocar o cinema amazonense em uma posição pouco valorizada na programação, de certo modo, marginalizada, o Amazonas Film Festival também proporcionou alguns seminários e oficinas com profissionais experientes de todo o Brasil, como o Seminário da Indústria do Audiovisual que abordou temas como a economia do audiovisual, direito autoral, marketing, animação e produção; e as oficinas de roteiro, formatação de projetos e de atores, este com o ator Matheus Nachtergaele

⁴⁶ Informações registradas em depoimento de Chicão Fill gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

como instrutor. Também houve dois debates, um sobre a produção independente de cinema e TV e o outro sobre a regionalização da produção cinematográfica.

Os organizadores do festival tiveram a sensibilidade de inserir na programação do Amazonas Film Festival uma sessão de filmes antigos da era silenciosa com a exibição dos filmes de Silvino Santos e Humberto Mauro⁴⁷ (1897-1983), acompanhados de pianista ao vivo fazendo a trilha sonora, no Largo São Sebastião. No catálogo tem uma página prestando homenagens às personalidades do cinema amazonense que foram ativas durante o século XX, incluindo artistas, políticos, professores, cineclubistas, produtores, radialistas, jornalistas e empresários. Também nessa página existe uma lista com todas as salas de cinema da história de Manaus, incluindo os cineclubes.

O Amazonas Film Festival tinha o patrocínio empresarial da Coca-Cola, que na verdade patrocinava o Festival Folclórico de Parintins e permitiu que parte da verba fosse redirecionada para o inédito festival internacional de cinema, e uma parte dos recursos da própria Secretaria de Estado de Cultura no valor aproximado de dois milhões de reais⁴⁸.

Na realidade, o nome completo do festival possuía um subtítulo antiquado: Amazonas Film Festival – Mundial do Filme de Aventura. Claramente, havia a intenção de fomentar o turismo de aventura na região, além do turismo cultural, com o conceito de “aventura humana e na natureza”, como consta em um dos textos de apresentação do catálogo. Nos anos 1950, o Festival de Cannes premiava o melhor filme de aventura, sendo que o filme “O cangaceiro”, de Lima Barreto, ganhou esse prêmio em 1953. Com o tempo esse prêmio foi abolido em Cannes, mas essa especificidade do “filme de aventura” pareceu ser ainda válida para a Secretaria de Estado de Cultura, mesmo em pleno século XXI, para vender o Amazonas Film Festival ao turista estrangeiro.

Ainda em 2004, a Secretaria de Estado de Cultura inaugura a Casa do Cinema para dar suporte às produções realizadas no Amazonas que, segundo o governador Eduardo Braga, em seu texto de apresentação no catálogo do 1º Amazonas Film Festival(2004), é

⁴⁷ Foi um dos pioneiros do cinema brasileiro. Realizou filmes entre 1925 e 1974, sempre explorando temas brasileiros.

⁴⁸ Informações registradas em depoimento de Saleyna Borges gravado em vídeo, de forma remota, em 2022.

um verdadeiro laboratório onde os artistas marcam ponto de encontro e realizam debates, recebem informações e participam de oficinas em interação com profissionais mais experientes” e “é também o escritório de produção disponível para toda e qualquer atividade de empresa nacional ou estrangeira realizada em nossa região.

Em 2005, a Secretaria de Estado de Cultura investe na produção de um DVD, com o apoio cultural da Videolar⁴⁹, em que constava uma compilação de setenta filmes, com legendas em inglês, realizados nas oficinas de cinema ministradas por Junior Rodrigues e exibidas nos festivais Um Amazonas de 2002 a 2004, dedicados aos filmes de um minuto de duração. A curadoria ficou a cargo do assessor de audiovisual da Secretaria de Estado de Cultura, Sérgio Andrade, que também era o responsável pela *Amazonas Film Commission*.

O governador Eduardo Braga, em companhia de Sérgio Andrade, assessor do audiovisual na Secretaria de Estado de Cultura, resolve voltar a França, aproveitando que em 2005 foi celebrado o Ano do Brasil na França, agora para apresentar o DVD com essa coletânea de filmes de um minuto na feira de audiovisual que acontece no Festival de Cannes. Os filmes provocaram muita curiosidade entre os produtores internacionais sobre a produção cinematográfica amazonense. Posteriormente, esses filmes foram exibidos, com legendas em inglês, em mostras paralelas de festivais internacionais em países como o México. Por meio do escritor Márcio Souza, uma Universidade do Texas se interessou pelo projeto dos filmes de um minuto e convidou Sérgio Andrade e Junior Rodrigues para um evento onde seria exibido uma sessão especial desses filmes amazonenses.

Nesse mesmo ano, Junior Rodrigues lança o festival Curta 4, dedicado aos filmes de quatro minutos de duração, e o Amazonas Film Festival inaugura uma mostra competitiva exclusiva para curtas amazonenses em sua segunda edição, consolidando assim a política cultural do Estado. A criação de uma mostra específica para o cinema local, com direito a premiações, dentro de um festival internacional do porte do Amazonas Film Festival, estimulou os realizadores novatos a produzirem seus filmes com o pensamento voltado para ser um dos selecionados pelo festival.

De qualquer modo, a ênfase ao turismo no Amazonas continuou sendo o objetivo principal do evento colocando, por intermédio de seus organizadores, “as extraordinárias

⁴⁹ Videolar, hoje Innova, é uma fábrica de filmes de polipropileno biorientado. Em 1998, passou a produzir e replicar as mídias de DVD no Polo Industrial de Manaus.

possibilidades oferecidas por esta região”, “a beleza excepcional das paisagens”, “a qualidade das instalações hoteleiras”, como está escrito no texto de apresentação no catálogo pelo cofundador, conselheiro e cineasta Jean- Pierre Duttileux, que teve o seu longa-metragem “Amazonas Forever” (2004), exibido fora de competição na primeira edição do Amazonas Film Festival. Mas Jean-Pierre também chama a atenção para “a eficácia dos profissionais de cinema já formados” e “o interesse dos jovens por esta profissão”, que é um reconhecimento do trabalho dos jovens profissionais amazonenses que estavam em processo de capacitação para o mercado cinematográfico. Mesmo que o texto do catálogo do festival possuísse uma função clara de propaganda, a dimensão do impacto, principalmente nos jovens que queriam trabalhar com cinema, das oficinas e dos festivais era perceptível, e que Manaus, nos últimos cinco anos, estava novamente envolvida em uma cultura cinematográfica intensa.

O presidente do júri da 1ª Mostra Competitiva de Curtas Metragens Amazonenses no 2º Amazonas Film Festival foi o veterano cineasta amazonense, radicado em São Paulo, Djalma Limongi Batista, diretor e produtor do premiado curta-metragem “Um Clássico, Dois em Casa, Nenhum Jogo Fora” (1968), um dos primeiros filmes brasileiros a representar uma relação homoerótica e o primeiro filme realizado pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Sobre a Retomada, um termo histórico designado para identificar o renascimento do cinema brasileiro em meados dos anos 1990, após o fechamento da Embrafilme, Djalma Limongi Batista afirma em depoimento uma característica que pode ser relacionada ao próprio ressurgimento do cinema realizado no Amazonas a partir de 2000.

Desse período de renascimento do cinema nacional, gosto muito da diversidade de tendências (...) pois o país é muito grande, rico, com diversas influências e possibilidades para se limitar a uma “monocultura” cinematográfica. A tendência de se seguir aquilo definido como o melhor é uma herança cultural que permeia todas as artes. Dentro do Cinema Novo foi muito fortalecido, pois quem não pertencesse àquele movimento era discriminado. Esse foi um dos motivos pelos quais muitas pessoas passaram a criticar o movimento, principalmente com os curtas, de que há uma grande produção, e também com as comédias, que muitas vezes são recusadas nos festivais. (apud NAGIB, 2002; P. 107)

Grande parte desses curtas metragens produzidos entre 2000 e 2005, sendo a maioria resultados das oficinas de cinema de Junior Rodrigues, eram comédias, com variações para a comédia dramática, sempre tendo o humor como elemento essencial para

se alcançar um público mais amplo, mais popular. De fato, essa característica provocou críticas dos próprios produtores audiovisuais locais que estavam surgindo, alguns saídos das próprias oficinas de Junior Rodrigues, que indicavam a um cinema sem conteúdo, vazio, muito semelhante ao preconceito dos integrantes do Cinema Novo em relação às chanchadas realizadas entre 1930 e 1950.

Dos filmes selecionados para a primeira Mostra Competitiva de Curtas Metragens Amazonenses se destacam os filmes “Geyzislaine, meu amor” (2005), de alunos do Centro Cultural Cláudio Santoro, “Interbairros 001” (2005), de Mateus Ribeiro, “Luz de sonhos” (2005), de alunos do projeto Cinema e Vídeo na Educação, “Eu Trocado” (2005), de Rômulo Nascimento, “Dom Infante” (2005), de Saleyna Borges, “A menina que encantou o boto” (2005), de Bosco Borges, “Identidade” (2005), de Cristiane Garcia, “Da malandragem a capoeira” (2005), de alunos do projeto social Galera Nota 10, “Hugo” (2005), de Thiago Moraes, “Criança também é bicho” (2005), de Leonardo Costa, “Poderoso Zap: o monstro do lixo” (2005), de Anderson Mendes e “Perigo no rio” (2005), de Heraldo Moraes.

“Geyzislaine, meu amor” e “001 – Interbairros” dividiram o Grande Prêmio do Júri para o melhor curta-metragem amazonense, sendo que “001 – Interbairros” levou também o Prêmio do Júri Popular, enquanto “Eu Trocado” recebeu o Prêmio Especial do Júri e “Luz de sonhos” foi agraciado com uma Menção Honrosa.

“Geyzislaine, meu amor” (2005) foi produzido e dirigido pelos alunos das oficinas de cinema, ministradas por Junior Rodrigues, que eram realizadas no Centro Cultural Cláudio Santoro com o apoio da Secretaria de Estado de Cultura. Inicialmente, o projeto desse curta-metragem foi elaborado para participar do Festival Curta 4, dedicado aos filmes de quatro minutos, também produzido por Junior Rodrigues. É interessante notar que nesse curta-metragem a assinatura da direção ficou impessoal, ao contrário do curta-metragem apresentado na edição anterior do Amazonas Film Festival, também realizado numa oficina, que identificava na direção do filme o nome do próprio instrutor, Junior Rodrigues.

O filme é, praticamente, um clipe musical de uma canção chamada “Geisislaine”, do cantor e compositor paraense, radicado em Manaus, Nicolas Júnior, que com o sucesso dessa canção, dedicou-se a compor sempre usando como base a cultura e o cotidiano

amazonense. O curta-metragem, assim como a canção, conta uma história de amor com personagens da periferia de Manaus.

O elenco principal do filme é composto pelo ator Jean Nogueira e a atriz Keiti Maria, que possuem marcantes características indígenas e caboclas. As locações escolhidas para ilustrar o conteúdo da canção, como o Balneário da Dengosa, o bairro Ponta Negra, a praça do DB, a Avenida Grande Circular, colocam pela primeira vez, num grande festival de cinema internacional, uma Manaus contemporânea, do século XXI. As referências culturais amazonenses também são citadas pela canção como “um autógrafo do Nunes Filho”, “um corote na pochete”, “um tururi no carnaboi”, “a camisa do time Rio Negro”. Todos esses fatores tornam esse curta-metragem uma obra indiscutivelmente amazonense.

“Geyzislaine, meu amor” tem alguns elementos da linguagem cinematográfica, em sua decupagem, que são perceptíveis num processo de formação onde a cultura cinematográfica começa a demonstrar um certo nível de sofisticação comparando aos filmes de um minuto de duração que foram produzidos para o festival Um Amazonas, comandado pelo próprio Junior Rodrigues.

O recurso da montagem usado no início do filme alternando planos e contraplanos entre o personagem Namorado e a pipa flinando no céu, para logo em seguida, quando o Namorado descobre que próximo dele tem uma moça chamada Geyzislaine, alternar os planos de forma bem articulada entre o Namorado, Geyzislaine e a pipa no céu, indicando que o Namorado perdeu o interesse pela pipa e, a partir daquele momento, quer conhecer Geyzislaine.

Para enfatizar o início promissor do relacionamento entre o Namorado e Geyzislaine, na cena quando Geyzislaine coloca o corote dentro da pochete do Namorado, há a utilização do recurso de câmera lenta para que o espectador seja capaz de observar esse momento por mais tempo e assim acentuar o humor previsto para essa cena.

Em outro momento, o curta faz uma referência jocosa à famosa cena do longa-metragem de animação “A dama e o vagabundo” (1955), da Disney, onde o casal de cachorros se beija sem querer comendo uma macarronada. No curta a macarronada é substituída pelo churrasquinho no espeto. Nessa cena é possível notar o *merchandising* do Guaraná Tuchau, em forma de porta canudo com a logomarca bem evidente no canto

esquerdo do enquadramento, que já patrocinava as oficinas de cinema do Junior Rodrigues.

“Geyzislaine, meu amor” não pode ser considerado exatamente um clipe da canção de Nicolas Júnior por causa de um momento específico onde a canção tema do curta-metragem é trocada por outra canção de outro cantor chamado Fernando Mendes. Como a canção de Nicolas Júnior cita em sua própria letra o nome de Fernando Mendes, há uma breve interrupção neste momento do filme para inserir um trecho de uma canção do cantor Fernando Mendes, logo depois a canção tema volta a ditar o que acontece na narrativa do filme. Nessa cena existe um efeito conhecido como parada de câmera, na verdade um efeito muito antigo, originário do cinema silencioso, no qual a personagem Geyzislaine desaparece, num piscar de olhos, diante do Namorado durante o momento em que se insinua uma relação sexual entre os personagens.

Em seu desfecho vemos o personagem Namorado mergulhando desesperado no rio Negro, vestido de calça, tênis e camisa, tentando chegar em um barco onde Geyzislaine estaria encontrando com outro homem. Nos créditos finais lemos o letreiro em inglês escrito *The End*, como era comum nos filmes clássicos mais antigos do cinema norte-americano.

Sob a responsabilidade de Sérgio Andrade, o curta-metragem chegou a ser exibido no prestigiado Festival de Curtas Metragens de São Paulo, um dos mais importantes do Brasil. Ainda hoje, “Geyzislaine, meu amor” é possivelmente uma das obras produzidas no Amazonas com maior número de visualizações do Youtube.

“Interbairros 001” (2005), de Mateus Ribeiro, é uma produção independente que não tem relação com as oficinas de cinema. Mateus era estudante de Marketing na UNIP (Universidade Paulista), enquanto o ator Julio Lucena e o editor e diretor de fotografia Jander da Silva eram estudantes de Publicidade na UNINORTE. Todos trabalhavam na agência de publicidade Tape.

Esse curta-metragem guarda algumas semelhanças, tanto na temática da comédia romântica como no emprego de alguns elementos da linguagem cinematográfica, com “Geyzislaine, meu amor”. Trata-se de uma história de amor que se passa na cidade de Manaus. A diferença fundamental é que nesse curta-metragem os personagens principais são jovens de classe média. Luiz é um estudante da Universidade Federal do Amazonas e Amanda é uma comissária de bordo da Air France.

Ao contrário do efeito de câmera lenta utilizado em “Geyzislaine, meu amor”, vemos uma câmera rápida, com um ponto de vista de dentro de um ônibus, na introdução de “Interbairros 001”. Em diversos momentos do filme é usado um recurso que simula o efeito do *time lapse*, ou seja, uma câmera ultrarrápida. O filme também faz uma referência ao cinema silencioso, mais explícita do que a simples parada de câmera em “Geyzislaine, meu amor”, utilizando-se, numa cena de sonho, de uma tonalidade sépia e com intertítulos mostrando os diálogos.

Quanto ao som há uma reverberação proposital do *off* do personagem Luiz na cena em que se apaixona por Amanda. A trilha sonora é pontuada, principalmente, por músicas de bandas de *pop rock* e *reggae* de Manaus, como Soda Billy, Several, Johnny Jack Mesclado, além de uma canção do cantor romântico Cilenio.

A produção do filme explora mais a parte urbana da cidade mostrando a Biblioteca Pública Municipal, o Largo de São Sebastião, o terminal de ônibus da Cidade Nova, o supermercado Fujii, a pizzaria Lopiano, os arredores da Manaus Moderna, além de ruas do Centro de Manaus, e apenas próximo do final que observamos um cenário de fim de tarde com o rio Negro e as balsas, que remete mais diretamente a um ambiente que se comunica com a floresta amazônica.

Um ponto em comum no que tange às escolhas estéticas, ao mesmo tempo que é identificado uma forte influência do cinema norte-americano, entre “Geyzislaine, meu amor” e “Interbairros 001” é o uso do crédito escrito em inglês *The End* ao final do filme. No caso de “Interbairros 001”, o crédito é colocado duas vezes, uma para ironizar um clichê de filme romântico e revelar um falso final com Luiz sozinho no ônibus, na outra é para a cena do beijo repentino entre os dois personagens na qual o filme acaba de verdade com o acréscimo do crédito “agora sim...” antes do *The End*. E junto com a continuidade dos créditos da equipe do curta-metragem é colocado *takes* que não valeram para a edição final como um elemento humorístico a mais para o espectador, uma prática muito comum em filmes do gênero comédia produzidos nos anos 1990.

“Luz de sonhos” (2005), realizado pelo projeto Cinema e Vídeo na Educação da AMFILD (Amazonas Filmes Digitais), é uma produção coletiva capitaneada pela produtora Izis Negreiros. O curta-metragem começa com uma sequência de filme de terror, ao estilo do cinema silencioso, com um vampiro perseguindo uma moça até que surge alguém com uma cruz afastando o vampiro do pescoço da moça. É surpreendente que seja mais um curta-metragem amazonense que faça uma menção ao cinema

silencioso, no caso aqui mais diretamente ao filme “Nosferatu” (1922), de F. W. Murnau. Daí percebemos que se trata de um filme dentro de um filme ao cortar para um jovem espectador que entrou de penetra em um cinema de rua e é flagrado e repreendido pelo gerente do cinema. No diálogo fica claro a situação econômica precária que se encontrava os cinemas de rua em Manaus e a sua previsível extinção. Ao escutar sobre isso, o jovem vai para casa e desenha no papel cenas do filme que quer realizar para, ilusoriamente, salvar o cinema que gosta de frequentar. O gerente se encanta pela história criada pelo jovem e tenta conseguir um produtor para realizar o filme, mas sem sucesso. “Luz de sonhos” também percorre pelas ruas urbanas do Centro de Manaus sendo mais um curta-metragem que não enfoca a floresta ou qualquer parte da cidade que seja mais rural.

Esteticamente é um filme mais convencional em sua narrativa do que os premiados “Geyzislaine, meu amor” e “Interbairros 001”. Há uma decupagem muito simples e a preocupação clara de contar uma história, quase didática, de um jovem querendo ser cineasta, onde o público não terá a menor dificuldade em entender. Nas similaridades com “Geyzislaine, meu amor” e “Interbairros 001”, além da citação ao cinema silencioso, existe novamente o uso da câmera rápida nas cenas que envolvem os personagens do jovem com o gerente andando pela cidade em busca de um patrocinador. A trilha sonora também contém canções de músicos amazonenses e nos créditos finais surgem alguns trechos de *making of*.

No desenvolvimento da trama, o jovem que quer ser cineasta, atende pelo nome de Ed, que pode remeter a ideia de uma citação ao cineasta norte-americano Ed Wood, conhecido pelos filmes de baixíssimo orçamento. É o próprio jovem que acaba conseguindo um patrocinador para o seu filme descobrindo uma moça, filha de um empresário, que quer ser atriz de cinema. Enquanto isso, o gerente, mesmo sofrendo ameaças de agiotas, torna-se um colaborador do jovem durante a filmagem e acaba escapando de um espancamento graças ao empresário que financiou o filme e assume a dívida do gerente. O curta-metragem tenta descrever as dificuldades que envolvem conseguir recursos para a realização de um filme, dentro de um contexto local, amazônico.

O roteiro de “Luz de sonhos” é uma espécie de síntese das expectativas, frustrações e desejos dos cineastas iniciantes que estavam surgindo em Manaus desde as primeiras oficinas de cinema ministradas por Junior Rodrigues. A história termina com o sucesso do filme “Estrelas do bairro” em sua exibição num cinema fictício chamado Cine

Vitória Régia, que parece fazer referência ao Cine Vitória, fechado desde 1973, que era localizado no bairro de Educandos, e como consequência observamos o personagem Ed planejando o próximo filme com o título “Luz de sonhos”, indicando possivelmente uma função metalinguística de caráter autobiográfico. Essa aspiração dos jovens cineastas ao sucesso comercial de um filme dentro de sua própria comunidade, ou em sua própria cidade, reflete as inquietações de se fazer um cinema personalizado, com uma identidade amazônica irrefutável, que começaram a amadurecer de forma mais evidente nesse ano de 2005.

No que concerne uma reflexão sobre quais aspectos poderiam ser considerados característicos de um “cinema amazônico”, o pesquisador e professor da Universidade Federal do Amazonas, Narciso Lobo, questiona:

Como é visto o homem amazônico? Quais as propostas de um cinema amazônico? Quem faria os filmes? E para quem? É possível que eu esteja inserindo questões de hoje numa discussão de ontem, porque na verdade o cinema amazônico (...) está direcionado para a questão da temática. É certo que as opções temáticas acabam por interferir na própria construção formal dos filmes.

É bem fácil, hoje, afirmar que um cinema intrinsecamente amazonense ou amazônico era mais redução teórica, dado que um cinema tão característico e tão peculiar, sobretudo na forma, está por ser inventado. Cada maneira nova de fixar a câmera ou de utilizar os demais acessórios técnicos, incorpora-se, na verdade, ao léxico e à sintaxe do cinema, tornando-se, portanto, de utilização universal. Por cinema amazônico, numa primeira instância, entendo que (...) trate de um cinema que fale da região. Numa segunda instância, todavia, a opção pelos temas, como já adiantamos, gera também produtos (...)

O cinema amazônico (...) pretende que o homem renasça do esquecimento. O esquecimento é a morte, é o isolamento, daí (...) que o homem amazônico “renasça” (...) como imagem-sujeito, imagem com autonomia, imagem documental e não mais a propaganda, a visão idealizada, a fortificação dos mitos no lugar da análise. Um cinema que dê a conhecer ‘a vida íntima do fato sociológico’. Reivindica o cientificismo como via capaz de ‘unificar estética e conhecimento histórico’. E também um cinema como fator importante de integração nacional, pela transformação socialista da sociedade. (LOBO, 1997; p. 106-107)

Nos outros curtas-metragens amazonenses apresentados dentro da programação da Mostra Competitiva temos alguns destaques como os filmes: “Dom Infante”, de Saleyna Borges, futura assessora da Secretaria de Estado de Cultura (SEC); “Identidade”, de Cristiane Garcia, que posteriormente realizou diversos filmes de temática infantil com participações e premiações em festivais pelo Brasil; “Hugo”, de Thiago Morais, que mais tarde tornou-se o coordenador das oficinas na área de audiovisual do Projeto Jovem Cidadão; “Poderoso Zap: o monstro do lixo”, de Anderson Mendes, que se dedicaria a

retratar em seus documentários personalidades bem populares de Manaus; “Perigo no rio”, de Heraldo Moraes, que prossegue na produção de documentários até hoje, já conseguindo realizar um longa-metragem; “Criança também é bicho”, de Leonardo Costa, que também se tornaria um cineasta premiado seguindo a carreira no audiovisual como diretor de produção e produtor executivo; “A menina que encantou o boto”, de Bosco Borges, natural de Itacoatiara, participou das oficinas de cinema de Junior Rodrigues e hoje é Secretário de Cultura, Turismo e Eventos da Prefeitura de Itacoatiara; e “Da malandragem a capoeira”, do Galera Nota 10, um projeto social sob a responsabilidade da Secretaria de Estado de Juventude, Esporte e Lazer (SEJEL), que oferecia atividades esportivas, artísticas e socioculturais, com o objetivo de atingir as crianças e os adolescentes em situação de risco, contribuir para a redução da violência e da criminalidade juvenil e encaminhá-los para o mercado de trabalho.

A curadoria que resultou nessa seleção de filmes amazonenses de curta-metragem para a primeira mostra competitiva local no 2º Amazonas Film Festival foi desempenhada pelo próprio Narciso Lobo. Dentro do pensamento de Narciso Lobo sobre a ideia de um “cinema amazônico” é possível notar, entre alguns dos curtas selecionados, as relações de um cinema que contemple a região amazônica em sua contemporaneidade, o ser urbano, com as temáticas ligadas a um cotidiano amazonense que também possuem características universais.

Em uma entrevista realizada em 2006 e publicada no livro “Cine AM – o audiovisual em reportagens e entrevistas”, de Sávio Stoco, Narciso Lobo discorre sobre o assunto “cinema amazônico” confrontando com um texto antigo publicado pelo escritor Márcio Souza, em que diz: “que o que você pode ter como um cinema amazônico seria um cinema suado, um cinema com a luz que nós temos, com as feições, o tipo de rosto do nosso caboclo, da nossa gente.” O que Narciso Lobo considera “mais rico no cinema é essa capacidade de cada um mostrar a realidade que você nem desconfia que possa estar passando pela cabeça de alguém.” Sendo assim, Lobo argumenta:

o que se percebe é que não existe um cinema amazônico neste sentido de ser um cinema totalmente peculiar. Seria o mesmo que tentar pensar uma matemática amazônica (...) O que se tem são esses aspectos (...) de a gente querer mostrar o nosso mundo, a nossa realidade, como vivemos, como pensamos, como sofremos. (...) Eu acho que isso só vem a se concretizar com a redemocratização, com o cinema que se realiza nos últimos anos.

Os filmes que se apresentam indicando um renascimento do cinema amazonense no século XXI demonstram uma determinada autonomia, por causa da tecnologia acessível, e um processo de produção mais livre para o exercício da criatividade, deixando de ser refém de uma visão exterior preconcebida e permeada de estereótipos que não condizem com a complexidade da Amazônia.

Na programação paralela do 2º Amazonas Film Festival houve algumas exibições dos curtas metragens de um minuto, lançados no festival Um Amazonas, produzido por Junior Rodrigues. Segundo o catálogo do 2º Amazonas Film Festival, os filmes foram “exibidos nas feiras cobertas do Coroadó, Panair e Santo Antônio e nos terminais de integração da Constantino Nery, Cidade Nova, São José e Jorge Teixeira”. Entre os realizadores amazonenses desses filmes de um minuto, os que se tornaram mais relevantes no cenário audiovisual e artístico mais adiante foram os cineastas Allan Gomes, fundador do Coletivo Difusão; Darlan Guedes, cineclubista e documentarista; Ottoni Mesquita, artista plástico; Bruno Pereira, roteirista e diretor de vídeo; Leonardo Mancini, ator, diretor, editor e *motion designer*; Valderes Souza, ator de teatro; Keila Serruya, cineasta e artista plástica; Jandr Reis, *designer* e artista plástico; Zeudi Souza, cineasta premiado com curtas-metragens; e Wander Luís, ator, produtor, roteirista e fotógrafo. Além desses realizadores havia também filmes de realizadores de Itacoatiara e Barcelos, municípios no interior do Estado que foram incluídos na programação de oficinas de cinema ministradas por Junior Rodrigues.

Ainda dentro da programação paralela do festival foi preparada uma sessão dedicada aos filmes documentários contemplados no projeto Revelando os Brasis, realizado pelo Instituto Marlin Azul, com o patrocínio da Petrobras e a parceria com o Canal Futura. Esse projeto era voltado para a formação e inclusão audiovisual para moradores de pequenos municípios do país com até 20 mil habitantes. O filme “Matinta-Perera” (2005), de Junior Rodrigues, era o único filme amazonense da sessão, representando o município de Anori, sua cidade natal.

Assim como no primeiro Amazonas Film Festival, houve uma programação acadêmica com exibições de filmes, oficinas e um Seminário de Produção Audiovisual orientado para preparar os alunos das oficinas a elaborarem um projeto audiovisual profissional. Foram exibidos o média-metragem “Teatro Amazonas” (2005), de Roberto Kahane, e o longa-metragem “Fitzcarraldo” (1982), de Werner Herzog. Roberto Kahane

foi o cineasta amazonense, oriundo da geração de cineclubistas dos anos 1960, mais prolífico, com diversos trabalhos para o cinema e a televisão. De certo modo, o Amazonas Film Festival conseguiu aproximar um expoente do cinema amazonense, com 40 anos de carreira no audiovisual, com a nova geração de cineastas que estavam surgindo e impulsionados pelo festival. As oficinas nesta edição do festival ficaram voltadas para a animação, direção, produção, roteiro, interpretação, crítica cinematográfica e também sobre as leis federais de incentivo à cultura, um conhecimento estratégico que seria fundamental para o futuro sucesso das produtoras amazonenses com as políticas culturais envolvendo editais de fomento e o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA). Também foi realizado um encontro dos integrantes da Associação de Produtores e Cineastas do Norte e Nordeste (APCNN) para uma mesa de debates com o tema “Regionalização e Patrocínios” que contou com a presença de um representante da Diretoria de Patrocínios da Secretaria de Comunicação do Ministério da Cultura. Apesar de colocar a região Norte como representada, a Associação de Produtores e Cineastas do Norte e Nordeste só possuía em seu quadro da diretoria cineastas nordestinos da Bahia, Paraíba, Pernambuco e Ceará. Desta forma, essa ausência também justificava a criação da Associação de Cinema e Vídeo do Amazonas (ACVA) anos antes, em 2003.

Algumas novidades foram apresentadas no 3º Amazonas Film Festival a começar pela presença do veterano cineasta Nelson Pereira dos Santos como Presidente de Honra do festival. Até então, nas edições passadas do Amazonas Film Festival, alguns cineastas estrangeiros já tinham vindo como convidados de honra, como Roman Polanski, Norman Jewison e Roland Joffé, além da presença da atriz Claudia Cardinale.

No 3º Amazonas Film Festival foi lançado o primeiro Concurso Amazonas de Roteiro, com o apoio da produtora de finalização Link Digital, localizada no Rio de Janeiro, para a produção de curta-metragem em 35mm, "com o objetivo de incentivar o desenvolvimento do polo de cinema local e atender a demanda dos novos realizadores", como consta nas informações encontradas no catálogo. Na verdade, o prêmio do concurso era uma verba para a produção, mas que não contemplava exatamente uma realização cinematográfica em 35mm, e sim, uma kinescopia, ou seja, uma “transferência do formato digital para o de película 35mm”. Nesse momento, os festivais de cinema no Brasil costumavam dividir sua programação em sessões de filmes em 35mm e de filmes digitais. O cinema digital ainda não era visto como uma tecnologia que fosse evoluir e dominar

por completo as realizações cinematográficas. De qualquer forma foi uma iniciativa inédita da Secretaria de Estado de Cultura para incentivar os cineastas amazonenses emergentes a realizarem suas produções cinematográficas e obterem o seu resultado de modo mais profissional. O primeiro vencedor desse prêmio foi o roteiro do curta-metragem “Nas asas do condor”, de Cristiane Garcia.

Os curtas metragens amazonenses selecionados para a Mostra Competitiva foram “Além da vida”, de Allan Gomes; “Apenas o nosso segredo”, de Roberto Roger; “Bar Jangadeiro”, de Sávio Stoco; “Destruindo Jéssica”, de Denni Sales; “Expresso Terminal” de Tony de Luc; “Muié de Dores”, de Saleyna Borges e o vencedor do Grande Prêmio do Júri “Passarão”, de Rômulo Nascimento. A maior parte desses realizadores já estão conseguindo dar uma continuidade à sua produção, que começou com os filmes de um minuto, e, nesse momento, esperavam prosseguir na carreira do audiovisual, estimulada pela possibilidade de seus filmes serem selecionados pelo Amazonas Film Festival. Mas ao mesmo tempo geraria uma frustração em alguns desses realizadores, como ressalta o cineasta Allan Gomes em entrevista para o portal Cine Set em 2016, comentando sobre a frágil distribuição e conservação dos filmes amazonenses: “Difícilmente pensa-se em distribuição, pesquisa, preservação (...). Mas aí reflete nossas políticas públicas para o audiovisual em que o foco é apenas na produção (...). Têm muita coisa produzida há dez anos que, se tu fores procurar para ver hoje, vai ter muita dificuldade de encontrar. Eu nunca achei que o AFF fosse uma vitrine importante. Que filmes locais se destacaram lá e tiveram uma boa carreira depois? Com certeza, os que circularam em outros festivais tiveram um grande empenho dos próprios realizadores, porque o AFF em si não proporcionava essa integração com as outras cenas.”

O mercado cinematográfico brasileiro, como outros tipos de mercado cultural no Brasil, apresenta a característica fundamental de ser dominado pelo produto estrangeiro. Nesse sentido é pertinente se questionar

até que ponto um prêmio de festival ajuda na carreira de um filme no mercado? Na verdade, tal prêmio só ajuda a carreira de um filme se for conquistado em festival de fato importante no contexto cinematográfico mundial, como é o caso específico do Festival de Cannes. Aí o prêmio dá chancela, dá status e pode servir a toda uma publicidade bem dirigida.” O festival pode ter efeito por meio dos contatos que seu diretor possa manter durante o evento. “O festival promove encontros, abre diálogo. E é nesse ponto que um filme pode ser mais facilmente comercializado. (ALENCAR, 1978; p. 57, 85)

O 4º Amazonas Film Festival (2007) inovou unificando as mostras competitivas de curtas metragens no formato digital, ou seja, houve apenas uma mostra competitiva envolvendo todos os curtas metragens brasileiros. O único representante selecionado do Amazonas para a Mostra Competitiva de Curtas Metragens Digitais foi o filme “A incrível história de Coti: o Rambo de São Jorge”, de Anderson Mendes, que acabou sendo vitorioso, levando o Grande Prêmio do Júri. Houve uma sessão muito discreta, com pouca visibilidade no catálogo, de seis curtas metragens amazonenses na Mostra de Curtas Metragens Digitais – Amazonas, sem caráter competitivo. Na Mostra Competitiva de Curtas Metragens em 35mm, participava o vencedor do concurso de roteiro da edição anterior do festival, “Nas asas do condor”, (2007) de Cristiane Garcia.

O Amazonas Film Festival continuou com o concurso de roteiro, só que agora com outro patrocinador, o Banco Daycoval. No regulamento, o Prêmio Banco Daycoval de Roteiro “abrange as modalidades ficção, experimental e documentário, e destinava-se exclusivamente a amazonenses ou àqueles que residem no Amazonas há mais de três anos”. Esse prêmio de roteiro existiria até a última edição do Amazonas Film Festival em 2013.

O roteiro “Criminosos”, de Emerson Medina, foi o vencedor do prêmio naquele ano, mas, aparentemente, por motivos pessoais, não quis ser o diretor do filme convidando para assumir essa função o amigo Sérgio Andrade, que já havia deixado de trabalhar para a Secretaria de Estado de Cultura e não tinha mais vínculo com a própria produção do Amazonas Film Festival quando era gerente da Amazonas Film Commission. A partir dessa produção, Sérgio Andrade iniciaria uma carreira no audiovisual que culminaria em três longas metragens realizados no Amazonas.

“Criminosos” (2008), de Sérgio Andrade, “é um filme de ficção que relata a rede de conexões de uma comunidade e sua reflexão sobre questões da criminalidade urbana a partir da morte de um menino”, diz a sinopse descrita na matéria jornalística “Memórias do Cinema Amazonense: “Criminosos” e sua narrativa atemporal”, de Pâmela Eurídice (2016). É um curta-metragem que tenta incorporar uma reflexão social sobre a redução da maioria penal. O roteirista Emerson Medina diz que “percebeu que reduzir a maioria numa canetada não resolve os outros aspectos da cadeia de criminalidade: corrupção policial, criminalização das drogas, tráfico de armas e o que financia o crime”.

O cinema brasileiro estava vivendo a repercussão do filme “Cidade de Deus” (2002), de Fernando Meirelles, que gerou um subgênero conhecido como *favela movie*, que explorava a violência explícita e os crimes do tráfico de drogas. Em 2007, “Tropa de elite”, de José Padilha, bateu todos os recordes de bilheteria e influenciou toda uma geração de novos realizadores brasileiros. “Criminosos” parece dialogar com esses longas metragens imprimindo uma representação onde os personagens, de alguma forma, se mesclam como vítimas e algozes. Em sua narrativa há o emprego de *flashbacks* com alguns efeitos de transição de corte na edição, um pouco defasados mesmo para a época, para o espectador identificar facilmente a dubiedade de caráter dos personagens. É um filme com um viés realista que explora o cenário “amazônico” misturando o contexto dos moradores das favelas com o centro da cidade de Manaus.

“Nas asas do Condor” (2007), de Cristiane Garcia, é uma adaptação de um conto do escritor amazonense Milton Hatoum que mistura *live action* e animação. É um filme que pode ser enquadrado no gênero melodrama, no qual é caracterizado como um drama popular acompanhado por um sentimentalismo exagerado e uma trilha musical onipresente. O filme venceu o Prêmio do Público para curtas metragens em 35mm no 5º Amazonas Film Festival.

Segundo a própria diretora do filme em entrevista ao portal Cine Set em 2015,

é uma obra infanto-juvenil (...) mostramos uma Amazônia lúdica onde a floresta que amamos nos dá alegria. (...) é um filme (...) que, desde o princípio, foi encarado como um projeto grandioso, da concepção ao resultado final. (...) toda a sua produção foi pensada para a “tela grande”: as locações, os figurinos, cenários, fotografia, a animação em 3D e 2D, o som direto, a trilha sonora, a montagem e até o tipo de negativo que iria receber o produto final. Para todos os profissionais envolvidos (...) foi a mola propulsora para muitos profissionais que hoje atuam no mercado audiovisual de Manaus. Um dos inúmeros desafios durante o processo foi a falta de recursos suficientes para completar o orçamento do filme. (...) Corremos atrás, batemos em muitas portas e conseguimos parceiros, apoiadores e patrocinadores que acreditaram no projeto. Ao final, o filme foi realizado com aporte 10 vezes maior que prêmio. Até hoje uma vitória em termos de audiovisual produzido em Manaus. (GARCIA, 2015)

Amparado pelo orçamento que o prêmio do concurso de roteiro da edição anterior do Amazonas Film Festival oferecia para a realização do filme, “Nas asas do Condor” teve uma produção suntuosa, obtendo até um ar de superprodução hollywoodiana, explorando, da melhor forma possível, e de uma forma inédita para o cinema amazonense,

os recursos técnicos da direção de fotografia, da direção de arte, da animação e do desenvolvimento da trilha sonora, que inclui uma canção original composta para o curta-metragem. Ainda na entrevista, Cristiane Garcia afirma que a equipe foi composta por

assistentes, produtores, eletricitas, contrarregras, motoristas, pilotos de voadeiras, comandante de embarcação, figuração, a equipe da Central Técnica de Produção (...) que construiu o avião em tamanho real, a Amazonas Filarmônica inteira, Coral do Amazonas, compositores da trilha sonora, maestros e por aí vai. (...) 90% da equipe técnica trabalhava, e ainda trabalha, com publicidade, algo que faz parte da história do cinema nacional. (GARCIA, 2015)

É um filme que pode ser considerado um divisor de águas no que diz respeito ao profissionalismo em uma produção cinematográfica amazonense com uma equipe majoritariamente formada por técnicos amazonenses. A equipe de produção do curta-metragem foi composta pelo experiente produtor executivo e diretor de produção carioca, radicado em Manaus, Jean Robert César, e pela Jobast Produções Cinematográficas, uma empresa voltada para as produções cinematográficas e publicitárias atuante desde 1998, que também apoiou as oficinas e os festivais Um Amazonas e Curta 4, idealizados por Junior Rodrigues.

“A incrível história de Coti: o Rambo de São Jorge” (2007), de Anderson Mendes, é um documentário sobre o Aldenir Coti, “uma figura folclórica do bairro de São Jorge em Manaus que leva a vida trabalhando como ferreiro, mas nas horas vagas vai atrás de seu grande sonho: fazer filmes de ação iguais aos do Rambo”⁴² O filme recebeu o Grande Prêmio de Curta Digital e o Prêmio do Público de Curta Digital no 5º Amazonas Film Festival.

O filme revela um personagem inusitado, de origem humilde, que adora filmes de ação e que realiza seus próprios filmes personificando um Rambo atuando dentro de uma realidade amazonense. Com muito humor, o documentário mostra a paixão que o cinema pode provocar no indivíduo independente da classe social. Os depoimentos dos amigos do bairro que colaboram para a produção dos filmes de Aldenir Coti demonstram a força da coletividade em prol da realização de um anseio particular. Esse curta-metragem ainda reflete a comédia como ponto de partida, que foi o gênero dominante da maior parte dos filmes de um minuto realizados a partir de 2002. Os temas abordados pelos filmes de

Coti, embora engraçados e esdrúxulos, tocam em questões amazônicas, como o tráfico de animais em “O rapto do jaraqui dourado” (2007).

Esses três curtas-metragens amazonense indicam o início de uma atenção mais rigorosa com as questões técnicas e uma busca por uma pluralidade maior na abordagem de gêneros, como o drama, a comédia, o policial; e temas, como a violência urbana, a desigualdade social, a memória, a preservação da floresta amazônica, mas sem ignorar as características inerentes do indivíduo, cotidiano e da cultura amazonense, que seriam destaque nos festivais de cinema na segunda década do século XXI.

A programação do 5º Amazonas Film Festival ainda prestou uma homenagem ao cinema do Amazonas, em mais uma tentativa de resgatar o passado de uma cultura cinematográfica em Manaus para o público da nova geração, exibindo os filmes documentários de Roberto Kahane e Márcio Souza, além do clássico “Carniça” (1966), de Normandy Litaiff, vencedor do I Festival de Cinema Amador do Amazonas. Também foi realizada uma mostra paralela para o público infantil e infanto-juvenil e uma mostra inédita de filmes africanos, incluindo o filme senegalês “Xala” (1975), de Ousmane Sêmbene, em uma parceria com a Aliança Francesa. As novidades nas atividades acadêmicas do festival consistiam em uma oficina de cineclubismo, reflexo do surgimento do Programa Cine Mais Cultura, recém-lançado pelo governo federal em 2007, e outras específicas para a realização de documentários.

No ano seguinte, no texto de apresentação do 6º Amazonas Film Festival escrito pelo Secretário de Estado de Cultura, Robério Braga, afirma que

o cinema brasileiro vive um momento de virada mercadológica, estética e de ideologia. O Amazonas acompanha a amplitude e a complexidade das discussões acerca da mudança nas expressões audiovisuais e, sobretudo, na horizontalidade da difusão e fomentação da cinematografia do Amazonas.

Assim como apontou Ikeda (2015) havia um investimento considerável do governo federal por meio do Ministério da Cultura se baseando “em uma nova definição conceitual para a cultura, levando em conta sua dimensão antropológica, isto é, para além das artes e das letras, mas essencialmente incluindo modos de vida, os direitos humanos e as crenças” e os meios do audiovisual eram a ferramentas que empreendiam mais demanda para a execução de projetos culturais.

(...) os programas e as ações desenvolvidos pelo Ministério da Cultura partiram de uma concepção ampliada de cultura. Trabalhando o conceito em três dimensões: como produção simbólica (diversidade de expressão e valores), como direitos e cidadania (inclusão social pela cultura) e como economia (geração de renda e empregos, regulação e fortalecimento dos processos produtivos da cultura) (Brasil, 2006).

Um exemplo dessa nova dimensão está na realização do mais bem-sucedido programa da nova gestão do Ministério da Cultura. Os “pontos de cultura” são a ação prioritária do programa Cultura Viva, implementado em 2004, que visa, partindo de uma metodologia de reconhecimento das iniciativas associativistas e comunitárias já existentes, fortalecer o protagonismo cultural de grupos excluídos, ampliando o acesso aos bens culturais e possibilitando meios de produção, fruição e difusão da cultura.

Os pontos de cultura são “unidades de produção, recepção e disseminação culturais em comunidades que se encontram à margem dos circuitos culturais e artísticos convencionais” (Brasil, 2006) (IKEDA, 2015; p. 100)

Em 2008, com o apoio do Sebrae no Amazonas, a Secretária Municipal de Cultura, Lúcia Cordeiro, explicou sobre os Pontos de Cultura, que é uma iniciativa da sociedade civil em parceria com o Ministério da Cultura, que visa articular e impulsionar as ações culturais que já existem nas comunidades. “No Amazonas, temos três pontos de cultura, sendo dois em Manaus: Pé na Tábua e o Cinema e Vídeo na Educação, e um em Tabatinga, Mulheres Guerreiras, onde os participantes têm acesso aos investimentos de cultura para fortalecer a cultura local.”

Em 2010, surge como Ponto de Cultura, o espaço cultural Casarão de Ideias, que incluía diversas atividades culturais como exposições de fotografia, concertos, debates, reuniões, oficinas e espetáculos de teatro e dança, até que, em 2017, após promover algumas sessões cineclubistas, conseguiu abrir uma sala de cinema oficial, reconhecida pela Ancine, com ocupação de 35 lugares, em seu próprio espaço. Assim, Manaus voltou a ter um cinema de rua, o Cine Casarão, o único da cidade fora de um *shopping center*.

Neste 6º Amazonas Film Festival, a organização convidou o veterano jornalista, cineasta, escritor e produtor cultural, Luiz Maximino de Miranda Corrêa, responsável pela produção do longa-metragem “A selva” (1970), de Márcio Souza, para que integrasse o júri da Mostra Competitiva de Curtas Metragens Digital – Amazonas, e, também, para fazer uma palestra no intuito de transmitir a sua larga experiência no cinema para os jovens cineastas amazonenses. Mais uma vez o Amazonas Film Festival tentava ampliar e incitar o diálogo entre a velha guarda e a nova geração, que era importante para

consolidar uma nova cultura cinematográfica amazonense que estava surgindo, mesmo que isso não resultasse de forma expressiva em uma influência ou admiração.

Após absorver o *know-how* de como realizar um festival de cinema internacional, o 7º Amazonas Film Festival passou a ser produzido somente com a equipe da Secretaria de Estado de Cultura, sem a empresa francesa *Le Public Système*. Alguns cineastas amazonenses que começaram na produção dos filmes de um minuto (re)surgem nessa edição do festival, nas mostras competitivas, indicando uma continuidade no aperfeiçoamento técnico no audiovisual, como é o caso de Michelle Andrews, com os filmes “Algoritmo” (2009) e “Mosaico abstrato” (2010); Keila Serruya, com “Sardinhas em lata” (2009); Roberto Roger, com “Conto de Aduacá” (2010); e Zeudi Souza, com “Perdido” (2010), que foi vencedor do Grande Prêmio do Júri na categoria Curtas Metragens Digital Amazonas.

Em entrevista cedida ao portal Cine Set em 2014, Zeudi Souza conta a sua trajetória:

Em 2003, li uma reportagem em que Izis Negreiros falava sobre um festival ou uma produção (...) O importante daquela matéria, para mim, foi ter me despertado. Pensei: “se faz cinema aqui”. No ano seguinte, surgiu o Amazonas Film Festival. Para mim, ele era o primeiro festival de cinema de Manaus. Não sabia que existia o Um Amazonas, por exemplo. Depois de muita insistência, consegui entrar na oficina “Film Business”. (...) Aquilo mudou a minha ideia sobre cinema. Pensava que fazer filmes era “brincadeira” (...) Depois, fiquei seis meses sem esse tipo de contato com o cinema. Naquele tempo, eu trabalhava em uma *lan house* (...) certo dia, um rapaz pediu para eu copiar os filmes dele. Ele também me disse que o Junior Rodrigues estava fazendo uma oficina sobre audiovisual pela Secretaria de Cultura (SEC). Me inscrevi nela. Estudei com o Junior por seis anos. Foi uma experiência notável.

A colaboração do Amazonas Film Festival e do festival dos filmes de um minuto Um Amazonas para a integração e a inclusão dos jovens da cidade de Manaus que desejavam trabalhar com o cinema e a adquirirem uma cultura cinematográfica que enriquecesse em sua formação cultural é inquestionável.

“Perdido” (2010), de Zeudi Souza, e “Uayná - lágrimas de veneno” (2010), de Junior Rodrigues, que ganhou o Prêmio de Roteiro do Banco Daycoval e foi exibido na Mostra Competitiva de Curtas Metragens em 35mm, possuem pontos em comum em sua estrutura narrativa indicando possíveis influências cinematográficas recíprocas. Os dois curtas metragens evocam o passado, um durante o ciclo da borracha, e o outro, em um

território indígena em período indeterminado. “Perdido” possui poucos diálogos, enquanto “Uayná - lágrimas de veneno” não tem diálogo algum. As referências ao cinema silencioso percebidas em filmes anteriores, tanto os produzidos nas oficinas de cinema quanto os das produções independentes, continuam, só que de forma mais sofisticada, por exemplo, com o uso do som ambiente para determinar a atmosfera misteriosa dos filmes. Ao contrário dos curtas-metragens que se sobressaíram nos festivais anteriores, esses filmes exploram a natureza, a floresta, os indígenas, os rituais, a espiritualidade, uma estética da cultura amazônica que existe no imaginário do natural da região.

O grau de esteticidade e estetização da cultura amazônica é muito alto. Nela há um domínio da função estética sobre outras funções. Para isso o imaginário exerce um papel deflagrador desse processo. Ela atua num ambiente que é propenso ao devaneio propiciado pela realidade que a natureza amazônica oferece ao homem na terra. Para o não-natural da região esse imaginário está evadido de estereótipos, também fundamentados nessa realidade, mas que expressam uma forma diferente de concebê-la. (...) Sem as conotações que a consideram região inóspita, exótica e fora da civilização, o homem da região se relaciona com essa realidade natural que lhe é aparente de uma forma distinta daqueles. O homem segue governado pelos sentidos, atento a tudo, sensível aos odores, às luzes, aos sons, às estrelas, às margens, às nuvens, aos ventos; às cores, aos brilhos, à epiderme dos rios; ao tempo e ao mistério das coisas. Estabelece com a realidade exterior uma relação guiada pelo sensível, pelo essencial aparente, pela forma exterior como conteúdo expressivo do objeto estetizado (...) (LOUREIRO, 1995; p. 81-82)

A programação das mostras paralelas do 8º Amazonas Film Festival procurou fortalecer suas ações sociais e foram bem mais abrangentes do que as edições anteriores com exposições de filmes no Centro Cultural Largo de São Sebastião, no Teatro da Instalação, no Centro de Convivência do Idoso - Aparecida, no Centro de Convivência da Família - Padre Pedro Vignola, no Parque Municipal do Idoso, na Casa do Idoso São Vicente de Paula (São Raimundo), no Teatro Luiz Cabral (Cidade Nova), no Centro Cultural Palácio da Justiça (Centro), na Fundação Doutor Thomas (Fundação de Apoio ao Idoso), na Fundação CECON (Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas), no Hospital Universitário Francisca Mendes (Cidade Nova II), no Hospital e Pronto Socorro Dr. João Lúcio Pereira Machado (Coroadó), no Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro (Chapada), no HEMOAM (Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas), no Centro de Detenção Provisória, na Cadeia Pública Desembargador Raimundo Vidal Pessoa, no Complexo Penitenciário Anísio Jobim, na Unidade Prisional do Puraquequara, nas escolas do Projeto Jovem Cidadão, na Casa Brasil Petrópolis, na Fazenda Esperança (Glória), no Hospital e Pronto Socorro da

Criança - Joãozinho, na Casa Vhida (Associação de Apoio à Criança com HIV), no Lar Batista Janell Doyle (Mauazinho), na Casa Mamãe Margarida (São José Operário), na Associação Pestalozzi (Distrito Industrial), no Projeto Casa da Criança, no Educandário Gustavo Capanema (Colônia Oliveira Machado), na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) e nos terminais de ônibus nos bairros de São José, Jorge Teixeira e Cidade Nova.

Além de Manaus, o 8º Amazonas Film Festival ampliou o seu esquadro alcançando os municípios do interior como Iranduba, Humaitá, Itacoatiara, Manacapuru e Novo Airão; e as comunidades rurais de Bela Vista, Pau Rosa, Colônia Japonesa e São João. Outros municípios do interior também foram considerados para a exibição de filmes na programação das mostras paralelas durante as edições 9ª e 10ª do Amazonas Film Festival, que foi a derradeira edição do festival, como Maués, Parintins, Presidente Figueiredo, São Gabriel da Cachoeira, Autazes, Itapiranga e Manaquiri.

Sendo assim, o investimento que a Secretaria de Estado de Cultura aplicava na produção do festival, que já sofria diversas críticas de alguns realizadores amazonenses pelo baixo investimento na produção local, parecia querer se justificar contemplando o público que não podia ou não conseguia comparecer ao Teatro Amazonas para assistir os filmes do festival. Era uma forma de reparar a exclusão que protagonizou em suas edições anteriores.

A partir do 8º Amazonas Film Festival foi incorporado na premiação da Mostra de Curtas-Metragens Amazonas Digital as categorias de Melhor Ator, Melhor Atriz, Roteiro, Fotografia e Diretor. No 9º e no 10º Amazonas Film Festival chegaram a aumentar o número de premiações para os filmes amazonenses separando-os pelos gêneros de ficção e documentário. Ao mesmo tempo em que o festival estava abrindo mais espaço e reconhecimento para o cinema amazonense houve o seu fim repentino.

Os motivos do encerramento vão desde a crise político-econômica, que teve início em 2014, com a queda do PIB e uma taxa de 13,7 % de desemprego, até a mudança do governo do Estado do Amazonas, que não se interessou pela continuidade do Amazonas Film Festival por ser um evento dispendioso, apesar de Manaus ter sido umas das capitais escolhidas para serem as subsedes da Copa do Mundo de 2014, o que geraria um grande fluxo turístico na cidade, assim como era um dos propósitos da existência do Amazonas Film Festival.

Em matéria jornalística publicada no Cine Set em 2015, o Secretário de Estado de Cultura, Robério Braga, disse que

a reforma administrativa do Estado trouxe uma reorganização da gestão pública e, por isso, estamos no aguardo das definições para saber o que será possível ser feito. Quero destacar, entretanto, que as atividades permanentes da SEC estão com funcionamento normal como, por exemplo, o Liceu de Artes Cláudio Santoro e a Amazonas Film Commission.

Caio Pimenta, editor do portal Cine Set, em sua web série Retrospectiva Amazonas Film Festival (2021), afirma que “a classe artística chegou a se reunir com a Secretaria de Estado de Cultura e propor ideias alternativas para um festival de menor porte, mas, que ainda fosse possível de ser realizado.” Algumas das soluções apontadas para a persistência do Amazonas Film Festival seriam “foco mais no cinema latino e brasileiro em vez das grandes estrelas de Hollywood e da Europa”. Seminários sobre os 10 anos do Amazonas Film Festival, mostras não-competitivas dos filmes vencedores de edições anteriores, exhibições em cinemas da cidade em vez do Teatro Amazonas.”

Segundo Flávia Abtibol (2020), vencedora do Prêmio de Roteiro do Banco Daycoval por “Strip Solidão”, em entrevista ao portal Cine Set, o fim do Amazonas Film Festival se deu porque

a cultura no Amazonas e na Região Norte, infelizmente, não é vista como uma economia criativa contribuindo para a geração de emprego, formação profissional, inclusão social e valorização da própria terra. Esta falta de consciência dos gestores foi decisiva, assim como a pequena mobilização da própria categoria. Fazendo um mea-culpa, a classe não consegue se organizar, cada um fica fragmentado fazendo seu próprio trabalho e, por conta disso, acabamos perdendo iniciativas que contribuem para o audiovisual local. Isso fragilizou o festival que poderia ser reformulado com novos formatos e concepção, mas, longe de chegar no momento drástico de encerrar.

Uma das notáveis revelações que as últimas edições do Amazonas Film Festival proporcionaram ao público foi o cineasta documentarista Aldemar Matias, que venceu três vezes a Mostra Competitiva de Curtas Metragens Digital Amazonas com os seus documentários: “A Profecia de Elizon” (2008), “Parente” (2011) e “Anos de Luz” (2013). Aldemar Matias não era um dos alunos que começaram a realizar filmes de um minuto nas oficinas de cinema ministradas por Junior Rodrigues, era um estudante de jornalismo na UFAM e frequentador do cineclubes Cine & Vídeo Tarumã, coordenado pelo professor Tom Zé, na própria UFAM.

Aldemar Matias (2013), faz uma reflexão sobre o seu sucesso logo após o término

do 10º Amazonas Film Festival:

Estou contente com meus resultados, mas, sem falsa modéstia, não estou produzindo nada genial. O que contribui com o sucesso no Amazonas Film Festival – e isso me dói dizer – é a baixa qualidade dos curtas amazonenses em competição. Quando se vê domínio técnico, não se vê um discurso potente. Quando se vê um diretor com algo mais contundente a dizer, falta conhecimento de estrutura narrativa. Ou falta linguagem de cinema mesmo. Entendo a política da Secretaria de Cultura de dar mais espaço ao cinema amazonense. Mas não adianta dar visibilidade ao que não está pronto para ser visto. A categoria “Curta Amazonas” não pode se transformar numa mãe de filho mimado que faz vista grossa para as deficiências e aceita qualquer coisa. Não quero desrespeitar meus colegas. Quero que todo mundo cresça junto. Afinal, estou no mesmo barco. Mas a gente precisa de mais autocrítica. 17 filmes selecionados? 11 prêmios distribuídos? Ainda não merecemos isso.

Junior Rodrigues (2013) também desfere considerações negativas ao Amazonas Film Festival, constatando que

o grande produto audiovisual do Amazonas Film Festival não teve apoio do governo. O Amazonas Film Festival (...) é um desfile no tapete vermelho ridículo, porque eu não posso promover celebridades, eu tenho que criar as celebridades amazonenses. Esse festival não é para estar trazendo pessoas, é para mostrar o que nós estamos produzindo aqui. Fazemos um Amazonas Film Festival em que a exibição do cinema amazonense é mínima dentro do festival. Num ano que a gente inscreveu 80 filmes, só foram exibidos 10. Num ano que inscrevemos 70, só foram exibidos 11. Ano passado, teve que ser feito uma briga para que aumentasse a quantidade de dias do Amazonas dentro do festival, porque se os caras não fossem lá de novo ia ser só um dia de exibição dos filmes amazonenses, com uma quantidade de filmes mínima.

Após a experiência de trabalhar com as produções nacionais e estrangeiras por meio da Amazonas Film Commission e colaborar com a produção do Amazonas Film Festival em suas primeiras edições, Sérgio Andrade tornou-se um dos cineastas mais relevantes do festival, ao longo do tempo, com os curtas-metragens “Criminosos” (2007), “Um Rio Entre Nós” (2009) e “Cachoeira” (2011), além de ter exibido o seu primeiro longa-metragem, “A Floresta de Jonathas” (2012), financiado por um edital público do Ministério da Cultura voltado para produções cinematográficas de baixo orçamento.

Sobre o Amazonas Film Festival, Sérgio Andrade (2020) afirma que

os holofotes todos da imprensa nacional e internacional eram voltados para estes medalhões (os artistas e as produções internacionais). Porém, o fato deles terem que toparem com filmes do Amazonas na programação também despertou interesse. Acho que houve um esforço interessante da organização do festival em colocar os realizadores locais em contato com estes profissionais de fora. Considero que houve sim um estímulo para dar visibilidade à produção feita em Manaus e no interior do Estado. O problema foi a recorrente questão da

continuidade: após o término do AFF, toda aquela movimentação para o cinema amazonense ficou ao Deus dará, sem políticas públicas e editais regulares, tanto na esfera municipal quanto estadual. (...) A grande falha foi mesmo a descontinuidade de não ter projetado para o futuro aquilo que se faz no presente. Poderiam ter aproveitado a oportunidade do evento para lançar uma lei perene que obrigasse todos os anos a ter editais ou até mesmo a criação de uma Lei de Incentivo à Cultura.

Quanto ao esforço da organização do festival em colocar os realizadores locais em contato com os profissionais estrangeiros era evidente, já que todos os convidados do Amazonas Film Festival ficavam hospedados no Hotel Tropical⁵⁰, localizado no bairro Ponta Negra, até mesmo os realizadores residentes em Manaus.

Também sobre o Amazonas Film Festival, Freitas e Pimenta (2019), afirmam que:

Seja qual for o motivo, a triste verdade é que o Amazonas Film Festival não fez falta alguma. Pelo menos não fez falta para a grande parte da população. Durante todos os 10 anos de existência, o evento se fechou nos espaços da SEC sem dialogar com a cidade. O festival era uma grande bolha dentro de Manaus, restrito, em grande parte, ao Teatro Amazonas e ao Palácio da Justiça. Quando chegava a regiões como as Zonas Leste, Oeste e Norte da capital amazonense, era em espaços desprovidos de estrutura para se apreciar um filme como, por exemplo, um centro de convivência para idosos e até mesmo terminais de ônibus (imagina quão feliz deveria ficar o responsável pelo áudio do longa ou curta ao ter o filme exibido nesses locais?) Aliado ao glamour do tapete vermelho e das estrelas desfilando nos barcos com os animais da fauna amazônica, ficou a imagem do Amazonas Film Festival como um baita evento feito em algum lugar exótico do outro lado do mundo e não algo perto da gente.

O resultado dessa bolha vemos todas as semanas em nossas salas de cinema. Qual grande filme do circuito não comercial chega às salas de exibição em Manaus? Quantos filmes amazonenses as pessoas de todas as classes sociais que vivem em Manaus que não seja os blockbusters de Hollywood ou as comédias populares brasileiras? Evidente que isso é um fato generalizado, mas, ao contrário de cidades como Belém, Recife e Fortaleza, que também possuem festivais de cinema forte, não conseguimos ter um mercado alternativo em Manaus para atender uma demanda que deveria ter sido criada por termos um evento respeitado como o Amazonas Film Festival. Muito menos avançamos

⁵⁰ Era considerado uma referência em hotelarias de luxo. Hospedou pessoas importantes como os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio 'Lula' da Silva, o príncipe Charles e a princesa Diana, além de Pelé, Bill Gates e Bill Clinton.

na criação de um fórum para debater o audiovisual do estado com mais frequência. (FREITAS; PIMENTA, 2019; p. 25-26)

Diante de tantos pontos de vista de quem frequentou o Amazonas Film Festival, seja como público ou como realizador participante, é provável que todos os fatores apresentados tenham alguma relação com as causas e as consequências de como o Amazonas Film Festival foi planejado e guiado ao longo dos dez anos em que esteve presente na vida cultural de Manaus, recriando, articulando e transformando a cultura cinematográfica da cidade.

Em 2013, o ano da última edição do Amazonas Film Festival, foi inaugurado o curso de graduação em Produção Audiovisual da Universidade do Estado do Amazonas, que era um dos objetivos da Secretaria de Estado de Cultura como articuladora estabelecendo convênios de cooperação para a infraestrutura de laboratórios para o curso.

Em 2014, o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Indústria Audiovisual – Brasil de Todas as Telas foi lançado pelo governo federal, uma parceria entre o Ministério da Cultura e a Agência Nacional de Cinema (Ancine), “com o objetivo de transformar o Brasil em um dos cinco maiores mercados audiovisuais do mundo, governo lança pacote de investimentos inédito. Recursos serão aplicados no fomento ao desenvolvimento, produção e difusão de conteúdos brasileiros, na capacitação de profissionais e na expansão das salas de cinema.” (ANCINE, 2014)

O Amazonas Film Festival não foi o festival de cinema mais longo produzido no Amazonas, esse mérito fica com o festival Um Amazonas que teve a sua última edição em 2015 contabilizando quatorze edições no total.

2.2 FESTIVAL UM AMAZONAS (2002-2016)

O festival de cinema Um Amazonas sempre esteve vinculado às produções dos filmes de um minuto realizados nas oficinas de cinema ministradas por Junior Rodrigues, que se baseava numa espécie de “tripé” que incluía a formação, a produção e a exibição. A exibição era o grande diferencial porque vinha nos moldes de um festival de cinema, e não apenas uma exibição pública isolada, com pouca divulgação, em algum lugar remoto. O lançamento do Um Amazonas era realizado numa sala de cinema da rede Cinemark, no *shopping center* Studio 5, localizado no Distrito Industrial I, e o encerramento com a

premiação era no Largo do São Sebastião, no Centro, sendo que em algumas edições do festival esses locais de encerramento variavam entre a Praça da Saudade, Praça do Mindu e a Ponte de Sete de Setembro. A Secretaria de Estado de Cultura apoiou o festival em 2003, 2004 e 2005. Com o investimento na produção do Amazonas Film Festival e com as divergências políticas entre Junior Rodrigues e Robério Braga – duas visões de mundo e formas de conhecimento diferentes, além de pertencerem a classes sociais distintas – a Secretaria de Estado de Cultura voltou a apoiar somente em 2013, coincidentemente o ano da última edição do Amazonas Film Festival.

O festival de cinema Um Amazonas tinha uma característica expressiva de valorização da produção amazônica em sua programação, selecionando também os filmes de um minuto realizados em municípios do interior. Com isso, alguns encerramentos do festival foram realizados em Itacoatiara, Rio Preto da Eva, Manacapuru, Novo Airão e Presidente Figueiredo, sendo que a produção do Um Amazonas convidava por volta de quarenta realizadores, com direito a transporte gratuito, tanto os residentes em Manaus quanto os de outros municípios, para participarem do evento com a entrega dos prêmios possibilitando o diálogo com outros realizadores sobre as suas próprias experiências de fazer filmes dentro de suas realidades. Isso demonstra o poder de articulação do Junior Rodrigues entre Manaus e o interior do Amazonas.

Em 2002, a relação do público com o cinema brasileiro vivia um ótimo momento. “Cidade de Deus” (2002), de Fernando Meirelles, recebeu quatro indicações ao Oscar e tornou-se o filme brasileiro mais visto dos últimos 12 anos. Segundo as informações do Database Brasil 2002, publicadas no portal Filme B, dedicado ao mercado de cinema no Brasil,

“o processo de expansão do mercado de cinema no Brasil teve em 2002 um ano que pode ser considerado excepcional. Em termos gerais, o público de cinema deu um salto de 21% em relação a 2001 (25% em relação à renda), passando de 74,8 milhões de ingressos vendidos para 90,8 milhões. Pela primeira vez, desde 1991, o público voltou à marca de 90 milhões, no mais forte sinal de que o cinema está mesmo recuperando o espaço perdido desde a crise que se iniciou no começo dos anos 1990, quando o total de espectadores do país despencou para cerca de 35 milhões. Do ponto de vista do cinema nacional, 2002 trouxe uma nova meta para o filme brasileiro com o sucesso de “Cidade de Deus”, que não apenas se tornou o líder do ranking nacional como também se fixou como o novo campeão de público e renda da retomada, com a marca inédita de mais de três milhões de espectadores. (...) Entre os filmes brasileiros mais vistos, além de “Cidade de Deus”, com 3,1 milhões de espectadores, também teve excelente desempenho “Xuxa e os duendes”, que totalizou 2,6 milhões. Em seguida estão “Abril despedaçado” (mais de 350 mil

espectadores), “Avassaladoras” (mais de 300 mil) e “Surf adventures” (200 mil). Chamou atenção, em 2002, a falta de filmes com faixa média de público (entre 500 mil e um milhão de espectadores), um fator que também contribuiu para a pequena queda da produção nacional no *market share*.”

Segundo o próprio Database Brasil, entre os campeões de bilheteria da Retomada (1995/2002) tivemos os filmes “O noviço rebelde” (1998), “Simão, o fantasma trapalhão” (1999), “O Auto da Compadecida” (2000) e “Xuxa Popstar” (2001), além de “Carlota Joaquina” (1995), todos pertencentes ao gênero comédia.

Levando em consideração que no *ranking* das capitais por número de salas de cinema de 2002, Manaus estava em décimo lugar com dezenove salas de cinema em funcionamento, não seria incomum que a comédia fosse o gênero de filme que mais agradasse ao público daquela época. A grande parte da produção dos filmes de um minuto realizados durante as oficinas de cinema, e posteriormente exibidas no festival Um Amazonas, daquele período inicial eram filmes que abraçavam ou flertavam com a comédia. A seguir, elenco alguns filmes que se destacaram no festival Um Amazonas.

“A primeira vez” (2002), de Andrea Gomes, consiste numa narrativa que aposta no duplo sentido, onde um diálogo entre um casal de jovens, filmado quase totalmente em *closes*, aparenta ser sobre uma primeira relação sexual quando na verdade é a primeira vez no dentista. A escolha estética de filmar em *closes* faz com que o cenário do consultório do dentista não seja revelado até o último plano do filme. Há uma decupagem simples, mas funcional para gerar um humor no final.

“Duelo” (2002), de Ivanildo Pereira, é um filme em preto e branco que começa com um longo plano realizado com uma câmera na mão trepidante, que pretende acentuar a tensão, onde acontece o início de um assalto a uma senhora que está num carro parado no estacionamento. O assaltante é um jovem rapaz que fica surpreso de uma senhora contestar o assalto dizendo que ele é mal-educado e que precisa trabalhar. Aqui a atitude imprevisível da senhora sustenta o humor do filme até o momento final quando a polícia aparece e, após prender o jovem assaltante, aproxima-se da senhora chamando-a de vovó para logo em seguida levar uma repreensão da própria senhora dizendo: “mais respeito, rapaz, não sou sua avó”. Apesar do recurso da câmera na mão ser quase uma marca do cinema brasileiro relacionado a estética do Cinema Novo, aqui a câmera na mão, ou seja, com menos estabilidade de sustentação para um enquadramento, pode ser vista como um conceito para um realismo contemporâneo e um indicador de influência do sucesso do

filme “Cidade de Deus” (2002). Ivanildo Pereira não seguiu uma carreira na produção de filmes, mas tornou-se jornalista e crítico de cinema, sendo um dos poucos membros amazonenses que integram a Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), a primeira entidade de representação nacional dos profissionais críticos de cinema.

“Sabido burro e burro sabido” (2002), de José Erasto, foi realizado no município de Maués. Esse curta-metragem possui um roteiro que privilegia um diálogo entre dois jovens *cabocos* que poderia ser contado oralmente como se fosse uma piada. O que pode ser considerado ainda raro no início do cinema amazonense no século XXI é o fato de assistir um filme em que todos os personagens possuem as características étnicas e sociais do *caboco ribeirinho*. Os dois personagens estão numa canoa enquanto um rema e o outro só fala questionando o outro o tempo todo, “tu sabes o que é *rock and roll*, cabocão?”, “tu sabes falar francês, inglês?”, “tu sabes ler, escrever?”, “Tu já foste a cidade grande?”, “tu sabes o que é internet, cabocão?”. Diante das negativas do personagem que está remando, o personagem que apenas questiona afirma que ele perdeu “uns trinta anos da vida dele” por não ter “cultura”. No momento final do filme, quando um enorme barco passa em alta velocidade próximo da canoa onde estão, o personagem que não tem “cultura” finalmente pergunta ao personagem questionador “Doutor, o senhor sabe nadar?”. Após a negativa de que não sabe nadar afirma novamente “Ih, parente, pois você agora tu acaba de perder a vida toda. Porque daquele banzeiro que vem ali tu não escapas não.” Essa parte do diálogo é filmada em contra-plongée (câmera baixa) para realçar o momento de superioridade do personagem que está remando em detrimento da humilhação sofrida. O filme termina com um personagem se afogando por não saber nadar e o outro nadando perfeitamente, sem fazer menção se o personagem que sabe nadar vai oferecer ajuda, alimentando um humor com um toque mórbido. Além da provocação sobre o valor dos saberes indígenas em contraste com a cultura ocidental e suas tecnologias, encontramos também a palavra “parente” usada de forma coloquial realçando a proximidade entre os dois personagens mesmo existindo um distanciamento sobre valor dos interesses culturais. “É comum que indígenas de povos distintos tratem uns aos outros pelo termo “parente”, mesmo não havendo laço consanguíneo direto. Trata-se de uma categoria nativa, através da qual os representantes de diferentes povos reconhecem-se uns aos outros enquanto indígenas.” (Adelco, Glossário Político Indígena, 2022).

“Sociedade dos pés” (2002), de Thyrso Munhoz e Marcos Vasconcelos, possui uma decupagem desenvolvida apenas com a utilização de imagens de planos detalhes dos pés. No primeiro plano do filme vemos diversos pés atravessando uma rua no Centro de Manaus. Depois temos pés com chinelos, pés cansados, um par de pés onde um veste um sapato e outro calça um chinelo, pés “namorando”, pés descalços sujos de terra que parecem descansar, pés femininos vestindo botas de festa, pés que caminham ao lado de galinhas mortas, pés que descem escadinhas, pés de criança pulando amarelinha, um pé em companhia de uma bengala, pés variados masculinos e femininos com sapatos e tênis que parecem caminhar por alguma galeria ou *shopping center*, pés de criança brincando em um aparelho eletrônico onde acendem luzes no chão, um pé mecânico auxiliando o outro pé, e por fim, um pé descalço pisando propositalmente com intensidade em fezes na rua. Quando há a transição de imagens dos pés que remetem as pessoas mais pobres, pertencentes a população ribeirinha, para as imagens de pés com sapatos mais caros percorrendo as vitrines de lojas, pertencente a classe média, a trilha sonora muda repentinamente saindo de uma música popular para uma música erudita. Apesar da pisada nas fezes ser uma imagem grotesca, podendo gerar até um humor involuntário, esse filme se diferencia por não estar atrelado a comicidade, e sim a reflexão. Qual das classes sociais está pisando nas fezes? O que representa as fezes? De certo modo, a estética desse curta-metragem remete ao filme amazonense “Harmonia dos contrastes” (1966), de Ivens Lima, apresentado no I Festival de Cinema Amador do Amazonas de 1966, “que apresenta uma espécie de crônica social através da encenação de diversas situações em que se destacam as mãos. (...) As situações representadas (...) remetem a situações universais típicas de uma sociedade dividida em classes resultantes de um modelo de produção que concentra renda e gera desigualdade social.” (SORANZ, 2017).

“Amizade Colorida” (2002), de Nereida Odessa, possui uma particularidade estética que o distingue da maior parte dos outros filmes de um minuto, apesar de ter uma decupagem também voltada para os planos detalhes. A narrativa tem uma tela sendo pintada pelas mãos de uma mulher enquanto ela descreve, de forma cômica, a sua amizade “colorida”. A mulher pinta com as mãos a tela povoando-a de azul, amarelo, rosa, vermelho, branco, marrom, sendo que cada cor é relacionada a uma sensação provocada durante a paixão momentânea do personagem. O humor aparece quando o vermelho é colocado na tela e os gestos das mãos são como se fizessem um carinho na tela sugerindo um orgasmo. “Às vezes fazia eu flutuar no imenso vazio do branco que jorrava de prazer”

diz a personagem narradora com a imagem de uma mão aberta pintada de vermelho com respingos de tinta branca. A imagem da tinta vermelha escorrendo sobre a tinta rosa na tela, como se fosse um sangramento, enquanto a narração vai acenando que aquela amizade “colorida” não resultou num amor recíproco, compreende um indício de conhecimento da linguagem cinematográfica.

“Au Au Schwitz” (2002), de Marcos dos Santos, é um documentário sobre o sacrifício de cachorros de rua em Manaus. Apesar do título sugerir algum tipo de graça, o curta-metragem mostra algumas imagens de captura e aprisionamento de cachorros de rua para serem abatidos. A primeira imagem é um rosto de um cão fora de foco entrando em foco aos poucos. O filme tem uma edição com bastante corte variando as imagens de fuga e captura de diversos cães combinando com uma trilha sonora que envolve um rap em conjunto com latidos agoniados e portas rangendo ao se fecharem. Cachorros olhando para a câmera em *big closes* sugerindo uma valorização de um último olhar. A “brincadeira” do título com o campo de concentração de Auschwitz indica uma possível imaturidade, mas as imagens dos cães entrando no local do sacrifício com um funcionário fechando a porta da câmara e dando início ao extermínio podem iluminar questionamentos contemporâneos sobre o comportamento do ser humano. É um filme que possui um conceito similar ao curta-metragem “Carniça” (1966), de Normandy Litaiff, vencedor do I Festival de Cinema Amador do Amazonas de 1966, que tem imagens do matadouro de bois de Manaus e “que apresenta a faceta mais carente da cidade de Manaus naquela época. Da população que convive diariamente com o lixo, os dejetos e a carniça do título. Temos urubus disputando os restos mortais de peixes e senhoras catando no lixo algo que se possa aproveitar.” (SORANZ, 2017).

“O filme do minuto” (2003), de Thiago Morais, tem a metalinguagem como o centro de sua narrativa. Numa sala de cinema começa a exibição do “O filme do minuto” onde duas meninas estão na plateia e uma delas resolve comprar pipoca, mas não consegue achar o dinheiro na bolsa. Quando finalmente encontra o dinheiro, o filme termina. Durante o tempo do filme anunciado na tela do cinema o que vemos é apenas uma das meninas retirando uma série de objetos da bolsa e colocando no colo da outra menina. A ação do filme dentro do filme é banal, cotidiana, vulgar, o que pode aludir a ideia de que a grande parte dos minutos que perpassam por nossas vidas geralmente não representa nada de relevante. Também é possível identificar uma crítica implícita a insistência na produção de filmes de um minuto para serem exibidos no Um Amazonas.

A questão do tempo no filme é enfatizada por ser gravado em um só plano, um plano sequência, ou seja, pode passar a impressão em nossa percepção que o tempo do filme é maior do que apenas um minuto. Thiago Moraes tornou-se diretor de fotografia, realizou diversos curtas metragens com passagens em festivais nacionais e internacionais, foi coordenador de audiovisual do Projeto Jovem Cidadão, que realizava oficinas de cinema em escolas públicas, e atualmente é servidor público no Museu Amazônico, onde também realiza oficinas de cinema gratuitas para o público em geral.

“Louis Vommitton” (2003), de Sérgio Andrade, é uma comédia em tom crítico e escrachado onde uma mulher rica é convidada para um evento social que celebra a preservação da fauna amazônica, como não há tempo hábil para comprar uma bolsa nova da Louis Vuitton, ela mesma vai caçar um jacaré para manufaturar o objeto de desejo. A mulher matando o jacaré a facadas, com sangue espirrando em seu rosto, exibindo um prazer sádico, pode ser vista como um comentário crítico sobre o enorme descaso da classe dominante em relação ao meio ambiente e a contradição de quem supostamente apoia a causa, mas consome produtos que colaboram com a própria destruição da fauna. A estética *trash* do filme, surgida nos anos 80, colabora com o humor e aumenta a ideia do absurdo. Esse é o primeiro filme de Sérgio Andrade, que na época atuava como o assessor responsável pela Amazonas Film Commission, mas também já demonstrava interesse na realização de filmes. Posteriormente, Sérgio Andrade conseguiu produzir e dirigir “A floresta de Jonathas” (2012), o primeiro longa-metragem amazonense exibido comercialmente nas salas de cinema no século XXI, além de ter sido também o primeiro longa-metragem da região Norte do Brasil contemplado no Edital de Longas Metragens de Baixo Orçamento da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura.

“Infância perdida” (2003), de Saleyna Borges, possui uma estética realista e contundente sobre a prostituição infantil. O primeiro plano do filme consiste em apresentar bonecas desnudas numa prateleira ao lado de uma caixa de música infantil, que é o fundo sonoro que percorre todo o filme, e que em uma panorâmica, movimento de câmera horizontal, percebemos uma casa pobre onde uma menina debruçada na janela, de costas para a câmera, observa outras crianças da mesma idade brincando de roda. Em nenhum momento o rosto da menina é filmado por inteiro. A menina passa o batom delicadamente como se fosse uma adolescente se preparando para ir a uma festa, mas na verdade ela está indo encontrar um cliente que se aproxima num carro preto e discreto numa rua próxima. A edição intercala os momentos em que a criança se arruma para

encontrar o cliente com as imagens de outras crianças que estão na mesma realidade brincando e sorrindo. As relações simbólicas da imagem das bonecas desnudas e do carro preto emulando um carro fúnebre reforça a ideia de uma morte da infância. Nesse filme é nítido o conhecimento de montagem paralela, um conceito de edição onde passa a impressão ao espectador de que as ações do filme estão acontecendo simultaneamente, e o rigor na decupagem. Saleyna Borges ainda não era funcionária da Secretaria de Estado de Cultura, mas demonstrava interesse e talento na realização de filmes. Com o vínculo empregatício da Secretaria de Estado de Cultura, Saleyna acabou por se dedicar mais ao serviço público e abandonar a realização de filmes.

“Criação” (2004), de Otoni Mesquita, é uma animação sem enredo definido que parece ser influenciada pelas animações do cineasta escocês Norman McLaren, que produziu a maior parte dos seus filmes de animação entre as décadas de 1940 e 1970. Ainda hoje pode ser considerado um filme ímpar dentro da filmografia amazonense mesmo tendo em vista as experiências do escritor e cineasta Márcio Souza na realização do filme “Rapsódia incoerente” (1965) e do cineasta Geraldo Russo com o filme “Riscos” (1965) que também se aventuravam nesse estilo de animação baseada nas técnicas de Norman McLaren. O filme começa com um bebê saindo do tubo de uma pasta de dente e progressivamente vai se transformando em animais, seres humanos, vegetais, até em determinado momento surgir um corpo de bailarinas onde apenas uma permanece na tela para pegar o sol que, de certo modo, parece consumi-la por inteira. Otoni Mesquita atua como artista plástico desde 1975 e é professor da graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Não seguiu carreira no audiovisual, mas foi tema de um documentário realizado por Daniella Coriolano e Rômulo Souza chamado “Personas” (2017), onde é explorado o seu processo criativo.

As produções mencionadas refletem que existiu um processo de assimilação do conhecimento da linguagem cinematográfica proporcionado pelas oficinas de cinema e que, de algum modo, moldaram uma cultura cinematográfica, mesmo que a grande parte da produção dos filmes de um minuto sejam problemáticas, principalmente no que tange a visões estreitas sobre assuntos como a violência, a religião e o preconceito. Alguns filmes soam completamente didáticos, parecendo peças institucionais, e pretensiosos com a ideia de evocar uma mensagem do “bem” de que adotando um determinado “bom” comportamento sua vida será melhor. Praticamente todos os curtas-metragens têm a palavra “Deus” nos créditos de agradecimentos no final. Um dos filmes chega a criticar

a política de preservação ambiental em favor da “preservação” da criança mostrando imagens de menores de rua pedindo esmola no Largo de São Sebastião. A questão da violência é quase sempre colocada como algo engraçado como o filme que retrata um triplo suicídio de jovens para se encontrarem no mundo espiritual, além de tiros, facadas e agressões físicas que permeiam outros filmes sem o mínimo de reflexão sobre como encarar esses problemas que atingem a sociedade contemporânea.

Apesar de toda a desaprovação por parte de alguns ex-alunos e de pessoas que acompanhavam esse processo de formação, tanto no que diz respeito ao tratamento de determinados temas quanto nas escolhas estéticas, a cultura cinematográfica amazonense se redescobriu e se fortaleceu com o decorrer do tempo.

Em entrevista publicada no portal Cine Set em 2013, Junior Rodrigues se defende das críticas sobre a qualidade técnica e estética dos curtas metragens amazonenses apresentados no Um Amazonas:

Já fizemos oficinas para mais de 4500 pessoas. A gente já foi para 20 municípios do estado, já chegou a 33% dos municípios do estado do Amazonas, e a meta é até 2020 ir para todos os municípios do Amazonas, sem exceção. (...) É de se criticar os diretores porque eles precisam entender de estética, acho isso bacana. Mas precisa se compreender o festival. A primeira coisa que a gente tem que compreender é que o cinema amazonense tem 12 anos, é uma criança, um cinema novo. (...) nós começamos um movimento de cinema digital aqui, o Um Amazonas é um caça-talentos (...) pode se criticar a estética, mas não pode se criticar a filosofia do festival.

Sobre a atuação do Secretário de Estado de Cultura, Robério Braga, Junior Rodrigues afirma:

O Robério nunca compareceu, nunca se envolveu de uma forma séria, comprometida, com o cinema amazonense. (...) Os festivais de um minuto, durante vários anos não teve nenhum investimento da Secretaria de Cultura. Isso é ruim, porque é um processo de formação. (...) Investimento no cinema do interior, do Robério, é quase zero. Ele não apoiou nenhuma oficina. As oficinas foram bancadas pelas prefeituras. (...) se nós temos festivais de cinema para serem feitos, se nós temos o Ita Filmes em Itacoatiara, Parintins Cine Fest, Açaí com Tapioca em Codajás, e o Cinema Polivense em São Paulo de Olivença (...) por que não investir no cinema amazonense? (...) por que tratar o cinema amazonense com essa indiferença? Se é uma arte que a gente pode envolver e divulgar a Amazônia infinitamente? Chegar a todos os países, desfazer essa má interpretação de que aqui é um estado jungle. Por que não investir nisso?

Em 2005, Junior Rodrigues lançou mais um festival de cinema chamado Curta 4, que era voltado para o lançamento de filmes de quatro minutos de duração. Também promovia concurso de roteiro com o prêmio no valor de R\$ 500,00 (quinhentos reais) para os gastos com a produção e o apoio de equipamentos de vídeo, som, luz e edição que eram cedidos pela organização do festival para a realização do filme.

O festival Curta 4 teve oito edições (de 2005 a 2012) e deu mais espaço para os alunos se desenvolverem na elaboração de roteiros, na preparação da produção, na decupagem da direção, nos cuidados técnicos relacionados ao som, a fotografia, a direção de arte e a edição. Alguns desses filmes que foram produzidos especificamente para o Curta 4, por meio de oficinas de cinema, também foram selecionados para a Mostra Competitiva Amazonense do Amazonas Film Festival.

Em 2007, Junior Rodrigues realizou uma mostra com os filmes selecionados do Curta 4 para deficientes auditivos em Manaus. Em 2008, uma mostra com sessenta filmes de um minuto legendados em português e com linguagem de libras para duzentas escolas. Em 2011, lançou a 3ª Mostra “Cinema Além da Imagem”, que exhibe filmes com audiodescrição, libras e legendas em português. “São enviados 100 kits para todas as secretarias estaduais de educação e entidades afins de todo país. (...) Nosso objetivo é nos tornarmos um produto audiovisual que pratica a inclusão social”, afirmou Junior Rodrigues, em matéria publicada no Jornal do Commercio em 2012. A questão da inclusão social dos deficientes visuais e auditivos nunca foi acenada pelo Amazonas Film Festival, mesmo com todos os recursos que o festival possuía para efetuar essa ação.

A incumbência proposta pelo projeto das oficinas de cinema e dos festivais em revelar novos cineastas amazonenses pode ser vista como um sucesso já que diversos realizadores, mesmo sendo a minoria, deram continuidade aos seus projetos audiovisuais. Como vimos até aqui, alguns dos cineastas amazonenses que realizam produções audiovisuais atualmente: Sérgio Andrade, Izis Negreiros, Thiago Morais, Anderson Mendes, Rafael Ramos, Diego Bauer, Dheik Praia, Rômulo Souza, Cristiane Garcia, Keila Serruya, Zeudi Souza, Allan Gomes, entre outros.

2.3 MOSTRA AMAZÔNICA DO FILME ETNOGRÁFICO (2006-2011)

Historicamente, o cinema brasileiro tem no documentário alguns de seus filmes mais marcantes, principalmente, na produção de curtas metragens, como “Arraial do Cabo” (1959), de Paulo César Saraceni, “Aruanda” (1960), de Linduarte Noronha, “Maioria absoluta (1964), de Leon Hirszman, “Memória do cangaço” (1964), de Paulo Gil Soares, “A entrevista” (1966), de Helena Solberg, “Alma no Olho” (1973), de Zózimo Bulbul, “Di Cavalcanti” (1977), de Glauber Rocha, “Ilha das Flores” (1989), de Jorge Furtado, “Socorro Nobre”(1995), de Walter Salles e “Notícias de uma Guerra Particular” (1999), de Katia Lund e João Moreira Salles, além dos filmes documentários de cunho educativo que eram produzidos pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), na década de 1930, para serem exibidos nas escolas, cujo diretor era o cineasta mineiro Humberto Mauro.

Em 2006, a crescente produção cinematográfica amazonense, baseada em filmes de curta-metragem oriundos de oficinas de cinema, com duração que variava de um minuto a quatro minutos, tornava o contexto quase inviável para uma produção com caráter documental mais contundente, já que o cinema documentário envolve pesquisa e um tempo maior para a edição. O passado remoto do cinema documental de Silvino Santos não era relevante para a nova geração de cineastas emergentes amazonenses. Nem mesmo o relativo sucesso alcançado do longa-metragem “Serras da desordem” (2006), de Andrea Tonacci, um filme brasileiro seminal que relata o massacre da etnia Awá- Guajá, na década de 1970, na Amazônia, por meio da história de Carapirú, um sobrevivente do massacre, parecia influenciar, de forma significativa, algum realizador amazonense a tomar o caminho do documentário.

Sob o ponto de vista centralizado para o cinema estrangeiro que explorava a Amazônia, quase sempre sob a forma de documentários, a professora Dra. Selda Vale da Costa (2006), a idealizadora e uma das curadoras da Mostra Amazônica do Filme Etnográfico, afirma em seu texto de apresentação no catálogo que “a propaganda foi o maior alvo do olhar cinematográfico amazônico ao ponto de praticamente impedir a realização de filmes de ficção.” De certo modo, ainda precário e sob muitas críticas, o cinema amazonense começou a dar alguns pequenos sinais de uma construção de um olhar amazônico expressivo tanto na ficção como no documentário, como é possível perceber nas futuras filmografias de Sérgio Andrade e Aldemar Matias.

Nesse contexto, com a intenção de alimentar a cultura cinematográfica amazonense direcionando-a para o cinema documentário, além de demonstrar a mediação que o cinema possibilita com as ciências humanas, especialmente a Antropologia, surge a primeira edição da Mostra Amazônica do Filme Etnográfico, que foi realizada em Manaus entre os dias 01 e 07 de dezembro de 2006, por iniciativa do Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Amazonas (Navi / UFAM), grupo de pesquisas vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, comandado pela professora Dra. Selda Vale da Costa. Segundo os objetivos descritos no regulamento

a Mostra Amazônica do Filme Etnográfico pretende ser um espaço de difusão e discussão do filme documentário e etnográfico realizado sobre a Amazônia. Seus objetivos envolvem a divulgação de filmes realizados na Amazônia, a reflexão acerca da representação da região no cinema documentário e etnográfico e a promoção do diálogo entre produtores e pesquisadores. (COSTA, 2006)

Com essa proposta definida, a Mostra se diferenciava da mostra paralela de documentários etológicos (ciência que estuda o comportamento dos animais) que acontecia nas edições do Amazonas Film Festival.

Foram selecionados quarenta filmes, sendo oito filmes amazonenses, entre curtas, médias e longas-metragens, para compor a programação da Mostra Competitiva onde concorriam a um Prêmio do Júri Oficial, além das possíveis menções honrosas. As exhibições aconteciam no Teatro UNINORTE (Av. Joaquim Nabuco, 1469 – Centro), pertencente à universidade particular UNINORTE, em uma parceria inédita entre uma instituição federal e uma do setor privado para a realização de um evento cultural totalmente voltado para o cinema. Uma parceria que durou somente as duas primeiras edições do evento.

Em 2008, a UNINORTE foi vendida para a *Laureate International Universities*, uma rede de instituições acadêmicas privadas dos Estados Unidos, e com isso, a continuidade da parceria terminou. Ainda houve algumas sessões no auditório da UNINORTE, em período de aulas da graduação em Comunicação Social, em que os professores levavam os alunos e, com isso, as sessões ficavam lotadas.

A Mostra prestou uma homenagem ao cineasta documentarista Jorge Bodanzky, que esteve presente no evento, exibindo o filme “Iracema, uma transa amazônica” (1974), de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, um clássico do cinema brasileiro, como o filme de

abertura da Mostra. Além disso, na programação do evento, houve a Mostra Jorge Bodanzky, com a exibição de toda a sua filmografia.

Assim como o Amazonas Film Festival, a Mostra Amazônica do Filme Etnográfico também oferecia uma programação de oficinas, cursos e debates, como a oficina “O som direto para documentário”, os minicursos “O cinema de Jean Rouch” e “A imagética da Comissão Rondon”, os debates “Antropologia visual”, “O cinema em Manaus nos anos 60 e 70”, “A produção atual de documentários na Amazônia” e “Tocando imagens – a experiência da AMFILD”. Esse último debate foi realizado com a presença de Izis Negreiros e Carlos Garcia, que estiveram envolvidos na produção do Festival Amazonas Filmes Curta Brasil e no projeto Cinema e Vídeo na Educação.

Na segunda edição do evento só foram selecionados quinze filmes para a Mostra Competitiva, com quatro filmes amazonenses, demonstrando um esgotamento na produção de documentários ou ficções que possuíam algum conteúdo etnográfico. O curta-metragem “A incrível história de Coti: Rambu do São Jorge” (2007), de Anderson Mendes, e o longa-metragem “Sete palmos de terra e um caixão” (2005), de Izis Negreiros e Carlos Garcia, que nunca foi exibido no circuito comercial, não eram filmes que poderiam ser facilmente classificados como etnográficos.

A Mostra Amazônica do Filme Etnográfico não possuía um público jovem, sendo mais frequentado por professores universitários e alunos de pós-graduação que estavam interessados na discussão sobre as questões urgentes da Amazônia. A Mostra representava uma possibilidade de aprofundar a visão sobre o cinema e a Amazônia e teve um valor inestimável para a formação de documentaristas no Amazonas.

No entanto, não havia um investimento na produção de filmes etnográficos para realizadores amazonenses, assim como o Amazonas Film Festival conseguia fazer com o concurso de roteiros para curta-metragem. Sendo assim, ficava mais difícil para a Mostra criar laços com a produção local e formar uma plateia, que não fosse somente formada por discentes e docentes de cursos universitários, para uma apreciação estética mais refinada em relação ao documentário.

Com o Teatro Gebes Medeiros, antigo Ideal Clube, com capacidade para cento e quarenta pessoas, abrigando a Mostra Competitiva, o destaque dessa segunda edição foi a Mostra Vídeo nas Aldeias, que teve a presença do idealizador do projeto, o antropólogo e cineasta francês, Vincent Carelli. Alguns temas dos minicursos e oficinas oferecidos na

primeira edição se repetiram na segunda edição, o que pode ter causado um desinteresse no público que participou da primeira edição.

A Mostra Amazônica do Filme Etnográfico seguiu por mais três edições, totalizando cinco. Em 2010 não houve o evento, só retornando em 2011, por iniciativa da cineasta Flávia Abtibol, que estava fazendo mestrado na UFAM sob orientação da professora Dra. Selda Vale. Gustavo Soranz (2022), um dos curadores da Mostra, diz que:

O grupo foi se desmembrando. Era um grupo de pesquisa, não havia uma produtora, e existia sempre uma dificuldade em captar recursos. As pessoas envolvidas na produção encerravam seu ciclo universitário e iam saindo da Universidade e assim, o grupo foi enfraquecendo, sem constituir um corpo permanente. Os professores Tom Zé e Selda Vale da Costa estavam em todas as edições da Mostra.

Em todas as cinco edições da Mostra Amazônica do Filme Etnográfico houve o projeto aprovado no edital de realização de eventos na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), o que permitia pagar as passagens aéreas, alimentação e hospedagem dos convidados.

De certo modo, a Mostra Amazônica do Filme Etnográfico estimulou alguns cineastas amazonenses a também se dedicarem a realização de documentários como Aldemar Matias, Jimmy Christian, Rafael Ramos, Flávia Abtibol, Anderson Mendes, Zeudi Souza, Sávio Stoco, Heraldo Daniel, Henrique Amud, Wallace Abreu, Cristiane Garcia, Cleinaldo Marinho, Elen Linth, Daniel Tavares, Vanessa Pimentel, Homero Lacerda, entre outros. O Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Amazonas (Navi / UFAM), por meio da Mostra Amazônica do Filme Etnográfico, foi o responsável por aprofundar a visão da Amazônia e o repertório epistemológico desses cineastas.

“O filme etnográfico parece ser o caminho, a ponte para a travessia: do extrativismo/coleta de imagens, que certos documentários ainda praticam, à construção do diálogo na convergência de olhares que traduza a busca de uma linguagem amazônica, esteticamente mais sofisticada e mais universal” finaliza a professora Dr.^a Selda Vale da Costa em seu texto de apresentação no catálogo da primeira Mostra Amazônica do Filme Etnográfico.

3. O ENSINO DO AUDIOVISUAL NO AMAZONAS

3.1 PROJETO JOVEM CIDADÃO (2007-2014)

Em Manaus, o Projeto Jovem Cidadão iniciou no ano de 2007 atendendo a 4 mil alunos da rede pública. Em 2009, o programa já atendia a 120 mil jovens da capital e outros oito municípios do interior do Amazonas. Oferecia ao aluno uma nova perspectiva de vida. Ao participar do programa, o aluno volta à sua escola no contraturno e tem acesso a uma série de cursos técnicos e atividades esportivas e socioculturais que contribuem para seu crescimento como cidadão. Para estimular a participação, o Governo do Estado ainda disponibiliza uma bolsa mensal de 30 reais para o estudante, ou de 50 reais para a família com mais de um filho integrado ao programa. “Por meio do programa, os estudantes participam de atividades nas áreas de educação, esporte, cultura, capacitação e qualificação para o trabalho, realizada em parceria com as secretarias estaduais”⁴³ de Assistência Social (SEAS), de Educação (SEDUC), de Segurança (SSP), de Cultura (SEC), de Esporte (SEJEL) e do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM).

Thiago Morais, ex-aluno das oficinas de cinema e realizador de curtas metragens, foi convidado para ser o coordenador do departamento de audiovisual dentro do Projeto Jovem Cidadão, que inicialmente seria voltado apenas para a exibição de filmes e debates. Com a experiência adquirida como aluno das oficinas de cinema ministradas por Junior Rodrigues, Thiago Morais levou uma proposta de que aqueles alunos da rede pública também deveriam realizar seus próprios filmes. A ideia era vivenciar as particularidades que envolvem a produção de um filme, mesmo sendo em forma de exercícios, já que os filmes não podiam ser feitos fora do ambiente da escola, nem sem o uniforme escolar.

O projeto dava autonomia aos coordenadores de todos os departamentos e com um orçamento adequado ao tamanho do projeto era possível praticar atividades como levar alunos para as salas de cinema do circuito comercial de Manaus para assistir filmes. Em alguns casos, os alunos realizavam filmes em locais externos como o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), o Museu da Amazônia (MUSA), o Largo São Sebastião e, também, em alguns lugares próximos a escola, onde era necessário ter um aparato de segurança e ônibus para o transporte dos alunos.

Além das oficinas, o projeto oferecia um equipamento de filmagem para as escolas. Cada escola tinha um instrutor fixo e um estagiário. Thiago Morais chegou a trazer profissionais experientes no ensino do audiovisual nas escolas de outros Estados para capacitar os instrutores que ficariam encarregados de transmitir o conhecimento da linguagem cinematográfica para aqueles alunos na faixa dos doze aos quinze anos. No caso da edição e finalização dos filmes, havia uma equipe itinerante de instrutores que dava diversas oficinas de câmera, iluminação, som, edição, maquiagem, e até efeitos especiais, que ficavam encarregados do produto final para exibição.

Thiago Morais montava mostras de cinema nas escolas e incentivava os alunos a convidarem seus familiares para assistirem seus próprios filmes. Como os pais eram os responsáveis pelo recebimento da bolsa que era fornecida para os alunos que participavam das oficinas, Thiago vislumbrou a necessidade de criar um envolvimento maior dos pais dos alunos com a escola. Quando os pais assistiam seus filhos na tela ficavam emocionados, na verdade, não imaginavam o que os seus filhos estavam fazendo realmente na escola, e depois comentavam com muito orgulho que “os seus filhos faziam filmes e não perdiam tempo jogando videogame” (MORAIS, 2022).

Durante os cinco anos em que Thiago Morais esteve à frente da coordenação das oficinas foram realizados oitocentos filmes, com a duração variando entre cinco a dez minutos, tinham como tema central o cotidiano escolar, como bullying, as primeiras relações amorosas, a tensão nos dias de prova, etc. Em 2013, em iniciativa própria conseguiu inserir no Amazonas Film Festival, em sua última edição, uma mostra paralela, mas competitiva, com alguns dos filmes produzidos pelos alunos no Projeto Jovem Cidadão, que também foram lançados em DVD.

Como aluno do curso de graduação em Produção de Audiovisual na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Thiago Morais se deparou com alguns ex-alunos das oficinas de cinema do Projeto Jovem Cidadão cursando a mesma Universidade em diversas graduações. Um desses alunos foi o realizador Lucas Simões, vencedor do festival Um Amazonas com o curta-metragem “Luiza”.

Segundo Thiago Morais, os relatórios das secretarias de Educação (SEDUC) e de Segurança (SSP) demonstraram uma queda na evasão escolar e no índice de criminalidade no bairro e no entorno da escola onde as oficinas aconteciam. Antes das oficinas eram comuns roubos de equipamentos da escola durante o fim de semana, mas a partir da implantação do projeto e com o desenvolvimento de uma sensação de pertencimento a

algo de valor cultural e social, a própria comunidade, na qual a escola estava inserida, a “protegia”, fortalecendo a instituição em sua relação com a comunidade.

Com o crescimento do projeto abrangendo escolas de outros municípios houve a necessidade de aumentar o número de instrutores capacitados chegando a mais de cem instrutores durante os cinco anos em que Thiago Morais coordenou as oficinas de cinema. A maioria dos instrutores era composta por ex-alunos de oficinas de cinema do Junior Rodrigues, como Zeudi Souza, Abelly Cristine, Castro Junior, Heraldo Daniel, Adson Queiroz, entre outros. O jornalista e cineasta Aldemar Matias, realizador de filmes com passagens em festivais internacionais, também participou como instrutor no projeto.

Os últimos anos do Projeto Jovem Cidadão foi coordenado pelo cineasta Wander Luís, que foi aluno e parceiro de Junior Rodrigues desde o início do movimento de buscar formas de realização para um novo cinema produzido por amazonenses no Amazonas, até a extinção do projeto pelo governador José Melo de Oliveira ratificado em 2014.

3.2 PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA NA UNINORTE (2010-2012)

Diante de um momento em que a cultura cinematográfica amazonense se expandia por meio dos festivais de cinema e dos cursos e oficinas que promoviam a produção audiovisual no estado, Tristão Cavalcante, que era o diretor de pós-graduação e pesquisa da UNINORTE, um acadêmico atuante nas áreas das Ciências Econômicas, Administração e Engenharia de Produção, considerou a ideia de lançar uma pós-graduação em cinema, mesmo numa cidade onde não havia sequer uma graduação em cinema nas universidades.

A Pós-Graduação em Cinema da UNINORTE teve apenas duas turmas formadas em média por vinte alunos, sendo que a primeira foi composta, majoritariamente, por jovens recém-formados que trabalhavam no mercado publicitário e desejavam se aprofundar no conhecimento da linguagem cinematográfica. Alguns desses alunos também tinham passagens pelas oficinas de cinema de Junior Rodrigues. A pós-graduação não tinha em sua grade curricular nenhuma disciplina que exigisse a produção de um curta-metragem, nem mesmo o trabalho de conclusão de curso.

Após a conclusão da primeira turma não houve uma procura pelo público que fosse suficiente para que a pós-graduação continuasse vigorando. Só foi possível a existência da segunda turma porque o proprietário do jornal e TV A Crítica, Dissica

Calderaro, resolveu investir para melhorar a qualidade e aumentar o repertório de seus funcionários que trabalhavam na emissora de TV. Então a segunda turma da pós-graduação foi vendida exclusivamente para ser ocupada por esses funcionários com perfil de jornalistas.

A maioria dos professores eram convidados de outros estados, o que encarecia sensivelmente o custo de execução do curso, sendo que alguns deles possuíam experiência profissional na realização cinematográfica como Leandro Saraiva (roteirista) e César Migliorin (direção e montagem).

Os alunos da primeira turma da pós-graduação se organizaram e produziram, em conjunto com alguns alunos da graduação em Comunicação Social da própria UNINORTE, o curta-metragem “Et Set Era”, de Emerson Medina e Rodrigo Castro, que recebeu o prêmio de Melhor Curta-Metragem Amazonense de Ficção no 9º Amazonas Film Festival. O filme é uma espécie de homenagem ao cinema onde em uma festa à fantasia um grupo de amigos comenta sobre o cinema local e a realidade de filmar no Amazonas. Dessa experiência surgiu um grupo de produtores de audiovisual chamado Planos em Sequência formado por Emerson Medina, Leonardo Mancini, Rodrigo Castro, Diogo Nogueira e Moacyr Massulo.

Emerson Medina, egresso da pós-graduação em cinema, em entrevista publicada pela revista universitária Universo UNINORTE, em 2012, afirma:

Eu espero que a UNINORTE continue com a pós em cinema e estimule mais as demais turmas a realizarem trabalhos como esse que vão compor a filmografia do Estado. É importante destacar o pioneirismo da instituição que trouxe esse curso dois anos antes do Estado instituir sua Escola Superior de Cinema.

Parecia uma contradição, uma pós-graduação em cinema deixar de existir justamente quando uma graduação em produção audiovisual começava a acontecer, mas de certa maneira, não deixou de haver uma continuidade no campo do ensino universitário.

3.3 CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (2013-2017)

No início do ano de 2013, o curso de Tecnologia em Produção do Audiovisual da Universidade estadual do Amazonas (UEA) nasceu, fruto de uma parceria entre a UEA e a Secretaria de Estado de Cultura (SEC), no mesmo ano da última edição do Amazonas Film Festival, e mesmo antes de completar um ano de suas atividades, prontamente se noticiava o seu precoce fim. Em setembro, já se colocava a possibilidade da extinção do curso afirmando que a Universidade Estadual do Amazonas trabalharia com a alternativa de usar a estrutura do curso de produção audiovisual, com todos os equipamentos de câmera, iluminação, som e edição, avaliados em sua totalidade no valor aproximado de R\$1.000.000 (um milhão de reais), para a produção de suas aulas para o ensino a distância.

Segundo o pró-reitor de Ensino de Graduação da UEA, Luciano Balbino (2013), em matéria publicada pelo portal de notícias D24am:

Este curso é de oferta especial e tem características diferentes dos cursos regulares. Para ele, não haverá vestibular este ano, nem ano que vem, até que a UEA tenha fundamentos e convicções de que pode torná-lo regular (...) Tanto a responsabilidade da parte técnica quanto a estrutural, a UEA tem assumido sozinha. Este curso nasceu de um acerto e uma parceria com a SEC e de lá para cá, não sei por que, não tivemos as respostas que esperamos e estamos assumindo.

Ao contrário do que o Secretário de Cultura, Robério Braga (2013), alegava ao dizer que foram criadas todas as condições necessárias para que o convênio de cooperação com a UEA fosse firmado, contando inclusive com parcerias com a Rede Amazônica de Rádio e Televisão e as universidades particulares UNINORTE e Martha Falcão.

O coordenador do curso de Tecnologia em Produção Audiovisual, Abrahim Baze Jr. (2013), contesta dizendo que não existem parcerias com qualquer universidade particular, mas afirmava que o curso estava em fase de fechamento de parcerias com institutos de cinema para dupla certificação:

Estamos fechando vínculos, via reitoria, com o FORCINE (Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual), o SOCICOM (Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação), a Escola de Cinema Darcy Ribeiro e com a ECA-USP (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo) visando formação profissionalizante e até uma especialização paralela ao curso.

Algumas dessas parcerias ou convênios não aconteceram e tanto o plano pedagógico do curso quanto o plano de diretrizes institucionais sempre ficaram na fase de planejamento.

O curso de Tecnologia em Produção Audiovisual da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) possuía em média de trinta a quarenta alunos matriculados em um regime de ensino similar ao formato modular, ou seja, as disciplinas eram aplicadas, uma de cada vez, de forma contínua durante duas ou três semanas, como se fosse um curso livre de curta duração. A segunda turma só começou quando a primeira turma se formou, não teve continuidade semestre a semestre. Não havia um corpo docente da própria Universidade que fosse especializado na área do audiovisual e que pudesse atuar plenamente no curso. Não houve concurso público para a contratação de professores. Portanto, quase todos os professores eram convidados de outros Estados para suprirem a falta de professores capacitados. Acontecia o mesmo problema de enfrentar um alto custo para um curso acadêmico, no qual ainda precisava se consolidar estruturalmente, que atingiu a pós-graduação em cinema da UNINORTE um ano antes.

Com os professores sem um forte vínculo com a Universidade e os alunos não sendo reconhecidos pela própria instituição provocando constrangimentos como o impedimento ao serviço de alimentação da Universidade, o “bandejão”, além das dificuldades de cadastramento para frequentar e pegar livros na biblioteca. O curso em si era um corpo estranho na UEA.

Apesar das dificuldades, em 2015, finalmente, o projeto pedagógico do curso foi aprovado por unanimidade. Sendo assim, o curso de Tecnologia em Produção Audiovisual ficava mais próximo de se transformar em uma graduação em Cinema ou em Audiovisual na categoria de bacharelado, mas chegou ao fim sem deixar de ser um curso tecnológico e modular.

Entre alguns dos profissionais de destaque que deram aula no curso estavam os amazonenses Aurélio Michiles, que proferiu a aula inaugural para a primeira turma, e Óscar Ramos, que fez uma palestra dentro da disciplina de Direção de Arte, além do cineasta Ruy Guerra, ícone do Cinema Novo.

Entre os alunos, havia aqueles que já tinham participado das oficinas e festivais de cinema produzidos por Junior Rodrigues, como Dheik Praia e Thiago Morais. Havia também um aluno oriundo das oficinas de audiovisual do Projeto Jovem Cidadão, William

da Silva. Mais uma vez se percebe como aconteceram as dinâmicas sociais e as continuidades do cinema amazonense.

Em 2017, os alunos Valentina Ricardo e Lucas Maciel foram estagiários na produção do longa-metragem “A Terra Negra dos Kawa” (2018), de Sérgio Andrade, por meio de uma parceria com o curso. Valentina Ricardo deu prosseguimento a carreira, fazendo outros estágios em filmes, até tornar-se diretora de fotografia e sócia da produtora Fita Crepe Filmes e Artes Cênicas em parceria com o também aluno do curso, Bernardo Ale Abinader, que realizou o premiado curta-metragem “O barco e o rio” (2020). Segundo Bernardo (2020), a ideia do curta-metragem surgiu em um exercício praticado durante as aulas de roteiro e o projeto seguiu adiante ganhando o prêmio de um edital da Manauscult para a realização do filme.

Em matéria publicada pelo portal Cine Set, em junho de 2021, Bernardo estima que haverá uma retomada do curso:

A vitória de “O Barco e o Rio” com cinco Kikitos no Festival de Gramado 2020 simbolizou os avanços do cinema amazonense cada vez mais presente em eventos nacionais e internacionais. Um vácuo, entretanto, insiste em permanecer: a ausência de um curso regular do setor em uma instituição de ensino superior em Manaus (...) A última iniciativa do tipo chegou ao fim após a formação da segunda turma, em março de 2018, do curso de Tecnologia em Produção Audiovisual da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Três anos depois (...) o novo curso de audiovisual será ofertado ainda em caráter especial para 30 alunos (...) com expectativa de já ser inserido no próximo vestibular para começo das aulas em 2022.

Ao final de 2021, agora com o produtor cultural, professor e coordenador da Pós-Graduação em Gestão Cultural da UEA, João Fernandes (2021), à frente no processo da retomada do curso, em outra matéria publicada pelo portal Cine Set,

afirma que a expectativa é que seja realizado um processo seletivo em 2022 para a contratação de oito professores para o curso. As aulas deverão ocorrer no período da manhã com laboratórios para realização de trabalhos abertos durante todo o dia. A proposta readaptou o conteúdo programático para focar menos em áreas da Comunicação e mais em audiovisual, entrando, por exemplo, acessibilidade nas telas e cinema e gênero.

Mesmo sob problemas de diversas ordens, como a falta de organização para a implantação do curso de forma mais adequada e segura, a falta de comunicação com a Secretaria de Estado de Cultura para uma formalização do acordo envolvendo o aporte a ser investido e o custo desmedido para a sustentação a longo prazo, o curso superior de Tecnologia em Produção Audiovisual contribuiu para uma formação profissional mais

qualificada e o aprimoramento de uma cultura cinematográfica que começa a se evidenciar nos filmes produzidos por amazonenses.

4. OS ESPAÇOS DE EXIBIÇÃO PARA O CINEMA ALTERNATIVO

4.1 CINE CASARÃO

Em 2017, o ano em que selaria o fim do curso superior em Tecnologia em Produção Audiovisual na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o espaço cultural Casarão de Ideias inaugura a sala de cinema Cine Casarão, um cinema de rua com uma programação direcionada para a exibição de filmes fora do circuito comercial. Antes havia o Cineclube Casarão, que possuía uma programação voltada para a exibição de curtas-metragens amazonenses e debates com os realizadores. Em 2016, promoveu a mostra de cinema “35 anos sem Glauber Rocha”, com a presença da cineasta Paloma Rocha, filha de Glauber Rocha, no evento.

O responsável pelo Cine Casarão, o produtor cultural e professor da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), João Fernandes, notou que havia um público interessado em um cinema mais autoral e daí despertou para a possibilidade de desenvolver um empreendimento maior que pudesse capturar esse público, principalmente o jovem estudante, para frequentar e participar das outras atividades oferecidas pelo Casarão de Ideias.

Segundo João Fernandes (2021), o idealizador e administrador do Casarão de Ideias, em entrevista publicada no portal Ajuriartes, o interesse em abrir uma sala de cinema surgiu de um convite:

Fui convidado para um festival de cinema em Salvador. (...) Tive contato com uma pessoa do mundo do cinema, dizendo que queria criar uma sala de cinema em Manaus. Pensei: ‘essa vai ser a virada do novo espaço’. Fazia 15 anos que nosso Centro estava sem um cinema (...) fui a São Paulo para entender os processos para ter uma sala de cinema. (...) ninguém dizia o que eu precisava fazer para oficializar isso, mas decidi que iria até o fim. Temos tido um bom público. Algumas sessões chegam a esgotar antes da estreia do filme. (...) Trata-se de um público seletivo, intelectualizado, que não assiste a qualquer tipo de filme. (...) Tínhamos a sala e a galeria, mas as pessoas iam tomar café em outro lugar, então pensamos em mais um serviço e renda para o Casarão. Isso cria uma renda para o espaço. (...) A gente agrega serviços, daí sim ganhando essa conotação de centro cultural.

Desde 2012, não existia uma sala de cinema de rua em funcionamento sendo o

Cine Premiere, no Centro, o último a fechar em definitivo em Manaus.

Até o momento, o Cine Casarão já exibiu mais de quinhentos filmes dos quais mais da metade foram filmes nacionais atingindo um público de mais de 30 mil espectadores, além de abrigar oficinas e cursos na área do audiovisual.

4.2 CINE & VÍDEO TARUMÃ

O Cine & Vídeo Tarumã é um cineclube que funcionou por meio de um projeto de extensão da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que começou em 1990, mas que na verdade é uma continuação do Cineclube Tarumã, criado em 1980, idealizado pelo jornalista e professor Antônio José Vale da Costa.

A colaboração do Cine & Vídeo Tarumã em desenvolver uma sensibilidade e uma ampliação do poder de observação por meio do acesso ao conhecimento cinematográfico proporcionado pelas sessões e debates é apontada por alunos da UFAM, principalmente dos cursos de Comunicação Social, como uma experiência enriquecedora dentro de sua formação cultural.

Alguns alunos que frequentavam o cineclube tornaram-se críticos de cinema, pesquisadores e realizadores, como Susy Freitas, Pâmela Eurídice, Sávio Stoco, Diego Bauer, César Nogueira, Caio Pimenta, Antônio Carlos Junior, Arthur Charles, Paula Carvalho, Bernardo Ale Abinader, Hector Muniz, Clayton Nobre, Luís Otávio, Jony Clay e Aldemar Matias. Alguns desses alunos também participaram e realizaram seus primeiros filmes nas oficinas de cinema ministradas por Junior Rodrigues, como Diego Bauer e Antônio Carlos Júnior.

Constata o ator e produtor audiovisual Antônio Carlos Júnior.

Eu fiquei por volta de um ano e meio no Cine & Vídeo Tarumã. (...) foi uma experiência sensacional para mim. O projeto te proporciona conhecer diversas visões de cinema. Ali eu puder conhecer Antonioni, Bergman. Vi de filmes etnográficos até animações polonesas (...) Sempre ocorria uma homenagem a cineastas ou profissionais no cinema, sempre estava ocorrendo sessões especiais de várias cinematografias

O cineclubismo não envolvia a questão de incentivar diretamente a prática da realização de filmes, mesmo que num passado remoto, nos anos 1960, a intensa atividade cineclubista de Manaus tenha estimulado alguns de seus frequentadores cinéfilos a entrar

no caminho da produção de filmes. Era uma atividade de reflexão, de pensar no filme que acabou de assistir e perceber no debate que pontos de vista divergentes poderiam acrescentar algo importante na compreensão daquele filme em questão, assim era o ambiente universitário do projeto, um ponto de encontro de todos os cursos da UFAM. As sessões aconteciam após o almoço, refúgio de todo estudante do período.

O Cine & Vídeo Tarumã era um contraponto a iniciativa das oficinas e festivais de cinema coordenadas por Junior Rodrigues, que possuíam a atribuição de produzir filmes a qualquer custo, sem muita ponderação, sem muitos questionamentos, sem um aprofundamento estético, que pudessem elevar o conteúdo daquela produção de curtas metragens a um estágio mais amadurecido.

O idealizador do cineclubes, Antônio José Vale da Costa (2012), diz que o

primeiro objetivo era mostrar um cinema mais dentro de um espírito do cineclubismo (...) Pretendemos criar uma provocação, sempre ter uma direção de uma conversa. De um debate que pudesse ser sobre ou uma especificidade do cinema, por exemplo, o trabalho com um ciclo de filmes que pudesse dar ideia sobre o neorealismo italiano, ou também de temas, algo ligado a um ponto histórico ou problema social. (...) De alguma maneira, o Cine & Vídeo ajudou nessa composição do que eles imaginam fazer hoje, tendo visto filmes, trazendo cineastas para cá, fazendo as mostras que fizemos. Temos uma pequena parcela na contribuição destas pessoas que se ligaram mais em cinema, seja escrevendo sobre ou fazendo filmes mesmo.

Atualmente, o Cine & Vídeo Tarumã funciona sob a coordenação do professor Luiz Antônio Santana que conta com a colaboração dos alunos para a elaboração da programação, que é mais voltada para o cinema contemporâneo, mas sempre à procura de despertar no público a cinefilia.

5. AS POLÍTICAS CULTURAIS E O PERCURSO DE PRODUTORAS E COLETIVOS AUDIOVISUAIS DE MANAUS

Em 2007, é lançado o Programa de Apoio às Artes (Proarte) “que se constitui na iniciativa mais ampla e direta da Secretaria de Estado de Cultura (SEC) que, por meio de editais, propõe a destinação de recursos para a realização de atividades artísticas e culturais no Estado” (MENEZES, NASCIMENTO; 2017). Em sua primeira edição (2007/2008) foram contempladas onze áreas, assim dispostas: artes visuais, circo, cinema e vídeo, cultura indígena, cultura popular, dança, literatura, música, pesquisa artística e

cultural e teatro. Foram recebidos 163 projetos e ao final apenas 21 projetos foram aprovados (MENEZES, NASCIMENTO; 2017).

A Secretaria de Estado de Cultura (SEC) ganhou certa autonomia em 2003, diversificando ações e se constituindo também como um núcleo de difusão de incentivos ao audiovisual no Amazonas. Podemos relacionar este acontecimento à política nacional, uma vez em que o Ministério da Cultura é institucionalmente fortalecido, especialmente, no que se refere às suas políticas de descentralização cultural, que possuía como principal objetivo retirar a exclusividade do financiamento cultural do eixo Rio-São Paulo (MENEZES, NASCIMENTO; 2017).

Em 2009, a prefeitura de Manaus criou um novo órgão – uma fusão da Secretaria Municipal de Cultura (SEMC) com a Fundação Municipal de Turismo (ManausTur) – a Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos (ManausCult). Em 2010, sob a justificativa de Manaus ter sido escolhida como uma das sedes da Copa do Mundo/FIFA de 2014, houve uma nova alteração separando as áreas de turismo e cultura. Criou-se a Fundação Municipal de Cultura e Artes (ManausCult). A separação foi importante, tendo em vista que do ponto de vista da elaboração e implementação das políticas públicas, essa junção de segmentos distintos enfraquece a atuação do Estado como ator indutor, uma vez que há um compartilhamento de recursos e pessoal técnico. (MENEZES, NASCIMENTO; 2017).

Também em 2009, houve o Programa de Apoio e Incentivo à Cultura (Paic), com recursos municipais destinados às ações de difusão cultural e capacitação em diversas áreas da cultura, no valor de R\$ 993.000,00, que correspondia a 8,3% do orçamento da ManausCult. Foram inscritos 150 projetos e 75 foram contemplados. Em 2011, o total de recursos destinado foi de R\$ 1.205.000,00, sendo que o audiovisual foi a quinta categoria mais favorecida recebendo R\$ 135.000,00, atrás de produção cultural, teatro, música e dança, respectivamente (MENEZES, NASCIMENTO; 2017).

Em 2010, “A Floresta de Jonathas” (2012), de Sérgio Andrade, foi o primeiro longa-metragem da região Norte contemplado no Edital de Longas Metragens de Baixo Orçamento, em uma parceria da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura (SAV/MinC) com a Agência Nacional do Cinema (ANCINE), por meio do Programa Brasil de Todas as Telas com recursos do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA). Os projetos recebiam até R\$ 1.250.000,00.

Diante de uma produção audiovisual que crescia progressivamente, incentivada pela visibilidade proporcionada, em parte pelo Amazonas Film Festival, começava também despontar a necessidade de alguns realizadores de abrirem empresas para participarem desses editais do governo do Estado e da prefeitura, além de poderem participar de licitações ou serem candidatas a produzirem vídeos publicitários para campanhas políticas.

Somente em 2015, aconteceu um real florescimento de novas produtoras audiovisuais por causa do investimento de R\$ 12 milhões que haveria exclusivamente para a região Norte por meio do programa Brasil de Todas as Telas, do Ministério da Cultura. Nessa política cultural, os projetos de outras regiões não competiam entre si, cada Estado concorria com a sua realidade regional.

Os coordenadores da Unidade Técnica da Região Norte (ANCINE), o documentarista amazonense Aldemar Matias e o produtor acreano Clemilson Farias, fizeram o mapeamento das produtoras locais, sendo a maioria de produtoras de filmes publicitários, e estimularam os realizadores emergentes de Manaus a abrirem produtoras para fazerem parte da profissionalização da cadeia produtiva.

Como parte dessas atividades, as inscrições para o edital Linha de Produção de Conteúdo para TVs Públicas foram minuciosamente esclarecidas para os produtores do audiovisual local, com a explicação de todos os detalhes de como deveriam participar da seleção de projetos e como realizar o conteúdo que seriam divulgados nas grades de programações das TVs públicas brasileiras (universitárias, comunitárias, educativas, culturais).

Em 2018, o Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Audiovisual (Prodav) da ANCINE, para a produção de filmes e séries para TVs públicas, contemplou catorze projetos do Amazonas, como a série infantil (“Blog da Mari”, de Liliane Maia), as séries documentais (“Amazônia postal”, de Gustavo Soranz e “Palante”, de Aldemar Matias) e as séries de ficção (“O boto”, da Artrupe Produções, “Transviar”, da Eparrei Filmes). O Amazonas foi o Estado que mais aprovou projetos neste edital.

Com isso, diversas produções audiovisuais de pequenas produtoras amazonenses foram viabilizadas por essas políticas públicas implementadas nos últimos dez anos, como séries de TV, curtas metragens, documentários, web séries e festivais de cinema.

Em 2010, o cineasta Sérgio Andrade desenvolveu o roteiro do longa-metragem “A floresta de Jonathas” e inscreveu o projeto no edital de baixo orçamento do Ministério da Cultura. “Foi a primeira vez na história do Brasil que um filme da região Norte teve um projeto inscrito e selecionado”, afirma o diretor.

As políticas culturais diferenciadas para as regiões fora do eixo Rio-São Paulo e aplicadas por meio da Ancine e o Ministério da Cultura resultaram, e ainda viabilizam, tanto as produções cinematográficas de longa-metragem, de caráter comercial ou não, quanto às produções para a TV e streaming, como documentários, telefilmes e séries.

5.1 COLETIVO DIFUSÃO

O Coletivo Difusão surgiu em 2006 com a proposta de integrar os diversos segmentos artísticos em atuação na sociedade, organizando eventos de artes integradas e atuando em conjunto com algumas frentes inovadoras de produção e mobilização em Manaus. Michelle Andrews, Allan Gomes, Keila Serruya, Paulo Trindade, Marcos Tubarão, Cris Oliveira eram os integrantes do coletivo que desenvolviam atividades no audiovisual, como produções de vídeo clipe, vídeo *mapping*, vídeo dança e o cineclube Tudo Muda Após o Play.

Em 2005, Michelle Andrews e Allan Gomes já trabalhavam juntos em diversas iniciativas culturais, dentre as quais a produção do programa Sinergia, veiculado pela TV Comunitária, que conseguiu gravar em vídeo uma rara entrevista com o professor Narciso Freire Lobo e o produtor e cineasta Junior Rodrigues⁴⁴.

Michelle Andrews (2023) e Allan Gomes também participaram como alunos das oficinas de cinema do Junior Rodrigues, “que introduzia um discurso que reconhecia e valorizava a questão do Amazonas como um todo, a questão da interiorização, da nossa identidade, de quem somos e como construir e transmitir essas narrativas, ele encantava por esse discurso forte”, afirma Michelle Andrews.

5.2 GRUPO PICOLÉ DA MASSA

Criado em 2016, o Grupo Picolé da Massa, coordenado por Keila Serruya e Dheik Praia, reúne diversos artistas da região Norte que produzem atividades ligadas às artes

visuais e ao audiovisual. Muitos dos seus projetos possuem linguagens híbridas que buscam construir obras/atividades e que dialoguem com a contemporaneidade sempre com a missão de produzir e incentivar esses projetos culturais.

Entre tantos projetos realizados, destaca-se a Mostra Itinerante de Audiovisual Cine Bodó, que começou a ser realizado a partir de 2015, antes da formalização do grupo, por meio de aprovações em editais de cultura. O Cine Bodó busca levar o cinema como ferramenta de cidadania para as comunidades periféricas e indígenas de Manaus e apresentar a linguagem cinematográfica com foco no “tripé” formação, produção e exibição, sendo que nesse caso tem o acréscimo das rodas de conversa sobre as produções que serão realizadas. Essa iniciativa já atingiu mais de trezentos jovens e adolescentes, passou por mais de dezesseis comunidades e produziu mais de vinte curtas metragens.

Esse projeto idealizado com a proposta de propiciar novos pensamentos e visões sobre comportamento a partir do cinema já percorreu lugares como: a comunidade da Sharp, localizada na Avenida Grande Circular, no bairro Armando Mendes, da zona leste; o Centro Cultural Indígena Wakenai Anumatwhit, na comunidade Parque das Tribos, no bairro Tarumã, da zona oeste; o grupo TransformAÇÃO, localizado na Rua São Vicente de Paula, no bairro Redenção, da zona centro-oeste; o coletivo Soul do Monte, no bairro Monte das Oliveiras, da zona norte; a Associação Diamante Lapidado, na comunidade de João Paulo, da zona leste e o Quilombo Urbano Barranco de São Benedito, no bairro Praça 14, da zona sul, levando oficinas de capacitação audiovisual gratuita.

Segundo o escritor Rojefferson Moraes, do coletivo Soul do Monte, em entrevista ao portal Cine Set, em 2021, a

execução do projeto Cine Bodó no Monte das Oliveiras é uma oportunidade para crianças e jovens explorarem suas habilidades analíticas a respeito do território onde vivem, os problemas sociais como a violência generalizada, a ausência de políticas públicas que os beneficiem, a fome, problemas de saúde, entre outros, são evidenciados em suas produções, como resultado das oficinas de cinema. Além disso, é a oportunidade deles se colocarem em primeiro plano, como atores sociais ativos, capazes, e com senso crítico apurado.

Assim como Michelle Andrews e Allan Gomes, que foi um dos instrutores do Cine Bodó, as idealizadoras do Grupo Picolé da Massa, Keila Serruya e Dheik Praia, também foram alunas das oficinas de cinema ministradas por Junior Rodrigues, sendo que Dheik Praia foi revelada no projeto Cinema e Vídeo na Educação, coordenado pela cineasta e escritora Izis Negreiros, fundadora da AMFILD (Amazonas Filmes Digitais).

Atualmente, Keila Serruya é uma artista de destaque nacional nas artes visuais, com as suas obras percorrendo em exposições por todo o país, incluindo os seus filmes de curta-metragem, e Dheik Praia é uma produtora audiovisual dedicada a diversos projetos sociais transformadores com características similares ao Cine Bodó, além de cineasta com projetos de curtas-metragens contemplados em editais de cultura.

5.3 ARTRUPE

A Artrupe Produções é uma empresa direcionada para as realizações no segmento cultural, focando principalmente nas questões sociais LGBTQI+ e da condição da mulher na sociedade contemporânea. Está em atividade desde 2012 e produziu dez curtas metragens, como "Terra Nova" (2021), de Diego Bauer, "Obeso Mórbido" (2018), de Diego Bauer e Ricardo D'Albuquerque, "Aquela Estrada" (2016), de Rafael Ramos, sendo a maior parte dessa produção financiada por aprovações em editais públicos nas esferas municipal, estadual e federal. Em 2017, realizaram uma série de TV chamada "Boto", contemplada pelo edital federal PRODAV 08 (Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Audiovisual Brasileiro) - TVs Públicas, da ANCINE.

O festival de cinema Olhar do Norte, produzido pela Artrupe, está próximo de sua quinta edição, em 2023, sendo que a quarta edição contou com vinte e quatro filmes do Amazonas selecionados dos sessenta e um inscritos. Esse festival substitui o evento Mostra do Cinema Amazonense, que teve somente duas edições e um orçamento bem modesto, que porventura já era uma resposta no sentido de preencher o vácuo deixado pelo fim do Amazonas Film Festival. Todas as edições do Olhar do Norte tiveram apoio da prefeitura ou aprovação em editais.

No quadro de sócios da Artrupe encontra-se o jornalista, ator e produtor audiovisual Diego Bauer, ex-aluno de Junior Rodrigues, e o jornalista e fotógrafo César Nogueira, aluno da UFAM e frequentador do Cine & Vídeo Tarumã. Simbolicamente, duas vertentes do conhecimento cinematográfico amazonense que se cruzam formando uma cultura cinematográfica que pode ser representada no exercício da realização de filmes em uma procura contínua de um cinema amazônico.

5.4 LEÃO DO NORTE AUDIOVISUAL

A produtora e consultoria Leão do Norte Audiovisual é uma produtora sediada em Manaus há quatro anos e, mesmo sem um profissional amazonense em seu quadro de sócios, realizaram um evento inédito e muito importante no Amazonas, o Mapati – Mercado Audiovisual do Norte.

O Mapati é um projeto que procura abrir caminhos para a profissionalização dos produtores dentro do mercado audiovisual, capacitando os empreendedores a estreitar as conexões entre os distintos membros da cadeia produtiva, preparando-os para os possíveis *pitchings*, promover a circulação de produtos em outras janelas de exibição e em como se comportar numa rodada de negócios para gerar acordos e patrocínios.

O acreano Clemílson Farias e o paulista Carlos Barbosa fizeram parte da Unidade Técnica da Região Norte (ANCINE), e com isso, conseguiram, além de estabelecer uma ampla rede de contatos com as produtoras locais, conhecer profundamente os problemas enfrentado pelos realizadores e a elaborar alternativas de soluções para melhorar a produção audiovisual no Amazonas.

A Leão do Norte Audiovisual atuou nas funções de direção de produção, pesquisa e produção de locação para o longa-metragem “Noites Alienígenas” (2022), de Sérgio Carvalho, produzido e filmado no Acre. O filme recebeu seis prêmios no tradicional Festival de Cinema de Gramado, incluindo o de Melhor Filme.

5.5 EPARRÊI FILMES

A Eparrêi Filmes é uma produtora audiovisual com o objetivo de aproximar as pautas da diversidade de gênero e sexualidade com as questões do negro na sociedade⁴⁶.

A produtora executiva da Eparrêi Filmes, Elen Linth, é formada em Cinema e Audiovisual pela UFF/UFRB, e foi a última realizadora a vencer o prêmio de roteiro promovido na última edição do Amazonas Film Festival com o curta-metragem “Sandrine” (2015). No entanto, Elen Linth não teve o prazer de ver o seu filme sendo exibido e competindo no Amazonas Film Festival, que aconteceria no ano seguinte.

Elen Linth realizou a série para TV “Territórios” (2017), um dos projetos contemplados pelo edital federal Prodav 8 - TVs Públicas da Região Norte, que aborda temas relacionados ao corpo das travestis, a discriminação e a aceitação. Com cinco episódios, enfocando cinco olhares de mulheres periféricas de Manaus, a série levanta as

práticas nefastas da sociedade que acabam consolidando as desigualdades sociais e as injustiças, destacando o racismo e a homofobia.

Em 2019, a Eparrêi Filmes lança o média-metragem “Travessia”, de Elen Linth e Riane Nascimento, também financiado pelo Prodav 08 - TVs Públicas da Região Norte, que é um documentário sobre a família de Gloriane Aimable, haitiana que vive no Brasil há seis anos com o marido e os filhos e busca uma maneira de trazer o pai e o irmão para o Brasil, mas enfrentam muitos problemas de uma vida precária.

Também produziram a série de TV “Transviar”, que aborda a relação amorosa de um jovem transexual com o seu marido, agora financiada pelo edital do programa Brasil de Todas as Telas, da ANCINE, em 2017, mas lançado somente em 2020.

6. AS PARTICULARIDADES DE UM NOVO CINEMA AMAZONENSE

O papel de Junior Rodrigues como o principal agitador cultural, no âmbito da cultura cinematográfica, no início do século XXI, foi decisivo para que diversas pessoas pudessem dar o seu primeiro passo em relação a produção audiovisual no Amazonas. Junior Rodrigues conseguiu fazer com que os participantes das oficinas perdessem o medo de encarar a produção de um filme e de obter a autoestima necessária para seguir adiante em sua profissionalização.

É evidente que os interessados em se profissionalizar na área do audiovisual procuraram outros cursos de audiovisual, em outras cidades, em outros Estados, que fossem mais robustos, mais completos, mais técnicos. Sendo assim, descobriram novas referências, não só ligadas ao ensino do audiovisual, como também ao próprio trabalho já como profissional da área.

Com isso, uma identidade amazônica mais diversificada foi se desenvolvendo desde o início do século XXI. É possível encontrar filmes amazonenses que destaquem mais os problemas sociais urbanos, como o desemprego, a moradia precária, a violência do crime organizado, o baixo acesso aos centros de saúde e o transporte coletivo sucateado, do que as questões ambientais, que acabam sendo mais exploradas no audiovisual por produções estrangeiras ou de fora do Estado.

Em agosto de 2021, uma matéria escrita pelo jornalista e escritor paraibano Jotabê Medeiros para o portal Amazônia Real revelou para um grande público o impacto das produções de curtas-metragens amazonenses em festivais nacionais e internacionais.

Segundo o jornalista, Jotabê Medeiros (2021):

o novo cinema do Amazonas movimentou a dramaturgia, desenvolvimento técnico e gera emprego, além de alimentar o debate teórico. Uma movimentação que sugeriria a criação de um polo audiovisual imediato, caso houvesse uma ação do Estado de fato interessada (...) uma vocação que permanece vigorosa (...) cada vez mais as pessoas que fazem cinema aqui e que são daqui querem falar sobre a cidade e falar das histórias de quem a habita. E isso tem se dado de uma forma cada vez mais presente (...) Só pelo fato de permitir ao espectador de outros rincões do país compreender essa encruzilhada entre tradição e absorção já seria uma façanha desses filmes (...) é uma safra de cinema feita de atualidade, diversidade e de força interpretativa.

Antes dessa profusão de curtas metragens, produzidos em grande parte pelos editais municipais e estaduais dos últimos cinco anos e pela Lei Aldir Blanc⁵¹ em 2020, houve as longas-metragens “Antes o tempo não acabava” (2016) e “Terra Negra dos Kawa” (2018), de Sérgio Andrade, que foram lançados no circuito comercial brasileiro, além do “A Floresta de Jonathas” (2012).

Esses longas-metragens de Sérgio Andrade procuram provocar uma reflexão sobre determinadas questões indígenas que saem do espectro mitológico ancestral e entram no espaço urbano e contemporâneo. São filmes realizados com protagonistas indígenas e que escapam ao imaginário dominante e lugar-comum sobre a realidade dos povos indígenas. “Antes o tempo não acabava” (2016) trata da história de um jovem indígena e o seu conflito de decidir deixar de lado as suas raízes indígenas para se inserir em uma cultura urbana e capitalista. É o rito de passagem de um jovem indígena onde todas as suas dúvidas despertam o seu próprio amadurecimento diante do cotidiano da vida moderna, encarando as desigualdades sociais, o desemprego, a descoberta da sexualidade e a busca por uma identidade. Pode-se dizer que é um filme amazônico e universal.

Assim como o filme anterior de Sérgio Andrade, “A Floresta de Jonathas” (2012), o projeto de seu segundo longa-metragem também foi contemplado com recursos do governo federal por meio do Fundo Setorial do Audiovisual da Agência Nacional do Cinema (FSA/ANCINE). O filme também recebeu 30 mil euros para a pós-produção pelo World Cinema Fund (um fundo de financiamento criado pelo Festival de Berlim), que escolhe filmes de todo o mundo para subsidiar os processos de produção e distribuição, e

⁵¹ Lei que prevê auxílio financeiro ao setor cultural. A iniciativa busca apoiar profissionais da área que sofreram com impacto das medidas de distanciamento social por causa do coronavírus.

posteriormente, foi selecionado para a Mostra Panorama do Festival de Berlim em 2016. Um fato inédito para o cinema amazonense.

O projeto de seu terceiro longa-metragem ‘A Terra Negra dos Kawa’ (2018) também foi selecionado pelo Edital de Baixo Orçamento para Longas Metragens da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e pela ANCINE (Agência Nacional de Cinema), o mesmo edital que já havia contemplado “A Floresta de Jonathas” (2012), e teve patrocínio da Petrobras, do Fundo Ibermedia e apoio da Secretaria de Cultura do Amazonas.

O problema é que numa perspectiva nacional dava a entender que apenas Sérgio Andrade conseguia fazer cinema no Amazonas. Sérgio Andrade conseguiu construir uma carreira no audiovisual fortalecida pelo seu tempo como servidor público de cargo comissionado da Secretaria de Estado de Cultura, onde pode ter contato com diversos projetos de cinema com a formatação profissional exigida pelo mercado e adquirir um *know-how* com as produções cinematográficas nacionais e estrangeiras que vinham para a Amazônia por meio da Amazonas Film Commission.

Portanto, ainda falta uma política pública pensada por profissionais da área do audiovisual e que esteja preocupada, por meio de cursos ou intercâmbios, em estabelecer, facilitar e capacitar produtores audiovisuais para poderem elaborar projetos mais consistentes e competir igualmente com os produtores mais experientes e com uma trajetória consolidada no mercado audiovisual brasileiro.

A emergente produtora amazonense Fita Crepe Filmes e Artes Cênicas está em processo de captação de recursos para realizar um longa-metragem baseado no curta-metragem premiado no Brasil e no exterior, “O barco e o rio” (2020), de Bernardo Ale Abinader, que teve aporte financeiro do edital da Manauscult. Esse curta-metragem também alcançou um feito único dentro da produção do cinema amazonense que foi a conquista de cinco prêmios no Festival de Gramado, incluindo o de Melhor Curta-Metragem, e uma Menção Honrosa no Festival Internacional de Cinema de Huesca, na Espanha. O texto da Menção Honrosa justifica o reconhecimento do curta-metragem “pela força de seu discurso cinematográfico testemunhal e ao mesmo tempo empático, que narra sutilmente a passagem de uma mulher do sacrifício à liberdade”⁴⁹ (em tradução livre do espanhol).

O enredo de ‘O barco e o rio’ narra o conflito entre duas irmãs herdeiras de um barco, que é a fonte de renda e moradia, sendo que elas possuem valores distintos relacionados ao modo de viver e a religião. O cenário composto pelo interior do barco e o entorno do barco mantendo o rio sempre presente, mesmo quando não aparece ao fundo o rio parece estar sempre na subjetividade dos personagens, permeado por objetos e móveis rústicos. As atrizes com características étnicas indígenas ou caboclas acentuam toda a dramaticidade imposta num universo amazônico. A edição valoriza o tempo dilatado remetendo ao possível tédio que predomina naquele ambiente limitado e, de certo modo, imobilizado. A fotografia é quase o oposto do que se espera de um filme amazônico, pois não são imagens solares que iluminam os personagens, há um claustro escuro sem muita cor derivando um espírito colorido da fauna e da flora.

Bernardo Ale Abinader tem formação acadêmica em Letras e não possui histórico de participação em oficinas ou cursos livres de cinema, mas tanto Bernardo como a diretora de fotografia Valentina Ricardo foram alunos da segunda turma do curso superior de Tecnologia em Produção Audiovisual, da Universidade do Estado do Amazonas, hoje extinto.

Mesmo não havendo um diálogo direto com as atividades ligadas à produção cinematográfica realizada nos últimos anos, mas, de certo modo, estão em continuidade com os projetos desenvolvidos pelo Núcleo de Antropologia Visual (NAVI/UFAM) e com o cineclube Cine e Vídeo Tarumã (UFAM), o filme consegue condensar o ideário de um cinema amazônico e universal demonstrando que há o desenvolvimento progressivo de uma cultura cinematográfica mais sólida que pode ficar imbuído dentro de um imaginário amazônico singular em andamento.

Outros curtas-metragens recentes como “Terra Nova” (2021), de Diego Bauer, “Manaus Hot City” (2021), de Rafael Ramos e “A Hespanhola” (2022), de Francis Madson, que com as suas diferenças estéticas e abordagens de temas distintos, também representam essa heterogeneidade que a identidade cultural do novo cinema amazonense transparece.

“Terra Nova”, de Diego Bauer, que foi aluno nas oficinas de cinema de Junior Rodrigues e é sócio da Artrupe, retrata o impacto que a pandemia causou em Manaus a partir do ponto de vista das dificuldades dos artistas que vivem da produção cultural independente e que necessitavam do auxílio emergencial para sobreviverem. De novo temos duas irmãs como protagonistas, só que desta vez existe uma solidariedade entre

elas, e não um distanciamento como em “O barco e o rio”, que decidem sair de casa durante a pandemia para solicitar o auxílio emergencial em uma agência bancária. Existem semelhanças entre os dois filmes no alcance de uma narrativa que se pretende ser mais específica do Amazonas, como a cadência no ritmo da edição incitando ao espectador a capacidade de contemplar as imagens, que não são paisagens com animais silvestres, a luz menos ensolarada que emula o realismo do período da cidade em que as chuvas são frequentes, e o elenco dominado por atores e atrizes indígenas, negros e caboclos, que passaram a protagonizar a imagem desse novo cinema amazonense.

Os dois filmes trabalham com uma narrativa clássica naturalista, sem qualquer flerte com a experimentação cinematográfica, utilizando uma decupagem prosaica, mas funcional, valorizando o roteiro e a atuação do elenco. É a imagem do cinema amazonense sendo reconstruída a partir da realidade vivida por seus habitantes.

Rafael Ramos, ex-sócio da Artrupe, que também foi aluno de Junior Rodrigues, mas fez curso de direção na Academia Internacional de Cinema (AIC), em São Paulo, realizou “Manaus Hot City”, uma produção independente, ou seja, não teve aprovação em editais de fomento e nem patrocínio, que conta a história de dois amigos que se encontram para comer um peixe bodó. É um filme com uma concepção de narrativa mais livre do cinema clássico e tem uma clara intenção de ser “regional”, de ser um filme “suado”, amazônico. O calor, o preparo do bodó com farinha para ser degustado como uma iguaria sem igual, ao som de Caetano Veloso, é um atrativo explorado pelo filme durante um bom tempo da duração do filme. Aqui encontramos um curta-metragem solar, em cores quentes, e contrastante com os sentimentos dos personagens LGBTQIAP+ que lutam contra as violências do cotidiano.

“Rafael Ramos oferece novos pequenos pedaços para esta construção audiovisual de uma visão manauara feita por pessoas da própria terra sem nunca ter a intenção de ser definitiva, mas, sim um ponto de mudança e reflexão constante”, observa Caio Pimenta (2020), em sua crítica publicada no portal Cine Set.

“A Hespanhola”, de Francis Madson, dramaturgo e professor de teatro na UEA, é um filme contemplado com recursos financeiros pelo edital Conexões Culturais da Manauscult. Anteriormente, Francis Madson realizou outros filmes de curta-metragem como, “Jardim de Percevejos” (2013) e “Do céu da boca cresceu Saturno” (2015).

Em entrevista publicada no portal Cine Set, Francis Madson (2014) comenta sobre como entrou no campo do cinema:

Meu filme (Jardim de Percevejos) nasceu de um projeto para o Até o Tucupi (festival realizado pelo Coletivo Difusão, núcleo de artistas de Manaus que estimula produções em diversos segmentos). Escrevi o roteiro, e ele foi premiado no edital deles. Na minha cabeça, eu não iria dirigir o filme, seria só um roteiro, mas fui “empurrado” para a direção, e acabei me interessando pela experiência. Tive que correr atrás, e buscar nas minhas referências anteriores, na minha formação em teatro, dança, os elementos para criar esse trabalho (...). Mas esse lado, o do ‘cineasta’, com aspas, ainda está em construção.

Nesse caso, podemos constatar a importância das oficinas de cinema promovidas por coletivos e produtoras que surgiram paralelamente aos projetos de Junior Rodrigues, e que também estimularam pessoas de outras áreas, como a música (Coletivo Difusão), o teatro (Artrupe), a perceberem o cinema como forma de expressão possível.

“A Hespanhola” é uma comédia de época em tom farsesco, autointitulado como pornochanchada, que conta a história de um casal de seringalistas que vive em 1919, no auge da Gripe Espanhola, transportado para a cidade em 2020, no auge da pandemia do coronavírus. O filme possui um estilo cinematográfico mais experimental que se aproxima do Teatro do Absurdo e do surrealismo evocando semelhanças com alguns filmes realizados pelo cineasta Júlio Bressane nos anos 1980 e 1990, como “Tabu” (1982), “Brás Cubas” (1985) e o “O mandarim” (1995).

Esse tipo de cinema que avacalha com um realismo formal, que parece estar mais presente nos filmes brasileiros contemporâneos, procura a comunicação com o público de um modo que implica mais dificuldades, mas que é necessário para uma ampliação do repertório cinematográfico, compreendendo que a linguagem cinematográfica não é um compêndio de regras que não podem ser quebradas. A existência de filmes que não se curvam sobre uma forma narrativa pré-estabelecida e determinada cuja dominância cultural é representada pelo cinema estrangeiro é de suma importância, não só em um contexto local, mas no âmbito nacional, para a criação de um alicerce que esteja sempre sustentando um revigoramento contínuo de uma cultura cinematográfica.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a Amazônia no século XXI é perceber as trajetórias, os dilemas e as perspectivas para que possamos decodificar essa singularidade tão complexa e criar uma abordagem mais atenta aos desafios impostos pelos impactos da modernização e da colonialidade (IORIS & IORIS, 2022).

A produção audiovisual amazonense contemporânea está conseguindo desmontar, aos poucos, um imaginário global que estabelece um conjunto de representações da Amazônia que naturalizam categorias construídas historicamente sobre a região sem reiterar discursos preexistentes (SORANZ, 2009). É possível apontar que esses filmes produzidos por amazonenses até esse momento, no século XXI, estão construindo um novo sujeito histórico por meio de uma produção audiovisual autoral que afirma a cultura da Amazônia revisando a mitologia de seus povos e valorizando a autenticidade da cultura indígena amazônica (SORANZ, 2009).

É muito importante que as políticas culturais, como um todo, continuem estimulando e revigorando a produção audiovisual local para que esse desenvolvimento do cinema amazonense, tanto nas questões técnicas quanto na percepção estética, não retroceda, não crie uma descontinuidade.

O cinema amazonense sobreviveu após os encerramentos do Amazonas Film Festival, do Um Amazonas, da Mostra Amazônica do Filme Etnográfico, da pós-graduação em Cinema e do curso superior em Tecnologia em Produção do Audiovisual. A tecnologia digital é um aliado do cineasta emergente e a produção audiovisual, provavelmente, não vai passar novamente por períodos longos de inatividade, como acentuou Narciso Lobo em relação ao cinema amazonense no século XX.

Atualmente, a inconstância se encontra, precisamente, no que diz a formação acadêmica, nas oficinas e nos cursos livres. Não há um instituto, um centro cultural, uma escola, uma universidade, que se dedique a um curso de audiovisual pleno para que a performance do cinema amazonense se desenvolva cada vez mais em busca de uma singularidade e continue a contribuir com efetividade à construção ininterrupta da formação da cultura brasileira.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABINADER, Bernardo Ale. Entrevista concedida ao portal Cine Set em 2021. Disponível em <https://www.cineset.com.br/uea-estuda-retorno-do-curso-de-audiovisual-para-2022/>. Acesso em 13 dez. 2022.

_____. Texto da Menção Honrosa publicado no perfil da rede social Instagram. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CR8-h0hLrMh/>. Acesso em 13 dez. 2022.

_____. Entrevista concedida ao Festival Olhar do Norte em 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=77kj8ZvqpxM>. Acesso em 13 dez. 2022.

ABTIBOL, Flávia. Entrevista concedida ao portal Cine Set em 2020. Disponível em www.cineset.com.br/parceria-de-fabio-baldo-e-flavia-abtibol-representa-amazonas-em-telefilme-da-globo-filmes/. Acesso em 13 dez. 2022.

ACVA (Associação de Cinema e Vídeo do Amazonas). Disponível em <http://acvaeabdam.blogspot.com/>. Acesso em 13 dez. 2022.

ADELCO. Associação para Desenvolvimento Local Coproduzido. Glossário Político Indígena. Disponível em <https://adelco.org.br/>. Acesso em 13 dez. 2022.

ALENCAR, Miriam. O cinema em festivais e os caminhos do curta-metragem no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Artenova / Embrafilme. 1978.

AMANCIO, Tunico. O Brasil dos gringos: imagens no cinema. Rio de Janeiro: Ed. Intertexto. 2000.

AMAZONAS FILM FESTIVAL. Secretaria de Estado de Cultura. Catálogos de 2004 a 2013. Disponível em https://issuu.com/cultura_am/docs/2004_festival_cinema. Acesso em 13 dez. 2022.

ANDRADE, Sérgio. Entrevista concedida ao portal Cine Set em 2020. Disponível em <https://www.cineset.com.br/webserie-retrospectiva-amazonas-film-festival-episodio-4-a-nova-geracao-do-cinema-amazonense/>. Acesso em 13 dez. 2022.

_____. Entrevista concedida ao portal do Jornal Grande Bahia em 2014. Disponível em <https://jornalgrandebahia.com.br/2014/03/a-floresta-de-jonathas-mostra-cinema-vindo-do-amazonas/>. Acesso em 13 dez. 2022.

_____. Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior gravado de forma remota em 2022. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1hIi-fo7d92aGjqh2UNAbnwD43v940RHA/view?usp=sharing>.

ANDRADE, Thais de Lima. Políticas públicas de audiovisual: um estudo sobre ausência, autoritarismo e instabilidade. Artigo publicado no portal do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (CELACC/USP) em 2020. Disponível em http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2021/01/politicas_publicas_de_audi_ovisual_-_artigo_final_11.01.2021.pdf. Acesso em 13 dez. 2022.

ANDREWS, Michelle. Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior gravado em áudio em 2023.

AZEVEDO, Kenedi Santos. DE OLIVEIRA, Rita do Perpétuo Socorro Barbosa. DOS SANTOS, José Benedito (orgs.). Poesia, prosa e cinema no Amazonas: 1996-2016. Parintins: Editora Letras & Papéis. 2020.

BALBINO, Luciano. Entrevista concedida ao portal de notícias D24AM em 11 de setembro de 2013. Disponível em <https://d24am.com/plus/curso-de-graduacao-em-audiovisual-da-uea-pode-ser-extinto-em-manaus/>. Acesso em 13 dez. 2022.

BERNARDET, Jean-Claude. Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2007.

BORGES, Saleyna. Entrevista concedida ao portal Cine Set em 2015. Disponível em <https://www.cineset.com.br/saleyna-borges-a-historia-da-casa-do-cinema-afc-e-a-classe-do-audiovisual/>. Acesso em 13 dez. 2022.

_____. Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior gravado, de forma remota, em 2022. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1jCZ9-0MK05gwE2HCxgZfq-ICTu1swB-T/view?usp=sharing>

BRAGA, Robério. Entrevistas concedidas ao portal Cine Set em 2017 e 2020. Disponíveis em <https://www.cineset.com.br/webserie-retrospectiva-amazonas-film-festival-ep-2-como-surgiu-o-evento/> e <https://www.cineset.com.br/roberio-braga-na-sec-o-bom-o-feio-e-o-fim/>. Acessos em 13 dez. 2022.

CORDEIRO, Ivano. Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior gravado em vídeo, de forma remota, em 2023. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/10FdQ6T09JU-Zu-BldIlx-jS4W2Sv-tHz/view?usp=sharing>

DA COSTA, Antônio José Vale. Entrevista publicada no portal Cine Set em 2012. Disponível em <https://www.cineset.com.br/tom-ze/>. Acesso em 13 dez. 2022.

DA COSTA, Selda Vale. Cineclubes Tarumã: 38 anos de conhecimento fílmico. Artigo publicado no portal do Núcleo de Antropologia Visual/UFAM em 2018. Disponível em <https://www.navi.ufam.edu.br/artigos2/119-brasil-de-todas-as-telas-ano-2-linha-de-producao-de-conteudos-destinados-as-tvs-publicas-2>. Acesso em 13 dez. 2022.

DATABASE BRASIL. Informações publicadas no portal Filme B. Disponível em <http://www.filmeb.com.br/database2/html/intro02.php>. Acesso em 13 dez. 2022.

DE ALMEIDA, Rogério. FERREIRA-SANTOS, Marcos (orgs.). O cinema e as possibilidades do real. São Paulo: Ed. Laços. 2014.

DE BAECQUE. Antoine. Cinefilia. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

DE SOUZA, Veralúcia Ferreira. Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior por escrito em 2023.

DUARTE, Rosália. Cinema & educação. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2002.

ESCOREL, Eduardo. Adivinhadores da água. São Paulo: Ed. Cosac & Naify. 2005.

FERNANDES, João. Entrevista concedida ao portal do Jornal do Commercio sem data identificada. Disponível em www.jcam.com.br/noticias/multicultura-e-nostalgia-no-casarao%EF%BF%BC/. Acesso em 13 dez. 2022.

_____. Entrevista concedida ao portal Cine Set em 2021. Disponível em <https://www.cineset.com.br/uea-avanca-no-processo-de-retomada-do-curso-de-audiovisual/>. Acesso em 13 dez. 2022.

_____. Entrevista concedida ao portal Ajuriartes, dedicado a divulgação da produção artística na Amazônia, em 05 nov. 2021. Disponível em <https://ajuriartes.com.br/joao-fernandes-celebra-maioridade-amazonica-com-aco-es-pela-cultura/>. Acesso em 13 dez. 2022.

FILHO, Francisco Ferreira Pinto. Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior gravado em vídeo, de forma remota, em 2022. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1pi9PuVK0aR1fIi77WXHWjFK5Lk8S8j1B/view?usp=sharing>

FREITAS, Susy. PIMENTA, Caio. Cine Set e a crítica cinematográfica no Amazonas. Manaus: Ed. Casa Literária. 2019.

GARCIA, Cristiane. Entrevista concedida ao portal Cine Set em 2015. Disponível em <https://www.cineset.com.br/memoria-do-cinema-amazonense-nas-asas-do-condor/>. Acesso em 13 dez. 2022.

GATTI, André Piero. A distribuição comercial cinematográfica. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2008.

GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema, trajetória no subdesenvolvimento. São Paulo: Editora Paz & Terra. 1973.

_____. Panorama do cinema brasileiro: 1896/1966. São Paulo: Editora Paz & Terra. 1980.

_____. Crítica de cinema no Suplemento Literário, vol. 1. Rio de Janeiro: Paz & Terra/ Embrasil, 1982.

_____. Cinema e Política. Org. por Carlos Augusto Calil. São Paulo: Editora Penguin e Companhia das Letras. 2021.

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Civilização Brasileira. 1982.

IKEDA, Marcelo. Cinema brasileiro a partir da retomada: aspectos econômicos e políticos. São Paulo: Ed. Summus. 2015.

_____. Fissuras e Fronteiras: o coletivo Alumbramento e o cinema contemporâneo brasileiro. Porto Alegre: Ed. Sulina. 2019.

IORIS, Rafael R.; IORIS, Antônio Augusto Rossotto (editores). Amazônia no século XXI: trajetórias, dilemas e perspectivas. São Paulo: Alameda Casa Editorial. 2022.

LOBO, Narciso Júlio Freire. A Tônica Da Descontinuidade: Cinema e Política em Manaus na Década de 60. Manaus: UA, 1994.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica; uma poética do imaginário. Belém: Editora Cejup. 1995.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. A Amazônia no século XXI: novas formas de desenvolvimento. São Paulo: Ed. Empório do Livro. 2009.

_____ Amazônia colônia do Brasil. Manaus: Ed. Valer. 2022.

MADSON, Francis. Entrevista publicada no portal Cine Set em 2014. Disponível em <https://www.cineset.com.br/francis-madson-de-jardim-de-percevejos/>. Acesso em 13 dez. 2022.

MANAUSCULT. Texto informativo contido no portal da Fundação Municipal de Cultura e Turismo na seção Nossa História. Disponível em <https://manauscult.manaus.am.gov.br/nossa-historia-2/>. Acesso em 13 dez. 2022.

MATIAS, Aldemir. Entrevista concedida ao portal Cine Set em 2013. Disponível em <https://www.cineset.com.br/aldemar-matias/>. Acesso em 13 dez. 2022.

MEDEIROS, Jotabê. Matéria publicada no portal Amazônia Real em 27 ago. 2021. Disponível em <https://amazoniareal.com.br/novo-cinema-da-amazonia/>. Acesso em 13 dez. 2022.

MENEZES, Monique; NASCIMENTO, Rômulo. A Política de Artes Visuais no Brasil: um estudo de caso do Amazonas. Revista de Discentes de Ciência Política (UFSCAR, 2017). Disponível em www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/121. Acesso em 13 dez. 2022.

MORAES, Rojefferson. Entrevista publicada no portal Cine Set em 2021. Disponível em <https://www.cineset.com.br/cine-bodo-2021-realiza-formacao-audiovisual-de-jovens-na-periferia-de-manaus/>. Acesso em 13 dez. 2022.

MORAIS, Thiago. Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior gravado em vídeo, de forma remota, em 2023. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1SGPH9qAR_yUbs55NVPLBi36gu4KB-hY-/view?usp=sharing.

MOSTRA AMAZÔNICA DO FILME ETNOGRÁFICO. Universidade Federal do Amazonas. Programação (2006 a 2011) disponível em <https://www.navi.ufam.edu.br/mostras2>. Acesso em 13 dez. 2022.

NAGIB, Lúcia. O cinema da retomada. São Paulo: Editora 34. 2002.

_____ A utopia no cinema brasileiro. São Paulo: Ed. Cosac Naify. 2006

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Ed. Contexto. 2003.

NEGREIROS, Izis. Entrevista concedida ao podcast do portal Cine Set em 2021. Disponível em <https://www.cineset.com.br/podcast-visoes-femininas-izis-negreiros/>. Acesso em 13 dez. 2022.

_____ Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior gravado, de forma remota, em 2022. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1ZOQv8BCbuqjkV3rmHgAyQLzk5j9ueB-s/view?usp=sharing>

PIMENTA, Caio. Matérias jornalísticas publicadas no portal Cine Set em 2019 e 2020. Disponíveis em <https://www.cineset.com.br/vitoria-de-o-barco-e-o-rio-em-gramado-nao-e-excecao-mas-pode-vir-a-ser/> e <https://www.cineset.com.br/de-a-floresta-de->

[jonathas-ao-casarao-de-ideias-o-cinema-no-amazonas-na-decada-2010/](#). Acesso em 13 dez. 2022.

PINTO, Renan Freitas. Manaus em tempo de cinema. Artigo publicado pelo Jornal do Comércio em 09/08/1997.

QUEIRÓS, César Augusto B (org.). Historiografia amazonense em perspectiva. Manaus: Ed. Valer. 2020.

RAMOS, Ademir. Declaração em matéria publicada no Portal da Cultura sobre o I Fórum Estadual da Diversidade Cultural no Amazonas em 23 de setembro de 2008. Disponível em

<http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/index.html%3Fp=19321>.

Acesso em 13 dez. 2022.

RAMOS, Rafael. Entrevista publicada no portal Cine Set em 2020. Disponível em <https://www.cineset.com.br/critica-manaus-hot-city-rafael-ramos/>. Acesso em 13 dez. 2022.

RODRIGUES, Junior. Entrevista concedida ao portal do Jornal do Comercio em 2016. Disponível em www.jcam.com.br/noticias/formar-documentaristas-e-uma-necessidade-cultural/. Acesso em 13 dez. 2022.

_____ Entrevista concedida ao portal Cine Set em 2013. Disponível em www.cineset.com.br/junior-rodrigues/. Acesso em 13 dez. 2022.

_____ Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior gravado, de forma remota, em 2022. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1G8XcjJcPzTISQpXXoFizrV78LbKeIf-F/view?usp=sharing> e <https://drive.google.com/file/d/1KZDprwWR6yxZVpjB3Aui7-HIYwGvoAtW/view?usp=sharing>

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO (AMAZONAS). Informações publicadas no portal da SEDUC em 09 nov. 2009. Disponível em www.educacao.am.gov.br/projeto-jovem-cidadao-atende-a-120-mil-estudantes-em-2009/. Acesso em 13 dez. 2022.

SEVÁ, Augusto. Entrevista concedida a Thais de Lima Andrade para o artigo Políticas públicas de audiovisual: um estudo sobre ausência, autoritarismo e instabilidade. Disponível

http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2021/01/politicas_publicas_de_audi_ovisual_-_artigo_final_11.01.2021.pdf. São Paulo. 2020. Acesso em 13 dez. 2022.

SILVEIRA, Vanílson Pereira. Film Commission e sua relação com o turismo. Artigo publicado nos anais do 9º Salão Internacional de ensino, pesquisa e extensão (SIEPE) da Universidade Federal do Pampa em 2017. Disponível em https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/14633/seer_14633.pdf. Acesso em 13 dez. 2022.

SOLOT, Steve (org.). Guia para Film Commissions no Brasil: Orientação básica para a implantação e operação de um escritório de apoio às produções audiovisuais em um município ou Estado do Brasil / Latin American Training Center. Rio de Janeiro: Latin American Training Center. 2015. Disponível em http://www.foroegeda.com/documentacion6foro/Guia-Brasil_film-comissions-LATC-eBook.pdf. Acesso em 13 dez. 2022.

_____ O papel das Film Commissions nos acordos bilaterais de coprodução cinematográfica. Informativo publicado pela ANCINE em 7 de julho de 2016. Disponível em <https://antigo.ancine.gov.br/sites/default/files/clipping/2016-07-08-TelecineTv-FilmComissions.pdf>. Acesso em 13 dez. 2022.

_____ Film Commissions avançam na América Latina, mas Brasil perde mais um ano. Artigo publicado no portal Revista de Cinema em 2013. Disponível em <https://revistadecinema.com.br/2013/01/film-commissions-avancam-na-america-latina-mas-brasil-perde-mais-um-ano/>. Acesso em 13 dez. 2022.

_____ O dilema das Film Commissions: o custo-benefício de um incentivo. Artigo publicado no portal Revista de Cinema em 2011. Disponível em <https://revistadecinema.com.br/2011/10/o-dilema-das-film-commissions-o-custo-beneficio-de-um-incentivo/>. Acesso em 13 dez. 2022.

SORANZ, Gustavo. Território Imaginado: imagens da Amazônia no cinema. Dissertação de mestrado. 2009.

_____ Grupo de Estudos Cinematográficos do Amazonas: o mais célebre cineclub de Manaus. Artigo publicado no portal Cine Set em 12/07/2017.

_____ I Festival de Cinema Amador. Artigo publicado no portal Cine Set em 18/09/2017.

_____ Filmar a Amazônia. Manaus: Ed. Rizoma Audiovisual. 2020.

_____ Cinema no Amazonas: 1960 a 1990. Manaus. Ed. Rizoma Audiovisual. 2022.

_____ Depoimento concedido a Walter Fernandes Bouças Junior gravado em vídeo, de forma remota, em 2022. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1ckzCg_hwKvoHS7K1m2HVosfF3qkR5i9q/view?usp=sharing.

SOUZA, Márcio. Silvino Santos: o cineasta do ciclo da borracha. FUNARTE. 1999.

_____ O diretor da natureza indomada. Artigo publicado pela Folha de São Paulo. 1997.

SOUZA, Zeudi. Entrevista concedida ao portal Cine Set em 2014. Disponível em <https://www.cineset.com.br/zeudi-souza/>. Acesso em 13 dez. 2022.

STOCO, Sávio. Entrevista de Narciso Lobo publicada no livro O audiovisual em reportagens e entrevistas. Manaus: Editora Valer. 2016.

TOLEDO, Juliana. O cinema na comunicação das ONGs. Artigo publicado no portal Revista de Cinema em 2011. Disponível em <https://revistadecinema.com.br/2011/09/o-cinema-como-instrumento-de-comunicacao-das-ongs/>. Acesso em 13 dez. 2022.

UNINORTE. Matéria publicada no Jornal Universo Uninorte em dezembro de 2012. Disponível em <https://pt.slideshare.net/UniNorte/Manaus/jornal-universo-4>. Acesso em 13 dez. 2022.

XAVIER, Ismail. Entrevista concedida ao jornalista Alcino Leite Neto para o jornal Folha de São Paulo em 22 de novembro de 2003. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2211200324.htm>. Acesso em 13 dez. 2022.

9. REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS

AMIZADE COLORIDA (2002). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

ANTES O TEMPO NÃO ACABAVA (2016). Disponível na Amazon Prime.

ASAS DO CONDOR, NAS (2007). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=D4Nyn5rfzpU&t=78s>

AU AU SCHWITZ (2002). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

BEM MAL (2002). Disponível no acervo do Museu da Imagem do Som do Amazonas (MISAM).

BOCA DA NOITE (2000). Disponível no acervo do Museu da Imagem do Som do Amazonas (MISAM).

CARNIÇA (1966). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WBOgiyntTRU>

CRIAÇÃO, A (2004). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

CRIMINOSOS (2008). Disponível em www.youtube.com/watch?v=-Whk-yAq2uU.

CURUPIRA (2002). Disponível no acervo do Museu da Imagem do Som do Amazonas (MISAM).

DUELO (2002). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

FILME DO MINUTO, O (2003). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

FLORESTA DE JONATHAS, A (2012). Disponível na Amazon Prime.

GEYZISLAINE, MEU AMOR (2005). Disponível em www.youtube.com/watch?v=kRc2XzN9IE. Acesso em 19 jan. 2023.

HANEHMANN BACELAR, UM PINTOR AMAZONENSE (1966). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=C7JOM7RQagc&t=7s>

HARMONIA DOS CONTRASTES (1966). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uvY5PnoHI2I>

IGUAL A MIM... IGUAL A TI... (1965). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=szSKj-rJhwY>

INCRÍVEL HISTÓRIA DE COTI: O RAMBO DE SÃO JORGE, A (2007). Disponível em <https://vimeo.com/34959691>

INFÂNCIA PERDIDA (2003). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

INTERBAIRROS 001 (2005). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W3QogbcCOp4>

LOUIS VOMMITTON (2003). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

LUZ DE SONHOS (2005). Acervo pessoal da cineasta Izis Negreiros.

PAIZ DAS AMAZONAS, NO (1922). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SRB62WSofTk>

PARENTE (2011). Disponível em <https://vimeo.com/40111854>

PERDIDO (2010). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oEsEQ7IoFjM>

POBREDOR (2001). Disponível em www.youtube.com/watch?v=kLvzOEB5B6Y. Acesso em 19 jan. 2023.

PRIMEIRA VEZ, A (2002). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

RETRATO DO CINEMA AMAZONENSE (2004). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=X5syy-2mkSI>. Acesso em 19 jan. 2023.

SABIDO BURRO E BURRO SABIDO (2002). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

SELVA, A (1970). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bblbDdZtt8U>.

SOCIEDADE DOS PÉS (2000). Disponível no DVD Festival Um Amazonas.

SURPRESA DE NOVE MESES (2002). Disponível no acervo do Museu da Imagem do Som do Amazonas (MISAM).

UAYNÁ, LÁGRIMAS DE VENENO (2010). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=470RpVRqU-I>.

ANEXO

INFORMES, MATÉRIAS JORNALÍSTICAS e IMAGENS DE CATÁLOGOS

1.

Foi em uma oficina de cinema, Junior Rodrigues, um dos membros da comissão curadora, como se foi em Manaus.

2.

3.

TEMPO HOJE EM MANAUS TRIVIAS ESPANOLAS 20/17 MAR/21 CLASSIFICADOS 2.327 ABRILOS, 21 PÁGIDAS R\$ 2,00

domingo e segunda-feira
Manaus, 14 e 15 de maio de 2008
Ano LI - Nº 17.970
http://www.a critica.com.br

a crítica

DE MÃOS DADAS COM O POVO

REFORMA NA DUALIDADE EM FASE FINAL
Previsão de término das obras e para hoje de amanhã
Página 17

Paraná, terça, 14 e quarta-feira, 15 de maio de 2008

CINEMA

Oficina ensina teoria e prática

Estão abertas até o próximo dia 14 as inscrições para a Oficina de Cinema ministrada pelo ator e diretor de produção Júnior Rodrigues, no Cine Teatro Guarany. A oficina acontece entre os dias 14 de maio e 15 de junho, às terças, quartas e quintas-feiras, de 19h às 22h. As inscrições, com uma taxa de R\$ 100, devem ser feitas entre 9h e 14h, no Museu Biblioteca da Imagem e do Som da Amazônia (Miasm), anexo ao Centro Cultural Palácio Rio Negro. Os documentos necessários são Carteira de Identidade e CPF.

O público-alvo é os profissionais da área de comunicação, estudantes e pessoas em geral. Ao final da oficina, no dia 15 de junho, será produzido um filme de 10 a 15 minutos de duração, onde cada um dos participantes estará desenvolvendo a função que melhor se adequa ao seu perfil profissional. A Oficina de Cinema está sendo apoiada pela Secretaria de Cultura através da estrutura técnica e pessoal do Miasm.

Na oficina que realizará no Cine Teatro Guarany, Júnior Rodrigues vai ministrar aulas de aprendizado teórico e prático do processo de filmagem nas funções de diretor, roteirista, diretor de produção, assistente de direção, cenógrafo, figurinista e figurante.

Por meio de um convênio com a TV Cultura, serão enviados equipamentos e técnicos para a produção do filme, cujas filmagens devem ocorrer durante três dias.

EXPERIÊNCIA
Júnior Rodrigues ministrou uma oficina de "Argumentação em Cinema e Vídeo" na 3ª Semana de Estudos Comunicação da Universidade do Amazonas, em abril passado. Amazonas, Rodrigues, de 32 anos, tem 16 anos de experiência em assistência e direção no gênero Documentário, que possui características de drama e documentário, e conta em seu elenco apenas com atores amadores. O gênero é adotado pelo diretor alemão Herbert Hindl, autor de filmes como "O Japão e a Chuva - Viajando Pelo Sul Negro", "A Cor dos Passaros".

Desde todos os produções de Hindl, de caráter introspectivo, foram rodadas na Amazônia e produzidas para um canal de televisão estatal da Alemanha.

Foi em uma das produções do diretor alemão que Júnior Rodrigues conheceu em contato com cinema e, mais especificamente, com o Documentário, em 1994, quando Hindl rodava na Amazônia "A Casa de Fênix Coler". O encontro de Rodrigues com o trabalho de Hindl começou em 1998, quando ele participou "A Cor dos Passaros" e dois anos depois, "Transe Atlântico".

Júnior Rodrigues esteve como assistente de direção de Documentário em 1993 (com o filme "O Jaguar e a Chuva"), também atuando no cinema. Depois de dois anos morando em São Paulo, onde fez inúmeros cursos de teatro, ele volta a Manaus já com a pretensão de dirigir seu primeiro longa metragem, "Lenda dos Sonhos", cuja equipe de produção pretende montar com pessoas aqui da Amazônia.



ATUAL No final da oficina ministrada por Júnior Rodrigues, será feito um filme com 15 minutos de duração

4.

LIRO BERTRAND BRASIL RELANÇA "O VELHO E O MAR"

MANAUS, QUINTA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 2008

bem-viver

MANAUS, QUINTA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 2008

bemviver@acritica.com.br

OFICINA DE DOCUMENTÁRIO

Toma, que o filme é teu!

DIRECIONADA A QUEM QUER CONHECER DE PERTO O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DE FILMES, A OFICINA PRETENDE PRODUZIR DOIS DOCUMENTÁRIOS

LUÍZ OTÁVIO MARTINS

Quem disse que no Amazonas não há gente interessada em cinema? Uma prova concreta da curiosidade e vontade de pessoas locais em conhecer e participar da produção de um filme foi a Oficina de Cinema ministrada pelo diretor e ator amazonense Júnior Rodrigues. O curso foi realizado no período de 16 de maio a 15 de junho pela Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, por meio do Museu da Imagem e do Som (Miasm) e Amazonas Film Commission.

Para a diretora do Centro Cultural Palácio Rio Negro (CCPRN), Verônica Ferreira, essas oficinas desenvolvem um segmento especializado para compor a Amazonas Film Commission, implantada em novembro do ano passado. "A oficina é importante para a formação de mão-de-obra local para atender produções de fora e locais e compor o banco de dados da

BOCA DA NOITE
O resultado da oficina passada animou Rodrigues. Foram inscrevidas 75 vagas e 80 pessoas se inscreveram. O resultado foi exibido ontem à noite no Teatro de Câmara. Os alunos produziram o curta-metragem de ficção "Boca da Noite", de 12 minutos, filmado durante quatro noites no Centro da cidade. Quem participou teve a oportunidade de entrar em contato com o passo-a-passo de um filme, como assistentes de produção e direção, cenógrafos, figurinistas, entre outros, e todos se exercitaram dentro de suas respectivas funções. "Os primeiros alunos se acharam dentro da oficina", observa Rodrigues.

A proposta principal de "Boca da Noite" era ser como pano de fundo a Manaus antiga, exibindo seus prédios e suas ruas. A história mostra o desencontro de um interiorano que vem à cidade procurar sua esposa e filho. Mas, ele perde o último ônibus da noite e passa a conviver com o cotidiano noturno, onde encontra mendigos, prostitutas, travestis e meninos de rua (como sugere a ilustração). Todos que

exercem do que interpretam o travesti e um palhaço que ilude o interiorano, ambos indicados pelos participantes. Rodrigues anunciou a arte final do roteiro e a direção, está iludindo ao lado dos alunos Ana Souza, Custódio Silva e Fábio Maranhão Lima. A oficina contou com o suporte técnico da TV Cultura, que deve exibir o curta, filmado em Betacam, em breve.

Rodrigues conta que alguns alunos da oficina possuem bastante talento para seguir adiante na área cinematográfica. "Outros se destacaram pelo empenho e concentração", elogia o diretor, que avalia como ótimo o resultado de "Boca da Noite", apesar da falta de experiência de todos com cinema. "Os atores não são profissionais. Participaram algumas pessoas de teatro, do curso de Comunicação Social e cursos como agrônomo e biólogo", afirma Rodrigues. Assim como a primeira oficina, o público-alvo da "Oficina de Documentário" são profissionais da área de comunicação, estudantes e público em geral.

Faixa Nordeste b2
Poleiros Cruzados b4
Advens b5
Controle Remoto b6



DISCOS

JOYCE LANÇA NO BRASIL CD QUE JÁ É SUCESSO FORA DO PAÍS



PÁGINA 31

b em viver

► Número 1 **b2**
 ► Horóscopo **b4**
 ► Em Off **b5**
 ► José Simão **b6**

MANAUS, TERÇA-FEIRA, 16 DE MARÇO DE 2004

bemviver@critica.com.br

NOVAS TECNOLOGIAS

O cinema digital



JOVENS ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA CONTEMPORANEA DA CIDADE DEFENDEM O USO DA TECNOLOGIA DIGITAL NA SÉTIMA ARTE

DANIEL FAVERO
ESPECIAL PARA A CRÍTICA

O Amazonas, por incrível que pareça, foi um dos berços do cinema nacional. Durante o Ciclo da Borracha o fotógrafo Silvino Santos, contratado pelo comendador J.C. Araújo, que documenta a realidade de um lugar isolado, e de uma beleza exuberante. Durante os anos 60, o cinema amazense ganhou prêmios e destaque com Roberto Kahane que, assim como Silvino Santos, utilizava a película.

Nos dias de hoje, a tecnologia digital trouxe avanços práticos para o cinema e popularizou a sétima arte na região. Um exemplo disso foram os festivais de vídeos do minuto de 2002 e 2003 que descobriram e premiam vários aspirantes a cineastas locais.

A CRÍTICA conversou com Homero Flávio e Tiago Moraes, dois dos jovens talentos envolvidos na atual produção local de filmes, que questionaram declarações feitas por Roberto Kahane, em entrevista publicada em A CRÍTICA há duas semanas. Roberto afirma que os filmes feitos em película é que são cinema, e a tecnologia digital resume os profissionais a videomakers. Ele também diz que hoje, em Manaus ninguém faz cinema, não há um entendimento real do que é feito. "Muita gente quando vê

uma pessoa com uma câmera nas mãos costuma dizer 'fulano está filmando'. E não está. Na verdade está captando imagens".

Homero e Tiago já foram premiados no festival de vídeos de um minuto e possuem planos para novas produções, como curtas metragens (15 minutos) e clipes de bandas locais.

Para os novos cineastas, o que realmente importa é a linguagem utilizada, não o formato. "A mídia utilizada não importa tanto, mas sim a mensagem. Quanto a ser película ou digital, essa é uma barreira que já foi ultrapassada tanto por nós, quanto por profissionais do mundo inteiro", afirma Homero.

Segundo os jovens cineastas, esta é uma tendência mundial. Existem sites e revistas especializadas no assunto, e o termo "Cinema Digital" já é amplamente discutido e aceito por profissionais que ministraram cursos na região. "Quando a fotografia passou a usar a digitalização de imagens não deixou de ser fotografia, porque o lado artístico foi mantido, assim como no cinema", analisa Homero. "A filmagem pode ser feita em digital e depois passada para película, com é o caso das produções feitas em HD (High Definition, sistema semelhante ao usado como memória de computador)", completam os dois. "Todos os cineastas estão se profissionalizando, para que os filmes ganhem alcance nacional e até mundial, como foi o caso dos filmes do minuto que foram mostrados nos



PRODUÇÃO - Cineastas amazoneses se utilizam de câmeras digitais

EUA, e estão sendo exibidos em todo o Brasil", diz Tiago.

Para Homero, a prova de que vídeo digital também é cinema está nas exposições que as produções estão tendo. "Os filmes que estão sendo feitos aqui têm um atrativo maior pelo próprio isolamento geográfico, e também porque o Amazonas é visto como uma região isolada e pobre. Todos ficam surpresos com resultado dos filmes, como foi o caso do festival do minuto exibido nos EUA. Todos aplaudiram de pé os filmes", afirma Tiago. "Isso despertou um interesse em fazer cinema, porque lá fora as vezes eles têm acesso a tecnologia mas não tem a criatividade, que é o elemento mais importante", complementa.

Eles contam que as produções realizadas na região visam somente mostrar as belezas naturais sem se preocupar com a realidade cultural do estado. "Filmes como 'Anaconda' e 'Tainá' querem fazer uso do nome Amazônia, como se fosse uma 'grife'. Quando a produção é local mostra a realidade cultural, ou seja, natureza, caos urbano, celular, poluição, correria, enfim tudo o que faz parte do nosso cotidiano. Aquilo com o que o amazonense se identifica", afirma Homero.

Para os dois, o trabalho empregado nas produções digitais é o mesmo do cinema clássico, por isso não há por que achar que o cinema local é obra de videomaker. "Realizamos ensaio de atores, iluminação, sonoplastia, e tudo de forma independente, o que muda

é só o formato", afirma Tiago.

Quando indagados a respeito de um suposto movimento de produção cinematográfica, dão exemplos de produtoras locais, mas são categóricos em afirmar que o que importa é a verba. "Com verba podemos filmar em película, digital, qualquer tecnologia, com um resultado final de qualidade", afirmam, lembrando também que cursos de formação cinematográfica são importantes para novos cineastas, como os realizados pela Fundação Villa Lobos, além do financiamento de quatro curtas metragem digitais, ainda para este ano.

ASSOCIAÇÃO E COOPERATIVA

Para dar mais apoio às produções locais, foi criada a Associação de Cinema e Vídeo do Amazonas (ACVA), que tem por objetivo dar apoio a produções locais.

A iniciativa conta com mais de 40 sócios fundadores, além de câmeras, atores, diretores e advogados para questões jurídicas. A associação também quer formar um sindicato, que daria oportunidade aos profissionais locais, em produções de fora realizadas na região.

Outro projeto em andamento é a Cooperativa de Filmes que ajudaria na produção local. A Cooperativa contaria com um corpo de atores, equipamentos, e traria mais respaldo na captação de recursos. Segundo Tiago Moraes, o projeto ainda está no papel. "No entanto, não se trata de uma utopia, será concretizado", afirma.

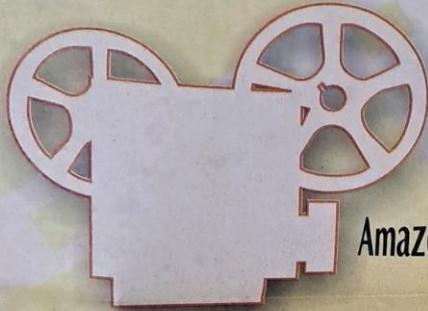
De acordo com o levantamento do ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição), a música "Nosso Amor é Ouro" é a mais executada nas rádios AM e FM de todo o Brasil. Além da já citada, mais quatro representantes do gênero estão na lista das mais tocadas: "Porto Retiro", "Deba", "Nos Bares da Cidade" e "Eu sem Você". E duas são temas de novela: "Nosso Amor é Ouro" e "Vou Debaix". Ranking das mais executadas - por ordem: "Nosso Amor é Ouro" - Zezé de Camargo/Luciano; "Flor do Raguete" - Ivete Sangalo; "Quem Caza Camigão" - Netinho; "Encontrar no Tão" - Ana Carolina; "Porto Retiro" - Edory/Hudson; "Deba" - Bruno e Marrone; "Vou Debaix" - Skank; "Nos Bares da Cidade" - Rick/Renner; "Eu sem Você" - Daniel; e "Tahze".

Terça-feira, 23 de novembro de 2004 • Página C1

Arte Final

Amazonas em Tempo

Programação popular quer incluir o público que não pode pagar no universo do cinema e vídeo



Amazonas Film Festival

O Amazonas Film Festival promete mudar a rotina de Manaus a partir da próxima sexta-feira (26). Quem circula por feiras e terminais de ônibus vai se deparar com telas montadas especialmente pela produção do evento para popularizar a produção audiovisual brasileira. Enquanto aguarda seu ônibus, o morador de Manaus vai assistir aos filmes de **Um Minuto** que estarão sendo apresentados nos terminais da **Constantino Nery**, **Cidade Nova**, **Jorge Teixeira** e **São José**, assim como nas feiras do **Coroadó**, **Panair** e **Santo Antônio**.

Dentro da programação do **Amazonas Film Festival**, os filmes de **Um Minuto** estarão sendo exibidos a partir de sábado (27) sempre no horário de 19h às 20:30h. As projeções se estendem até a terça (30). A mostra terá exibição simultânea em todos os locais. No domingo (28) as apresentações serão feitas apenas nos terminais de ônibus.

Outra programação paralela do **Festival**, é a dos curta. A produção recebeu 18 filmes de vários Estados brasileiros. Para o responsável por esta seleção, Sérgio Andrade, a mostra paralela é tão importante quanto a mostra principal (filmes de longa-metragem com júri no Teatro Amazonas). "Até em Cannes, os curta participam. E esta mostra é uma forma de inclusão daqueles que não podem pagar as sessões no **Cinemark** ou no **Teatro**", considera, informando que "os curta serão

CURTAS DE UM MINUTO
ESTARÃO NOS TERMINAIS
E FEIRAS DA CIDADE

apresentados, gratuitamente, a partir do dia 27 de novembro na **Casa Ivete Ibiapina** e no **Largo de São Sebastião**.

Iniciantes e veteranos em festivais de curta, estão inseridos na competição. A expectativa dos participantes de Manaus é grande em torno do evento.

O cineasta amazonense Júnior Rodrigues (**O Curupira**) conta que já está no quinto festival de curtas. Esteve nos festivais de "Goiânia Mostra de Curtas"; no **Cine Las Américas**, do **Texas (EUA)**; em **Teresina (PI)** e no **Curtas Mostra do Cinema Amazônico**.

"A grande sacada do **Amazonas Film Festival** é a diversidade de experiências que ele vai reunir com filmes, *workshops* e seminários. O evento abre oportunidade para intercâmbios entre cineastas de fora e profissionais locais", ressalta Rodrigues.

Saleyna Borges vai estar no **Amazonas Film** com o curta "Infância Perdida" - filme que lhe deu menção honrosa no quarto festival do "Goiânia Mostra Curtas", promovido em outubro deste ano. A premiação foi muito comemorada pela cineasta que teve dificuldade para conseguir apoio no pagamento da edição do material. "A **Secretaria de Cultura** me salvou do apoio que não obtive com a iniciativa privada que ainda olha com descrédito para este tipo de trabalho", assinala.

Desde 2002 ela participa dos festivais de um minuto - já produziu quatro. "Estamos vivendo um momento muito bom porque já existia um movimento de cineastas aqui. Agora as personalidades de fora vão poder conhecer um pouco do nosso trabalho também. Certamente vamos conquistar parceiros para novas produções e para

fomentar o cinema no Estado", diz Saleyna. "A chegada do **CTVA** irá ajudar a formar quem hoje não tem registro profissional e disponibilizará literatura especializada a muitos que não têm condições de adquirir" acredita ela.

Com o **Amazonas Film Festival** a integração do Estado é visível. O trabalho do estreante **Bosco Borges** é um exemplo. Ele mora em **Itacoatiara** onde participou de oficina de cinema e produziu dois curtas: "O encantado" e "A menina que encantou o boto". Agora, já sonha com um novo projeto. **Bosco** quer adaptar para cinema um texto poético do artista **Bráulio Menezes**

Quando se fala em cenários, **Bosco Borges** diz que não tem do que reclamar pois **Itacoatiara** e outras localidades próximas têm um visual belíssimo. Mas acrescenta: "o que preciso mesmo é de recursos técnicos para produção. E, na capital, de uma logística que possibilite o transporte do material", diz acrescentando: "este festival está envolvendo todo o Estado e isso é gratificante pra gente, que mora no interior, poder esta inserido também. Acredito que teremos oportunidade de observar novas formas de filmagem", considera.

"É uma experiência nova mas aguardo o resultado do **Amazonas Film** para saber o que poderá ser proveitoso localmente. Atualmente o que estamos fazendo é buscar aperfeiçoamento da linguagem estética e de mercado para captar incentivos para desenvolvimento do cinema local e melhor desenvolver o olhar regional", conclui.

VÍDEOS

WARNER
LANÇA 'O
APANHADOR
DE SONHOS'

PÁGINA B3



b em viver

- ▶ Número 1 b2
- ▶ "Etiqueta" será lançado hoje b3
- ▶ Horóscopo b4
- ▶ Guia rápido b5

MANAUS, QUARTA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 2003

bemviver@critica.com.br



OLHAR ESTRANGEIRO
Quando visitou Barcelos no início do mês, o ator Matheus Nachtergaele prometeu editar um curta com imagens que captou no município amazonense

Um minuto para expor uma boa idéia

DANIEL VALENTIM
ESPECIAL PARA A CRÍTICA

De minuto em minuto, um quebra-cabeça chamado Amazonas vai sendo montado na tela grande. São pontos de vistas diversos, olhares que vêm tanto do caboclo do interior quanto do homem da capital, ambos aprendendo, ainda, a olhar para o próprio umbigo. Pois é esse o objetivo principal de "Um Amazonas Filmes do Minuto 2003": colocar a gente desta terra tanto na frente quanto atrás das câmeras. O festival está com as inscrições abertas até o próximo dia 6 de outubro, e aceita qualquer formato – digital, VHS, beta ou película –, desde que o filme, cujo tema é livre, possua o tempo máximo de um minuto. Esta é a segunda edição do evento, que desta vez contará com cobertura nacional da imprensa, por meio da "Revista de Cinema", e com a presença, no júri, do ator José Wilker, atual presidente da Rio Filmes, que já confirmou sua participação à Secretaria de Cultura (SEC).

A abertura do festival acontecerá no dia 20 de outubro, com a primeira exibição dos filmes em duas sessões consecutivas na rede Cinemark (Studio 5 Festival Mall), a partir das 18h30. Depois, entre os dias 21 e 23, a mostra ganha três circuitos: a programação oficial, que percorrerá escolas, empresas e locais públicos da cidade; o alternativo, aberto aos realizadores que quiserem levar os filmes para uma exibição em seu bairro, ou rua; e o "Unzinho", que será uma seleção dos filmes, feita por um psicólogo e um pedagogo, para ser levada a escolas infantis da cidade.

No dia 24 de outubro, ainda em local a ser confirmado, será realizada a grande final, com o anúncio e premiação dos vencedores. São quatro categorias: "Melhor filme", que terá primeiro (R\$ 2 mil), segundo e terceiro (R\$ 1 mil cada) lugares; "Melhor filme segundo júri popular"; "Melhor filme do interior" e o troféu "Um Amazonas Multibras 2003", entregue ao melhor curta de campanha social. Todos receberão um prêmio em dinheiro de R\$ 1 mil.

COMO PARTICIPAR

Para participar, qualquer pessoa pode inscrever seu filme na sede da Amazonas Film Commission (AFC) – situada em anexo ao Palácio Rio Negro, na avenida Sete de Setembro, Centro –, órgão ligado à SEC, organizador do evento. A única exigência é que o curta tenha, no máximo, um minuto. Pode ter sido realizado em qualquer formato de vídeo ou filme. Para a inscrição, é preciso levar uma cópia em VHS, Mini-DV ou em CD-ROM e uma foto tirada de uma cena do filme, para que integre o catálogo do festival.

Quem estiver com uma idéia na cabeça, mas não possuir um equipamento adequado, a AFC coloca a câmera na mão. Até o dia 30 de setembro, qualquer pessoa pode agendar uma data para utilizar o maquinário da entidade, de acordo com o cineasta Júnior Rodrigues, idealizador do festival. Júnior revela que se compromete, inclusive, a acompanhar as gravações, oferecendo orientação e tirando dúvidas em relação à técnica ou à estética. "Só não coloco a mão na câmera", adianta.

APRENDENDO

O cineasta define o evento como um "festival escola", pois na verdade, seu grande diferencial está num aspecto periférico



ATRIZES
Nereida Odessa e Soraya Freitas em cena do filme "Louis Vommiton"



LOCAÇÃO
Equipe orientada por Júnior Rodrigues filma na Praça da Polícia

à mostra competitiva: o desenvolvimento de um olhar amazônico. Por meio de parcerias com prefeituras de alguns municípios do interior, Júnior Rodrigues realizou diversas oficinas gratuitas de vídeo em Iranduba, Manacapuru e Coari, já com um direcionamento para o festival.

Foram cursos rápidos de quinze dias, todos realizados com equipamento digital Mini-DV. Como encerramento, os alunos fizeram uma série de curtas para participar do "Um Amazonas". Rodrigues conta que surgiram 300 roteiros ao todo, dos quais os próprios alunos selecionaram alguns para gravar. Juntando os cursos do interior, com o que foi realizado em Manaus, a mostra já conta, de início, com 65 filmes. A esses, podem-se somar outros dez, que foram produzidos com o apoio da empresa Multibras, sob a exigência de que essas obras em questão tivessem um engajamento em alguma campanha social.

Para Júnior Rodrigues, essas viagens pelo interior possibilitarão que uma boa diversidade de idéias em termos de imagem sejam vislumbradas por meio do festival. "O importante é que todos verão um cinema com uma assinatura amazônica", orgulha-se. As oficinas mostraram também as nuances entre o modo de ver das pessoas do interior – mais apegado às suas próprias tradições e à natureza –, e dos habitantes da capital, com uma visão de modernidade e urbanismo. De qualquer forma, "eles estão produzindo um cinema onde eles se veem", resume o cineasta.

Por falar em "se ver", nem mesmo o olhar do estrangeiro faltará ao "Um Amazonas". Após passar um fim de semana no interior do Estado, estudando as locações para seu filme de estreia como diretor, "A festa da menina morta", o ator Matheus Nachtergaele prometeu editar um curta com algumas das imagens que fez por aqui, e inscrevê-lo no festival.

MAGNITUDES

De acordo com Sérgio Andrade, gerente da AFC, esta segunda edição do evento contará com a cobertura da "Revista de Cinema", importante publicação que circula principalmente no eixo Sul-Sudeste. Algumas informações sobre o festival já estão, inclusive, no site da revista, que enviará um repórter para Manaus e publicará reportagens em suas próximas duas edições.

Juntando todos os curtas participantes, a organização montará o primeiro "longo do minuto" do festival, com o qual será realizada uma mostra itinerante por todo o Estado e, talvez, por outras localidades da região Norte. Além disso, todos os filmes estarão em exibição no site do Portal Amazônia (www.portalamazonia.com.br). Você só não poderá votar no seu filme predileto por meio da Internet. A premiação do melhor segundo júri popular será decidida por meio de votações realizadas imediatamente após as exibições oficiais.

A premiação principal do evento, por sua vez, contará com o ator José Wilker no júri. A SEC garantiu que a presença do atual presidente da Rio Filmes está confirmada, e que o mesmo passará três dias na cidade.

crítica

bem viver

POR Dimmy Praia ESPECIAL PARA A CRÍTICA

festival do minuto >>> Dentre os 206 inscritos de vários Estados do Brasil, Um Amazonas seleciona 70 curtas

E os filmes escolhidos são...

'BEM MAZELAS', de Saleyna Borges, foi um dos classificados



A diretora Saleyna Borges, que acaba de ganhar prêmio em Porto Velho pelo filme de minuto "Inferno Perdido", tem mais o que comemorar. Seu novo filme, "Bem Mazelas" é um dos escolhidos entre os 70 curtas para o Festival do Minuto Um Amazonas 2005, que vai acontecer de 17 a 22 de outubro, sábado, dia 15, no Largo de São Sebastião. Nesse tom "Oscarizado", diretores de alguns curtas selecionados falam sobre a importância do cinema para o Amazonas.

A primeira frase que Saleyna diz é: "É uma honra, mas... eu ainda nem sabia que iria participar". Pega de surpresa, ela disse que esse festival é um incentivo para os cineastas continuarem na sua jornada no ascendente cinema brasileiro. "Pude participar da primeira versão, em 2002, e as pessoas não acreditavam muito no potencial do festival. Ele mostrou a que veio e está aí. Digo sim que é uma honra estar num festival que já percorreu o mundo", comentou.

Foram mais de 200 inscritos, R\$ 30 da capital amazonense. Filmes de outros estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia, também vão participar. Só do Rio, 31 inscrições foram realizadas, perdendo apenas para Porto Velho, com 35. De Salvador, Fausto Junior foi o único,

LISTA

Categorias e Premiações

Best Film Nacional - Escolha do Júri Oficial, Troféu Um Amazonas 2005 e R\$ 3 mil e uma Câmera Digital
 Segundo Lugar de Melhor Filme Nacional - Escolha do Júri Oficial, Troféu Um Amazonas 2005 e R\$ 2 mil
 Terceiro Lugar de Melhor Filme Nacional - Escolha do Júri Oficial, Troféu Um Amazonas 2005 e R\$ 1 mil
 Melhor Filme Nacional de Campanha Social - Escolha do Júri Oficial
 Troféu Um Amazonas 2005, R\$ 2 mil e uma Câmera Digital
 Melhor Filme do Interior do Estado - Escolha do Júri Oficial
 Troféu Um Amazonas 2005, R\$ 2 mil e uma Câmera Digital
 Melhor Filme Nacional de Animação - Escolha do Júri Oficial
 Troféu Um Amazonas 2005, R\$ 2.000,00 e uma Câmera Digital

SERVIÇO

???

FESTIVAL UM AMAZONAS 2005 O QUE É Mostra competitiva de 70 filmes

AVANT PREMIERE
 ONDE: Largo de São Sebastião
 QUANDO: 15 de outubro, às 19h

OUTRAS EXIBIÇÕES
 ONDE: Cinema 7
 INGRESSO: Sábado, 15 de outubro, às 10h da manhã; e segunda, dia 17, às 19h.

e felizando, com seu "Concerto n°1" para celular e orquestra", uma animação bem humorada sobre conscientização, o conhecido "semancol".

"A ideia é mostrar como o celular atrapalha. Com uma orquestra inteira a tocar, o telefone a tocar no fundo deixa qualquer um louco", afirmou por telefone o diretor do curta. De acordo com ele, esse "é o segundo filme que mando, o primeiro foi há dois

DESTAQUE

Outra novidade será a exibição fora de competição de filmes de um minuto, com filmes de festival similar feito na Inglaterra. Os realizadores são de vários países da Europa, China e Estados Unidos. As obras selecionadas foram concebidas nos gêneros ficção, documentário, experimental e animações.

anos, o "Terra Mater". E não mandei apenas para o Festival de Manaus, estou espalhando meu filme em vários festivais pelo Brasil", confessa. "Isso é bom, significa que o cinema está crescendo a cada dia, seja em festivais, seja em produções".

'PRATA DA CASA'
 Mesmo com a globalização do festival, o Interior do Amazonas ainda tem significativa parcela de filmes inscritos. Ao todo foram 34, de Humaitá, Itacoatiara, Barcelos, Nova Olinda do Norte e Benjamin Constant.

Desses, cinco vão participar da mostra competitiva. De acordo com o diretor de artes Oscar Ramos, a originalidade de temas e as belas locações são um ponto forte para o cinema do interior. "É preciso destacar a quantidade de idéias e propostas e, além disso, os filmes feitos são singulares, peças únicas".

Nas palavras de Júnior Rocha, uma viagem pelas tendências do cinema brasileiro, os espectadores e diretores do Interior têm a oportunidade de revelar-se na "Setima Arte". Esse ano as portas foram mais uma vez abertas com oficinas realizadas em Itacoatiara, Humaitá, Barcelos e Nova Olinda do Norte. "Essa indicação é necessária, senão nunca vamos consolidar o cinema de produção por aqui, apenas de exibição", completou o cineasta em recente entrevista.

TAPETE VERMELHO

O Festival do Minuto começa mais cedo em 2005. No mesmo dia em que a *avant premiere* volta os olhos da tela para o Largo de São Sebastião, o Cinemark faz a primeira exibição na manhã do dia 15, às 10h. Mas na segunda, dia 17, o cinema continua com a tradicional exibição às 19h. Nesse momento, tanto Saleyna quanto Fausto - este disse que se puder vai estar presente - vão deixar de ser diretores e tornar-se espectadores como nós. Mais do que simples cinema, o festival é demonstração que o Amazonas quer crescer na área junto com o Brasil.

OS 70 SELECIONADOS

TÍTULO	DIRETOR (A)
NO HOLLYWOOD	Allan Gomes
O HOMEM QUE VIRA CACHORRO	Amanda Barry
SEM DONO	Anna Gadelha
MORTE	André Scucato e Cristina Pinheiro
O JULGAMENTO	Antonio Sergio
ETERN E ROMA	Bero Vidal
EU TAMBÉM TÔ CONTIGO	Bruno Pereira
TE PEÇO LÁ FORA, NA VIDA	Camilla da Silva
ABALA BICHA	Catiana da Silva
O MUDO	Cipriano Jr.
O TAXI	Cristovão Medeiros
A BOLA DA VEZ	Darian Guedes
PÂNICO NO PRÉDIO	Diana e Junior De Las Vegas
MORTE, A COMÉDIA	Diogo Gomes
COMO PEGAR UM CUZÃO	Eduardo Menin
NA FILA	Eduardo Kareke
FELIZES PARA SEMPRE	Eliás Bessa
CALDO DE CARIDADE	Eiza Souza
4 EM 1	Eric Quassato
O ENCANTO DA IARA	Edmilis Bazzera e Patrícia Bazzera
A PROVA	Elisafan Barbosa
ACARIBODÓ	Ewerton Almeida
O QUE VOCÊ VIU?	Francisco Queiroz
CONCERTO N° 1 PARA CELULAR E ORQUESTRA	Fausto Junior
O IMPRESSIONISTA	Fernando Junior
O PNEU	Geoffrey Tura
QUEM ESPERA SEMPRE CANSADO	Glenda Castelo
CIDADE DA COMPENSA	Ideleon Moura
TRIBALMIX	Jandir Reis
GÊNIO NACIONAL	Joel Pereira
AMBUE	Joselinda Oliveira
O MAL CRIADO	Jakeline Oliveira
A CAMINHONETE	Jessé de Paula
NAQUELA TARDE	Jefferson Lima
PEQUENA LIBERDADE	Juliana Camil
GAME OVER	Keyla Serruya
FRUTURA	Kleberson de Souza
SOLDADOS DE GUERRA	Lorys Lemos
CURUPIRA O DEMÔNIO DA MATA	Lauriana Gomes
OS MORTOS ESTÃO ANDANDO	Leonardo Mancini
SORTE	Márcia Marques
O BEIJO FATAL	Maria Neide
EU, MURO DO URSO BRANCO	Marcos Melo Barroso
O MENDIGO	Marcos Rodrigo
NEM TUDO É O QUE PARECE	Marcio James
AMANHÃ TEM MAIS	Marta Moraes
AMOR ETERNO	Milas Spacciat
ENTRE TANTOS	Marcelo Luppert
MORTE, VIDA ZEFERINA	Nala Arruda e Pully Davila
CAÇANDO NO SHOPPING	Nayra Barbosa
MISS PING LHO	Oleni Mesquita
A LENDA DO GUARANA	Paula Carvalho
VEGETARIANOS	Rafael Rezende
OFFORA	Renata Heinz
BANHEIRO MASSA	Romero da Fonte
A RODA DA FORTUNA	Rommel Souza
BEM MAZELAS	Saleyna Borges
SEGREDO	Sandra Lima
L'AMOUR	Samuel Quintino
A MALDIÇÃO	Shilton França
LEI DA CONSERVAÇÃO DA MATÉRIA	Simão Oliveira
IDENTIDADE CULTURAL	Tânia Maria de Fátima
AS REAIS APARÊNCIAS	Suzi Silva Pinto
PALMAS	Thiago Moraes
PYRAMID	Topy Ramos
GAPONGA	Thiago Yorkesky
DECADÊNCIA	Topy Ramos
AQUI SE FAZ, AQUI SE PAGA	Valderez Sousa
GRADES	Walter Lutz
PESA-DELE	William Lima
	Zezdi Yrher e Allan Gomes

VÍDEOS
MAIS AÇÃO
E NOVOS
MUTANTES
EM 'X-MEN 2'

PÁGINA 33



bem viver

- ▶ Número 1 b2
- ▶ Horóscopo b4
- ▶ Em Off b5
- ▶ José Simão b6

MANAUS, QUARTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 2003

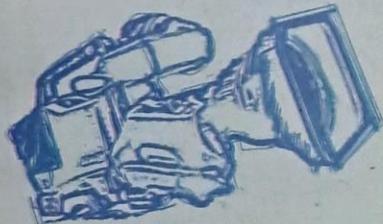
bemviver@critica.com.br



CINEMA



'Um Amazonas' rondando os EUA



DANIEL VALENTIM
ESPECIAL PARA A CRÍTICA

A CRÍTICA orgulhosamente apresenta: "A saga de Um Amazonas". Sinopse: participando de uma oficina de cinema, um caboclo lá de Coari - ou de Iranduba ou de Manacapuru - pega pela primeira vez numa câmera e faz um vídeo de um minuto para poder participar de um festival em Manaus. De repente, umas palavras esquisitas começam a aparecer no rodapé de seu filme, sincronizadas com as falas dos personagens. Aquelas "legendas em inglês" acabam levando sua obra para uma grande viagem por outro hemisfério, passando por escolas, faculdades e até mesmo festas lá pelos Estados Unidos (EUA).

Como já havia sido noticiado por A CRÍTICA, a mostra "Um Amazonas filmes 2003" foi convidada a participar de "Amazon weeks" ("Semana do Amazonas", *do inglês*) de novembro na Universidade do Texas (UT), em Austin, numa parceria firmada com a Secretaria de Estado da Cultura (SEC). Seu sucesso foi tão grande entre o público universitário, entretanto, que começou a receber convites de diversas outras instituições daquele país. Entre as novidades, está a participação do "Um Amazonas" no "7º Cine Las Americas", festival que acontece de 21 a 25 de abril de 2004 em Austin, e um intercâmbio entre universitários da UEA e da UT para cursos de cinema.

O festival foi exibido para a Aliança de Cineastas da UT, bem como para os alunos de seu curso de mestrado em Cinema, depois foi para a Johnston High School - ensino médio - e para a St. Edwards University, ambas em Austin; fez uma parada na cidade de San Antonio (Texas), dando as caras na Trinity University e foi terminando o tour em Lansing, situada no estado de Michigan, no norte dos EUA. Na volta ao Texas, para não perder a viagem, ainda foi a principal atração de uma grande festa para a comunidade de estudantes hispânicos e latino-americanos do estado.

De acordo com Sérgio Andrade, gerente da Amazonas Film Commission (AFC), nem todos os convites puderam ser aceitos, devido a questões de logística. A entidade, subordinada à SEC, responsável pela realização do evento, acabou optando pelas localidades mais próximas de Austin. A exceção foi a Universidade de Michigan, que prontamente mandou as passagens para todos: "Os americanos ficaram impressionados com a originalidade dos filmes", resume Andrade, argumentando que eles estão acostumados com a grandiosidade apenas pela qualidade técnica, enquanto que os amazonenses mostraram obras que primam por boas ideias, sem tecnologia de ponta.

RESULTADOS PRÁTICOS
Júnior Rodrigues, cineasta idealizador de todo o projeto, confessa que a impressão que ficou da passagem pelos EUA foi a do reconhecimento de um trabalho sério, de resultados concretos. Rodrigues revela que o cinema amazonense ganhará um dia só seu no "7º Cine Las Americas", apesar de não participar da mostra com festivais em outros estados americanos, entre os quais se destaca a UCLA, na Califórnia, berço do cinema norte-americano. Além disso, a Trinity University está negociando com a organização do "Um Amazonas", sua exibição na TV universitária local.

As novidades não param por aí. Jeff Gipson, um dos realizadores do "Las Americas", virá ao Amazonas no próximo ano para filmar um documentário sobre os bastidores do "Um Amazonas", registrando as viagens ao interior, as oficinas e as exibições. Em 2004, as cidades participantes serão Presidente Figueiredo e Parintins. O terceiro município está entre Itacatiara e Barcelos.

Para completar essa série de bons frutos, Sérgio Andrade revela que a Universidade do Texas e a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) estão fechando uma parceria, com a participação da SEC, obviamente, para um intercâmbio entre universitários das duas instituições. Dois alunos de lá viriam participar das oficinas de Júnior Rodrigues no interior e produzir filmes para o festival. Em contrapartida, o Amazonas mandaria três pessoas para fazer um dos cursos da UT, com duração média de cinco semanas.

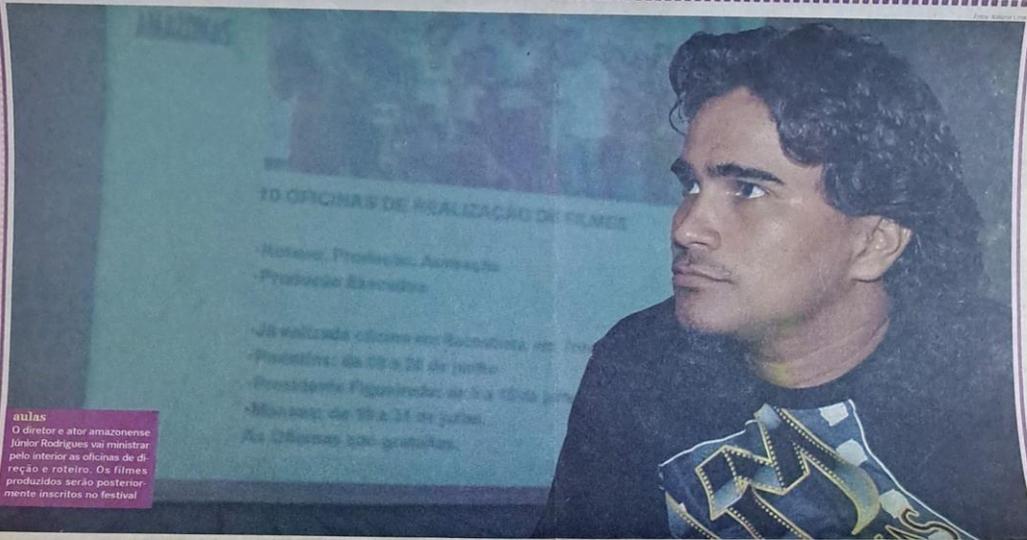
bem viver

Harry Potter arrasa nas bilheterias mundiais
 PÁGINA 2

TV > 14h50 Jean-Claude Van Damme é "O grande dragão branco" >>> TV AMAZONAS
13h30 Michael Jackson no musical "Moonwalker" >>> TV A CRÍTICA PÁGINA 7



Balana Daniela Mercury entre as presenças do Rock in Rio - Lisboa
 PÁGINA 3



aulas
 O diretor e ator amazonense Júnior Rodrigues vai ministrar pelo interior as oficinas de direção e roteiro. Os filmes produzidos serão posteriormente inscritos no festival

minuto >>> Para a edição 2004 do evento os organizadores prepararam a inclusão de uma nova categoria, a de animação, e uma premiação mais atraente

Novidades para o Festival UM Amazonas

LOREDANA KOTINSKI
 DA EQUIPE DE A CRÍTICA

Prêmios mais atraentes e uma nova categoria são as grandes novidades no Festival UM Amazonas 2004 - Filmes de Um Minuto, lançado ontem à tarde pela Secretaria de Estado da Cultura (SEC). A outra mudança deste ano é a redução do número de competidores: 85 contra 113 do ano passado. O evento, que ocorre de 18 a 23 de outubro, será aberto no Cinemark.

Melhor estruturado e mais conhecido, afinal os melhores curtas foram exibidos no Rio de Janeiro e no Canadá, o evento é o de maior significado na cena do cinema local. Em vez de premiar somente com dinheiro, os primeiros colocados de cada uma das três categorias - Melhor Filme, Melhor Filme de Campanha Social e Melhor Filme de Animação - irão receber também uma câmera digital. E, por falar em categoria, a de Animação chega este ano para aguçar a criatividade dos produtores.

"A ideia foi a de especificar essa categoria para diferenciar do bolo todo os filmes que competem", explicou o diretor da

SERVIÇO

???
EVENTO: Festival UM Amazonas 2004 - Filmes de Um Minuto
QUANDO: De 18 a 23 de outubro
INSCRIÇÕES: No site da Amazonas Film Commission (Centro Cultural Palácio Rio Negro - Avenida Sete de Setembro, 1546, Centro) e pelo site www.umamazonas.com

Amazonas Film Commission, Sérgio Andrade.

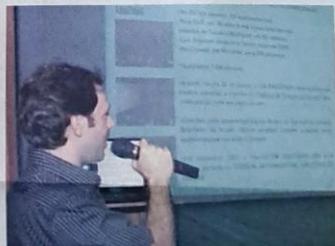
As inscrições, gratuitas, foram abertas ontem e vão até o dia 10 de setembro. Mas, desde fevereiro, eventos ligados ao festival vêm ocorrendo, como as oficinas de direção e roteiro no interior. A meta é que os municípios escolhidos para receber workshops - Itacoatiara, Parintins e Presidente Figueiredo - inscrevam ao menos 24 filmes de um minuto.

O Festival UM Amazonas 2004 vai realizar 50 exibições de filmes durante sua programação. O palco serão praças, escolas privadas e públicas, universidades e espaços culturais. Ainda no roteiro, uma mostra itinerante que vai percorrer o interior do Estado. Para a criançada está programada o UMzinho - uma seleção de filmes infantis que vai circular por algumas escolas.

Oficinas orientam teoria e prática

Cada oficina, de um total de dez, tem duração de 15 dias e um total de 80 pessoas. O ministrante, Júnior Rodrigues, explica que em cada um dos três municípios do interior estão sendo ministrados workshops de direção e roteiro. Em duas semanas os participantes aprendem como produzir, dirigir e roteirizar um filme de forma teórica e prática. Ao final, já com um tema escolhido e um roteiro pronto, acontecem as filmagens. "Depois disso, os filmes produzidos são inscritos no festival e irão passar pela seleção normal do evento. Se escolhido vai para a competição."

Em Itacoatiara, o workshop terminou com nove filmes de um minuto produzidos e que serão inscritos na competição. Todos eles apoiados pela SEC, que promoveu as oficinas, e pelas prefeituras do interior. "Essa é uma forma de garantir que o cinema também chegue para os moradores do interior do Estado com o objetivo de criar mão-de-obra qualificada e descobrir talentos", explicou Rodrigues.



Sérgio Andrade destacou a vontade de exibir o talento local para o mundo

Em Parintins, a oficina inicia-se hoje e termina dia 20. De lá também sairão, no mínimo, oito filmes. E, em Manaus, as oficinas serão realizadas de 19 a 31 de julho.

Por aqui, 24 filmes estão recebendo o patrocínio da empresa Multibrás e mais 20 da SEC. Mas mesmo as produções independentes podem receber ajuda técnica.

Nas duas últimas semanas de agosto a Amazonas Film Commission vai agendar empréstimo de câmera digital e equipamentos de áudio e iluminação. "O que se quer é fomentar a produção cinematográfica local e levar o talento daqui para o resto do Brasil e do mundo", argumentou Sérgio Andrade.

BUSCA RÁPIDA

As boas repercussões

O Festival UM Amazonas - Filmes de Um Minuto foi criado em 2002. Os ganhadores da edição do ano passado tiveram seus filmes exibidos em salas de cinema no Rio de Janeiro, EUA e Canadá. E ainda seguirão este mês para o Festival de Cinema do Ceará, numa mostra especial do Amazonas, e para o Festival Brasileiro de Cinema em Israel. As condições para participar do evento são: os filmes devem ter um minuto de duração e acessados de no máximo 20 segundos, sendo seis segundos iniciais para o patrocinador, nome do filme e realizador e outros 14 segundos para os créditos finais; devem ter sido produzidos no Brasil em formatos digital ou analógico (VHS, SVHS, BETA, Hi-8, DVCAM, MINI DV); e devem pertencer aos gêneros ficção, experimental ou animação. Todos os filmes passarão por uma seleção e o resultado dos 85 selecionados será divulgado no dia 20 de setembro.



Arte amazonense na França

Os franceses puderam ver e sentir um pouco do que o Amazonas produz em artes visuais, música, dança e cinema na mostra do Ano do Brasil na França 2005, em Paris, no Carreau du Temple, no período de 23 a 31 de julho.

O Governo do Estado do Amazonas também promoveu seminários sobre investimentos no desenvolvimento tecnológico de empresas, ciência e tecnologia, conhecimento tradicional, biodiversidade e manejo florestal.

A Semana contou com exibição de filmes do festival UM Amazonas, espetáculos de música popular, de grupos indígenas, apresentação da peça "Grito Verde", com a Companhia de Dança do Amazonas, além do show folclórico protagonizado pelos grupos de boi bumbá de Parintins, Caprichoso e Garantido. O evento também reservou espaço para comercialização de artesanato regional.



Associação
de Amigos
da Cultura

CULTURA
Secretaria de Estado



Folclore
página 2

Intercâmbio
página 3

Pixinguinha
página 4

bem viver

Entrevista com Walid Ismail no programa "Linha de frente"
● PÁGINA 3

TV > 23h45 A comédia "Os irmãos cara-de-pau", com John Belushi >> TV AMAZONAS
● 20h45 A trajetória do grupo Bee Gees em "Por trás da fama" >> MULTISHOW ● PÁGINA 7 >>>

Indicações póstumas para Ray Charles no Grammy Awards
● PÁGINA 8 >>>



ENTREVISTA >

Junior Rodrigues

"Cinema é necessidade cultural"



O ator, diretor e roteirista de filmes que ajudou a criar um movimento de cinema em Manaus fala de seus projetos futuros, como o Curta Quatro

JONY CLAY BORGES
ESPECIAL PARA A CRÍTICA

Ele começou fazendo oficinas de cinema. Em aulas sempre realizadas gratuitamente, buscava dar noções de roteiro, direção e produção de filmes. Em parceria com seus alunos e com quem mais se dispôs a ajudar, produziu alguns curtas-metragens. Isso antes de realizar, em 2002, um festival de filmes de um minuto, que levou dezenas de pessoas a colocar as mãos numa câmera e chamou a atenção da mídia e de órgãos de cultura. **Fazer cinema em Manaus** tornou-se uma realidade. Junior Rodrigues mostrou que sim.

Não por acaso, o cineasta recebeu há pouco mais de um mês, no Festival Amazonas Filmes Curta Brasil, o prêmio Silvino Santos, pelos seus esforços em criar um movimento de cinema na capital do Amazonas. Hoje, o resultado da iniciativa de Junior aparece na recente realização de diversos eventos voltados para a sétima arte, como o próprio Curta Brasil. Embora comemorando, Junior Rodrigues continua trabalhando em prol da sétima arte local. Segue realizando oficinas de cinema, enquanto busca produzir seus filmes e encabeça projetos para difundir cada vez mais a arte na capital e no interior.

"É preciso entender o cinema como uma necessidade cultural", declarou o cineasta em entrevista à CRÍTICA, na qual afirmou também que o segmento necessita de incentivo do setor público e privado. Entre outros assuntos, ele ainda contou sobre suas iniciativas para 2005 e lembrou seu primeiro encontro com a sétima arte, em Barcelos, durante uma filmagem do cineasta austríaco Herbert Brödl.

A CRÍTICA - Como foi seu en-

PERFIL Junior Rodrigues

IDADE 37 anos
ESTUDOS Ensino médio completo, com formação técnica em cinema. Filado ao Sindicato de Cineastas de São Paulo (Sindicine).
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL Trabalhou em diversos filmes do cineasta Herbert Brödl, entre eles "A cor dos pássaros" (1987), "A onça e a chuva" (1991) e "Terra do ouro" (1993), seja como ator, co-roteirista ou assistente de direção. Dirigiu seu primeiro curta-metragem "Cabo do tempo" em 2000. Depois vieram "Curupira" (2001), "1º lugar no Festival de Cinema do Piauí", "Pobredor" e "O bem mal" (2002). "Cabocão.com.br" e "Goreas da sombra" serão lançados em 2005.

envolvimento com o cinema? Como o Herbert Brödl apareceu na sua vida?

JUNIOR RODRIGUES - Em 1983, fui tirar férias em Anori, e quando cheguei o verão, na época das praias, fui a Barcelos. O Herbert estava filmando com a minha irmã, Paulete Pinheiro, que era a atriz principal. Foi lá que me deparei com essa maquiagem do cinema, o circo todo armado. E estavam precisando de uma pessoa para ajudar na assistência de produção. Como sempre gostei muito de trabalhar bastante, comecei a ajudar os caras involuntariamente. Nessa brincadeira, fiquei até o final do filme. Conversei muito com ele (Brödl) sobre a cultura, pra ele fazer filmes sobre a Amazônia. Em 1988, surgiu um convite para ser o ator principal de um longa-metragem dele. De início eu não quis, e foi uma briga até ele falar do salário, que era de US\$ 3 mil, e eu disse, "Deixa eu ver esse roteiro"

(risos). Era "A cor dos pássaros". Fiz vários filmes até que um dia na África estava em São Tomé e Príncipe, fazendo "Fritichen", em 1987. Esse filme tinha uma aura muito mágica. Tudo dava certo, e havia o tempo inteiro uma atmosfera de felicidade. Quando acabamos, decidi que seria cineasta, dos dois veros.

AC - Você continuou fazendo filmes depois? E como foi seu retorno a Manaus?

JR - Eu morava em São Paulo, tinha feito oficinas de roteiro. Em 1999, fiz um filme chamado "Bad Boy", que contava a história de um cara que voltava para São Paulo para uma maratona e fiquei interessado em ver como eram os movimentos de cinema em Manaus. Fiquei até aborrecido, pois descobri que não havia movimento, não se faziam filmes. Tinha sido feito um festival em 1969, e de lá pra cá não se fazia nada. A cidade já tinha sido visitada por Brödl seis vezes e não tinha esgotado a possibilidade de fazer filmes aqui. Pensei: "Por que nós mesmos, que conhecemos a cultura, não contamos nossa própria história, através do nosso próprio olhar?". Com essa inquietação, parei aqui em 2000, e foi quando começamos as oficinas de cinema.

AC - Você ajudou a produzir alguns curtas nessas oficinas, de pois vieram os filmes de um minuto. Como foi esse percurso?

JR - Nossa proposta era de fazer cinema passo a passo, fazendo as pessoas sentirem a profissão, para ver se era aquilo mesmo que queriam. E fizemos um festival do minuto em 2002 que foi o mais incrível que se pode imaginar. Hoje, oficinas em Manaus e outros municípios, que renderam o que eu chamo de "os melhores filmes do minuto" de que se tem notícia. Como não tínhamos equipamento, uma doutora em tecnologia, Maria Salazar, apareceu com uma câmera digital. Ficamos com ela por três meses, e foi assim que produzimos todos aqueles filmes. O festival fez muito sucesso, fizemos a abertura no Cinemark, numa sala

para 340 pessoas - que tinha 400. No outro ano, o Governo entrou no projeto, porque viu que era um movimento que não parava - talvez não acreditasse tanto antes por conta das várias tentativas das pessoas que tinham desistido no meio.

AC - Como o movimento de cinema continuou a partir daí?

JR - Este é um movimento de cinema que precisa ir aos poucos se aprimorando, pois não estamos aprendendo a fazer cinema, mas aprendendo a aprender a fazer cinema. O tempo passou e as pessoas conhecem bem a mídia digital. A gente faz essas oficinas há cinco anos e faz questão, seja no interior ou em Manaus, de que elas sejam gratuitas. No ano que vem, já atrainemos o Curta Quatro: é um festival de cinema, com filmes de 3 a 5 minutos, e vai ser feito em julho. Fizemos filmes de um minuto em três festivais. O pessoal está inquieto, quer fazer uma coisa um pouco maior, e o Curta Quatro vem em direção a isso.

AC - É um desenvolvimento do Um Amazonas Festival?

JR - Não. Os dois festivais se mantêm, porque são dinâmicas diferentes. O Curta Quatro é um pouco de aprimoramento. Já o festival do minuto é para o futuro cineasta, a primeira entrada do cara no cinema, uma coisa mais simples e barata, mas que tem to-

da a linguagem de um filme, porque é um pedaço de um longa que vai juntar 80, 70 minutos.

AC - Esse movimento que você começou acabou culminando nessa atmosfera de festivais que tivemos recentemente: o Um Amazonas, o Amazonas Film Festival e o Curta Brasil. O que esses eventos tiveram de bom, e em que podem ser melhores?

JR - Temos uma deficiência técnica por conta da não formação. Constatamos isso na organização do festival internacional. O Amazonas Film Festival - Mundial de Filmes de Aventura, assim como o Curta Brasil e o Um Amazonas, são um grito da cultura do cinema para as pessoas, que diz: "Vou ver como dá certo fazer cinema no Estado? Como é possível fazer grandes festivais?". Avaliando o público, a gente sabe que o Um Amazonas Festival atrai muita gente. Como é feito no interior, ele traz a cara do Amazonas na sua raiz. Quando vemos o festival internacional, sabemos que é preciso colocar a nossa cara também. E quando o Governo realiza esse festival, está dizendo "Vamos ter de fazer mais filmes aqui, porque nós criamos um evento internacional em que é preciso ter produtos locais". E quando há três festivais, vamos começar a entender o cinema como uma necessidade

cultural de divulgação do Amazonas, da Amazônia e do Brasil como um todo. A aceitação do público internacional para o Um Amazonas é maravilhosa, as pessoas estão gostando da novidade que é ver filmes no Estado. E tenho como pano de fundo a Amazônia, é fantástico.

AC - Quais são seus projetos futuros? O que você está tocando atualmente e o que você espera fazer?

JR - Temos três ambições. Um projeto já solidificado é o Um Amazonas Festival. O Curta Quatro é a ideia que está nascendo para o aprimoramento do pessoal que já fez filmes de um minuto e de atores de teatro que querem experimentar fazer cinema e querem um papel maior. Em 2006, acho que já temos produzido material suficiente para fazer o primeiro Um Dia Amazonas no Cinema. Queremos construir uma grande "maloca" que vai existir 24 horas só com filmes feitos no Amazonas - de um minuto, documental, trash, ficção, caseiro, experimentais... todos os tipos. Em 2006, também queremos fazer o primeiro festival infantil de cinema. Estamos esperando ainda pelo início do projeto "Pontos de cultura", do Governo Federal, e dentro dele quero desenvolver o "Cultura cineasta": a ideia é pegar 15 pessoas, formá-las em vários cursos - noções de roteiro, iluminação, de atores e outras - e fazer estas lendas. Assim damos um salário a cada pessoa, ensinamos a ela uma profissão e, ao final, queremos entregar a ela um registro de profissional de cinema. Outro é o "Revelando os Brasis", do Ministério da Cultura, que vai produzir 40 filmes em 40 municípios de até 20 mil habitantes. O projeto terá de estar finalizado em março do ano que vem. O Amazonas entrou com um projeto de Anori, que eu ensinei, chamado "Matinho Pereira".



Junior Rodrigues (agachado) acompanhando as filmagens de um curta

'mostra um' >>> Uma seleção com 50 filmes de um minuto será exibida de 21 a 25 deste mês em Montreal e Quebec

Produções do AM no Canadá

BUSCA RÁPIDA

Vídeos de 2002 e 2003

Os vídeos da "Mostra UM Amazonas" fazem parte de uma coletânea com os melhores apresentados nos festivais de filmes de um minuto de 2002 e 2003. O "Um Amazonas Festival de Filmes" é realizado sempre no mês de outubro, em Manaus.

A partir da próxima quarta-feira, dia 21, o talento amazense estará sendo mostrado no Canadá. Os moradores das cidades de Montreal e Quebec poderão conferir a "Mostra UM Amazonas" de filmes de um minuto produzidos e rodados no Estado. Em cartaz por lá estarão 50 filmes, entre eles "Os Incomodados", de Yusseff Abraham; "Igarapé do 40", de Thiago Moraes, e "Sociedade dos pés", de Thyryo Munhoz. Tudo até o dia 25 deste mês.

Detalhe: todos com títulos traduzidos e legendados. Para saber uma ideia, "Os Incomodados" virou "Dérangés", "Igarapé do 40" ganhou o novo título de "Le Ruisseau des 40" e "Sociedade dos pés" será mostrado lá como "Société des pieds". No dia 24 eles terão exibição especial na Casa do Brasil em Montreal.

DEBATES
Além dos filmes, o Canadá vai conhecer como pensam as promessas do cinema amazense. Junior Rodrigues, produtor do festival de filmes de um minuto - realizado em outubro de 2003 - que resultou no "Mostra UM Amazonas", vai participar de entrevistas, programas de rádio e televisão e debates. Ele vai falar do mercado cinematográfico para os iniciantes no Estado, comentará sobre o festival e vai contar dos seus planos para este ano.

A grande virtude dessa exibição no cenário internacional, de acordo com Sérgio Andrade, o diretor da Amazonas Film Commission (órgão que está coordenando essa exibição), é que a mostra chega ao Canadá a convite da Casa do Brasil em Montreal e da Radio TV Canadian, com o apoio da Secretaria de Cultura do Amazonas. "Graças ao talento dos amazonenses e à divulgação feita no Brasil o convite surgiu e foi muito bem aceito", completa Andrade.

Estética corporal e facial

CONCORRÊNCIA PÚBLICA?
Candidatos, inscrições, pagamento e inscrições: a informação pública é essencial para o sucesso. Participe, saiba mais em: [www.transparencia.org.br](#)

Sua Viagem Começa Aqui!

Festival Um Amazonas seleciona filmes

Os 70 filmes que participam da competição do Um Amazonas, festival de filmes de um minuto, foram anunciados ontem pela Secretaria de Estado de Cultura (SEC). Este grupo reúne tanto produções de Manaus, como de cidades do interior e outras capitais. O festival acontecerá de 17 a 22 de outubro, com abertura no Largo São Sebastião e exibições no Cinemark, no Studio 5, nos dias 15 e 17.

Segundo a produção do evento, ao todo foram inscritos 206 filmes, dos quais a maioria foi de Manaus, com 83 inscrições, e em segundo lugar Porto Velho, com 35. Em seguida, veio o Rio de Janeiro, com 31 produções, e São Paulo, com 18.

A premiação vai de R\$ 3 mil a R\$ 1 mil, e mais uma câmera digital. As categorias são Melhor Filme Nacional, com primeiro, segundo e terceiro lugares, Melhor Filme Nacional de Campanha Social, Melhor Filme do Interior do Estado, Melhor Filme Nacional de Animação e Melhor Filme Nacional de Juri Popular.

Produções de países da Europa, China e Estados Unidos serão exibidas fora da competição, selecionadas num festival semelhante que acontece na Inglaterra.

EM COMPETIÇÃO
Lista dos 70 filmes selecionados pela comissão julgadora do Festival Um Amazonas de Cinema

TÍTULO	DIRETOR (A)	PEQUENA LIBERDADE	Juliana Cideli
NO HOLLYWOOD	Alan Gomes	GAITE OVER	Katya Simas
O HOMEM QUE VIRA CACHORRO	Amanda Barry	SOLDADOS DE GUERRA	Lorys Lemos
SEM DORNI	Anna Gabelle	CULPRA O DEMÔNIO DA MATA	Luanna Gomes
MORTE	André Scatotto e Cristina Pinheiro	OS MORTOS ESTÃO ANDANDO	Luiz Carlos Malheiro
O JULGAMENTO	Antonio Sergio	SCOTE	Marcos Mussos
ETROM E ROMA	Beto Vidal	O BEIJO FATAL	Maria Vieda
EU TAMBÉM TÔ CONTIGO	Bruno Pereira	EU, MURO DO URSO BRANCO	Marcelo Melo Barroso
TE PEGO LA FORA, NA VIDA	Camila da Silva	O MENDIGO	Marcos Rodrigo
ABALA BICHA	Carliana da Silva	MENTIÇOZO É O QUE PARECE	Marcos James
O MUDO	Cezario Jr.	AMANHÃ TEM MAIS	Maurício Moraes
O TAXI	Cristiano Mamedoni	AMOR ETERNO	Milábi Specialiti
A BOLA DA VEZ	Dafan Guedes	ENTRE TANTOS	Marcos Luciano
PÂNICO NO PREÇO	Diana e Junior De Las Virges	FACTOS, VIDA, TESTEMUNHA	Natã Andrade e Polly D'Almeida
MORTE, A COMÉDIA	Dizgo Gomes	CAJARIANO NO SHOPPING	Natã Andrade
COMO PEGAR UM CUIZADO	Eduardo Almem	MISS PRING LUG	Oliver Menezes
NA FILA	Eduardo Varela	A LENDA DO GIARARÁ	Paulo Cavallaro
FELIZES PARA SEMPRE	Elika Bessa	VEGETARIANOS	Rafael Rezende
CALDO DE CARIDADE	Erik Quevedo	OTIFORÁ	Renata Henri
4 EM 1	Ednize Bezerra e Patrícia Bezerra	BANHEIRO MASSA	Romero da Fátima
O ENCANTO DA JARA	Estéfani Barbosa	A RODA DA FORTUNA	Romário Sousa
A PROVA	Everton Almeida	SEM MALTIAS	Sabrina Borges
ACARRODO	Francisco Queiroz	SEBESDO	Sandra Lima
O QUE VOCE VIU?	Francisco Queiroz	L'AMOUR	Samuel Quintino
CONCERTO Nº 1 PARA CELULAR E ORQUESTRA	Francisco Queiroz	A MALDIÇÃO	Shilton França
O IMPRESSIONISTA	Franco Junior	LEI DA CONSERVAÇÃO DA MATÉRIA	Simão Oliveira
O PNEU	Geoffrey Jura	IDENTIDADE CULTURAL	Tatiana Maranhão Fátima
O QUE ESPERA SEMPRE CANSA	Gianda Camilo	AS PÉLAS APARENCIAS	Suzi Silva Pinto
COADE DA COMPENSA	Helton Moura	PALMAS	Thiago Moraes
TRIBAL MIX	Jandir Reis	PIRAMID	Tiago Torchesky
GÊNIO NACIONAL	Joel Pereira	GARÇONIA	Tony Ramos
AMBLE	Josémar Oliveira	DECORÂNCIA	Valderson Sousa
O MAL CRUADO	Joseline Oliveira	AQUÍ SE FAZ, AQUI SE RAGA	Wander Luiz
A CAMINHONETE	José de Paula	GRAZES	Willian Lima
NAQUELA TARDE	Jefferson Lima	PESADELE	Zezé Yinher e Allan Gomes



Concorrente *Cena da produção independente 'Eu Também Tô Contigo', de Bruno Pereira*

cinema >>> O próximo presidente será cobrado pelos associados

Associação recebeu inscrição de uma chapa

BRUNO MAZIERI
DA EQUIPE DE A CRÍTICA

 Aconteceu na tarde de ontem, na Casa do cinema, no Largo São Sebastião, a votação para escolher os novos representantes da Associação de Cinema e Vídeo do Amazonas (ACVA).

Apesar de possuir mais de 90 associados, somente uma chapa - formada por Júnior Rodrigues (presidente), Sérgio Andrade (vice-presidente), Abraham Baze Jr. (secretário de comunicação) e Saleina Borges (tesoureira) - participou da eleição. Informação recebida até o momento desta edição.

"Não pensamos em anular, ou de repente, adiar a votação porque estamos protegidos pelo regulamento. Sempre foi dessa maneira. Se, por um acaso, tivéssemos que mudar a ação perderíamos um tempo desnecessário", explica Chicão Fill, presidente interino da ACVA, que ficou à frente da associação durante sete anos.

Projetos

Da expectativa Fill ressalta que a cobrança será ponto crucial durante o mandato de Rodrigues. "Ele será cobrado como



O cinema região passará por mudanças durante o ano de 2010

qualquer outro candidato. Porém, acompanho o trabalho do Júnior tempo o bastante, para saber de sua competência e experiência".

Entre as ações que pretende ser bastante discutidas durante as reuniões está o projeto de criação de um fundo estadual ou municipal, que possa receber verba destinada ao cinema local. "Isso é comum em qual-

quer categoria. Precisamos conversar sobre o atual momento do cinema regional. Temos trabalho um trabalho a fazer", comenta.

O cineasta Júnior Rodrigues é responsável pela criação do "Festival Um Amazonas" e o "Curta 4". Além disso, ele proporcionou sessões especiais para deficientes visuais, algo inédito na região.

A coluna "Entre Nós" volta em fevereiro



cinema >>> Num encontro informal promovido por A CRÍTICA, cineastas amazonenses de diferentes gerações analisam a produção cinematográfica no Estado

Ainda é muito duro ser romano nos trópicos



Roberto Kahane, Heraldo Moraes e Chicão Fill diante de um antigo projetor que funcionava no extinto Cine Guarany. A constatação é de que as tecnologias mudaram muito, mas a situação dos realizadores permanece a mesma

OMAR GUSMÃO
ESPECIAL PARA A CRÍTICA

Fazer cinema no Brasil nunca foi tarefa fácil. Escolher o gênero de cineasta em plena Amazônia, então, é uma decisão no mínimo ingrata. Mesmo assim, Roberto Kahane, Chicão Fill e Heraldo Moraes, cada um representante de uma diferente geração de amazonenses, não conseguiram ficar imunes à paixão pelo cinema e acabaram abraçando essa profissão que, no Amazonas, acaba se tornando uma militância, um sacerdócio. A CRÍTICA promoveu um encontro entre os três cineastas para saber, na avaliação deles, a quantas anda a produção cinematográfica local e fazer uma comparação entre as dificuldades de fazer cinema em Manaus antigamente e hoje em dia.

Mais experiente dentre os três, Roberto Kahane produz e dirige cinema desde a década de 60, chegou a se mudar para o Rio de Janeiro para dar continuidade a sua carreira, mas acabou voltando para Manaus. Ele foi o primeiro a se manifestar durante o encontro realizado no Museu da Imagem e do Som do Amazonas, no Complexo Cultural Palácio do Rio Negro. "Em princípio, tem que verificar qual é a expectativa da geração de hoje. O Heraldo representa uma geração que quer levantar o audiovisual. Essa geração está

tentando enveredar exclusivamente pelo caminho da ficção. Acho tortuoso. Porque tem que ter experiência com teatro, dramaturgia, direção de ator. Eu sempre fui documentarista. Tenho mais de 60 documentários realizados. Mas, a expectativa das pessoas em relação ao cinema é a ficção", afirmou Kahane.

O documentarista questiona se não seria interessante para essa nova geração abordar a vastíssima riqueza histórica da Amazônia. "Eu não vejo esse interesse", diz.

O mais novo dos três, Heraldo Moraes, que está em fase de pós-produção de seu curta-metragem "A raiz dos males" (falta sonorizar e finalizar), reconhece a prioridade dada à ficção. "Sei que a nossa geração está focada na ficção. Mas, eu sempre me preocupi com o trabalho do ator, em trabalhar com a ficção de uma maneira segura. Gosto de trabalhar ensaiando as cenas, ensaiando os planos. A ca-

rência maior que encontramos é no trabalho com os atores", diz.

POLÍTICA
Kahane destaca a influência que sua geração teve do período de repressão política imposto pela ditadura militar. "Faço parte de uma geração de cineastas políticos. Naquela época tinha uma pressão violenta da censura. Todos eram engajados politicamente. Todo mundo era comunista. É uma geração que foi forjada com esse tipo de limitação. Isso nos impôs um tipo de abordagem específica", reconhece. Quando a questão são as mídias digitais, surge uma divergência entre Kahane e Heraldo. "As mídias digitais ajudam muito e a linguagem continua sendo cinematográfica", afirma Heraldo. Kahane discorda: "A linguagem não é cinematográfica. É publicitária. Fazer cinema para mim é a manipulação da película", defende. Chicão Fill faz a mediação: "As tecnologias digitais dão muita possibilidade para a nova geração fazer muita coisa de forma mais democrática. O custo ainda é um problema até hoje", declara.

Num ponto todos são unânimes: faltam políticas públicas de incentivo à produção e circulação de cinema no Brasil. "Na minha época, eu vivia de curtas porque tinha uma legislação do Governo que determinava que cada filme estrangeiro fosse acompanhado de um curta", lembra Kahane.

Quem é quem

>>> **Heraldo Moraes**
Publicitário e diretor do curta-metragem "A raiz dos males"



>>> **Chicão Fill**
Presidente da Associação de Cinema e Vídeo do Amazonas



>>> **Roberto Kahane**
Cineasta. Dirigiu mais de 60 filmes entre ficção e documentários



Alternativas para sobreviver

Uma realidade que ainda é a mesma ontem e hoje é que viver de cinema em Manaus é uma missão praticamente impossível. Do trio, apenas Chicão vive de cinema, mas porque decidiu montar uma produtora para receber as produções, inclusive estrangeiras, que vêm, cada vez mais frequentemente e em número maior, filmar na Amazônia.

Já Roberto Kahane e Heraldo Moraes, cuja paixão pelo cinema envolve a direção de filmes, mais do que a produção executiva, têm que arrumar alternativas para o sustento do dia-a-dia. "Eu vivo fazendo televisão. Produzo seis pro-

gramas semanais na TV", afirma Roberto Kahane.

"Meu filme vai ter no Blockbuster para vender. Mas, não vou viver exclusivamente de cinema. Não tem como. Vou continuar na publicidade e fazer um, dois filmes por ano", resigna-se Heraldo. "Gostaria muito que se encontrasse um mecanismo para que se incentivasse a produção e a circulação dos filmes, para que chegassem ao grande público e o realizador pudesse ganhar com isso também", afirma Kahane. "No aspecto da sobrevivência profissional, não existe lá muita diferença entre a minha geração e a de vocês".

Destaque

A Associação de Cinema e Vídeo do Amazonas vai investir este ano na busca por novos associados e no resgate do movimento cineclubista da cidade. Posteriormente, pretende realizar seminários e cursos de profissionalização para seus associados.

Replay

Um acervo que conta muitas histórias



1 Kahane é dono do maior acervo de películas do Estado



2 O cineasta também possui projetores antigos...



3 Bem como antigas filmadoras que são relíquias



talento >> Elogiado pela Variety (EUA), Yure Cesar conta que o diretor de fotografia é um "artista muito técnico"



O "paulista-amazonense" Yure Cesar é a mente por trás das imagens de "Cachoeira", "A floresta de Jonathas", "Rota da Ilusão" e "Retratos de Manaus". Segundo ele, a sensibilidade conta muito no set de filmagem.

Pela lente de Yure

Diretor brilha em produções

ROSEL MENDONÇA
rosel@acritica.com.br

Que os curtas "Parente", de Aldemar Matias, "Rota da Ilusão", de Dheik Praia, e o longa "A floresta de Jonathas", de Sérgio Andrade, têm em comum? Além de todos serem produções do cinema amazense, eles tiveram o toque de Yure Cesar na direção de fotografia. "O diretor de fotografia também é um artista - um artista muito técnico, que influencia no conceito do filme", declarou ele.

Com mais de 10 anos de estrada, o fotógrafo e produtor audiovisual tem colhido os frutos da sua dedicação à sétima arte. No início do mês, ele participou da estreia mundial do filme "A floresta de Jonathas" no Festival do Rio, trabalho que lhe rendeu elogios de críticos do Blog do Bonequinho, do Globo online, e até de especialistas de veículos internacionais, como o Screen Daily, de Londres, e a Variety, de Los Angeles.

Na nona edição do Amazonas Film Festival, que aconteceu de 3 a 9 de novembro, Yure Cesar vai ter trabalhos concorrendo em todas as categorias: "A floresta de Jonathas", na mostra competitiva internacional de longas, "Rota da Ilusão", na mostra Brasil de curtas, e o documentário experimental "Retratos de Manaus", de Sérgio Cöbello, na mostra Amazonas de curtas.

DE SAMPA PARA MANAUS

Yure Cesar é um paulista-amazonense, como já disse Sérgio Andrade. Cesar morava há um bom tempo na capital paulista quando desembarcou em Manaus aos 15 anos. Aqui, ele chegou a trabalhar na área administrativa da empresa do pai no setor da construção civil. "O mais engraçado é que eu não tinha relação nenhu-

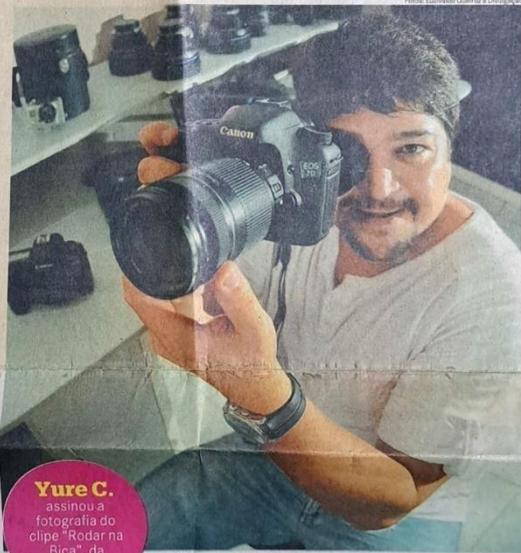
ma com a fotografia nem com o vídeo", contou ele. "Sempre gostei de esportes e ação. Eu surfava e faço skate até hoje. Aqui, eu tive a curiosidade de conhecer o paraquedismo. Certa vez estavam precisando de uma camera flyer para acompanhar e registrar os saltos. Eu comecei a fazer isso com uma câmera na cabeça e depois já estava editando o material".

Cesar é um verdadeiro autodidata - aprendeu a arte da fotografia manuseando os equipamentos. "Sempre fui curioso, a tecnologia me fascina, eu gosto de ter esse contato com os equipamentos", confessou. Nesse momento, a esposa de Yure, Rachel Lyra, interrompeu a conversa para revelar uma mania do marido.

"O segredo do Yure é que ele gosta de ler manuais, então ele entende tudo, isso é um dom. Ele tem não só a experiência técnica, mas a artística também, o que possibilita uma visão ampla do processo cinematográfico", explicou Rachel.

SEMPRE EM CASA

Yure Cesar tem os pés no chão e sabe que com os louros vêm as responsabilidades. "No Rio, eu competi com fotógrafos muito experientes e eles falaram bem do nosso trabalho, deram uma nivelada. A partir desse ponto, não tem como voltar para trás, tem que continuar subindo os degraus", metáforizou.



Yure C.
assinou a fotografia do clipe "Rodar na Bica", da Alaidenêgo

Para isso, o fotógrafo procura estar sempre atualizado tecnicamente em relação ao segmento da direção de fotografia. Na gaveta dos futuros projetos, que incluem mais um longa e dois curtas, Cesar planeja uma especialização na New York Film Academy.

Por enquanto, ele toca em sociedade com a esposa a produtora MeiaZero2 Filmes,

perfil

Yure Cesar

Natural de Campinas. Radicado há 22 anos em Manaus
Fundador da MeiaZero2 Filmes, produtora audiovisual e locadora de equipamentos
Premiado no 15º Brazilian Film Festival of Miami no 43º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro por "Cachoeira", no 8º Amazonas Film Festival por "Parente"

que pretende ser um núcleo de formação e fomento da cultura local. "602 também é o número da nossa casa. O bom é que estamos sempre em casa", arrematou Rachel Lyra.

blog



Sérgio Andrade

DIRETOR DE CINEMA

Todos os filmes que eu dirigi têm a fotografia assinada pelo Yure. É um cara que tem um domínio técnico impressionante e se alia com a maior boa vontade à criatividade do diretor. Ele sabe dialogar generosamente e arranja soluções muito eficientes.

Paixão pelo cinema

Depois de uma experiência de dois anos e meio na TV Rio Negro, onde passou de câmera a produtor, Yure Cesar resolveu partir em busca de especialização em direção de fotografia. A primeira parada foi em São Paulo, entre 2006 e 2007, onde foi aluno do fotógrafo Altair Barbosa.

"Entrei em contato com coisas que eu nem tinha noção do que eram. Foi quando pensei na fotografia como um objetivo meu dentro do audiovisual e decidi que queria ser diretor e produzir belas imagens", recordou o paulista-amazonense.

Na volta para Manaus, o que não faltava era fôlego para novas experiências. "Voltei babando, querendo filmar". O primeiro contato profissional com o cinema veio em seguida, quando ele atuou como assistente de fotografia - sem cachê - no curta "Nos asas do condor", de Cristiane Garcia.

A estreia como diretor de fotografia veio no arcação. Em 2008, Sérgio Andrade convidou Yure para participar do curta "Criminosos", o primeiro de uma frutífera parceria que culminou com "A floresta de Jonathas", o primeiro filme do Norte a participar do Festival do Rio. O curta "Cachoeira", outra produção de Andrade com a participação de Cesar, rendeu ao fotógrafo dois prêmios importantes.



ART BRECHÓ
COMPRO:
ROUPAS MASCULINAS
E FEMININAS, SABYTOYS,
BOLSAS, ROUPAS DE
CAMA E MESA, ETC.
Ligue:
3656-4201 ou 8212-4201

PROJETO SOCIAL

Oficina forma futuros cineastas na zona Leste

Jovens estudantes têm acesso à iniciação ao cinema de curta-metragem

No primeiro semestre deste ano foi implantado no Armando Mendes, zona Leste, o piloto do projeto Cinema e Vídeo na Educação. Desenvolvido em parceria com a Escola Estadual Maria Madalena. Por um período de 40 dias, uma turma de alunos tiveram oficinas de cinema em diversos setores como 'História do Cinema', 'Iniciação Teatral', 'Roteiro', 'Direção e Produção'.

Ao final das oficinas, os alunos foram para a prática, ou seja fazer um filme. Em cima de um roteiro indicado por eles foi produzido o filme 'Falsa Escrita', rodado no próprio bairro. A ideia do roteiro foi do aluno Cleonir Vieira e o seu desenvolvimento teve a participação de todos que faziam parte da turma. A direção do filme foi de Dheik Praia, 15.

VALORIZANDO A JUVENTUDE
O projeto foi além do bairro sendo inscrito pela Amfid (Amazonas Filmes Digitais) no programa Pontos de Culturas do MinC (Ministério da Cultura). Ao todo, o MinC recebeu 800 projetos e selecionou 214. Desses, o projeto da Amfid foi escolhido e receberá a partir do ano que vem incentivos culturais. De acordo com o coordenador do projeto da Amfid, Roberto Roger, o projeto será desenvolvido nos próximos dois anos e deverá atingir 160 jovens. "O nosso objetivo não é formar cineastas e sim valorizar aqueles jovens para que, por meio do cinema tenha a oportunidade de somar conhecimentos que fortaleçam a busca das suas cidadanias", garantiu.

A ideia é desenvolver o projeto em escolas públicas,

visando proporcionar aos estudantes dos ensinos fundamental e médio a iniciação na arte cinematográfica.

O pontapé inicial, segundo Roger, já foi dado na Escola Estadual Maria Madalena, onde 16 jovens de 14 a 20 anos, tiveram acesso ao primeiro contato com a arte. Roger destacou que as futuras produções podem ser inscritas, gratuitamente, basta apenas o preenchimento da ficha de inscrição e o envio da cópia em fita Dvcam, MiniDVD (NTSC/PAL) para Lupi & Dina Produções, avenida Getúlio Vargas, 751, Centro, CEP 69020-011 - Manaus-Amazonas. O regulamento e ficha de inscrição podem ser baixadas no site www.amfilmesdigitais.org.br.



O que é a Amfid?

A Amfid (Amazonas Filmes Digitais) é uma produtora de eventos audiovisuais fundada em 29 de outubro de 2002. A primeira organização não-governamental de cinema do Amazonas. Tem como missão a participação no desenvolvimento do cinema amazense, oferecendo cursos, oficinas, seminários e projetos cinematográficos para um público regional carente dessa atividade. A Amfid realiza mostras de cinema e o Festival Amazonas Filmes - Curta Brasil.

Cenas do cotidiano são temas usados por alunos da zona Leste para produções cinematográficas

Conectado pela internet

A proposta do MinC consiste em destinar recursos e equipamentos para a produção cultural, viabilizando também a capacitação nas periferias de centros urbanos, áreas rurais, quilombolas, aldeias indígenas, entre outros. A previsão é de beneficiar, inicialmente, cerca de 1 milhão de pessoas, residentes em áreas carentes de todo o território nacional.

Foram selecionados 214 projetos na primeira etapa. Essas instituições já apresentaram toda a documentação que vai valer a assinatura de

convênio entre ministério e associações responsáveis pelos projetos.

NOVAS PROPOSTAS
Alinda este ano, deverá ser lançado um outro edital e aberto o prazo de inscrições para novas propostas. A meta do MinC é chegar a mil pontos de cultura no Brasil e até no exterior, em 2006. O secretário de Programas e Projetos Culturais, Célio Turino, cogita implantar o projeto em países de língua portuguesa, nos que integram o Mercosul e em lo-

calidades de grande concentração de brasileiros.

Serão investidos cerca de R\$ 50 milhões na primeira etapa dos pontos de cultura. Cada ponto terá um kit multimídia, com câmera de vídeo digital, microfones, amplificador para gravação e dois computadores que vão funcionar como ilha de edição. O sistema adotado pelo programa é o software livre, que será usado para formar uma rede entre pontos conectados pela internet. Os equipamentos serão disponibilizados em janeiro de 2005.

Informe-se	<p>Comédia</p> <p>Clube do DVD do Caua abre temporada de comédia, a partir de hoje, às 19h. Entrada gratuita</p> <p>Página 18</p>	<p>Capoeira</p> <p>Projeto de atividade desportiva na área da capoeira beneficia alunos da comunidade Novo Israel</p> <p>Página 19</p>	<p>Social</p> <p>Governo do Estado intensifica programa de denúncia para atender melhor a população</p> <p>Página 21</p>	<p>Patrimônio</p> <p>Especialistas vão debater plano de preservação do patrimônio histórico da cidade</p> <p>Página 23</p>

DLS INTEGRATOR Sua empresa está preparada para a retomada do crescimento econômico? www.dls.com.br

INFORMÁTICA

DLS TI-PACK O pacote de soluções de Tecnologia da Informação compatível com suas necessidades

De olho na retomada do crescimento econômico do Brasil e sobretudo na importância das Micros e Pequenas Empresas neste contexto, a DLS estará financiando projetos de TI em parceria com o Bradesco.

Parceiro: **FURUKAWA** CONSTRUINDO AS REDES DO FUTURO

Apoio: **Bradesco**

642-3151

MOSTRA

Festival de cinema conta com dez Estados

Evento realizado pela Amazonas Filmes Digitais tem como objetivo divulgar e incentivar produção amazense

Começa no próximo dia 6 a terceira edição do FAF (Festival Amazonas Filmes) - Curta Brasil, que acontece no auditório do Sesi (Serviço Social da Indústria). O evento é uma realização da AMFid (Amazonas Filmes Digitais), uma organização não-governamental de cinema que desenvolve trabalhos como produtora e realizadora de acontecimentos audiovisuais.

A mostra oficial vai até o dia 10 e contará com a participação de 38 filmes de dez Estados (Amazonas, Bahia, Brasília, Ceará, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo). Serão exibidos 21 filmes de ficção, dez documentários e sete produções de animação.

No dia 11, uma mostra especial vai tomar conta do Centro Cultural Largo de São Sebastião. O FAF Curta Brasil, que faz parte do calendário nacional dos festivais de ci-

nema brasileiro, tem por objetivo divulgar os curtas-metagens produzidos no país e ao mesmo tempo incentivar a produção de filmes no Amazonas.

A novidade para o festival deste ano fica por conta da mostra 'Curupira Curta-Rápido' para filmes com duração de um a quatro minutos, com exclusividade para realizadores do Amazonas e também da mostra 'Cariry', que apresentará os filmes de longas-metagens 'Corisco e Dada' e 'Lua Cambará', do cineasta Rosemberg Cariry.

O evento vai entregar o troféu Curupira para as melhores produções nas categorias de ficção, documentário, animação, fotografia, roteiro e direção. Para os realizadores amazonenses, uma premiação especial para melhor filme, melhor direção e melhor ator. O Curupira Curta-Rápido premia ainda o melhor filme escolhido pelo júri oficial e melhor filme pelo júri popular.

No ano passado, o festival homenageou o 1º Festival Norte de Cinema Brasileiro, realizado em Manaus no ano de 1969. Foi a primeira e única edição do evento. O FAF fez também homenagens para Joaquim Marinho, o diretor geral daquele festival; Guanabara de Araújo, um dos fundadores do GEC (Grupo de Estudos Cinematográficos) e Roberto Kahane, cineasta premiado com o melhor curta. Os professores universitários e pesquisadores Selda Vale e Narciso Lobo foram homenageados por seus trabalhos de documentação do cinema amazense.

Para este ano, a AMFid vai instituir o troféu Silvino Santos como forma de reconhecimento ao pioneiro do cinema no Amazonas. Esse troféu será oferecido a cada ano no festival para pessoas que contribuíram com o desenvolvimento da produção cinematográfica nacional.



TELESCÓPIO

MUNDO

Filme brasileiro em destaque

O Sundance Festival terá a partir de sua próxima edição, em 2005, entre os competidores, filmes de todas as partes do mundo, incluindo o Brasil. O evento, promovido pelo ator e diretor Robert Redford, é uma das propostas mais representativas do cinema independente dos Estados Unidos.

"Soy Cuba, um Filme Perdido na Guerra Fria", do brasileiro Vicente Ferraz, estará em disputa na categoria World Cinema Documentary.

MÚSICA

Norah Jones pela primeira vez no Brasil

A cantora e compositora americana Norah Jones se apresenta no dia 14 de dezembro na casa de espetáculos carioca Róbia, mostrando pela primeira vez no Brasil, canções de seus dois primeiros álbuns. Com 25 milhões de discos vendidos em apenas dois anos, Norah Jones despontou como um dos maiores sucessos do mercado fonográfico dos últimos anos, fazendo uma mistura de jazz, folk, country e pop. Além do Rio, a cantora de 25 anos toca em São Paulo, Belo Horizonte e em Porto Alegre. A cantora já ganhou oito Grammy, sendo premiada em todas as categorias em que concorria.

HOLLYWOOD

Godzilla na Calçada da Fama

O monstro do filme Godzilla é o mais novo homenageado na Calçada da Fama, em Hollywood. Após a homenagem - de número 2.271 -, foi promovida a estreia do novo filme e uma cerimônia em Hollywood Boulevard.

O diretor Ryuhei Kitamura disse que o novo filme pode não ser a última aparição de Godzilla nas telas. Godzilla apareceu pela primeira vez em 1954 como um lagarto pré-histórico despertado pela explosão de uma bomba atômica.

HORÓSCOPO



ÁRIES
21 de março a 20 de abril
Alguém pode precisar do seu tempo e atenção, justamente no momento em que você está disposto a seguir o seu caminho. Cuidado com as chantagens afetivas. Você precisa estar sempre alerta.



CÂNCER
21 de junho a 21 de julho
Há um tempo o céu tem trazido uma porção de gente para solicitar a sua atenção e exigir os seus serviços. Mas agora, está fazendo você perceber o tamanho da sua carência e a sua necessidade de carinho e atenção.



LIBRA
23 de setembro a 22 de outubro
O céu está colocando em confronto a necessidade de fazer sucesso e ascender na carreira, com o desejo de encontrar um sentido maior e mais profundo para a vida. Ficar atento às oportunidades é o item básico para seu crescimento.



CAPRICÓRNI
22 de dezembro a 20 de janeiro
Depois de um tempo em que toda a sua energia estava voltada para afirmar a sua independência e a sua maestria na atividade que escolheu, você pode ser inoado por uma súbita necessidade de ter alguém muito perto de você.



TOURO
21 de abril a 20 de maio
A delicada lua de Câncer vai questionar a rigidez e o pragmatismo com que você costuma julgar os erros das outras pessoas. É vai perturbar você com a ideia de que as críticas só dão frutos quando são feitas por amor.



LEÃO
22 de julho a 22 de agosto
O céu está colocando em confronto o impulso de ser uma pessoa produtiva com uma vaga sensação de que as coisas mais importantes da vida se resolvem numa instância muito distante da nossa possibilidade de atuação.



ESCORPIÃO
23 de outubro a 21 de novembro
A lua em Câncer vai criar um desconforto cada vez que você falar sobre coisas que não conhece e bem ou sobre as quais não tem certeza. Esse é um bom momento para partir numa longa viagem atrás do conhecimento que está lhe faltando.



AQUÁRIO
21 de janeiro a 19 de fevereiro
Essa inquietação que pode até estar atrapalhando seu sono, só vai melhorar quando você conseguir dar forma a muitas ideias que pretendem reorganizar o seu cotidiano.



GÊMEOS
21 de maio a 20 de junho
A passagem da lua pelo signo de Câncer faz você perceber a fragilidade da aparência das coisas e pode trazer a sensação de que não dá para confiar muito naquilo que os seus olhos mostram.



VIRGEM
23 de agosto a 22 de setembro
Você sabe que está num momento muito criativo, mas precisa descobrir a serviço do que vai colocar essa criatividade. Confie nos seus sonhos e no seu talento.



SAGITÁRIO
22 de novembro a 21 de dezembro
A chegada da lua ao signo de Câncer enche você de presentimentos e traz a sensação perturbadora de que alguma coisa muito importante está prestes a acontecer. Cuidado para não provocar uma crise



PEIXES
20 de fevereiro a 20 de março
Um dia perfeito para entrar em contato com o seu potencial criativo, que pode estar precisando ser alimentado. Mesmo sendo um dia de semana, não abra mão do direito ao descanso. Tire um tempo para reaprender a brincar.



AR-CONDICIONADO PARA VEÍCULOS

- Instalação, manutenção e revisão de carros nacionais e importados.
- Ar-condicionado para Celta, Corsa, Escort, S/10, Fiesta, Gol,
- Blazer, Ford KA, F/1000, D/20, Pálio, Uno, e Siena
- Ar-condicionado especial para vans e caminhões.
- Peças originais e importadas.



Av. D. Pedro I, 185 - D. Pedro
 Fone: 239-0999 / 239-0995
 E-mail: new_frio@hotmail.com
 (próximo ao colégio La Salle)



CINEMA

Festival Curta-Brasil nas telas de Manaus

Segunda-feira, dia 1º de dezembro, acontece a abertura oficial no Parque do Mindu, às 19h. O evento tem entrada gratuita

Da equipe do 36

O Festival amazoneense de filmes: curta-metragem vai apresentar 43 filmes de 15 Estados brasileiros nesta semana, no Teatro do Parque do Mindu, bairro Parque 10, Zona Centro-Sul. A mostra acontece de 1ª a 5/12 (segunda a sexta), às 19 horas, com entrada franca. No sábado (6/12), será a noite das homenagens aos participantes da história do cinema amazoneense e entrega dos prêmios aos vencedores.

São 21 filmes de ficção, 19 documentários e três animações. O Curta-Brasil distribuirá o troféu Curupira (símbolo do festival) aos melhores filmes de ficção, documentário, animação e ainda melhor direção.

Sete filmes realizados no Amazonas participam do festival. Eles concorrem ao troféu nacional e ao troféu Curupira regional de melhor filme e melhor direção do Amazonas.

Filmes em exibição

Segundo-Idra
Acolta mais Café? (Byron O'Neill)
Beleza, Brasil! (Fabiana Miranda)
Retrato Plástico (João Pinastel)
Ruídos da PV (Angelo Lima)
Projeto Lemos (Wesley Silva)
O Cão da Inocência (Idalmo Mascarenhas)
Rua da Escadilha (Márcio Câmara)
Sem Saúde (Maurício Melo)
Com Passos de Monchuca (Marta Cabral)

Tercia-Idra
Última Trincheira (Ronaldo de Castro)
Quasemad (Mariana Resende)
Goldman (Grupo Hyperfimes)
Santo (Cláudia Soares)
Parque de Diversões (Armando Praça)
Velha História (Claudia Joeriva)
Homem Voz? (André Ristum)
Uma Surpresa de Nove Meses (Deborah)
Clitônio e Helena (Cristina)
O Rei Está Doente (Adriano Justino)
Ave Maria ou Milão dos Oprimidos (Cassio Cavalcante)
Mão de Leão (Marcelo de Trá)

Quarta-Idra
Cinzas da História (Leonardo Ross)
Tambores de Corpos (Janaina Marques)

L'Amor (Sandra Alves)
Vida Contra a Morte (Bernardo Dubet)
A Criação do Celso (Amanda)
Quem é Quem? (Costa Roberto)
Aventuras das Águas (Mara Campelo)
O Rincão (Cheber Sanchez)
Indagatório (Cícero Silva)

Quinta-Idra
A Breve História de Cláudio (Pedro Carvina)
Olhos Negros: Compartilhando Imagens (Caraci Raiz)
Brando (Alexandre Cabrera)
Nana (Silvio Figueiredo)
Pitores de Irã (Rommel Prata)
Cores Olfato (Carolina Paiva)
Peitões de Rua (Lidiana Mendes)

Sexta-Idra
O Susto (Ronaldo dos Anjos)
Vestido (Larissa Holanda)
Acossado Consegue com Você (Madreus Hoestetter)
O Tercero Baile (Renato Cunha)
Casa em Construção (Mariana Barbosa e Silveira William Hiestrom)
Porção (Fernando Mozart)
Casa Amarga (Paula Fabiana)



Produção-arte em destaque no festival

O Festival é uma realização da Amazonas Filmes Digitais uma ONG de cinema, a primeira do Amazonas, que desenvolve trabalhos como produtora e realizadora de eventos audiovisuais. É uma organização associada ao Fórum dos Festivais (Fórum Nacional de Organizadores de Eventos Audiovisuais Brasileiros).



Oficinas de cinema e seminários de discussões

Fábio Diaz Carneiro, jornalista, crítico de cinema, professor de curso de extensão universitária, participante da Escola Livre de Cinema de Santo André, ministrará aulas de história do cinema.

Para ministrar aulas de roteiro e documentário veio Carolina Agabiti, roteirista profissional, graduada em cinema pela ECA-USP.

Do Rio de Janeiro, veio Pedro Carvina, diretor de cinema e tele-

visão, diretor do programa Big Brother Brasil da Rede Globo. Carvina dará uma oficina de direção de cinema.

As oficinas acontecem no auditório da Caixa e do Caua. Informações pelo 9982-8205.

Cinemas

- AMAZONAS 1**
American Pie - O Casamento. Comédia, 14 anos;
14h30, 16h40, 18h50, 21h
- AMAZONAS 2**
 Freddy Vs. Jason. Terror, 16 anos;
16h50, 21h10
- Da Normais - O Filme**. Nacional, livre;
14h50, 19h10
- AMAZONAS 3**
 Swat - Comando Especial. Ação, 14 anos;
14h, 16h30, 19h, 21h30
- AMAZONAS 4**
 Legalmente Loira 2. Comédia, livre;
14h20 (não exibida sábado e domingo), 16h30,
18h40, 20h50 (não exibida sexta e sábado)
- Mamãe Virou um Peixe**. Comédia, livre;
14h20 (dias 29 e 30/11)
- Simplemente Amor**. Romance, 16 anos;
20h50 (28 e 29/11 pré-estréia)
- AMAZONAS 5**
 Matrix Revolutions. Ação, 12 anos;
15h20, 18h, 20h40
- AMAZONAS 6**
 Casseta & Planeta - A Taca do Mundo é Nossa!. Comédia, 12 anos;
13h15 (exibida somente sábado e domingo),
15h15, 17h15, 19h15, 21h15
- Imão Ugo**. Desenho, livre;
15h15 (29 e 30/11 pré-estréia)
- CINEMARK 1**
 Legalmente Loira 2. Comédia, livre;
12h25 (exibida somente sábado e domingo)
14h40, 16h45, 18h50, 21h20 (não exibida na sexta)
- Simplemente Amor**. Romance, 14 anos;
21h20 (exibida somente hoje), 0h15 (não exibida no sábado)
- CINEMARK 2**
 Matrix Revolutions. Ação, 12 anos;
13h15, 16h15, 19h15 (não exibida sábado e domingo), 22h05
- Imão Ugo**. Dublado, livre;
19h15 (exibida somente sábado e domingo)
- CINEMARK 3**
 Da Normais - O Filme. Nacional, 14 anos;
15h10, 20h40
- Matrix Revolutions**. Ação, 12 anos;
12h15 (exibida somente sábado e domingo)
17h25, 23h10 (exibida somente sábado)
- CINEMARK 4**
 O Juri. Drama, 14 anos;
13h10, 16h10, 19h10, 22h
- CINEMARK 5**
 American Pie - O Casamento. Comédia, 14 anos;
13h30, 15h50, 18h20, 21h, 23h30 (exibida somente sábado)
- CINEMARK 6**
 Swat - Comando Especial. Ação, 14 anos;
13h, 15h40, 18h30, 21h10, 23h50 (exibida somente sábado)
- CINEMARK 7**
 Casseta & Planeta - A Taca do Mundo é Nossa!. Comédia, 12 anos;
15h20, 17h40, 20h30, 23h (exibida somente sábado)
- Mamãe Virou um Peixe**. Dublado, livre;
13h20
- CINEMARK 8**
 American Pie - O Casamento. Comédia, 14 anos;
12h30 (exibida somente sábado e domingo),
14h50, 17h20, 19h50, 22h10

Diversão

- É a única cervejaria artesanal da capital, funcionando no Studio 5 Festival Mall Manaus. Abre a partir das 11h30 para almoço. O local oferece diariamente atrações musicais, lanchonete e sala VIP, tudo isso em um ambiente moderno e bem condicionado.
- Bar histórico de Manaus, onde frequentemente se reúnem intelectuais e artistas, além de empresários. O Armando oferece perfil de leitura, além da melhor cerveja gelada do Centro da cidade. O local fica na rua Dez de Julho.
- Localizado no calçadão da Ponta Negra, funciona de quarta à domingo, sempre com atrações variadas, indo do pop/rock à MPB e soul music. O couvert custa R\$ 2 (às quartas) e R\$ 3 (demais dias). O bar disponibiliza jantar na madrugada.
- Bar voltado ao público alternativo, localizado na estrada da Ponta Negra, 5024, com música ao vivo às quintas, sextas e sábados. Eventualmente funciona aos domingos à tarde, com bandas de rock e heavy metal.
- O Botiquim Galvez funciona de segunda à sábado, na rua Altair Severiano Nunes, 8, conjunto Eldorado, em frente ao Uiam. O local oferece música ao vivo, com iscas de carne e sanduíches. O Galvez é ponto de encontro de intelectuais e jornalistas.
- O Bar Laranjinha fica localizado no calçadão da Ponta Negra e oferece variada opção de petiscos, drinks e iscas. O local cobra couvert artístico de R\$ 3.
- O bar abre de segunda a sábado e fica localizado na rua João Valério, 670, Viciárvex, Zona Centro-Sul. Apresenta música ao vivo em, pelo menos, cinco dias da semana. Não é permitida entrada de pessoas trajando bermuda e camisas sem manga.
- Funciona nas dependências do Hotel Tropical, na estrada da Ponta Negra, a partir das 22h, às quintas e sábados. A consumação mínima é de R\$ 15 mulheres e R\$ 25 homens. O estilo de som é eletrônico, com variações de house e hip-hop.
- A boate funciona na rua Saldanha Marinho, Centro. De quinta a sábado, a A2 abre suas pistas de dança para apresentações de go-go girl e drag queens. Dance, house, eletrônico e tribal são as músicas que tocam na boate. O ingresso custa R\$ 8.
- O Clube TS fica localizado no Boulevard Vivaldo Lima, Centro e funciona aos sábados e domingos, com ingressos ao preço de R\$ 5. O local oferece drinks e show de go-go boys. O Clube TS é organizado por James Cavalcante e sempre promove festas especiais para o público GLS da cidade.

Entretenimento & Negócios

Jornal do Commercio

Manaus, sexta-feira, 4 de junho de 2004 17

CONCURSO

Festival de cinema na versão 2004

Segunda-feira será lançado oficialmente no cine Guarany os filmes de um minuto

O dito cinema amador quase não pode mais ser considerado como existente. O que há hoje é cinema de arte, no qual tudo é possível e imaginável.

Sendo assim, atores e senhores diretores sentem-se nas poltronas que o Festival Um Amazonas Filme do Minuto vai começar!

Com previsão para iniciar nesta segunda-feira, 7, às 19h, na sala 7 do Cinema (Studio 5), o Festival do Minuto do Estado promete ser um evento inovador e, além de tudo, pioneiro.

A *avant première* do projeto de filmes do minuto acontece dia 17, no Centro Cultural Palácio Rio Negro, avenida Sete de Setembro, Centro.

UM MINUTO DE GLÓRIA

O festival do minuto é um grande concurso que vai premiar produções de 60 segundos, feitas no Estado. O Festival Um Amazonas Filme do Minuto foi organizado pela SEC (Secretaria de Estado da Cultura), e teve 118 curtas de um minuto inscritos. Desse, 102 foram selecionados para ser apresentados durante a mostra, que começa dia 20. Já para a *avant première*, está programado a exibição de 21 filmes. Dois deles vieram de produções de Manacapuru, outros dois são de Coari e mais dois são de Itapiranga. Além disso, quatro filmes de um minuto, que estão no cinema dia 17, no Palácio Rio Negro, vieram de fora do Amazonas.

De acordo com o assessor da Amazonas Film Commission, Sérgio José de Andrade, a originalidade, linguagem e narrativa são as mais valiosas contribuições para que os filmes do minuto do Amazonas possam dar. "Com eles, reconhecemos o que nossa gente tem a oferecer ao universo das produções audiovisuais, ao cinema nacional e à repercussão legítima da cultura amazônica", afirmou.

Para o cineasta responsável, Júnior Rodrigues, é um momento para se olhar para um mesmo horizonte no qual todos olham e descobrem ali mundos diferentes e que ninguém vê. "A ideia é transformar o imaginário em imagens inquestionáveis no chão da alma. Somente para ver os olhos se acenderem quando a luz se apaga e os rostos receberem o brilho do cinema, contando segundos em um minuto, acredita.



Jovens cineastas carregando uma câmera nas mãos e uma ideia na cabeça vão às ruas coletar imagens

Diretores ganham espaços

O governador afirmou na abertura do ano passado que o projeto Amazonas Filmes do Minuto, é a juventude ganhando os espaços culturais formando uma nova geração saudável e preparada a vencer desafios num mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as próximas gerações.

No ano passado, alguns cineastas e seus filmes tiveram seu minuto de glória, a exemplo de 'Pátria Amada' de Arivaldo Magalhães (Manacapuru), 'Educação', de Cinthia Louzada (Manaus), 'A Paisão', de José Sebastião (Coari), 'A Receita do Homem de Barro', de Ana

Gama (Rio de Janeiro), 'Vai Encarar?', de Talismá Oliveira (Itapiranga), 'Terra Mater', de Fausto Junior (Salvador-BA), entre outros. Os filmes são uma mistura da realidade com o misticismo da floresta e as cenas do cotidiano. O projeto acima de tudo visa valorizar atores jovens cineastas e produtores locais.



Cena de 'Harry Potter e o Prisioneiro', hoje nos cinemas locais

CINE-ESTRÉIA Fenômeno Harry Potter chega às telas

O novo filme da série fenômeno Harry Potter, o longa 'Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban' (Alfonso Cuarón), chega hoje às telas de Manaus. O longa vem com algumas inovações em relação aos outros filmes da série. Linguagem e ação nas cenas marcam o novo filme da série.

Logo na primeira cena de 'Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban' nota-se que o filme não é como os dois anteriores. Antes, a trama era mais lenta, mostrando viés mais cerebral. Agora, logo de início a trama marca pela ação.

O que era iluminado e belo nas tramas dirigidas por Chris Columbus (de 'Esqueceram de Mim'), sob a batuta do mexicano Alfonso Cuarón (de 'E Sua Mãe Também') tornou-se mais reflexivo e aventureiro.

Cuarón, com o aval da autora J. K. Rowling, fez uma livre adaptação da

história, na qual a omissão de passagens faz com que o clima tenso do início, gerado pela fuga do perigoso Sirius Black (Gary Oldman) da prisão, logo se dissipe.

Sirius, considerado seguidor de Voldemort, foi preso há 12 anos, condenado por ter assassinado o seu melhor amigo. Quando foge de Azkaban, todos creem que ele quer matar o bruxinho. Para tentar capturar o fugitivo, os detentores - guardas da cadeia -, vigiam a escola de magia. Esses seres sugam as boas recordações de suas vítimas até que só lhes reste depressão.

No fim, revelações e descobertas deixam a porta aberta para a sequência que está por vir.

SERVIÇO
Cine - Amazonas 1: 14h40, 17h30 e 20h20
Cine Amazonas 3: 15h, 17h50 e 20h40

Sucesso na Grã-Bretanha

O novo filme da personagem Harry Potter bateu um recorde de bilheteria na Grã-Bretanha, ao ser o primeiro a faturar mais de 5 milhões de libras (cerca de R\$ 28 milhões) em seu primeiro dia em cartaz.

O último filme da série, 'Harry Potter e a Câmara Secreta', havia obtido cerca de 2,8 milhões de libras esterlinas (R\$ 8,7 milhões) em sua estréia. O maior concorrente de Harry Potter, 'O Dia Depois de Amanhã' (Somers), também teve bom desempenho, faturando 7,3 milhões de libras.

Informe-se

Promoção
Site abre inscrições para internautas disputarem viagem a Los Angeles, EUA, assistir ao longa 'Homem-Aranha 2'

Página 18

Reggae
Manaus sedia show da banda Natiruts, que é uma das mais conceituadas atualmente no estilo reggae-rasta

Página 19



Social
Associação do setor de celulose e papel faz investimento em todo o país em programas sociais na área de educação

Página 21

Sintonia
Colunista Jander Vieira destaca a greve dos auditores federais e o prejuízo à economia do Estado

Página 24

CURTA-METRAGEM

Filmes entram em cartaz

Nesta segunda-feira, às 20h, os premiados do 'Um Amazonas' serão exibidos na sala 7do Cinemark, no Studio 5

Os 85 filmes em competição pelo 'Festival Um Amazonas' começam a ser exibidos nesta segunda-feira, às 20h, na sala 7 do Cinemark, no Studio 5. O acontecimento é uma realização do governo do Estado do Amazonas, por meio da Secretaria de Estado da Cultura, Film Commission e Ama Cine-Futuros Cineastas. Essa é a terceira edição do 'Festival do Minuto', como ficou conhecido o evento pela duração dos filmes apresentados.

Depois da exibição no Cinemark, o festival deve percorrer as praças, escolas, universidades e centros culturais da cidade até o dia 23, data em que marca o encerramento da mostra. A premiação dos trabalhos acontecerá na praça São Sebastião. Das 165 produções inscritas, apenas 85 foram escolhidas pela comissão de seleção, composta pelo cineasta Luís Carlos Martins,

pelo estudante e cinefólio Stanley Araújo e pelo diretor da Amazonas Film Commission, Sérgio Andrade.

TRABALHOS PREMIADOS As produções concorrem em cinco categorias: Melhor Filme, Melhor Campanha Social, Melhor Animação, Melhor Curta do Interior e Melhor Juri Popular. Os vencedores de cada categoria ganharão R\$ 2.000 e uma câmera digital, com exceção do ganhador do prêmio de Melhor Filme, que será contemplado com uma câmera digital e mais R\$ 3.000.

'Novo Herói', de Marcos César; 'O Lendário', de Cláudio Júnior; 'A Coisa', de Lu Mor e 'Um Bonde Chamado Saudade', de Elza Souza, são alguns dos filmes que serão mostrados nos seis dias de exibição.

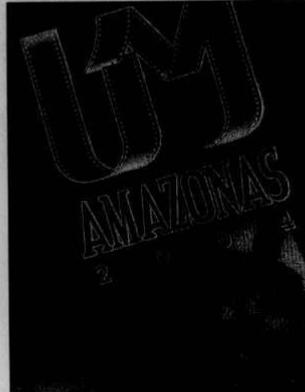
Além do 'Festival Um Amazonas', será realizado o 'UMzinho', uma seleção de

filmes infantis que será exibida nas escolas.

No próximo mês, o 'Um Amazonas' estará presente como mostra paralela no 'Festival Internacional Amazonas de Cinema', que deve acontecer em Manaus, entre os dias 21 e 28 de novembro. As edições anteriores da mostra já foram exibidas em outros Estados do país, como Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará, além de seis universidades norte-americanas.

SERVIÇO

O QUE 'Festival Um Amazonas' QUANDO: De 16 a 23 de outubro ONDE: Cinemark, às 20h



Festival de cinema abre espaço para filmes independentes

NOVAS & RECENTES

MÚSICA

Maria Rita volta a cantar neste sábado

Depois da pausa para o nascimento de seu filho, a cantora Maria Rita volta aos palcos paulistanos neste fim de semana. Vencedora de duas estatuetas do Grammy Latino (artista revelação e melhor disco de MPB), a cantora vai retomar a campanha de divulgação de seu primeiro álbum, que leva o seu nome no título.

Músicas de sucesso do seu disco de estréia, como 'A Festa', de Milton Nascimento, 'Cara Valente', de Marcelo Camelo e 'Agora só Falta Você', de autoria de Rita Lee e Roberto de Carvalho, vão embalar as apresentações, que acontecerem no DirecTV Music Hall.

O show deste sábado começa às 22h. No domingo, a festa se inicia às 20h.

TRANSPORTES

PARTIDAS DE BARCOS, AVIÕES E ÔNIBUS

SAÍDA DE BARCOS

Table with columns: Barco, Destino, Saída (hora), Valor (R\$). Includes routes for Dom Jackson, Irmãos Santos, PFP 2002, etc.

RODOVIÁRIA MUNICIPAL

Table with columns: Destino, Saída (hora), Valor (R\$). Includes routes for Inocentaria, Presidente Figueiredo, Novo Remanso, etc.

VÔOS REGIONAIS - EDUARDINHO

Table with columns: Companhia, Voo, Projeção, Horário, Freqüência. Includes routes for Manaus to various regional cities.

AEROPORTO EDUARDO GOMES

Table with columns: Empresa, Voo, Origem, Escala, Horário, Freqüência. Includes flight schedules for TAM, Vaop, Varig, OOL.

VÔOS INTERNACIONAIS

Table with columns: Empresa, Voo, Destino, Escala, Horário, Freqüência. Includes international flight schedules for LAB, Vaop.

FILMES

'Festival do Minuto' custa R\$ 70 mil

A projeção dos organizadores é de que pelo menos 130 filmes participem do festival que acontece em Manaus de 18 a 23 de outubro no Cinemark

Jonária França
Especial para o JOC

Este ano o Festival Um Amazonas, que ficou conhecido como o "Festival do Minuto" vai investir R\$ 70 mil para a realização do evento. O valor representa R\$ 24 mil a mais em relação ao disponibilizado no ano passado, um total de R\$ 46 mil.

O incremento de 52% ainda é considerado pequeno para os organizadores do evento pela proporção do festival que este ano terá a duração de seis dias.

A programação inclui pagamento de passagens para palestrantes, convidados, premiação e oficinas de cinema.

Apesar do incentivo da Secretaria de Cultura e de empresas como a Multibras da Amazônia, as dificuldades ainda são inúmeras, mas os obstáculos se tornam pequenos perante a evolução que o Festival Um Amazonas vem tendo desde 2002, ano da primeira versão do evento. Na época, apenas 68 filmes participaram.

PROCURA

CRESCENTE

Em 2003, a procura foi maior, 118 filmes participaram das seleções para o festival. Para 2004 a expectativa é o entusiasmo do coordenador do evento, Sérgio Andrade, é que muito mais pessoas inscrevam seus trabalhos. "A ideia é que pelo menos 130 filmes façam parte do festival, tendo em vista que o número de participantes vem aumentando a cada ano", salientou.

Essa expectativa também está relacionada ao interesse de produtoras e cineastas independentes pelo festival. Além disso, a disseminação do cinema no interior do Estado possibilita que outras pessoas conheçam os segredos de se fazer cinema.

CINEMA NO

INTERIOR

A primeira cidade a receber orientação sobre como produzir filme foi Maués, em 2002. Durante 15 dias os moradores daquele município tiveram noção de produção, direção, roteiro e atuação. A partir daí, a difusão do cinema no Amazonas tornou-se obrigatória.

Agora, todos os anos os interioranos têm a oportunidade de conhecer a técnica de fazer cinema.

O cineasta responsável em levar o cinema para o interior, Jânior Rodrigues, disse que o curso acontece três vezes por ano por meio da Oficina de Cinema promovida pela Secretaria Estadual de Cultura sob a responsabilidade da produtora Amacine Futuro Cineasta.



Foto: Miro Rodrigues

Empresa Multibras da Amazônia é uma das patrocinadoras do evento, cuja oficina já percorreu os municípios de Presidente Figueiredo, Itacoatiara e Parintins

Evento exhibe versão para crianças

Prêmio

14 mil

é o valor em dinheiro para ser dividido entre as cinco categorias de filme.

As cidades de Manacapuru, Coari e Iranduba foram as escolhidas de 2003. Este ano, a oficina já percorreu pelos municípios de Presidente Figueiredo, Itacoatiara e Parintins. Para 2005, estão confirmados Barcelos e Humaitá, enquanto a terceira cidade ainda está sendo negociada, pois as despesas do cineasta responsável pela realização das aulas de cinema ficam por conta da prefeitura de

cada município. "Possivelmente será Barreirinha", comentou Andrade.

CÂMERA DIGITAL

Este ano o valor em dinheiro para ser dividido entre as cinco categorias de filme será de R\$ 14 mil. Esse valor é equivalente à premiação do ano passado, a diferença é que os primeiros colocados nas categorias melhor filme, melhor filme de campanha social, filme do interior, filme de animação e júri popular ganharão uma câmera digital para produzirem seus próprios filmes.

Vinte e oito produtoras independentes estão inscritas para a edição deste

ano. Os cineastas amadores do interior também já confirmaram a presença de 25 filmes. Sérgio Andrade contou que dos 130 filmes esperados, cem estão garantidos. Porém, apenas 85 vão ser selecionados para a exibição no festival.

Mas o coordenador garante que os filmes que não forem selecionados terão nova oportunidade, ou seja, será feita uma amostra para que eles possam ser divulgados durante o festival.

PÚBLICO INFANTIL

Para incentivar a criação de filmes educacionais voltados para o público infantil, desde

2003 o festival exhibe uma versão para as crianças. O UMainho trabalha com filmes de temática infantil e exige a participação de profissionais como pedagogos e psicólogos para escolher os melhores e mais adequados filmes que são exibidos em escolas públicas e particulares da cidade de Manaus.

Ano passado somente oito foram selecionados e este ano, 11 estão cotados.

O Festival Um Amazonas ou "Festival do Minuto" terá início no dia 18 de outubro às 18h no Cinemark e vai até o dia 23 do mesmo mês.

O encerramento será no Largo do São Sebastião, no Centro de Manaus.



Sérgio Andrade (à esquerda) discutindo os detalhes do evento

GASODUTO Governo inaugura ações de prevenção

O governo do Estado do Amazonas, por meio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável inaugura hoje o conjunto de ações integradas do Programa de Desenvolvimento Sustentável do Gasoduto Coari-Manaus, que levará à mais de cem comunidades do raio de influência (5km) do gasoduto que liga Coari-Manaus a promoção da cidadania, estímulo à geração de renda e conservação da natureza.

Por meio das atividades desenvolvidas pelo barco Zona Franca Verde, instrumento executor do programa, que também será inaugurado hoje no pier do Tropical, às 10h, o governo do Estado pretende levar o desenvolvimento sustentável ao interior do Amazonas, juntamente com cerca de 50 parceiros envolvidos nesse processo.

PETROBRAS
PETRÓLEO BRASILEIRO S.A.
Unidade de Negócios de Exploração e Produção da Bacia do Solimões - UN-BSOL

LICENÇA DE OPERAÇÃO

Petróleo Brasileiro S.A. - PETROBRAS toma pública que recebeu do IPAM a Licença de Operação nº 17399-05, que autoriza a operação de um pólo de resíduos na base de apoio do campo petrolífero do Urucu, com validade de 365 dias, para Tratamento de Resíduos Sólidos Industriais, no Município de Coari-AM.

IPAM
Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas

COMUNICADO

Egin Industrial da Amazônia Ltda., toma pública que recebeu do IPAM a Licença de Operação nº 211.00-04, que autoriza a fabricação e montagem de aparelhos eletromecânicos, com validade de 365 dias, para Indústria Eletromecânica, na cidade de Manaus-AM.

retifica nacional
Rua dos Franceses, nº 247 - Alvorada
Fones: (92) 656 - 2987 / 656 - 3872
656 - 3900 / 656 - 3873 Fax: (92) 656 - 4980
E-mail: retificanacional@aol.com

FOLLOW-UP EMPRESARIAL

(CIEAM - Centro da Indústria do Estado do Amazonas)

Estresse e envelhecimento

Um evento muito estressante parece envelhecer uma pessoa da noite para o dia. Confirmando essa percepção, pesquisadores norte-americanos descobriram que situações de grande impacto emocional - um divórcio, a perda de um emprego ou a doença de um ente querido - pode realmente acelerar o envelhecimento genético das células do organismo. O estudo é o primeiro a relacionar diretamente o estresse psicológico com a idade biológica. Trata-se de uma constatação importante para empresários e administradores, normalmente submetidos a grandes e continuadas tensões psicológicas, especialmente em um país onde a burocracia é encorçada e as regras não são claras, mudando com frequência - o que traz alto grau de incerteza ao ambiente empresarial.

Os cientistas descobriram que as células do sangue de mulheres que haviam passado vários anos cuidando de crianças debilitadas eram, do ponto de vista genético, cerca de dez anos mais "velhas" que as de mulheres não sujeitas a esse tipo de estresse. A pesquisa estudou o comportamento dos telômeros, estruturas de DNA que ficam na ponta dos cromossomos e que servem como relógio molecular porque diminuem de tamanho a cada divisão celular. Foi verificado que as mulheres com maior nível de estresse tinham telômeros mais curtos que o normal para sua idade. Os resultados da pesquisa, publicados segunda-feira (29.11.04) na revista da Academia Nacional de Ciências dos EUA, sugerem ainda que a mera percepção de estar estressado pode envelhecer um ser humano. A medicina já estabeleceu os correlatos entre estresse psicológico e as deficiências imunológicas que resultam em maior risco de pegar resfriado ou uma infecção, mas ainda não se entende completamente como a tensão pode diminuir o corpo humano.

A nova pesquisa ajuda a compreender melhor esse processo e abre a perspectiva de que ele possa ser contido ou revertido algum dia. Segundo o pesquisador Bruce McEwen, diretor de neuroendocrinologia na Rockefeller University, em Nova York, a pesquisa oferece as melhores evidências até hoje obtidas sobre o preço fisiológico que se paga por seguir uma vida estressante. Sabemos que, à medida que envelhecemos, temos uma tendência maior para acumular gordura e desenvolver doenças cardíacas e diabetes.

O estresse já foi chamado de "o mal do século", quando começou a ser pesquisado no século passado. As recentes descobertas sobre a aceleração do processo de envelhecimento genético dos organismos submetidos ao estresse, de forma prolongada, reforçam essa denominação.

Google para cientistas

Procurar informações científicas na internet está mais fácil. O Google, o serviço de busca mais popular na www, criou uma versão especial para ser usada pelos cientistas: o Google Scholar (<http://scholar.google.com>), que procura artigos científicos na rede mundial de computadores. O novo serviço relaciona os artigos por importância em relação à palavra ou expressão procurada. O serviço indica também quantas vezes eles foram citados em artigos disponíveis na internet.

Críticas ao Itamaraty

O governo Lula chega às duas últimas reuniões de cúpula do ano em meio a fortes críticas de setores empresariais que parecem romper a relativa harmonia que houve entre o empresário e o Itamaraty, até recentemente. "Suspeito de que se viva o pior momento das relações entre o empresário e o Itamaraty", diz Cristian Lohbauer, gerente de Relações Internacionais da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). Reforçando as críticas, Luigo Nesse, representante do setor de serviços nas negociações internacionais, declara: "O empre-

sariado está um pouco desiludido com o resultado das negociações com a União Europeia, na Alca (Área de Livre Comércio das Américas) e mesmo na Organização Mundial do Comércio". O principal eixo das críticas é a suposição de que o governo Lula privilegia negociações com os países do Sul, em vez de dar prioridade ao Norte rico. Do ponto de vista da ZFM, a Alca é um acordo que favorecerá as exportações do PIM. Atualmente, sem a Alca, os Estados Unidos já constituem o maior mercado para os produtos fabricados em Manaus.

Sharp volta ao Brasil

Depois da trajetória acidentada da Sharp no país - que culminou com a falência da Sharp do Brasil, controlada pela família Machline - a Sharp japonesa, que detinha 12% de participação na operação em Manaus, decidiu voltar ao mercado brasileiro, importando produtos do Japão. Os japoneses precisam considerar as vantagens de ter um projeto próprio na ZFM. Talvez a Suframa pudesse instá-los a tomar essa decisão estratégica.

Esta coluna é publicada às quartas, quintas e sextas-feiras e é elaborada sob a coordenação do economista Ronaldo Bomfim. follow-up@cieam.com.br

CINEMA

Festival de filmes propicia 1,7 mil empregos na cidade

Os organizadores definem como positivo o evento porque abriu o mercado de trabalho nessa área

Giubertilson Oliveira

O Amazonas Film Festival, encerrado ontem, além de ser considerado um marco para a cultura do cinema no Amazonas foi responsável pela geração de 1.287 empregos indiretos e 429 diretos. A iniciativa do governo do Amazonas em promover esse festival, que demandou R\$ 4 milhões em investimentos, contribuiu de forma significativa para a abertura do mercado de trabalho aos produtores e atores locais.

O secretário de cultura do Amazonas, Roberio Braga, avaliou que o festival foi considerado um sucesso absoluto de público, estimado em 403 mil espectadores, e representa uma importante contribuição para o incentivo à geração de emprego aos atores e produtores locais. "Foram 429 empregos diretos gerados para os artistas da região. Hoje, esses artistas não precisam se deslocar do Amazonas para conseguirem trabalho, porque estamos valorizando a mão-de-obra local", disse.

Braga salientou que as pessoas de diferentes classes sociais tiveram a oportunidade de prestigiar o festival em todas as zonas da cidade. "Instalamos telões na periferia, nos terminais de ônibus. Todos tiveram a oportunidade de prestigiar os filmes", disse.

Na opinião de Braga, hoje o incentivo à cultura está entre as prioridades do governo estadual. "Em 1997, o orçamento do governo era de apenas R\$ 7 milhões. Neste ano já atingimos R\$ 60 milhões, valor esse que foi mantido para o próximo ano", comentou.



Roberio Braga (ao centro) comentou que pessoas de diferentes classes sociais prestigiaram o evento.

Governo garante continuidade do evento para os próximos anos



Nenhuma empresa do polo de Manaus mostrou interesse em apoiar o festival.

Roberio Braga, secretário de cultura

No festival foram mostrados 70 filmes de um minuto, em cujas produções participaram 3.000 pessoas. No próximo ano serão apresentados cem filmes.

O Amazonas Festival Film só foi possível devido aos investimentos de R\$ 3 milhões da Coca-Cola, enquanto o governo desembolsou o restante, um total de R\$ 1 milhão.

Na coletiva realizada ontem pela manhã, Braga lamentou a falta de apoio das empresas do PIM (Polo Industrial de Manaus) ao

evento. "O governo contraiu um subscritório para fazer a captação de recursos junto às empresas instaladas aqui, mas nenhuma teve intenção de patrocinar o evento", criticou.

Braga garantiu que o evento terá continuidade nos próximos anos, mas ainda não sabe informar se será realizado anualmente ou bienalmente.

Após o Carnaval nomearemos uma comissão avaliadora para definir como será realizado o próximo festival", concluiu o secretário.

Talento e criatividade

No festival também foram exibidos os filmes de 1 minuto que foram produzidos na maior parte por cineastas locais. Segundo o cineasta responsável pelos filmes de um minuto, Júnior Rodrigues, o talento e a criatividade dos amazonenses resultaram na inclusão dos curtas-metragens no Festival de Cinema da França. "Com apenas R\$ 300 conseguimos fazer essas produções de um minuto; hoje, estamos recebendo convites de diversas partes do país", informou.

De acordo com o cineasta, os convites surgiram após as produções terem sido divulgadas em outros Estados brasileiros. "Divulgamos os filmes, mostrando o cenário e o povo da Amazônia nas principais cidades do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Após divulgação os convites foram surgindo", disse.

INCLUSÃO DIGITAL

Suframa apóia implantação de telecentros em fronteiras

A superintendente da ZFM (Zona Franca de Manaus), Flávia Sirobot Barbosa Grosso, confirmou ontem a participação da instituição em mais uma ação em prol da inclusão digital dos cidadãos da Amazônia.

Em reunião de trabalho com os representantes do Ministério do Desenvolvimento Social, Secretaria de Tecnologia da Informação do Exército e Secretaria de Ciência e Tecnologia, também do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, a Suframa assumiu o compromisso de colaborar com a instalação de 34 telecentros nos municípios das unidades de fronteiras do Exército nos Estados do Amazonas, Acre,

Roraima, Rondônia, Amapá e Pará.

Além de assegurar a participação da Suframa no projeto, Flávia Grosso convocará as entidades da classe empresarial para aderirem ao projeto. Trata-se de um projeto de grande impacto social que além de reforçar as ações para soberania brasileira na Amazônia, vai reforçar a estrutura econômica dos municípios, definiu a superintendente.

Segundo Flávia, os telecentros vão oferecer o ensino de informática, de software livre, para militares e cidadãos civis dos municípios onde estão localizadas as unidades do Exército, além de proporcionar a essas po-

pulações, que vivem distante dos grandes centros econômicos, o acesso aos serviços de atendimento ao cidadão, hoje disponibilizados por meio da internet.

Flávia destacou ainda que o projeto deverá ter a parceria do Sebrae para que sejam oferecidos cursos e treinamentos na área de empreendedorismo, para fomentar o desenvolvimento de atividades econômicas, visando a geração de emprego, renda e melhoria da qualidade de vida das populações dos municípios.

A reunião com a classe empresarial da ZFM está marcada para o próximo dia 7, na sede da Suframa, a partir das 14h.

ADVOCACIA ESPECIALIZADA

Francisco Carlos Moss (9997-2709)
Marcos Roberto M. Campos (8816-3089)

Atuação em Licitações (análise e impugnação de edital, recursos, mandado de segurança), Trabalhista, Civil e Penal. Novo endereço: Rua Emílio Moreira 1769, sala 08, esquina com Boulevard (Posto Cezar), 232991-1.

e-mail: franciscamos@bol.com.br

PHYTOGOLD
Drogaria Amazonas
EMAGREÇA JÁ!
Lig. Drogaria Amazonas
Fone: (92) 231-1551 / 233-1851
Av. Getúlio Vargas, 236 - Centro

entretenimento@jcom.com.br

telefone: (92) 2101.5520 fax: (92) 2101.5523

Manaus, terça-feira, 18 de outubro de 2005

UM AMAZONAS

Cinema nas salas de aula

Mostra infantil de curtas-metragem têm programação garantida durante esta semana em escolas

O governo do Amazonas em parceria com a Amazonas Film Commission está promovendo a edição 2005 do Festival LM Amazonas e a Mostra Infantil de Cinema de Um Minuto do Estado, Intitulado LMzinho. As duas atividades procuram dar visibilidade às produções cinematográficas amadoras - com um minuto de duração - produzidas por talentos regionais. Os estudantes da rede pública estadual serão privilegiados e vão poder apreciar as produções em suas próprias escolas durante esta semana.

Amazonas Film Commission, SEC (Secretaria de Estado da Cultura) e Seduc (Secretaria de Estado da Educação) possibilitou que os alunos da rede pública conferissem os curtas regionais em sala de aula. No total, 41 escolas da secretaria de educação receberam, na última semana, kits com DVDs, contendo os curtas-metragens que foram selecionados para os Festivais LM Amazonas e LMzinho.

Os alunos da rede pública terão a oportunidade de conferir o talento de produtores cinematográficos locais em produções que retratam de

maneira criativa a identidade regional. De acordo com o coordenador do Festival LM Amazonas, o cineasta Junior Rodrigues, a exibição dos curtas nas escolas tem grande importância. "Os alunos vão se entreter, conhecer as produções regionais e, acima de tudo, vão refletir sobre a identidade regional amazônica por meio da linguagem cinematográfica", disse Junior.

PARA AS CRIANÇAS A Mostra Infantil iniciou-se na última segunda-feira e se

estende até o próximo dia 21. Acompanhando as exibições, o público poderá apreciar o talento de produtores da capital e outros municípios do Amazonas como Humaitá, Itacoatiara, Nova Olinda do Norte e Barcelos, além de algumas produções oriundas de outros Estados brasileiros. No total, são 30 filmes (com duração de um minuto, cada) revelando as identidades regional e nacional. Conforme os coordenadores da Mostra, os curtas revelam os costumes e o cotidiano que compõem a cultura amazônica.



Alunos assistem a filmes

Informe-se

Cartoon
Escola recebe inscrições para oficina gratuita de desenhos de humor
Página 19

Incentivo
Telemar está recebendo pela internet projetos que concorrem a patrocínio cultural
Página 22

Pensando em piscina? Pense AQUASAUNA

A AQUASAUNA tem mais de 26 anos de experiência e já construiu, em todo o Brasil, mais de 10 mil piscinas de todas as formas e tamanhos.

Elabora o seu projeto e constrói fontes e cascatas, de acordo com o tamanho do seu orçamento. Para isso conta com uma equipe altamente qualificada, utilizando o que existe de mais moderno e econômico no mercado.

Financiamento em até 36x
Tel: (92)3657-7500/ 3657-7600

Estrada da Ponta Negra, 5708 - Santo Agostinho Manaus - AM
aquasauna@globo.com
www.aquasauna.com.br

MUSICA AO VIVO TODOS OS DIAS

Seg **Gafieira** (Grupo Jacatiana) Sex **Nailson e Banda e Banda Impacto**

Ter **Reggae** (Johnny José Maciel) Sab **Boate** (Com DJ e Pô Show com a Banda Victory Bandeira)

Qua **Juke Box** Dom **Tea Toa e Grupo Peccado**

Qui **Noite Caribenha**

tributo político **PEARL JAN**
26 DE OUTUBRO

De segunda à sábado das 15 às 19hs.
você bebe 2 chopp e paga 1

O melhor da vida é ser Felice
RESERVAS E EVENTOS
3216-3400 / 3216-3404
www.corvejariafelice.com.br

18 de outubro - Dia do Médico

O DIA EM QUE COMEMORAMOS JUNTOS A SAÚDE E O BEM-ESTAR DO NOSSO POVO.

MANAUS

PROGRAMAÇÃO

TV ABERTA

- GLOBO**
 6h15 - Bom Dia Brasil
 7h05 - Mais Você
 8h27 - Sítio do Picapau Amarelo
 8h55 - TV Xuxa
 10h55 - AMTV
 11h50 - Globo Esporte
 12h15 - Jornal Hoje
 12h45 - Vídeo Show
 13h50 - Laços de Família
 14h40 - O Homem da Casa
 16h29 - Malhação
 17h - Alma Gémea
 17h50 - Jornal do Amanhã
 18h1 - O Luau Me Disse
 19h15 - Jornal Nacional
 20h05 - América
 21h15 - A Grande Família
 22h - Linha Direta
 22h40 - Jornal da Globo
 23h10 - Programa do Jô
 0h40 - Interjú: Marlene - Confissões de uma Ladrã - O Outro Lado da Mela-Notite'

- SBT**
 11h45 - Festividade
 12h15 - Um Maluco no Pedão
 12h45 - Eu, a Patina e as Crianças
 13h15 - Pequena Travessa
 14h - A Madrinha
 15h - Charme
 16h - Casos de Família
 17h - Chaves
 17h50 - Programa do Ratinho
 18h - Family Feud
 20h10 - Emeralda
 20h40 - Xica da Silva
 21h30 - 'Jet Li - O Justiciero'
 23h40 - Jornal do SBT
 0h10 - Últimas Notícias
 1h50 - 'Conhece Meu Nome'
 3h50 - 'Doutor Detroit e Suas Mulheres'

CINEMA

Secretaria promove oficinas

Maiores de 15 anos interessados em conhecer técnicas da sétima arte podem ser candidatos

EXTENSÃO

Neste ano, além da realização na capital amazonense, as oficinas de cinema estão sendo levadas para três municípios do interior do Estado: Humaitá, Barcelos e Nova Olinda do Norte.

COMUNIDADE PARTICIPA

Em Barcelos e Nova Olinda do Norte as oficinas acontecerão no mês de agosto. Em Humaitá, foram realizadas no período de 26 de junho a 3 de julho. Segundo Júnior Rodrigues, o resultado do trabalho foi surpreendente.

Orienta pessoas da comunidade local participaram do projeto, o que resultou em oito vídeos de um minuto. Ele conta que o aluno mais novo da oficina tinha 12 anos, e o mais velho 59, o que, para ele, é uma prova do alcance universal da sétima arte.

O cineasta acredita que cinco filmes, dos oito produzidos em Humaitá, disputarão a seleção para participar da mostra oficial de 70 filmes do Festival IM Amazonas, que irá acontecer de

17 a 22 de outubro. A abertura oficial do festival acontece no dia 13 de julho, no Centro Cultural Palácio Rio Negro, às 17 h.

A mostra dos 70 filmes selecionados terá uma avant-première no Largo de São Sebastião e estreia no Cinemark. As seções, assim como no ano passado, serão apresentadas em universidades, terminais de ônibus urbanos, empresas, instituições, espaços culturais, escolas, municípios do interior do Estado e pelo site www.amazonas.com.

Após a seleção dos melhores roteiros, os filmes serão selecionados para a mostra. Os que não foram escolhidos farão parte da mostra 'Um Fora da Lei', que acontecerá no mesmo período da programação oficial.

Após a seleção dos melhores roteiros, os filmes serão selecionados para a mostra. Os que não foram escolhidos farão parte da mostra 'Um Fora da Lei', que acontecerá no mesmo período da programação oficial.

Após a seleção dos melhores roteiros, os filmes serão selecionados para a mostra. Os que não foram escolhidos farão parte da mostra 'Um Fora da Lei', que acontecerá no mesmo período da programação oficial.



Rodrigues avalia positivamente a iniciativa no interior

DICAS DE LEITURA

'Sala dos Homicídios'

Neste romance, os crimes se passam no pequeno museu Dupuyne, em Hampstead Heath. Lá, numa inquietante Sala dos Homicídios, estão expostos os crimes mais famosos das décadas de 20 e 30.

Autor: P. D. James
Editora: Companhia das Letras
Preço: R\$ 27,90
Páginas: 496

'Carma-Cola: O Marketing do Oriente Místico'

Este livro é uma mistura de uma engraçada e sarcástica Coca-Cola com o carma, o princípio das religiões indianas que repousa sobre a concepção humana como elo de uma cadeia de vidas, determinadas pelas ações da pessoa na vida precedente.



Autor: Gita Mehta
Editora: Companhia das Letras
Preço: R\$ 35,50
Páginas: 195

'O Guia Definitivo da Ressaca'

Quatro são os tipos de ressaca a paracetamol, a de talerim, a dinamite e a dançante. Pronto, você já sabe alguma coisa do assunto e está apenas no primeiro parágrafo do livro de Richard Drunkard.

Autor: Richard Drunkard
Editora: Senac
Preço: R\$ 35
Páginas: 196

GRÔNICA

Leitura na prisão

Diário Júnior
Dia desses vi numa reportagem de TV, que em uma cadeia na Grande São Paulo, desde 98 não acontece nenhuma rebelião. E uma das razões seria o resultado de um convênio entre a direção desta cadeia e uma biblioteca que, quinquenalmente, dispõe um funcionário para emprestar livros aos que na cadeia estão confinados.

Diário Júnior é jornalista (diariojunior@uol.com.br) e autor de 'O Sal em Capriciano'.

Diário Júnior

Diário Júnior é jornalista (diariojunior@uol.com.br) e autor de 'O Sal em Capriciano'.

Diário Júnior é jornalista (diariojunior@uol.com.br) e autor de 'O Sal em Capriciano'.

Serão de Liberdade

Serão de Liberdade) orde, numa prisão de segurança máxima, havia uma tímida biblioteca, e um preso empenhou todos os esforços burocráticos e pessoais para melhorá-la, depois, quando finalmente conseguiu receber doações das editoras, lá de cada em cada levando e retirando livros. Por que não tentar a mesma experiência aqui, como faz esta cadeia daqui, da Grande São Paulo? A leitura pode mudar a vida de qualquer pessoa. Para melhor ou pior, é verdade.

O importante é que a leitura permite ao leitor aprisionado um acesso maior à reflexão interior, já que tempo é o que mais tem, a obter das páginas impressas a capacidade de discernir melhor, a motivar-se pessoalmente para encarar a vida fora das jaulas onde por qualquer tempo foram empilhados, como se não humanos fossem.

Os títulos podem ser encontrados no site www.submatino.com.br (preços não incluem o frete)

CINEMA



PRE-ESTREIA

Quarteto Fantástico
Aventura, 14 anos. Um desastre atinge uma nave espacial, fazendo com que seus quatro tripulantes sofram modificações em seu organismo de forma a ganharem poderes especiais. Ao retornarem à Terra eles passam a lutar com seus novos poderes e decidem combater os vilões que ameaçam o planeta.
Cinemark 5: 14h20 (somente quinta-feira)
Cinemark 7: 21h10

(somente quinta-feira). Amazonas 2: 13h, 15h20, 17h40 e 21h10 (todas as sessões serão exibidas somente na quinta-feira).

ESTREIA

Guerra dos Mundos
Ficção científica, 12 anos. Ray Ferrer é um homem divorciado que não se sente a vontade no papel de pai, mas precisa proteger seus filhos de uma gigantesca máquina de guerra alienígena, que invade o mundo e que encontra.
Cinemark 4: 13h10, 15h40, 18h20, 21h e 23h50 (somente sexta-feira e sábado).
Cinemark 6: 12h10, 14h40, 17h20, 20h10 e 23h (somente sexta-feira e sábado).
Amazonas 3: 13h40, 16h, 18h20 e 21h40.
Amazonas 6: 14h, 16h40, 19h e 21h20.

CONTINUAÇÕES

Madagascar
Animação, livre. O leão

Alex é a grande atração do zoológico do Central Park. Ele e seus amigos sempre passaram a vida em cativeiro e desconhecem o que é morar na selva até que a zebra Marty decide fugir para explorar o mundo. Ao perceberem a fuga do amigo, Alex decide partir à sua procura.
Cinemark 1: 12h, 14h, 16h, 18h, 20h e 22h.
Cinemark 7: 13h, 15h, 17h10, 19h10, 21h10 (exceto quinta-feira) e 23h20 (somente sexta-feira e sábado).
Amazonas 1: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 e 21h30.
Batman Begins
Ação, 10 anos. Decidido a combater a injustiça, um milionário órfão parte pelo mundo em busca de meios que lhe permitam se tornar um justiceiro mascarado. Dirigido por Christopher Nolan e com Christian Bale, Morgan Freeman, Michael Caine e Liam Neeson no elenco.
Cinemark 3: 12h55, 18h25 e 0h10 (somente

sexta-feira e sábado).
Cinemark 5: 16h45, 19h40 e 22h35.
Cinemark 8: 11h55, 14h50, 17h55, 20h55 e 23h50 (somente sexta-feira e sábado).
Amazonas 4: 14h30, 17h30 e 20h30.
Amazonas 5: 13h (exceto quinta-feira), 15h40, 18h20 e 21h.
Sr. & Sra. Smith
Ação, 12 anos. Casados, John e Jane Smith trabalham como assassinos de aluguel, mas um não sabe do trabalho do outro. Eles vivem anualmente uma vida entediada, mas a situação muda de rumo quando cada um recebe um novo trabalho, que é justamente matar o outro.
Cinemark 2: 15h20, 18h10, 20h50 e 23h30 (somente sexta-feira e sábado).
Cinemark 3: 15h50 e 21h25.
Amazonas 2: 16h10, 18h30 e 21h10.

Sr. & Sra. Smith

Star Wars 3 - A Vingança dos Sith

Ficção científica, 10 anos. Tentado por promessas de poder, Anakin Skywalker se aproxima de Darth Sidious e participa de um plano para aniquilar com todos os cavaleiros jedi. Dirigido por George Lucas e com Ewan McGregor, Samuel L. Jackson, Natalie Portman e Christopher Lee.
Cinemark 2: 12h20.
O Filho do Mascarado
Comédia, livre. Um bebê encontra a Máscara de Loki, que permite que ele se transforme no que quiser. Só que precisa enfrentar o próprio Loki, que deseja o objeto de volta.
Cinemark 5: 12h05, 14h20 (exceto na quinta-feira).
Amazonas 2: 13h50 (exceto na quinta-feira).
Amazonas 5: 13h (somente quinta-feira).

SERVIÇO

O Cinemark fica no Studio 5 Festival Mall Manaus, avenida General Rodrigo

Ótávio, 555 Distrito Industrial.
Preços:
Segunda, terça e quinta-feira: R\$ 10 (até as 17h) e R\$ 12 (a partir das 17h).
Quarta-feira: R\$ 9 (qualquer horário).
Sexta-feira, sábado, domingo e feriado: R\$ 12 (até as 17h) e R\$ 14 (a partir das 17h).
De segunda à sexta-feira todos pagam meia-entrada nas sessões iniciadas até as 14h.
Os cinemas Amazonas ficam no Amazonas Shopping Center, Djalma Batista, 482, Chapada.
Preços:
Segunda, terça e quinta-feira: R\$ 9 (até as 17h) e R\$ 11 (após 17h).
Quarta-feira: R\$ 7 (o dia todo).
Sexta-feira, sábado, domingo e feriado: R\$ 13 (em qualquer horário).

'MANAUS RURAL'

Cineastas levam mostra de filmes às comunidades

Proposta é privilegiar quem mora em ramais e localidades onde não há cinema

A Associação Futuros Cineastas apresenta neste mês, a mostra de cinema "Manaus Rural", um dos projetos vencedores do programa Pequenos Projetos Grandes Ideias, da Prefeitura de Manaus por meio da Fundação Vila Lobos.

A mostra quer levar cinema para os alunos da rede municipal e moradores das comunidades que serão visitados pelos alunos. Os filmes são curtas-metragens e todos de temática ambiental que retratam as "ruínas lendas", descreve Rodrigues.

Também serão exibidos uma seleção de 30 filmes de um minuto do Festival Um Amazonas.

Na programação estão "Boca da Noite" de Jânior Rodrigues; "A Menina que Encantou o Boi", de Bosco Borges; "O Bem Mal", de Jô-

niar Rodrigues; "A Encantada", de Gey Ramos; "Vampira" e "Muita-Pereta" de Jânior Rodrigues, além de 30 filmes de um minuto coletânea de vários diretores.

PÚBLICO BENEFICIÁRIO

Os locais que receberão a mostra foram escolhidos pelo critério de zonas geográficas. Neste sábado, a equipe estará na comunidade São João - Escola Municipal Maria Leide Amorim; dia 14, no ramal do Pau-Rosa - Escola Municipal Pro-

fessora Neiza dos Santos Ribeiro; dia 21, na colônia agrícola João Paulo - Escola Municipal João Paulo 2º; e dia 28, no ramal Água Branca 2 - Escola Municipal Abílio Alencar. A mostra acontecerá sempre aos sábados, às 19h. "As comunidades que vivem em ramais ou localidades distantes não têm acesso a filmes ou informações. Queremos levar um pouco de lazer e cultura a essas pessoas. Foi a partir dessa necessidade que surgiu a ideia da mostra", justificou Rodrigues.



Equipe se prepara para filmagens em meio a cenário natural.

Portal Amazônia é o melhor site de notícias e informações da Amazônia em português, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Acesse o site em: www.portalamazonia.com

Destaque

Diário do Trabalhador

No "Consultório da Família", programa que vai ao ar hoje no Amazônia FM você pode conferir a participação do Dr. Alberto Tadeu, que é especialista em endodontia e ortodontia.

Ele vai falar sobre os tratamentos mais adequados para doenças bucais e vai dar dicas de como manter os dentes limpos e saudáveis.

Na internet seu anúncio fica NO AR 24h, 7 dias por semana

Na internet, sua empresa é vista toda hora em sua cidade, no seu estado, no Brasil e no mundo. Agende a visita de um de nossos consultores.

Quem é o maior mamífero terrestre da fauna brasileira?

A sala de bate-papo do Portal Amazônia, o site que todo mundo acessa, é ponto de encontro da galera mais animada da cidade de Manaus.

Acesse o endereço eletrônico www.portalamazonia.com e teste sua turma.

Portal Amazônia.com
Todo mundo acessa

(92) 216-5559 www.portalamazonia.com/publicidade

Em até 6 pagamentos sem juros, no cartão VISA Mastercard

AR-CONDICIONADO PARA VEÍCULOS

- Instalação, manutenção e revisão de carros nacionais e importados.
- Ar-condicionado para Celta, Corsa, Escort, S/10, Fiesta, Gol,
- Blazer, Ford KA, F/1000, D/20, Pálio, Uno, e Siena
- Ar-condicionado especial para vans e caminhões.
- Peças originais e importadas.

Av. D. Pedro I, 185 - D. Pedro
Fone: 239-0999 / 239-0995
E-mail: new_frio@hotmail.com
(próximo ao colégio La Salle)

CURTA-METRAGEM

Festival abre inscrições para o AM

Com um orçamento de R\$ 400 mil, a idéia é projetar as produções cinematográficas do Estado em nível nacional

Anderson Vasconcelos

A segunda edição do Festival Curta 4.2, que está com as inscrições abertas gratuitamente, vai premiar os melhores filmes de até quatro minutos no Amazonas e trazer novidades. A inscrição pode ser feita até o dia 20 de abril, na Semic (Secretaria Municipal de Cultura) - ex-antiga Fundação Villa-Lobos - na avenida Recife, 2025, em frente ao Detran-AM (Departamento Estadual de Trânsito). O evento, realizado pela Prefeitura de Manaus em par-

Os filmes trazem legendas em português dando atenção especial aos deficientes auditivos. Os curtas ainda vão ser distribuídos a duas mil escolas de todo o país. As inscrições estão abertas gratuitamente na Secretaria Municipal de Cultura.

ceria com a Amacine, está orçado em R\$ 400 mil. Segundo o presidente da instituição, Tony Medeiros, o objetivo do festival é criar uma mídia alternativa para divulgar a capital amazonense em outras cidades e Estados do país. "Os filmes selecionados vão

representar a beleza do Amazonas em vários festivais pelo Brasil", explica Tony, informando que essa é uma forma de atrair turistas para o Estado. Os filmes desta edição terão legenda em português, sendo o primeiro festival de cinema no país a

dar atenção especial aos deficientes auditivos, afirma o cineasta responsável pelo evento, Júnior Rodrigues, ressaltando que este é o diferencial do encontro. "Sem disso, estaremos as produções a duas mil escolas de todo o Brasil", acrescenta.

Para participar, os interessados devem produzir um curta-metragem com duração de 3 a 4 minutos, nos formatos Beta, Hi-8, DVCAM, MiniDV, VHS ou Super-V, não sendo

aceitos trabalhos publicitários ou institucionais.

No ato da inscrição, o concorrente deve entregar uma cópia do filme em formato MiniDV ou DVD. "Esse processo é indispensável para validar o filme caso haja defeitos de gravação ou falhas de som no material inscrito", ressalta o cineasta responsável pelo evento.

Visando auxiliar os cineastas locais, a Semic está promovendo, par-

teiramente às inscrições para o Curta 4.2, um "Concurso de Roteiro", cujo período de inscrição vai até 10 de fevereiro. De acordo com Júnior Rodrigues, os dez melhores roteiros receberão uma ajuda de custo de R\$ 1 mil e mais os equipamentos necessários para a produção do curta. "Estimular e dar apoio às produções locais fazem parte do nosso objetivo", diz o cineasta.

Cada pessoa pode inscrever, no máximo, dois roteiros, devendo estes, ser entregues na sede da Semic.

CINEMA

PRE-ESTREIA

Mcphee, A Babá Encantada

Ela é a babá mais durona do mundo. Ela, as crianças mais bajoneiras do mundo. E agora, elas precisam dela. **Cinemark 5:** 16h30 (somente sábado e domingo).

ESTREIA

Tudo em Família

Comédia. Longa é sobre conflitos familiares na sociedade norte-americana. **Cinemark 1:** 12h10, 14h30, 17h15, 19h35, 21h55. **Cinemark 5:** 14h50, 17h, 19h10, 21h20.

Zathura

Infantil dublado. Dois jovens irmãos vivem aventura no espaço quando sua casa subitamente é tomada por magia. **Cinemark 4:** 12h50, 15h, 17h10, 19h20. **Cinemark 2:** 14h30, 16h40, 18h50, 21h. **Amazonas 4:** 14h30, 16h40, 18h50.

Escravidão

Mulher vai ao País de Gales para encontrar o marido, que vive em uma casa no alto de um penhasco. Com o desaparecimento da filha, ela começa a ter alucinações. **Cinemark 6:** 13h, 15h10, 17h20, 19h40, 22h. **Cinemark 1:** 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. **Amazonas 6:** 13h40, 15h40, 17h40, 19h40, 21h40.

CONSTRUÇÕES

Se Eu Fosse Você

Com Glória Pires e Tony Ramos. Comédia invertendo o papel entre um casal. Ela faz o papel dele e ele o papel dela. Tudo muda na vida dos dois. **Cinemark 7:** 12h40, 15h20, 17h40, 20h, 22h40. **Cinemark 5:** 14h10, 16h20, 18h40, 21h10. **Amazonas 1:** 14h40, 16h50, 19h, 21h30.

Soldado Anônimo

Jovem é designado para lutar no Iraque pelo exército americano. Lá ele precisa enfrentar as adversidades locais, as quais encara com humor negro. Dirigido por Sam Mendes (Beleza Americana). **Cinemark 5:** 21h20. **Cinemark 6:** 19h, 21h40. **Amazonas 5:** 21h20.

Vallant

Comédia de animação. Livre.

Dos criadores de 'Shrek' e 'Shrek 2'. **Cinemark 4:** 12h05, 13h55, 15h55, 17h50. **Cinemark 6:** 13h40, 15h20, 17h10. **Amazonas 2:** 13h30, 15h.

Doze e Demais

A mesma família hilária e gigante em uma aventura maior ainda! Agora é guerra. **Cinemark 5:** 12h25, 14h35, 16h45, 19h10. **Cinemark 5:** 14h20, 16h30 (exceto sábado e domingo), 18h30, 20h30. **Amazonas 5:** 13h20, 15h30, 17h30, 19h30.

Didi, O Caçador de Tesouro

Com Renato Aragão, Mussuminho e Francisco Conco em uma divertida história para crianças. **Cinemark 2:** 12h20, 14h25, 16h30, 18h40. **Cinemark 3:** 13h50, 15h40, 17h30. **Amazonas 3:** 13h10, 15h10, 17h10, 19h10, 21h10.

Se Fosse Verdade

Comédia romântica. Livre. Após comprar apartamento, homem passa a receber misteriosas visitas de uma mulher que diz ser dona do local. **Cinemark 8:** 19h50, 22h10. **Cinemark 3:** 19h20, 21h50.

Xuxinha e Guto Contra os Monstros do Espaço

Infantil. Um garoto recebe a ajuda de seu anjo da guarda para combater monstros vindos do espaço. Com Xuxa e grande elenco em produção global. **Cinemark 3:** 12h, 17h, 19h.

King Kong

Aventura, 14 anos. Atriz de Vaudeville enfrenta dificuldades para se sustentar e acaba indo fazer um filme em uma ilha, onde encontra Kong, que transforma sua vida. **Cinemark 2:** 21h05. **Cinemark 4:** 20h50. **Amazonas 2:** 16h40, 20h10.

As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feticheira e o Guarda-Roupa

Aventura, 10 anos. Lúcia, Susana, Edmundo e Pedro são quatro irmãos que vivem na Inglaterra. Em uma de suas brincadeiras eles descobrem um guarda-roupa mágico. **Cinemark 3:** 14h, 21h. **Cinemark 4:** 21h40. **Cinemark 4:** 15h, 18h20. **Amazonas 4:** 21h.

Telões serão instalados em pontos estratégicos da cidade e do interior

A Semic está realizando ainda, a "Oficina de Formação de Roteiros", com a finalidade de auxiliar os interioranos e incentivar sua participação no Festival de Curtas, "já que este é um concurso estadual", lembra Rodrigues. O curso já passou, na última sexta e sábado, por Parintins (a 325 Km da capital) e ontem, em Itacoatiara (a 175 Km de Manaus). Os próximos municípios que recebem a oficina são, respectivamente, Manacapuru (distante da capital cerca de 68 Km, em linha reta), São Gabriel da Cachoeira (distante da capital 858 Km) e Iranduba (a 25 Km da cidade de Manaus).

Segundo o cineasta, no dia da apresentação ainda vai acontecer, durante quatro horas, uma aula de cinema ao vivo, na qual o público presente participará da produção de um filme, desde a concepção do roteiro até a fase de edição.

POPULARIZAÇÃO DO CINEMA

"A lista com os 20 melhores filmes será divulgada em todos os jornais e TVs a partir do dia 25 de abril e estará disponível no site www.curtas.com.br", explica Tony. Depois de escolhidos, os curtas vencedores vão ser mostrados no canal 21 da TV Vixax, na TV Assembleia e nas salas de cinemas da rede Cinemark na cidade.

Os organizadores do festival pretendem popularizar a produção e exibição de curtas-metragens. Por isso, de 20 a 27 de maio, período em que ocorre o festival, serão instalados telões de vídeo em vários pontos do Estado: Praças, ruas, shoppings, terminais de ônibus de Manaus, penitenciárias, escolas da rede estadual e municipal, universidades e pontos culturais estratégicos de mais dez municípios que compõem a rota de exibição dos filmes, num total de 15 circuitos de exibição.

PREMIAÇÃO DIVERSIFICADA

No total serão premiadas 16 categorias, escolhidas tanto pelo júri oficial, formado por cinco cineastas amazonenses, quanto pelo júri popular. "A intenção é avaliar os curtas sob duas perspectivas que revelam os melhores trabalhos", diz Tony Medeiros.

Uma ilha de edição, uma câmera digital, tripé, microfones e um kit de luz são prêmios para melhor filme, segundo o júri oficial. Também serão premiadas as categorias de melhor direção, roteiro, ator, atriz, figurino, fotografia, edição, trilha sonora original e música, que receberão troféus. As categorias melhor filme, melhor ator e melhor atriz também serão premiadas segundo o júri popular adulto e o infantil.

Antes de serem exibidos às crianças, os filmes serão encaminhados a uma outra comissão, formada por psicólogos, pedagogos e outros profissionais, para indicar quais as produções cinematográficas que podem ser exibidas ao público infantil, afirma o cineasta e coordenador do projeto Júnior Rodrigues.



Com uma câmera na mão e uma idéia na cabeça futuros cineastas iniciam produções

Camisas • Bonés • Canetas • Chaveiros
Agendas • Pins • Placas • Homenagens
Troféus • Canecas • Eventos

ATENDIMENTO DE 08:00H AS 22:00H

Tradição em Brindes

Anteçipe seu Pedido

Rua Barroso, 273 - Centro
 personal@vixax.com.br
 36331228 / 4293 / 3233-6967

Manaus, quarta-feira, 22 de fevereiro de 2006

CINEMA

Curtas locais ganham mais recursos

Ao todo foram selecionados dez roteiros, e cada vencedor recebe auxílio financeiro de R\$ 1 mil e mais especialização

Anderson Vasconcelos

Os dez roteiros vencedores do 2º Concurso Curta 4.2 - festival de filme de quatro minutos do Estado - foram conhecidos anteriormente, no Teatro Maria Hercília Tiburzi de Magalhães Cordero (Teatro da Uninorte), na rua Joaquim Nabuco, Centro Agreste. A produção cinematográfica amazonense ganha mais recursos: cada vencedor receberá um auxílio de R\$ 1 mil, a partir do dia 2 de março, além dos equipamentos necessários para a produção do curta. O Festival Curta 4.2, que acontece de 21 a 27 de maio deste ano, é realizado pela Associação Futuro Cineastas, em parceria com a Prefeitura de Manaus, por meio da Semc (Secretaria Municipal de Cultura).

No total, foram inscritos 124 roteiros nesta primeira fase do evento. De acordo com o cineasta responsável pelo evento, Júnior Rodrigues, o diferencial desta edição do concurso será a qualidade técnica das produções. Com a filmagem digital em muitos filmes, o festival dá um salto de qualidade: isso sem contar a melhoria no nível dos roteiros, identificada pelo júri especializado.

Estou situado na área há um ano e comecei por incentivo de minha mãe. Como gostava de música e não conseguia vaga num

curso, entrei nas oficinas de cinema do Centro Cultural Cláudio Santoro e acabei gostando", conta Carla.

Com o roteiro 'Ele vai gostar de mim', Carla conta um pouco das histórias de várias amigas. O script traz uma comédia sobre uma jovem apaixonada pelo vizinho e que, influenciada pela amiga, acaba fazendo uma simpatia para conquistá-lo. Pensando não ter dado certo, ela muda o visual. Ele, por efeito da simpatia, fica apaixonado. Na contramão, o rapaz também faz uma simpatia, e quer acabar gostando dele. É a história da moça. "Menina tem muito disso, de fazer simpatias, ler horóscopo", afirma Carla, que acredita que o cinema amazonense vem ganhando impulso nos últimos anos.



Júnior Rodrigues explica que o festival dá um salto significativo e com qualidade

Oficinas para roteiristas iniciam no final de abril

As inscrições para o 2º Concurso Curta 4.2 já estão abertas e vão até o dia 20 de abril, podendo ser feitas na Semc. "Os interessados devem levar suas produções, com cópia, e inscrever gratuitamente, o curta-metragem", informa Júnior.

Com o objetivo de melhor preparar os roteiristas vencedores e outros interessados, serão realizadas no final de abril, oficinas de cinema nas áreas de roteiro, direção, atuação, direção de arte, direção de

produção figurino, maquiagem, continuidade, luz, câmera digital e som, tanto em Manaus quanto no interior do Amazonas, diz Rodrigues.

No mês de março, a equipe organizadora do festival pretende lançar um site oficial sobre o 'curta 4' no Amazonas, uma espécie de banco de informações a respeito das produções de curta-metragem do Estado. "A proposta é dar um novo olhar para o cinema amazonense e projetá-lo em meio ao cinema nacional", já defendendo a pro-

dução digital", conta o cineasta. O 2º Concurso Curta 4.2 realizará cerca de 2,5 mil exibições dos filmes selecionados em diversos circuitos locais, nacionais e internacionais. As vinte produções indicadas pelo júri popular concorrerão na Mostra Oficial Competitiva e serão avaliadas pelo corpo de jurados formado por quatro profissionais de cinema. Os filmes também poderão concorrer no Quatrinho 2, que exibirá 10 filmes para crianças, sendo que os curtas escolhidos

vão passar pela avaliação de psicólogos e pedagogos que indicarão as produções que não atingirem a integridade infantil. Na versão 'Curta 4 Social', a mostra promoverá a exibição de filmes infantis e oficinas adaptadas para deficientes auditivos em mais duas mil escolas de educação especial em todo o Brasil bem como exibições em Portugal. "O Curta 4.2 será o primeiro festival a ser exibido simultaneamente em todo o país", disse o cineasta Júnior Rodrigues.

Tanto a Mostra Oficial do Curta 4.2, quanto o Quatrinho 2 e o Curta 4 Social terão seus lançamentos no Cinemark, que é parceiro do evento. Após lançamento, as exibições passarão por circuitos em 10 municípios do Amazonas. Entre eles, São Gabriel da Cachoeira, Parintins, Itacoatiara, Sines, Manacapuru, Iranduba, Presidente Figueiredo, Careiro Castanho, Rio Preto da Eva e na capital. Cerca de 100 escolas estaduais e 200 escolas municipais

também receberão as 'Mostras Oficial e Infantil' na capital e nos municípios interioranos. Contemplando a educação privada, o circuito passará ainda por 40 escolas particulares de Manaus. No ensino superior, 14 universidades da cidade receberão a mostra oficial. No circuito instituições sociais, a mostra de filmes de quatro minutos passará por presídios, casas de recuperação de menores, salões de idosos, orfanatos e centro de saúde para portadores de câncer e do sítus HIV.

www.mitsubishimotorsmanaus.com.br • Cadastro sujeito à aprovação.

Até 60 meses - 1ª parcela em abril
0% de entrada - Tanque Cheio
Transferência Grátis
Bônus ouro, prata e bronze

+ de 40 modelos Mitsubishi
e multimarcas, revisados e com garantia.

MITSUBISHI MOTORS MANAUS

Av. Constantino Nery 2030
S. Geraldo - MANAUS - AM
92 2125.2500

Genuine Quality
Top Quality for Top Performance

BEST SERVICE
Quality Service for Top Performance

ABN AMRO
Aymoré Financiamentos

FILME/SELEÇÃO

Júri escolhe os melhores curtas

Dentre os vinte selecionados está 'Bis In Idem', do diretor Leonardo Costa que conta a história dos múltiplos desejos de um homem

Anderson Vasconcelos

Se não gostaria de ter um bom emprego, encontrar o amor da sua vida ou, ainda, viver numa família bem estruturada? Esse desejo - que, aliás, é muito comum e se renova nas pessoas - é a temática do curta-metragem 'Bis In Idem', primeiro colocado entre os 20 filmes selecionados para a mostra oficial da segunda edição do Curta 4.2 - Festival de filmes de quatro minutos do Estado do Amazonas, promovido pela Associação Filmes Cineasta, em parceria com a Prefeitura de Manaus, através da Seme (Secretaria Municipal de Cultura).

Conforme o diretor do curta, Leonardo Costa, a produção fala de um homem que está sempre em busca de seus desejos. 'Bis In Idem', expressão latina que significa, literalmente, 'duas vezes no mesmo' no seu dia-a-dia. O filme está dividido em quatro capítulos, tendo cada um deles uma narrativa buscada pelo protagonista.

De acordo com o cineasta responsável pelo evento, Júnior Rodrigues, os filmes foram escolhidos nesse fim de semana, no Casa (Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas), por um júri composto por 23 pessoas oriundas de várias classes sociais. "Não houve critérios específicos para a seleção desses filmes.

Os estudantes, administradores, funcionários públicos, universitários, donos de casa e professores escolheram os que mais lhes agradaram entre os 37 inscritos nessa fase", explica o cineasta.

Para ele, a seleção deste ano

POPULARIZAÇÃO

Organizadores do festival pretendem popularizar a produção e exibição dos curtas-metragens. O festival acontece de 21 a 27 de maio e serão mostrados em vários pontos da cidade de Manaus.

traz duas diferenças que dão mais credibilidade ao evento "A qualidade técnica e o elenco estão bem melhores este ano", avalia Júnior. Dos filmes selecionados, 16 são de Manaus e o restante de Parintins.

Os organizadores do festival pretendem popularizar a produção e exibição de curtas-metragens. O festival acontecerá de 21 a 27 de maio e os filmes serão mostrados em vários pontos da cidade: os telões de vídeo vão estar em praças, ruas, shopping centers, terminais de ônibus da capital, praças, escolas da rede estadual e municipal, bem como universidades.

As vinte produções indicadas pelo júri popular concorrem na Mostra Oficial Competitiva e será avaliada pelo corpo de jurados formado por quatro profissionais de cinema. Os filmes também podem ocorrer no Quatrênio 2, que exibirá 10 filmes para crianças, sendo que os curtas escolhidos vão passar pela avaliação de psicólogos e pedagogos que indicarão as produções que não atingem a idade infantil.



Organizadores afirmam que os filmes desse ano tem maior qualidade técnica e um elenco mais aprimorado

Filmes 2006 contam com versão social

Na versão Curta 4 Social, a mostra promove a exibição de filmes infantis e oficinas adaptadas para deficientes auditivos em mais duas mil escolas de educação especial em todo o Brasil

bem como exibições em Portugal. "O Curta 4.2 será o primeiro festival a ser exibido simultaneamente em todo o país", disse o cineasta Júnior Rodrigues.

Tanto a Mostra Oficial do Curta 4.2, quanto o Quatrênio 2 e o Curta 4 Social terão seus lançamentos no dia 20 de maio, a partir das 10h, no Cinemark, que é parceiro do evento.

Após lançamento, as exibições passarão por circuitos em dez municípios do Amazonas. Entre eles, São Gabriel da Cachoeira, Parintins, Iauaci, Silves e Manacapuru.

CINEMA

ESTRÉIA

• Instituto Selvagem 2
Drama. Política. Sharon e a escritora Catherine Travers, a mulher idônea foi ligar um telefonema "sua amiga de novo" e o programa que chega da sala de um homem como um furacão - para o bem e também para o mal. Direção: Michael Jones. Com Sharon Stone e David Morrissey.
Cineais 2: 14h20, 16h50, 19h10 e 21h10. Censura: 18 anos.

• 16 Quadras
Policial. No longa-estrang, Bruce Willis é um detetive casado e desonrado que precisa levar o detento Eddie Bunker (Milo) para depor. O serviço rutineiro, porém, é impedido por policiais corruptos que querem impedir a qualquer custo que o criminoso chegue a tempo no tribunal. Direção: Richard Donner. Com Bruce Willis.
Amazonas 6: 13h30, 16h, 18h40 e 21h20. Cineais 5: 14h50, 17h10, 19h20 e 21h50. Cineais 4: 13h10, 16h10, 19h, 21h50. Censura: 10 anos.

CONTINUAÇÕES

• O Sol de Cada Manhã
Drama. O apresentador da previsão do tempo recebe a chance de sua vida ao ser convidado para um teste em um programa nacional. Mas ele precisa superar problemas pessoais. Direção: Gore Verbinski. Com Nicolas Cage e Michaelaine.
Cineais 3: 14h50, 17h10, 19h20 e 21h20. Censura: 14 anos.

• A Era do Gelo 2
Animação. Nesta aventura, o mamute Manny e o bisão-pragaça Starbuck Sid e o tigre Diego estão vivendo em um lugar paradisíaco, repleto de gelos, pinguins, cogumelos e miríades de água. Mas tudo o que é bom dura pouco: os

personagens devem lutar aos outros animais que o ambiente está inundado em breve por enorme bloco de gelo que está se derretendo. Direção: Carlos Saldanha. Com Chris Wedel, Denis Leary, Drew Barrymore, Jon Leguizamo, Queen Latifah, Letta Stovall. Na dublagem, vozes de Diego Vilela, Talcu Melo, Márcio Garcia e Cláudia Jimenez. Censura: Livre.
Cineais 2: 14h30, 16h, 18h30, 20h30, 21h10. Cineais 4: 14h50, 16h40, 18h50, 21h, 23h10 (neste sábado). Cineais 5: 12h20 (apenas neste sábado e domingo), 14h30, 16h40. Cineais 6: 11h20 (neste sábado e domingo), 13h30, 15h40, 17h50, 20h, 22h10. Amazonas 1: 12h20 (neste sábado e domingo), 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30.

• Anos Flut
Censura: 14 anos. Ação. Governada por um grupo de cientistas, Bequa é a única cidade que vai resistir a uma epidemia exterminadora da população. Com: Charlize Theron, Frances McDormand, Martin Donovon, Shogei Okonoda, Amelia Warner, Josay Lee Miller, Caroline Chilton.
Cineais 5: 14h50, 21h20. Cineais 5: 19h, 21h10, 23h20 (neste sábado). Amazonas 6: 17h30, 19h30, 21h30.

• Quando um estranho chama
Terror. Censura: 14 anos. Uma babá cuidando de duas crianças começa a receber ligações telefônicas de um estranho. Depois de ser impertunada várias vezes e descobrir que o homem parecia conhecer seus movimentos, ela liga para a polícia e pede um rastreamento de chamadas. Nesse momento, a babá descobre o pior: as ligações vêm de dentro da casa. Com Camilla Belle. Direção: Simon West.
Cineais 6: 15h10, 17h10 (apenas no sábado e domingo), 19h10, 21h50. Cineais 7: 11h30 (apenas no sábado e domingo), 13h30, 16h05, 18h10, 20h25, 22h30, 0h35 (neste sábado). Amazonas 3: 15h10 (neste sábado e domingo), 15h10, 17h10, 19h10, 21h10.

• Uma comédia nada romântica
Se em 'Todo mundo em páraquedas' os alunos das séries foram os filmes de terror, neste filme, dos mesmos produtores, as comédias românticas estão no foco das pautas.
Censura: 12 anos.

• Espíritos: A morte está ao seu lado
Um jovem fotógrafo estava namorada atropelada, acidentalmente, numa misteriosa pedestre. Fugindo da cena do crime, eles voltam para as suas vidas normais em Bangkok. Pesquisas e fotos estranhas começaram a atormentar a vida dos dois. Terror. Censura: 14 anos. Com Ananda Everingham e Katha-weranch Theonguee. Cineais 7: 15h, 17h30, 19h50, 21h. Cineais 1: 12h (apenas no sábado e domingo), 14h10, 17h10, 19h30, 21h50, 0h10 (neste sábado). Amazonas 5: 13h20 (neste sábado e domingo), 15h20, 17h20, 19h30, 21h40.

• Anjo da Noite - Evolução
Terror. O filme traça o início do antigo lenda entre duas tribos espantoso. Se em 'Todo mundo em páraquedas' os alunos das séries foram os filmes de terror, neste filme, dos mesmos produtores, as comédias românticas estão no foco das pautas.
Censura: 12 anos.

• O plano perfeito
Censura: 14 anos. Ação. Quatro pessoas com uniformes de pintor passam pela entrada do monumental banco Manhattan Trust, filial da renomada instituição financeira internacional em Wall Street. Negociadores de reféns do Departamento de Polícia de Nova Iorque, os detetives Keith Frazier e Bill Mitchell são enviados para a cena do crime. Direção: Spike Lee. Com Denzel Washington, Jodie Foster.
Cineais 1: 14h10, 16h40, 18h10, 21h40. Cineais 1: 18h20, 21h15 (neste sábado). Amazonas 2: 14h, 18h50.

PROCURANDO EMPREGO?

Inclua já seu currículo!

www.cathoamazonas.com.br

"O maior site de empregos do País"

ROTAS & ROTATEIROS

Manaus, quarta-feira, 28 de setembro de 2001

Jornal do Commercio 19

Vale desde 20 de dezembro

Aeroporto Internacional Eduardo Gomes

Companhia	Vão	Procedência	Escalas	Horário de chegada	Freqüência
Transbrasil	1180	Porto Alegre	S. Paulo/ Fortaleza/ Belém	00:30	Diariamente
	1182	Porto Alegre	Curitiba/ São Paulo/ Brasília	13:25	Domingo, terça, sexta
	1184	Porto Alegre	Curitiba/ São Paulo/ Brasília	13:25	Diariamente
TAM	8075	Miami	-	04:43	Diariamente
	3890	Riad	Fortaleza/ S. Luz/ Belém	12:45	Diariamente
	4254	São Paulo	Brasília	02:31	Diariamente
	4374	Brasília	P. Velho/ Rio Branco	03:29	Diariamente
Varig	2207	São Paulo	-	02:40	Diariamente
	2240	São Paulo	Brasília/ Rio Branco/ P. Velho	21:40	Diariamente
	2230	Belém	Santarém	06:35	Dom/ Ter/ Qua/ Sex/ Sab
	2232	Belém	Santarém/ Porto Trombetas	08:35	Segunda e Sexta
	2234	Rio	Brasília	15:00	Diariamente
	2203	São Paulo	Operação Compas/ Riad	13:14	Diariamente
	2262	Riad	Fortaleza/ S. Luz/ Manaus/ Rio	13:45	Diariamente
	2221	Tafel	-	18:50	Quarta-feira
	2202	Miami	Operação Compas/ Riad	03:00	Sexta
	2201	Riad	Brasília/ S. Luz/ Belém	21:55	Diariamente
	2240	São Paulo	Brasília/ Rio Branco/ P. Velho	21:40	Diariamente
	2206	Rio	Brasília	22:35	Diariamente

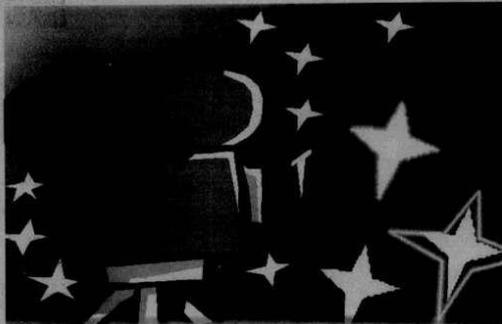
Companhia	Vão	Destino	Escalas	Horário de partida	Freqüência
Transbrasil	1181	Porto Alegre	Belém/ For. S. Luz/ Curitiba	01:30	Diariamente
	1183	Porto Alegre	Brasília/ São Paulo/ Curitiba	14:30	Terça e sábado
	1185	Porto Alegre	Brasília/ São Paulo/ Curitiba	14:30	Segunda e sexta
TAM	8073	Brasília	-	04:43	Diariamente
	3890	Riad	Belém/ S. Luz/ Fortaleza	14:00	Diariamente
	4235	São Paulo	Brasília	03:20	Diariamente
	4159	Fortaleza	Belém/ S. Luz/ Teresina	05:50	Diariamente
Varig	2275	Brasília	Rio Branco/ Porto Velho	23:30	Diariamente
	2203	São Paulo	-	03:10	Diariamente
	2207	Rio	Brasília	03:59	Diariamente
	2201	Riad	Belém/ São Luz/ Fortaleza	08:20	Diariamente
	2241	São Paulo	R. Branco/ P. Velho/ Brasília	07:30	Diariamente
	2210	Cruz. do Sul	Rio Branco	11:00	Ter/ Qui/ Sábado
	2223	Rio	Tabatinga	18:55	Segunda e Sexta
	2201	São Paulo	Operação Compas/ Riad	14:25	Diariamente
	2283	Riad	Belém/ S. Luz/ Fortaleza	15:20	Diariamente
	2233	Belém	P. Trombetas/ Santarém	16:30	Diariamente
	2221	Belém	Santarém	19:30	Segunda e Sexta
	2212	São Paulo	P. Velho/ R. Branco e Brasília	22:35	Ter/ Qui/ Qua/ Sex/ Sab
2206	Boa Vista	-	20:40	Diariamente	

Companhia	Vão	Procedência	Escala	Horário de chegada	Freqüência
Varig	8807	Miami	-	03:00	Quinta-feira
	8871	México	-	23:32	Sábado
	0902	Burtonville (Vir.)	-	01:10	Segunda e sexta
Aeroperú (Venezuela)	0903	Miami	-	18:30	Terça e quinta
	0902	La Paz	-	00:20	Domingo e quinta
Varig	8806	Miami	Belém	04:00	Quinta-feira
	0903	S.C. de La Sierra	-	03:45	Terça e quinta
	0902	Miami	-	01:50	Domingo e quinta
Aeroperú (Venezuela)	0903	La Paz	Vira Vira	19:10	Segunda e sexta

Companhia	Vão	Procedência	Escala	Horário de partida	Freqüência
Lanchile	7351	Los Angeles	Houston/ Miami	11:00	Domingo
	7331	Los Angeles	Panamá	09:35	Sexta-feira
	7371	Los Angeles	Miami/ Panamá	19:50	Terça-feira
United Parcel Service CO	6116	Miami	-	11:27	Domingo
	6117	Miami	Lima	12:57	Domingo
Varig	4428	São Paulo	S. Luz/ Bel	22:49	Sexta
	4429	-	-	00:00	Domingo
Polar Air Cargo	8999	Los Angeles	Panamá	00:15	Segunda-feira
	8971	Miami	-	07:14	Sexta-feira
Cielos del Peru S.A.	4852	Lima	Miami	12:00	Segunda-feira
	4850	Lima	Miami	2:00	Quarta-feira

Companhia	Vão	Destino	Escala	Horário de partida	Freqüência
Lanchile	7331	Santiago/ Chile	BHAC/ BHBA	10:45	Sexta-feira
	7351	Santiago/ Chile	Salv./ Campinas	12:10	Domingo
	7371	Santiago/ Chile	Salv./ Campinas	20:00	Terça-feira
United Parcel Service CO	6117	Miami	Lima	12:57	Domingo
	6116	Miami	-	11:27	Domingo
Varig	4428	São Paulo	-	00:00	Sexta-feira
	4429	São Paulo	-	01:45	Domingo
Polar Air Cargo	8999	Campinas	-	01:45	Segunda-feira
	8971	Santiago/ Chile	Campinas	13:00	Sexta-feira
Cielos del Peru S.A.	4851	Lima	Bogotá	14:00	Segunda-feira
	4850	Campinas	-	14:00	Quarta-feira
Pena	4570	Boa Vista	-	07:50	Segunda e sexta
	4571	Boa Vista	-	07:50	Segunda e sexta

Arenas	Saída	Valor	Retorno	Saída	Valor
Jacuarina	06/10h/19h	16,00	Jacuarina	03/07h/16h/06h	16,00
Rio Preto/ Rio Itaipava	06/10h/19h	14,45	Rio Preto/ Rio Itaipava	07:30	14,45
P. Figueiredo	06/10h/19h/20h/21h/30h	10,10	Presidente Figueiredo	09h/19h/19h	9,00
Montopolis	06/10h	8,00	Boa Vista (RR)	09h/19h/20h/21h/30h/06h	54,55
Manacapuru	06/10h	7,25	-	-	-
Tovo Remanso	06/10h	14,55	Estrem	07h/14h	7,50
Alvarães	06/10h	19,50	Manacapuru	-	-
Novo Airdo	06/10h	17,61	Tramag	18h/18h	7,20
Bahiana	06/10h	9,50	Manacapuru	-	-



CINEMA

Movimento Amazonas realiza filme

A primeira turma do projeto "Movimento Amazonas - Filmes Digitais - Mamfil" realiza o curta-metragem "Pobredor". Com uma semana de trabalhos, a produção envolve 30 pessoas que convivem com as dificuldades da falta de patrocínio no set de filmagem.

O filme relata a história de um expresidente albino, que sonha em comprar uma moto para conquistar a mulher amada. Segundo o coordenador e idealizador do projeto, o cineasta Jânio Rodrigues, o filme é uma reflexão quanto à persistência de ser humano, que pode conseguir o que sonha se não desistir.

Rodrigues, que já participou de

Seminário para secretárias

De 28 a 29 de setembro, acontece o seminário "Aperfeiçoamento e Atualização da Secretária para os Desafios do Novo Milênio", no salão de convenções do Studio 5.

Durante o evento, serão tratados temas como a "A Educação para a Convivência nas Organizações", "A Competência dos Talentos Humanos", entre outros. Na programação constam palestras e consultas com especialistas do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. Também será oferecido aos participantes, coquetéis e shows folclóricos.

O secretário de Estado da Cultura e Turismo estará presente na abertura do evento.

Mais informações podem ser obtidas pelos telefones: 622-3377 e 234-5063.

maior problema enfrentado pela equipe é a falta de patrocínio, o qual seria destinado à edição do curta e à

manutenção do set de filmagem. "Precisamos que R\$1.500 para realizar uma semana de produção. Enviei várias cartas ao empresariado local solicitando participação, mas até então não obtive resposta", comenta o cineasta.

O movimento tem como proposta descobrir novos talentos, abrindo caminhos para a realização de obras cinematográficas, como filmes de um minuto e curta-metragem. Como público alvo, o projeto envolve alunos de comunicação social, alunos do ensino médio, atores iniciantes, entre outros.

As aulas são ministradas gratuitamente no Espaço Cultural da Livraria Valler. Interessados em patrocinar o projeto, podem contatar com a produção pelos telefones 9121-9417/9112-2561.

Vôos regionais (Terminal 2 - Eduardo Gomes)

Companhia	Vão	Destino	Partida	Freqüência
Taryj	6104	Parintins	07:00	Domingo/Terça/Quinta/Sab
	6100	Eirunepé	08:00	Segunda/Quarta e Sexta
	6105	Porto Velho	19:30	Segunda/Quarta e Sexta
Rico	4824	Belém	07:00	Segunda/Quarta e Sexta
	4808	Parintins	07:00	Terça/Quinta e Sábado
	4800	São Gabriel	07:30	Segunda/Quarta e Sexta
	4802	São Gabriel	07:30	Terça/Quinta e Sábado
	4818	Vila Bittencourt	08:00	Domingo
	4806	Novo Aripuanã	08:00	Segunda/Quarta e Sexta
	4816	Rio Branco	10:30	Terça/Quinta e Sábado
	4810	Eirunepé	12:15	Seg. /Quarta e Sexta
	4814	Tabatinga	14:00	Terça/Quinta e Sábado
	4812	Coari	15:00	Segunda e Sábado
	4820	Parintins	16:00	Domingo
	Pena	4980	Boa Vista	09:40
4589		Santarém	15:00	Terça e Quinta
4651		Santarém	15:00	Segunda/Quarta e Sexta
4565		Boa Vista	16:00	Segunda e Sexta
Mesa	6476	Boa Vista	09:00	Segunda e Sexta
	6478	Boa Vista	09:00	Segunda e Sexta

Companhia	Vão	Procedência	Chegada	Freqüência	
Taryj	6101	Eirunepé	16:50	Segunda/Quarta e Sexta	
	6164	Porto Velho	18:20	Segunda/Quarta e Sexta	
	6105	Parintins	19:30	Dom/ Ter/Quinta e Sábado	
Rico	4809	Parintins	10:00	Terça/Quinta e Sábado	
	4801	São Gabriel	11:30	Segunda/Quarta e Sexta	
	4807	Novo Aripuanã	10:40	Seg. /Quarta e Sexta	
	4803	São Gabriel	12:40	Terça/Quinta e Sábado	
	4823	Belém	16:35	Segunda/Quarta e Sexta	
	4819	Vila Bittencourt	17:25	Domingo	
	4817	Porto Velho	16:40	Terça/Quinta e Sábado	
	4821	Parintins	18:50	Domingo	
	4811	Eirunepé	19:30	Seg. /Quarta e Sexta	
	4815	Tabatinga	20:40	Terça/Quinta e Sábado	
	Pena	4813	Coari	17:40	Segunda e Sexta
		4650	Santarém	09:10	Segunda/Quarta e Sexta
4588		Santarém	09:10	Terça e Quinta	
4691		Boa Vista	14:30	Segunda e Sexta	
Mesa	4565	Boa Vista	16:00	Segunda e Sexta	
	6478	Boa Vista	09:00	Segunda e Sexta	
	6447	Belém	17:45	Terça e Quinta	
	6459	Belém	17:45	Segunda/Quarta e Sexta	

Movimentação de navios (Previsão)

Longo curso

Navio	Bandeira	Chegada	Último porto	Partida	Próximo porto
CAPE SPENES	-	21.09	-	-	-
BARMAN	-	03.10	-	-	-

Fonte: Agência Marítima Martrade / não há navios neste período

Saída de Barcos

Hoje	Destino	Hora
Parati Lopei	Anauas	18:00
Amajá	Belém	18:00
11 de Maio	Belém	17:00
Cano Branco	Belém	18:00
Chita	Belém	16:00
Nelo Cordeiro	Belém	18:00
Santarém	Belém	16:00
Dom. José Carlos	Atalá	18:00
Anacória	Mancoz	17:00
PP2001	Maia	17:00
Comandante Paes	Novo Odeio	18:00

Amanha

Destino	Hora
Valeparaí	18:00
Cláudio	18:00
Jardel	18:00
Dona Luiza	18:00
Paulão	18:00
Cláudio Araújo	18:00
Comandante Paes	18:00
Silvânia	17:00
Clara	18:00
Comandante Paes	18:00
Batista	18:00

Quinta-Feira

Destino	Hora
Dom Luiz XV	16:00
Parati Lopei	18:00
São Francisco de Assis	18:00
São Francisco de Assis	18:00
Belém	17:00
Cláudio de Cost.	18:00
São Francisco de Assis	18:00
Belém	18:00
Paulo	18:00
Yvel Chardo	18:00
Cláudio	18:00
Cláudio	18:00

Fonte: Super 622 1555 / não há navios neste período

35.

For six months ordinary Brazilian people worked with lights and cameras. Teenagers, college students, homemakers, and budding artists brought a spark to their new profession. They were all interested in stories that when reflected on the screen show the multicolor richness of Brazilian reality.

The state of Amazonas has been experiencing a cultural resurgence over the past few years, and it has had a powerful impact on film productions depicting our landscapes and people. These films are true jewels, as no other art form has the same power to show and document a regional identity and consciousness.

It is a great pleasure to know that the film festival One Amazonas - Minute Films 2003 has been successful at creating a regional filmmaking nucleus in the city of Manaus. Júnior Rodrigues, who developed and coordinated the festival, has proven himself to be both a hero of the forest and filmmaker. We hope that the nucleus he has helped to create here will be valuable to Brazil as a whole, and help future local filmmakers to become world class stars.

Robério dos Santos Perelra Braga
Secretary of Culture, Amazonas, Brazil

UM AMAZONAS
FESTIVAL
2003



Originality, language, and narrative. These are the contributions that the One Amazonas festival offers the film world. The one minute films show what the people of the Amazon have to offer to audiovisual productions, Brazilian cinema, and Amazonian culture. The films present the aesthetic of images and sounds that have our faces and reproduce our voices to our country and the world.

Sérgio Andrade, Amazonas Film Commission

Being a filmmaker is looking into the horizon at worlds that no one else can see. Transforming ideas into unforgettable images that are burned into our souls. All to see eyes shine when the lights go down and faces reflect the film's light, telling secrets in a minute.

Júnior Rodrigues, Filmmaker



36.

PORTUGUESE WITH ENGLISH SUBTITLES
Q & A WITH PRODUCERS AFTER SCREENING

Around the Amazon in 80 Minutes is a selection of one-minute films by ordinary Amazonians. It shows the work of regional filmmakers who participated in public workshops organized around the Brazilian state of Amazonas by the Secretary of Culture.

The films communicate and immortalize the filmmakers' understandings of a landscape, a moment, or a gesture. They create a permanent record of daily life in the cities, towns, and rural areas in the Amazon rainforest. The films reach beyond frontiers and begin a dialogue between the inhabitants of the rainforest and the outside world.

Around the Amazon in 80 Minutes features the best films from the *One Amazonas Festival 2003* held in Manaus, Brazil, Oct. 24-26. The festival was organized by the Amazonas Secretary of Culture and the Amazonas Film Commission. For more information on the festival, see <http://portalamazonia.globo.com/festivaldominuto/>.

The screening of Around the Amazon in 80 Minutes and visits of Júnior Rodrigues and Sérgio Andrade are made possible by the Secretary of Culture, Amazonas, Brazil. Cosponsors include the Brazil Center, Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies, and Cine las Americas.



cinema >>> Festival chega a terceira edição com mais filmes sendo exibidos e a promessa de incluir Manaus no circuito dos grandes eventos do gênero realizados no mundo

Contagem regressiva para o Amazonas Film Festival

OMAR GUSMÃO
ESPECIAL PARA A CRÍTICA

Com um número ampliado de mostras em sua programação não competitiva e a utilização de mais espaços públicos em toda a cidade, a edição 2006 do Amazonas Film Festival - 3º Mundial do Filme de Aventura - que vai acontecer entre os dias 10 e 16 de novembro, promete mostrar um amadurecimento do formato do evento e uma consolidação de sua proposta.

Em entrevista coletiva concedida ontem no Centro Cultural Palácio da Justiça, o secretário de Estado da Cultura, Roberto Braga, ressaltou justamente o crescimento e amadurecimento do evento. Ele lembrou também que, nos dois primeiros anos, filmes que participaram do evento receberam indicações ao Oscar e um deles chegou a receber uma estatueta da academia hollywoodiana. "Esse ano, três dos filmes que vão participar do festival já foram indicados ao Oscar 2007", afirmou.

O filme escolhido para a abertura do festival este ano é "O ano em que meus pais saíram de férias", dirigido pelo brasileiro Cao Hamburger. No encerramento, será exibido o americano "The Illusionist", dirigido por Neil Burger.

Serão realizadas mostras competitivas para longas-metragens de ficção; documentá-

EM NÚMEROS

128
Filmes serão exibidos durante os sete dias do Amazonas Film Festival, entre curtas e longas-metragens

8
Filmes de produção nacional e internacional em 35 milímetros participam da mostra competitiva de longas

10
Filmes participam da mostra competitiva de documentários, sendo exibidos até três filmes por dia

1.100
Vagas serão oferecidas para a programação acadêmica do evento, que conta com oficinas, palestras e seminários

100
Filmes, entre curtas e longas-metragens, serão exibidos nas mostras fora de competição do festival



Roberto Braga segura troféu "Vôo sobre Amazônia", que será entregue aos vencedores do festival este ano

Roteiro original ganha prêmio

Uma das novidades dessa edição do Amazonas Film Festival - 3º Mundial do Filme de Aventura - é o lançamento do concurso Amazonas de Roteiro para Produção de curta-metragem de 35mm. Com um prêmio em dinheiro de R\$ 15 mil, destinado à produção do filme que tiver o roteiro escolhido, o vencedor terá ainda a transferência do formato digital para o de película 35mm, padrão aceito para concorrer em festivais de cinema realizados no mundo inteiro.

O concurso, que teve 18 obras inscritas, abrange as modalidades Ficção, Experimental e Documentário e destina-se exclusivamente a amazonenses ou aqueles que comprovem residência no Amazonas há mais de três meses. Os roteiros serão avaliados por um júri formado por três profissionais da área de cinema, no período de 23 de outubro a 13 de novembro. O vencedor será anunciado no dia 16 de novembro, no encerramento do festival, e o curta-metragem produzido será exibido na 4ª edição do evento, em 2007.

rios, de aventura e etnológicos (que tratam sobre o comportamento e a cultura dos povos); documentários etnológicos (que tratam sobre o comportamento dos animais); curtas-metragens em 35 milímetros; e curtas-metragens digitais.

Fora da competição, serão realizadas as mostras Cinema no Largo, Cinema por AI Infantil, Mostra dos Curumins, Cinema por AI Adulto, Aventura do Cinema Brasileiro, Cinema na Parada, Mostra Made in Amazonas, Mostra Cine e Água, Panorama Irã e Sessão Panorama,

com filmes de ficção e documentários.

INSCRIÇÕES

Um dos pontos fortes da programação do Amazonas Film Festival é a realização de palestras, seminários e oficinas. As inscrições para as oficinas abrem hoje e podem ser feitas no Liceu de Ofício, na Casa J.G. Araújo (rua Costa Azevedo, 198 - Centro). A participação em todas as atividades é gratuita.

O público que circula nos terminais de ônibus e feiras da cidade vai ver mais uma vez con-

templado com um mostra competitiva do festival, chamada Cinema na Parada. Telões instalados em quatro grandes estações de ônibus vão exibir uma série de 24 curtas-metragens digitais inéditos.

Os telões instalados nos terminais da Constantino Ney; Cidade Nova; Jorge Teixeira e São José, além das feiras da Panair, do Produtor, do Coroador e da Compensa. As sessões serão exibidas durante todos os dias do Festival, sempre das 18 às 19 um dos períodos de maior fluxo de pessoas nos terminais.



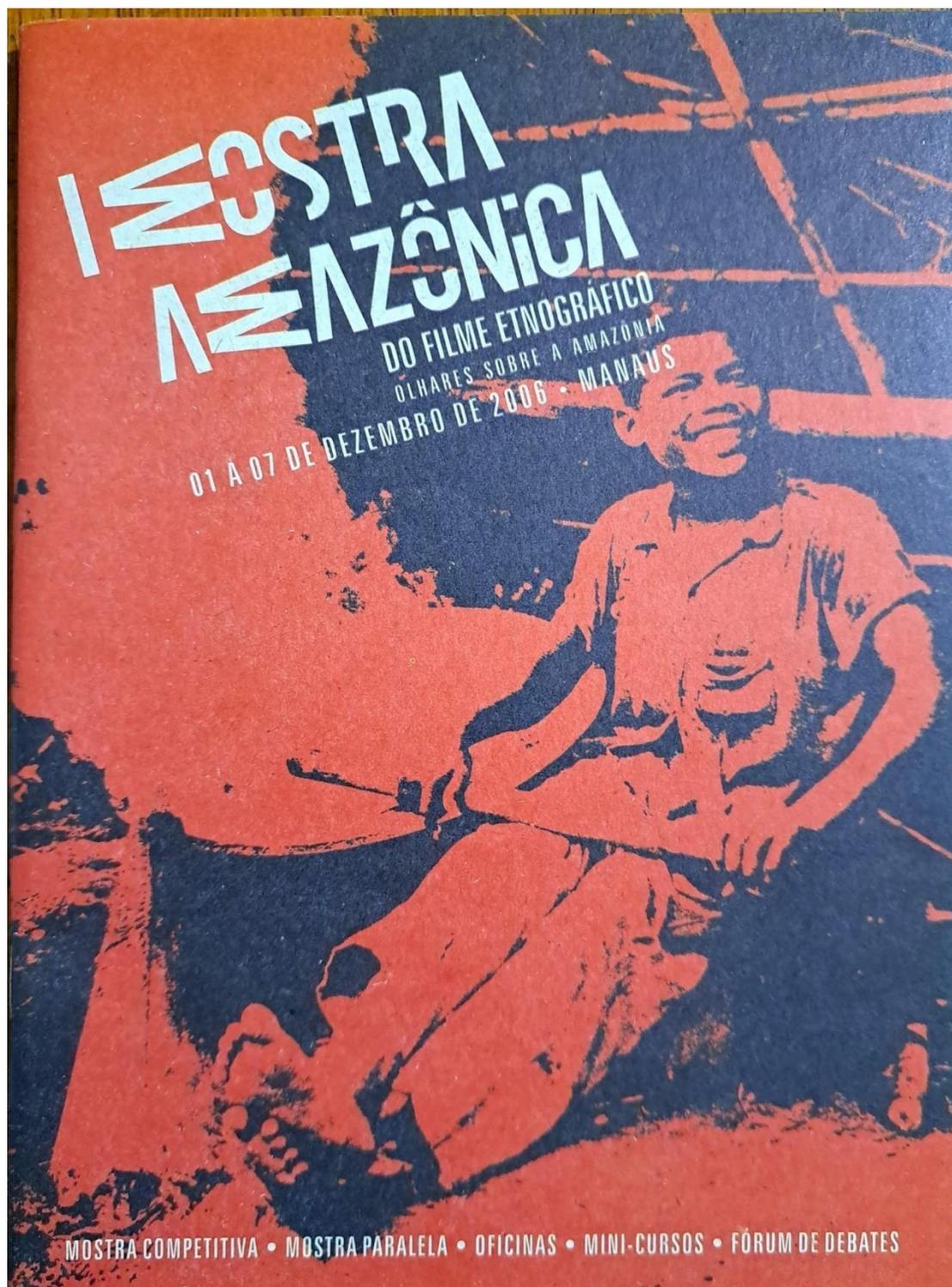
Usuários dos terminais de ônibus mais uma vez serão contemplados



Oficinas e palestras são um dos pontos fortes da programação



O Largo de São Sebastião se transforma em sala de projeção ao ar livre



Junior Rodrigues

O Amazonense nasce dentro da moldura de um quadro chamado Amazônia, seu cotidiano é a imagem viva que torna essa pintura uma das mais belas do mundo. Como cineastas, buscamos nos traços criados com os movimentos de câmera registrar nossas belezas, mitos e mistérios em idéias reais ou imaginárias. Querendo revelar a cada olhar a nossa infinita identidade cultural através da sétima arte

Amigos Do Cinema



Agradecimentos

Eduardo Braga
Governador do Estado do Amazonas

Serafim Fernandes Corrêa
Prefeito de Manaus

João Wellington de Medeiros Cursino
Presidente da Fundação Villa Lobos

Rosemara Staub
Diretora da Fundação Villa Lobos

Robério Braga
Secretário de Cultura do Amazonas

Tenório Telles
Editor Chefe da Editora Valer

Sérgio Almeida
Gerente do Guarani Tuchaua

Patricia Loureiro
Assessora de Marketing da Siemens

Maricy Leal
Gerente de Marketing do Cinemark

Agradecimentos

Jorge Bastos
Presidente da Jobast

Tarcísio Vieira
Gerente do Portal Amazônia

Ivanildo Pereira
Produtor Executivo

Junior Rodrigues
Cineasta Responsável

e
Deus

Júri Oficial

Julia Soutelo
Paula Andrade
Marcão Lima
Anderson Mendes
Daniel Mazzaro

Realização



Patrocínio

SIEMENS

PREFEITURA DE **MANAUS**
Cuidando da nossa cidade

FVL Fundação Villa-Lobos
Eventos

JOBAST

Apoio Cultural

CINEMARK



QuAntoS tAlEnToS
cAbEm Em 4 mInUtOs ????



CURTA

De 30 de julho a 06 de agosto de 2005

www.portalamazonia.com/curta4

Criatividade em um minuto

UM
AMAZONAS
2005

Setenta curtas participaram do Festival do Minuto Um Amazonas 2005, de 17 a 22 de outubro. O Festival recebeu mais de 200 inscrições, sendo 83 de Manaus, e atraiu público de 15 mil pessoas ao Centro Cultural Largo de São Sebastião. Além da crescente participação de outros estados, o evento atraiu produções de municípios amazonenses, com destaque para Benjamin Constant, Itacoatiara, Humaitá, Barcelos e Nova Olinda do Norte. Os três últimos receberam este ano oficinas de cinema oferecidas pela Secretaria de Cultura do Amazonas.

Criado pelo artista Júnior Rodrigues, o Festival passou a ser promovido pelo Governo do Estado desde 2002 e premiou este ano na categoria Melhor Filme Nacional, **No Hollywood**, de Allan Gomes; Segundo Lugar de Melhor Filme Nacional, **Game Over**, de Keila Serruya, Terceiro Lugar de Melhor Filme Nacional, **Vegetarianos**, de Rafael Rezende; Melhor Filme do Interior, **O Mal Criado**, de Jakeline Oliveira; Melhor Filme Nacional de Campanha Social, **Bem Mazelas**, de Saleyna Borges; Melhor filme de Animação, **Concerto N° 1 para Celular e Orquestra**, de Fausto Junior; Melhor Filme de Júri Popular, **Abala Bicha**, de Catiana da Silva;



O Secretário de Cultura, Robério Braga, e o premiado Allan Gomes, diretor de *No Hollywood*

Melhor Filme Umzinho, **A Diferença**, de Mariza Rodrigues; Menção Honrosa para **A Bola da Vez**, de Darlan Guedes, e para **Cidade da Compensa**, de Idelson Mota. Mais de 10 mil pessoas assistiram ao Festival.

Na programação do Festival UM Amazonas, a Secretaria de Cultura promoveu de 14 a 19 de setembro o curso de direção de curtas-metragens, com o cineasta amazonense Aurélio Michiles, abrangendo diferentes formas de narrativa. Trinta pessoas participaram do curso, ministrado na Usina Chaminé.

41.

A hora e a vez dos filmes de curta-metragem

O Governo do Estado lançou em julho o Festival UM Amazonas 2005, em **solenidade** no Centro Cultural Palácio Rio Negro, com lançamento do DVD UM Amazonas, que reúne produções de anos anteriores. O Festival vai ocorrer de 17 a 22 de outubro e as inscrições se encerram em 16 de setembro. A expectativa é de que sejam inscritos 250 filmes. Os não selecionados para a mostra oficial estarão no "Um Fora da Lei", que acontecerá no mesmo período do Festival.

Setenta filmes de um minuto serão selecionados para mostra oficial do Festival. As obras podem ser nos gêneros ficção, experimentais e animações, tendo sido finalizadas a partir de novembro de 2003. O período de seleção para o Festival é de 22 a 24 de setembro. A amostra dos selecionados para o Festival terá avant-première no Largo de São Sebastião e estreia nos



Cinemas Cinemark. As sessões, assim como no ano passado, serão apresentadas em universidades, terminais de ônibus urbanos, empresas, instituições, espaços culturais, escolas, municípios do interior do Estado e pelo site www.umamazonas.com

42.

Tema de cineastas do Festival 2002
PROGRAMAÇÃO

<p>Dia 29 de Novembro - Sexta-feira PALÁCIO RIO NEGRO 18:30 horas Avant Premiere & Coquetel para Patrocinadores, Imprensa & Convidados. <i>Salayna</i></p> <p><i>ASSO = Sucesso como argumento. Uca = momento negociado.</i></p> <p>Dia 02 de Dezembro - Segunda-feira CINEMARK - sala 1 19:00 horas Abertura Oficial do "1 Festival Amazonas Filmes I" 21:00 horas Exibição Extra HOMEM FLAVIO 2002</p> <p>Dia 03 de Dezembro - Terça-feira 09:45 horas CINETEATRO GUARANY 14:00 horas CENTRO DE ARTÉ DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS - CAUA 19:15 horas INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO AMAZONAS - IEA</p> <p>Dia 04 de Dezembro - Quarta-feira 09:45 horas FUCAPI 14:00 horas CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - AUDITÓRIO 19:15 horas ESCOLA ESTADUAL DOM PEDRO II <i>Salayna Borges</i></p>	<p>Dia 05 de Dezembro - Quinta-feira 09:00 horas FACULDADES OBJETIVO 14:00 horas UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS DE MEDICINA UEA 19:15 horas PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO DO ARMANDO MENDES</p> <p>Dia 06 de Dezembro - Sexta-feira 10:00 horas USINA CHAMINÉ 14:00 horas USINA CHAMINÉ 19:15 horas PRAÇA DA SAUDADE</p> <p>Dia 07 de Dezembro - Sábado TEATRO AMAZONAS 18:00 horas Entrega da Premiação & Encerramento do 1 Festival Amazonas Filmes .1 MELHOR FILME JÚRI POPULAR JÚRI INTERNAUTA JÚRI OFICIAL <i>Robert Braga</i></p>	<p>Realização: AMAZONAS FILMES DIGITAIS, VALER LIVRARIA, AMZ</p> <p>Patrocínio: GOVERNO DO AMAZONAS, SEC (Secretaria de Estado de Cultura, Turismo e Desporto), AMAZONAS FILM COMMISSION, Editoria SERGIO CARDOSO, TUCHAUA (A bebida oficial do 1 festival)</p> <p>Apoio Cultural: CINEMARK, MISAM (MUSEU INTERMUNICIPAL DE ARTE E CULTURA DO AMAZONAS), output, FORMATO FELOES, CAIXA (Aqui o Brasil acontece), a critica, Multimídia (Computação Gráfica)</p>
---	--	--

INFORMAÇÕES:
IZIS NEGREIROS 9988-3597
JÚNIOR RODRIGUES 9998-4870
ROBERTO ROGER 9982-8205
E-mail: amfilmes@portalamazonia.com
ACESSE: WWW.PORTALAMAZONIA.COM/1FESTIVAL